OBRAS

DE

GIL VICENTE

Subsidios para o estudo da Historia da Literatura Portugueza

XI

OBRAS

DE

GIL VICENTE

Com revisão, prefacio e notas de Mendes dos Remedios

TOMO PRIMEIRO

COIMBRA

FRANÇA AMADO — EDITOR

1907

PREFACIO

I

Que dizer ainda e mais uma vez do poeta-dramaturgo Gil Vicente, uma das mais lidimas glorias da patria literatura?

Se documento imprevisto arrancado ao mysterio d'algum archivo ou bibliotheca nos não vier trazer mais algumas achegas para a sua biographia teremos de nos resignar a fazer maior ou menor numero de conjecturas e a formular hypotheses mais ou menos verosimeis — desde o anno e o logar do seu nascimento até ao processo mental da sua complexa e extraordinaria obra.

Isto não quer dizer que, para não remontar senão ha pouco tempo, relativamente, nós não tenhamos avançado depois que os benemeritos Barreto Feio e Gomes Monteiro prestaram ás letras patrias o valioso e inestimavel serviço da sua edição de Hamburgo de 1834 [1]. Mas

---

[1] Para a bibliographia do poeta vejam-se as obras citadas no *Auto da Festa, obra desconhecida com uma explicação previa* pelo Conde de Sabugosa, Lisboa, 1906, 1 vol, pg. 21-23. No vol. 18, pg. 305, do *Dicc. Bibliographico* de Innocencio vêem citados alguns jornaes que

os dados forrageados nas proprias obras do poeta sam deminutos, como teremos occasião de ver adeante, e nem sempre incontroversos, e os contemporaneos não nos legaram nenhum elemento que podesse satisfazer a nossa legitima curiosidade neste ponto [1].

Que surprezas nos reservará o futuro? Continuaremos na ignorancia em que laboramos por enquanto? Esclarecer-se-ham as duvidas que encobrem ainda a vida e a obra do nosso genial escriptor? Temos muita fé nas pesquizas dos archivos e das bibliothecas. Quem olha para o que no nosso país, na historia da literatura e da arte, tēem feito investigadores como D. Carolina Michaëlis, Sousa Viterbo, Joaquim de Vasconcellos, Leite de Vasconcellos, o grupo de trabalhadores que dirige e sustenta o *Archivo Historico Portugues* e tantos mais, fundadamente pode esperar que de todas essas fadigas alguma coisa hade derivar que esclareça esses e outros pontos — obscuros ou ainda não vistos — da nossa historia geral.

---

publicaram artigos commemorativos, muitos d'elles, sejà dito de passagem, sem outro merito que não seja o litterario — quando o tēem, por occasião da celebração do centenario vicentino em Lisboa. Numa bibliographia minuciosa não poderá esquecer-se nunca o nome do sr. Menéndez y Pelayo que se occupa do nosso poeta na *Antologia de Poetas liricos Castellanos desde la formación del idioma hasta nuestros días*, vol. VII, pg. CLXIII-CCXXV com aquella pasmosa erudição e são criterio que é de uso encontrar-se em trabalhos seus.

[1] Apenas o humanista André de Resende, contemporaneo, deixou consignada a affirmação de ser Gil Vicente simultaneamente *auctor e actor*. Cfr. o «Ensaio sobre a vida e escriptos de Gil Vicente», que precede a ed. de Hamburgo, pg. XIV.

A prova eloquente destas affirmações deduz-se do que se tem passado precisamente com Gil Vicente. E' de hontem ainda o formosissimo estudo do sr. Conde de Sabugosa, que precede e elucida o *Auto da Festa* arrancado pela varinha magica do muito carinho literario ao seu longo somno de seculos. O conhecimento da epoca e do meio em que se educou e desenvolveu o genio do poeta, bem como das personagens com quem viveu e á sombra d'algumas das quaes a sua musa inspirada achou vigoroso alento, permittem-nos fazer com segurança numerosas inducções sobre o seu caracter e temperamento literario. Se não temos na nossa mão por enquanto, a chave de mais d'um enygma que anda preso á sua biographia, os dados laboriosamente adquiridos e postos a claro pelo paciente e benedictino labor d'um Brito Rebello [1] ou d'um Braamcamp Freire [2] muito nos fazem já avançar no desejo, aliás natural, de adquirir um conhecimento, quanto possivel completo, do genial creador do theatro portugues.

Nas poucas e breves paginas que vam lêr-se quereriamos synthetizar o que, á hora actual,

---

[1] Cfr. as *Ementas Historicas.* II — *Gil Vicente. Estudos por Jacinto Ignacio de Brito Rebello, Lisboa, 1902*, trabalho honestissimo, que deitou abaixo muita pretendida erudição.

[2] A proposito da edição do *Auto da Festa* do sr. Conde de Sabugosa, publicou o sr. Braamcamp Freire, sob o pseudonymo de *Silex* em *O Jornal do Commercio*, de Lisboa, fev. de 1907, n.os 15:915, 15:916, 15:917, 15:918, 15:919, 15:922 e 15:926 uma serie de artigos, baseados em parte em investigações proprias e ineditas, e em que contesta algumas das hypotheses até hoje geralmente acceites e outras formuladas pelo sr. Conde de Sabugosa no seu estudo.

está assente sôbre esta figura primacial da nossa historia literaria, de modo a dar os elementos indispensaveis a quem ler a sua obra para uma melhor intelligencia e comprehensão della.

II

E antes de mais. Fazendo incluir as obras de Gil Vicente na nossa collecção — *Subsidios para o estudo da historia da literatura portuguesa* — não pensamos em fazer uma obra de critica, de alcance philologico ou linguistico. Este trabalho já ha annos nos foi, no seu conjuncto, promettido, e delle se desempenhará — e oxalá que brevemente — quem pela sua competencia e pela especialização dos seus estudos indicado está para prestar esse relevante serviço á literatura portuguesa [1]. O que quisemos foi facilitar o conhecimento do genial creador do theatro portugues, offerecendo um texto cuidado, correcto e economico a todos aquelles a quem o amor ou o dever profissional aconselha ou impõe o conhecimento das nossas mais legitimas glorias literarias. Não

---

[1] O sr. dr. Leite de Vasconcellos prepara uma edição total das obras de Gil Vicente, bem como a sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, de quem, em breve, teremos uma edição das *Barcas* na collecção de Strasburgo, onde a illustre romanista nos deu já dous volumes dos *Lusiadas*, com um prefacio encantador, que muito valoriza a edição. Cfr. sr. Conde de Sabugosa, *ob. cit.*, pg. 94.

são ás edições do fundador do theatro portugues taes nem tantas que possam dispensar todas quantas a boa vontade e o desejo de ser util possam fornecer aos estudiosos. Eis a enumeração completa dessas edições até á hora actual:

1.ª — *Compilaçam de todalas obras de... a qual se reparte em cinco liuros. O primeiro he de todas suas obras de devaçam. O segundo as Comedias. O terceiro as Tragicomedias. O quarto as Farças. No quinto as obras meudas. Emprimio-se em Lixboa em casa de Joam Aluarez impressor del Rey nosso Senhor. Anno de* MDLII. E no fim: *Acabou-se de emprimir esta copilaçam das obras de ... em Lixboa em casa de Joam Alvarez impressor del Rey nosso Senhor, na Vniuersidade de Coimbra aos* X. IJ. *dias do mes de Setembro de* MDLXIJ *annos. Vam nestes cabos assinados todos os liuros por Luís Vicente por se nam poderem emprimir nem vender outros por outras pessoas que nam tem o previlegio de sua alteza que no principio vay impresso por que somente os que forem assinados se conheceram serem desta impressam e per licença da pessoa a quem se o previlegio concedeo. &* Fol. de 4 folh. innumer., 262 numer. irregularmente, texto em caracteres gothicos a duas columnas, sendo a numeração em algarismos arabicos até fol. 9, e d'ahi em diante romana.

Desta edição conhecem-se apenas os seguintes exemplares: o da Bibliotheca Nacional de Lisboa [1], o da Bibliotheca Real de Mafra [2], o da Torre do Tombo, o da Livraria Fernando

---

[1] Falta desde a fl. 245 em deante.
[2] Completo, mas muito aparado.

Palha [1] antes do bibliophilo João Vieira Pinto, e outro que pertenceu a Manoel Osorio Negrão. Fóra de Portugal só é conhecido o exemplar de Gottingen por onde foi feita a edição de Hamburgo [2].

Esta edição, a que podemos chamar *princeps*, foi precedida da publicação d'alguns dos autos em folhas avulsas e volantes, impressas á medida que as circunstancias de occasião ou as necessidades do momento o exigiam, do que é prova evidente o *Auto da Festa*, de que póde ver-se o *fac-simile* na edição do sr. Conde de Sabugosa.

2.ª — A segunda edição intitula-se: *Cõpilaçam de todalas obras de .... Vam emendadas pelo Santo Officio como se manda no catalogo d'este Reyno*. E no fim: *Foy impresso em a muy nobre & sempre leal cidade de Lixboa por André Lobato. Anno de* MDLXXXVJ. 4.º de 2 folh. innumer., 28 irregularmente numeradas e 281.

Edição, como bem pode calcular-se, mutilada não sómente em muitas passagens, como até

---

[1] Perfeito.

[2] Um pouco mutilado.

Cita-se ainda um exemplar em poder d'um parente do sr. dr. Leite de Vasconcellos. O sr. Conde de Sabugosa enumera tambem um exemplar pertencente ao famoso bibliophilo Gayangos e abona-se com esta passagem de Gallardo: «El exemplar de esta rarissima edicion que tivemos á la vista perteneciente a D. Pascual Gayangos está bastante mutilado por el Santo Oficio ...». Mas é bem evidente pór estes dizeres que a edição de que se trata é a 2.ª, de 1586, como póde vêr-se em Gallardo no *Ensayo de una biblioteca española de libros raros e curiosos*, IV, pg. 1566. Ahi se diz que ao referido exemplar faltam inteiramente *Rubena*, *Dom Duardos*, a maior parte da *Fragoa d'amor*, o *Velho da Horta*, os *Almocreves*, e outras muitas cousas.

em autos inteiros; mas é tam rara como a primeira, conhecendo-se apenas alguns exemplares. Traz o prologo-dedicatoria que o auctor dirigiu a D. João III e que precedia, na primeira edição avulsa, a tragicomedia *D. Duardos*. « E' o melhor merecimento d'ella » escreve o sr. Brito Rebello [1]. Possue um exemplar a Bibliotheca Nacional. E' de advertir que alguns exemplares trazem a data do anno anterior — 1585, o que, junto a uma ou outra differença de texto póde erradamente fazer crer na existencia d'outra edição.

3.º — *Obras de Gil Vicente correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. T. Barreto Feio e J. Gomes Monteiro*. Hamburgo, 1834, 8.º, 3 vols., o 1.º com XLIV-387 pag., o 2.º com 535 e o 3.º com 402. Alguns exemplares apresentam rosto diverso trazendo a declaração de terem sido impressos em « *Paris, officina typographica de Fain & Thunot, 1843* ».

Da forma como foi realisado este trabalho e do criterio a que obedeceu dão conta na *Advertencia* exarada no 1.º vol. os seus meticulosos editores.

« Corrigimos todo o logar, escrevem, onde nos pareceo manifesto o erro typographico.... Emquanto á ortographia, assentamos aproximar-nos da moderna, nunca porém de maneira que a pronuncia soffresse alteração, dando uma voz moderna pela antiga. Conservamos pois *sam* e *som* por *sou*, *devação* por *devoção*, *concrusão* por *conclusão* e outras similhantes. Finalmente assentamos nada omittir do que se achava impresso na 1.ª edição [2]. »

---

[1] *Ob. cit.*, pg. 64.
[2] Cfr. a *Advertencia*, pg. VII.

A isto ha apenas a accrescentar que no vol. II de pag. 185 a 189 foi seguida a edição de 1586 por no logar respectivo se achar mutilado o exemplar de Gottingen, e que no mesmo volume, a pag. 440 faltam *tres* versos.

4.ª — *Obras de Gil Vicente*, Lisboa, 1852; 3 vols. o 1.º com LX-387 pag., o 2.º com 527 e o 3.º com 392 e duas de indices. Pertence esta edição á *Bibliotheca Portugueza*, que publicou egualmente as obras de Bernardim Ribeiro (1 vol.), Camões (3 vols.), Francisco de Moraes (3 vols.) e o *Primeiro Cerco de Diu* de Francisco d'Andrade (1 vol.).

Ficará essa nossa edição, se for levada a bom termo, constituindo a 5.ª das *Obras completas* do Poeta.

Obedecendo aos intuitos modestos que têem inspirado todas as que na nossa collecção já foram publicadas, ou venham por ventura, ainda, a sê-lo, não nos demoveu do proposito a circunstancia de não termos á mão a edição *princeps* do poeta. Guiados pelas duas ultimas edições seguimos amoravel e cuidadosamente o plano que emprehendemos e assim apresentamos ao publico hoje o primeiro volume, em que incluimos exclusivamente as *Obras portuguesas* do nosso poeta, guardando para um segundo volume as *Obras bilingues* e reservando para um terceiro e ultimo aquellas que foram escriptas somente em *lingoa espanhola* [1].

Não nos pareceu que a circunstancia de apparecer em algumas dessas composições um

---

[1] No ultimo volume daremos o *vocabulario* e aditaremos quaesquer notas que julgarmos indispensaveis a um melhor conhecimento do texto.

ou outro romance em espanhol, de resto, encantador na sua melopeia cadente e popular, imposesse o classificá-las no segundo volume. Aqui se encontrarão, pois, essas composições.

O nosso modesto papel de vulgarizadores d'algumas das obras primas da nossa historia literaria preenche uma lacuna, que já se fazia sentir pela tal ou qual raridade das duas edições anteriores, fornecendo aos mestres e alumnos dos nossos lyceus e das nossas escolas livres um texto cuidadoso da grande figura do renascimento em Portugal. Que esse intuito nos absolva da infracção em que incorremos fugindo á distribuição do theatro Vicentino em obras de *devoção, comedias, tragicomedias, farças* e *obras meudas*. Esta classificação tem bastante de artificial, como todos sabem, para ser respeitada.

Por outro lado a conhecida classificação em theatro *hieratico, aristocratico* e *popular* tambem não resiste a uma analyse feita em presença dos proprios textos. Quer isto dizer que a distribuição em harmonia com o idioma escolhido pelo nosso grande dramaturgo seja a melhor, a preferivel?

Longe d'isso. Basta notar que das *Barcas,* as duas primeiras estão escriptas em portugues, e a ultima, a da *Glória,* está escripta em espanhol, e todavia, é claro, o pensamento desse trecho maravilhoso da obra Vicentina só se integra numa harmonia logica em todas tres.

Mas o que nos dirige aqui é sómente um intuito didactico, que em nada, de resto, atraiçôa a obra do Poeta. O professor da historia literaria portuguesa, como o da historia da lingoa, dirigir-se-ha em primeiro logar ao texto que mais lhe interessa — ao que na sua tota-

lidade ou quasi está exarado na lingoa em que precisamente Gil Vicente é um dos mais eximios cultores e mestres [1]. Com este criterio procedemos e dirigimos o nosso trabalho.

III

Seria da maior importancia fixar tanto a data do nascimento de Gil Viçente, como a do apparecimento das suas numerosas creações dramaticas. A fixação dessa chronologia habilitar-nos-hia a resolver mais d'um ponto literario, como os que respeitam á influencia que o poeta soffreu dos seus contemporaneos espanhoes. Na carencia de noticias externas foi á propria obra do poeta que se acolheram os biographos no ambicionado encalço de informações. Era natural.

Logo no *Auto pastoril castelhano*, representado em 1502, diz o pastor Gil Terron ao seu companheiro Bras:

Conociste á Juan Domado,
Que era pastor de pastores?
Yo lo vi entre estas flores,
Con gran hato de ganado,
Con su cayado real,
Repastando en la frescura,
Con favor de la ventura:

---

[1] Gil Vicente marca a transição entre a lingoa archaica e a moderna, escreve o sr. J. J. Nunes, mas pelas falas que põe na boca dos seus personagens pertence mais aquella do que a esta. Vid. a sua interessantissima obra *Chrestomatia archaica, excerptos da*

Perante este texto é evidente que o Poeta conheceu D. João II, que elle designa sob o cryptonimo de *Dòmado*, ou seja *dàmado*, isto é, *estimado, querido*.

No mesmo auto algumas scenas adiante é empregado o adjectivo *damada*, nesta accepção. Pergunta o pastor Gil Terron:

Quien es la esposa que hubiste?

Ao que responde o companheiro Silvestre:

Teresuela mi damada

que logo merece estas palavras de elogio a Bras:

Dios! què es moça bien chapada,
Y aun es de buen natio,
Mas honrada del lugar.

Sendo assim e tendo aquelle monarcha fallecido em 1495, o poeta devia, para o conhecer, contar, a essa data, alguns annos. Quantos é que é impossivel de fixar.

Mas eis outros dados que se afiguram mais claros.

Parece não poder haver duvida de que foi o proprio Gil Vicente quem desempenhou o papel d'aquelle *Doutor Justiça Maior do Reino, da Floresta de Enganos*, que convida a Moça a entrar no seu gabinete onde elle estuda:

Recontadme el hecho vueso,
Y entrad bien sin temor.

---

litteratura portuguesa desde o que de mais antigo se conhece até ao seculo XVI acompanhados de introducção grammatical, notas e glossario, Lisboa, 1906, pg. CLVIII.

e a quem ella replica:

Sabeis que, Senhor Doutor?
Vós pareceis-me travêsso.

logo elle se apressa a retorquir, para lhe tranquillizar o alvoroço:

Ya hice sesenta y seis,
Ya mi tiempo es pasado.

Esta comedia foi representada em 1536. Portanto teriamos a esta data o poeta com sessenta e seis annos, vindo o seu nascimento a ser em 1470. Isto é claro. O peior é que vinte e quatro annos antes de 1536 já elle dizia que contava os seus sessenta. Com effeito n'*O Velho da Horta*, em que com toda a probabilidade quem representava o papel de Velho era tambem o nosso poeta, lê-se:

Havei ma ora vergonha
A cabo de sessenta annos,
Que sondes já carantonha.

Ora esta farça foi representada em 1512, o que nos dá uma data que não só não concorda com a anterior, mas que é inverosimil [1]. Em vez de 1470 teriamos 1452!

Como se isto não fosse bastante surge agora o *Auto da Festa* e numa das scenas a Velha, dando a razão porque não quer casar com Gil Vicente declara terminantemente:

He logo mui barregudo
e mais passa dos sessenta.

---

[1] Sr. Brito Rebello, 78.

Suppõe o sr. Conde de Sabugosa que este Auto foi feito e representado em 1535 e ahi temos de novo approximadamente como verosimil o anno de 1470 [1].

Querendo-se portanto, escreve o sr. Braamcamp Freire, tirar dados biographicos destes trechos, tam bom fundamento temos para suppor Gil Vicente nascido em 1470 como em 1452, e, note-se, qualquer destas datas não se oppõe ao que está averiguado acerca da duração da vida do poeta. Delle sabemos que ainda vivia em 1536 e que já era morto em 16 de abril de 1540, tendo talvez fallecido nos fins do anno precedente. Se nasceu em 1470 viveu setenta annos; se nasceu em 1452 alcançou os oitenta e sete ou oitenta e oito, idade provecta certamente, mas nada impossivel [2].

Não param aqui as illações que podem deduzir-se de passagens da obra de Gil Vicente. Na carta que elle mandou de Santarem a ElRei D. João III sobre o tremor de terra, que foi a 26 de janeiro de 1531, depois de contar como procedera com os frades esmorecidos com a « tormenta da terra, que ora passou » termina: « E porem saberá V. A. que este auto foi de tanto seu serviço que nunca cuidei que se offerecesse caso em que tão bem empregasse o desejo que tenho de o servir, *assi vizinho da morte como estou...* » [3].

« Vizinho da morte » por estar então gravemente doente, como suppõe o sr. Brito Rebello, ou porque era velho, idoso, porque tinha certamente mais de sessenta e um annos, porque

---

[1] Vid. *ob. cit.*, pg. 65.
[2] *O Jornal do Commercio*, já cit., n.º 15:916.
[3] Vid. adeante, pg. 398.

roçava pelos oitenta, porque, finalmente, não nascera em 1470, mas annos antes, nas approximações de 1452, como opina o sr. Braamcamp Freire [1]?

Se acceitarmos os dados deste erudito e consciencioso investigador teremos de suppor que o Poeta só começou a escrever aos cincoenta annos, visto que a sua primeira obra dramatica — o *Auto da Visitação* — é do anno de 1502. Mas é preciso confessar que se o facto nada tem de inverosimil, é contudo estranho e pouco frequente. Teremos, portanto, de nos contentar com a data um pouco vaga do ultimo quartel do seculo XV, se não quisermos inclinar-nos para o anno mais geralmente acceite de 1470, isto até que algum novo documento permitta interpretar e harmonizar os dados colhidos das obras do Poeta e que deixamos referidos, ou pô-los inteiramente de parte, como ditos de gracejo e de zombaria do seu auctor [2].

---

1 *O Jornal do Commercio,* ibid.

2 Quem poderia colher notas biographicas nestes versos do poeta?..

> Gil Vicente o autor
> Me fez seu embaixador,
> Mas eu tenho na memoria
> Que para tão alta historia
> Naceo mui baixo doutor.
> Creio que he da Pederneira
> Neto dum tamborileiro;
> Sua mãe era parteira.
> E seu pae era albardeiro...
>
> *Auto da Lusitania,* III, 274.

Outros dizeres do mesmo auto tornam inverosimil qualquer apropriação á pessoa do poeta. E' pura phantasia e gracejo, o que não é bem o caso, parece-nos, dos logares citados no texto.

Ha tambem muito de conjectural no que se refere aos filhos de Gil Vicente. Com os nomes dos pàis e o da terra da naturalidade acontece o mesmo. Barbosa Machado limita-se, certamente porque não conheceu outros dados, a escrever que os pais « eram de illustre extracção »[1] e, dizem outros biographos, assim como já coube em sorte a muitos varões illustres, varios logares teem sido mencionados como sua patria. Guimarães, Barcellos e Lisboa, disputam entre si esta honra[2]. A tradição aponta Gil Vicente como filho dum ourives. Seria este um tal Vicente Fernandez, a quem D. Manoel em carta de 4 de Maio de 1509 deu quitação « de toda a prata nossa que recebeo » e a quem chama « nosso ourives »[3]?

E' possivel. A respeito dos filhos ha dous sobre os quaes não resta a menor duvida — Luis Vicente, o colleccionador e editor das obras de seu Pai, a quem foi attribuido por João Baptista de Castro[4] o auto *D. Luis de los Turcos* ou dos *Cativos,* que Faria e Sousa attribue a outro filho de Gil Vicente, de identico nome, e que é naturalmente composição do Infante D. Luis[5], e Paula Vicente, a famigerada dama da Infanta D. Maria, filha de D. Manoel, de quem a lenda, mais do que a historia, pôde dizer que fôra auctora dum

[1] *Bibl. Lusit.,* verb. « Gil Vicente ».
[2] Ensaio sobre a vida e escriptos de Gil Vicente, na ed. de Hamburgo, pg. x.
[3] Vid. o *Doc. n.° IV* publicado pelo Sr. Brito Rebello in. ob. cit., pg. 102.
[4] *Mappa de Portugal,* II, pg. 320.
[5] Vid. o *Ensaio,* já cit., da ed. de Hamburgo, pg. XVI.

volume de comedias, hoje perdido, e que ajudava seu Pai na composição e representação das suas obras [1]. O Sr. Brito Rebello accrescenta mais dous filhos — Belchior Vicente e Valeria Borges [2].

Qual dos filhos do Poeta se partiu para a India em procura de gloria e de fortuna? O Luis ou o Belchior? Ou é outro filho do Poeta o que emprehendeu esta viajem [3]? Porque parece indubitavel que um filho do grande comediographo fez realmente tal viajem. Faria e Sousa regista a tradição duma forma pouco sympathica para o glorioso fundador do theatro portugues, pois diz que o Pai mandara o Filho para a India movido pela inveja dos seus talentos, affirmação inverosimil que se não abona, demais, com documento de nenhuma especie.

O escriptor mais antigo onde encontramos este conto, escrevem os auctores da edição de Hamburgo, é Faria e Sousa, ... que se deve consultar com summa desconfiança pela apparente avidez e irreflexão com que acolhia quantas anedoctas andavam na boca do vulgo e com que muitas vezes faz os mais acerbos ultrajes á memoria daquelles mesmos, cujo caracter é seu maior empenho ennobrecer [4].

---

[1] Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *A Infanta D. Maria de Portugal*, pg. 43.

[2] *Ob. cit.*, pg. 72 e seg.

[3] *Silex in — O Jornal do Commercio*, n.º 15:917 dá como indiscutivel ter o poeta cinco filhos. « E' certo, escreve, ter o poeta.. cinco filhos dos quaes quatro se chamaram Belchior Vicente, Paula Vicente, Luis Vicente e Valeria Borges, sendo muito provavel que ao primogenito tivessem posto o nome de Vicente Fernandes ».

[4] *Log. cit.*, pg. vx

Que um filho de Gil Vicente esteve na India deduz-se duma passagem dos *Commentarios* de Affonso d'Albuquerque, por signal que em contradição com uma outra das *Lendas da India* [1], mas nada indica que não tivesse ido por espirito de aventura, por cobiça ou por gloria. A affirmação de Faria e Sousa é portanto absolutamente gratuita.

Que diremos, agora, sobre o ponto tam litigioso — se o poeta dos Autos é tambem o artista que cinzelou a custodia dos Jeronymos fabricada, como se sabe, com o primeiro ouro que do Oriente se recebeu e que é uma maravilha de execução manual? Ninguem, durante tres seculos, discutiu nem aventurou sequer uma duvida, porquanto só apparecia a caracteristica literaria do Plauto português [2]. Mas em 1881 Camillo Castello Branco na *Historia e Sentimentalismo* pretendeu provar serem personagens differentes o poeta e o ourives. Antes delle, escondida nas folhas manuscriptas dalguns nobiliarios do seculo XVII e do seguinte, se encontrava já aquella asserção, apresentada sem base documental, sem fundamento em noticias contemporaneas, inventada, ao que parece, somente, para tirar de cima da prosapia dos descendentes de Gil Vicente, poeta, o labeo de provirem de um mecanico, como succederia no caso delle tambem haver sido ourives [3]. Pode dizer-se que, á hora actual, tudo milita em favor da opinião que

[1] Cfr. Sr. Sousa Viterbo no *Archivo Historico*, I, 221.
[2] Sr. Sousa Viterbo, *ibid.*
[3] *O Jornal do Commercio*, cit.

unifica os dous artistas, o da penna e o do cinzel numa mesma personagem. O Sr. Sousa Viterbo revela-se ainda indeciso. A' obra litteraria de Gil Vicente parece-lhe vasta de mais para, só por si, absorver toda a actividade dum homem. Embora elaborada durante trinta annos, essa obra é muito variada e copiosa, affirma o douto escriptor, convindo advertir que nem todas as suas poesias meudas, nem todas as suas peças dramaticas chegaram a ser incluidas na collecção ordenada por seus filhos. Alem disso elle não se dedicava unicamente a imprimir e a escrever as suas comedias. A' semelhança de Molière tinha de as ensaiar e de entrar no seu desempenho, compondo as musicas que acompanhavam algumas dellas [1].

Estas considerações, discutiveis ainda assim, filhas dum espirito meticuloso que só se convence em presença de *documentos*, de *factos*, e não de meras conjecturas ou aventurosas hypotheses, e sem duvida formuladas tambem quando lhe acudiam á lembrança os nomes do Sr. Theophilo Braga, que primeiro sustentou a identificação, depois a não-identificação, e do Sr. Brito Rebello que primeiro defendeu a dualidade e por ultimo se inclina para o juizo contrario, estas considerações, repetimos, sam insubsistentes em presença da prova documental que, por uma feliz *pirraça* da sorte foi precisamente parar ás mãos deste ultimo laborioso escriptor, o mais incansavel e criterioso de quantos têem investigado a vida do iniciador do nosso theatro.

Esse documento é nada menos que uma carta de 4 de fevereiro de 1513 registada no

---

[1] *Log. cit.*

principio do verso da folha 20 do livro XLII da Chancellaria del Rei D. Manoel pela qual Gil Vicente, *ourives da rainha Sua muito amada e presada irmã*, é nomeado mestre da balança da moeda da cidade de Lisboa.

Ao lado do registo desta carta mão contemporanea, provavelmente o encarregado de fazer os summarios para se elaborar o indice da chancellaria, — e com letra semelhante á do guarda-mór Fernão de Pina, se não é delle, o que lhe daria um altissimo valor, diz o seguinte; — *Gil Vicente trovador e mestre da balança* — [1].

Estas palavras, escreve o Sr. Braamcamp Freire, escriptas em vida de Gil Vicente por pessoa que não podia adivinhar as futuras duvidas acerca da identidade do poeta e do ourives; por pessoa que tinha faculdade especial para dentro da Torre do Tombo anotar livros da Chancellaria régia nesta e, note-se, em varias outras folhas; estas palavras, repito, dadas todas as circunstancias acima especificadas, revestem-se de tal auctoridade e peso que equivalem a um documento, authentico, coevo, sem falta de nenhum requisito para merecer inteira fé em toda a parte; com tal força, em summa, que só outro documento o poderia destruir. Não ha sophismas argutos, não ha subtilezas artificiosas, que tenham o poder de nem de leve abalar o credito daquellas palavras, escriptas em hora feliz. Gil Vicente ourives e Gil Vicente poeta foram o mesmo homem [2].

---

[1] Pode ver-se o *Doc.* em *fac-simile* no Sr. Brito Rebello, ob. cit., pg. 94, ou no *Occidente*, vol. XXV, n.º 844, de 10 de junho de 1902, pg. 128.

[2] *O Jornal do Commercio*, n.º 15:922.

IV

Nós teriamos uma indicação preciosa sobre a evolução mental do nosso grande poeta e uma base para resolver varias duvidas que suscita a sua extraordinaria actividade literaria nas rubricas que antecedem as suas obras — se estas fossem mais numerosas, mais completas e mais exatas. Infelizmente não só o colleccionador se julgou desobrigado de registar certas circunstancias que para nós, por minimas, seriam sempre de grande valor, mas que de certo elle reputou insignificantes e secundarias, mas ainda não procedeu com o devido escrupulo nas que tam avaramente deixou exaradas.

Apesar de tudo são interessantissimas e dellas será forçoso aproveitarmo-nos enquanto prova em contrario lhes não destruir o depoimento.

E' assim que sabemos que a primeira obra [1] que o Poeta escreveu foi o *Auto da Visitação*

---

[1] No *Cancioneiro de Garcia de Resende* vê-se figurar o nome de Gil Vicente entre os dos poetas que entraram na *Processo* palaciano de *Vasco Abul*, offerecendo o seu *Parecer* á Rainha D. Leonor nestes termos:

Senhora.
Vossa Alteza me perdôe,
Eu acho muito danado
Este feito processado,
Em que manda que razôe.
Vae a cura tam errada,
Vae o feito tão perdido,
Vae tam fóra da estrada,
Que, a moça condemnada,
Vas Abul fica vencido
....

Suppõe o Sr. Brito Rebello *(ob. cit.*, pg. 14) que estas trovas devem ser de 1494, mas o Sr. Braamcamp

que é de 1502, e a ultima a *Floresta de Enganos* de 1536. Durante este periodo de trinta e quatro annos Mestre Gil, como lhe chama a rubrica do Cancioneiro de Resende, elaborou, architectou e representou a sua tam vasta, tam complexa, tam original e tam riquissima obra, que lhe dá jus a que o consideremos uma sublime individualidade, digna de figurar ao lado dos melhores engenhos de todos os tempos e de todos os países.

Alcançando ainda o reinado de D. João II († 1495), em que deveria passar-se o seu periodo de formação intellectual e artistica, aprendendo a lavrar e cinzelar o ouro e a prata ao mesmo tempo que estudava a theologia, de que se mostra tam abalisado conhecedor, o direito e a philosophia, que tanto se reflectem nas suas comedias, as lingoas, sobretudo, o latim, que era, aliás, idioma vulgarmente conhecido e usado, ia tambem tomando nota e registando esses factos minusculos dos costumes e crenças do povo que a um futil escriptor teriam passado inteiramente despercebidos, nas que nelle tomam tam singular e impressivo relevo; assistiu ao glorioso reinado do faustoso D. Manoel (1495-1521)

Rei que o mundo mandou

como elle proprio escreve nas sentidas endechas que consagrou á sua morte, e passou o periodo mais brilhante e mais fecundo da sua vida precisamente durante metade do

---

Freire examinando esta opinião conclue « que o *Processo de Vasco Abul* é do anno de 1509, do mesmo anno do *Parecer*, e por tanto que o monologo da *Visitação*, escripto em 1502 é a mais antiga obra conhecida de Gil Vicente.

longo reinado de D. João III (1521-1557) ou sejam dezoito annos, visto que Gil Vicente deveria ter fallecido, talvez, por 1539, como se deduz d'um documento da epoca [1]. Endereçando um Romance á acclamação deste monarcha escreve

Desanove de Dezembro
Perto era do Natal,
Na cidade de Lisboa
Mui nobre e sempre leal,
Foi levantado por Rei
Dos Reinos de Portugal
O Principe D. João
Principe Angelical.
....

Tinha razão em lhe chamar *Principe Angelical,* porque o Poeta encontrou em D. João III

[1] Extractado pelo Conde de Raczynski (*Les arts en Portugal*, 212) e pelo Sr. Brito Rebello (*Ob. cit.*, 108) e na integra archivado pelo Sr. Sanches de Baena (*Gil Vicente*, 44). Diz-se que elle proprio composera o seguinte epitaphio para a sua sepultura, em Evora:

O grão juizo esperando
Jaço aqui nesta morada
Desta vida tão cançada
Descançando.

Perguntas-me quem fui eu,
Attenta bem pera mi,
Porque tal fui como ti,
E tal hasde ser como eu.
E pois tudo a isto vem,
O' leitor do meu conselho,
Toma-me por teu espelho,
Olha-me e olha-te bem.

No *Ms. n.º 341* da Bibl. da Univ. de Coimbra anda um desenho do sarcophago, que foi reproduzido pelo Sr. Brito Rebello, *ob. cit.*, pg. 88, que tem tanta authenticidade como o retrato do poeta, o qual não passa duma vulgar gravura de origem allemã que o Sr. Sanches de Baena aproveitou no seu trabalho. O grande poeta tem hoje uma estatua no frontão do Theatro de D. Maria II em Lisboa, que é trabalho do esculptor Assis. Vid. a grav. respectiva no *Occidente*, numero já cit., pg. 121.

um desvelado amigo e protector. A aura de favor e de benevolencia que vinha já do reinado de D. Manoel de quem elle fôra, por ventura, mestre de rhetorica [1] não o abandonou nunca. Nem num só momento, nessas occasiões em que a Corte portuguesa celebrava alguma solemnidade intima ou religiosa, Gil Vicente se achou ausente [2]. D. João III, quando chegasse á idade da razão e a sua educação estivesse formada ou quasi, não poderia esquecer quem tam carinhosamente o saudara ainda no berço. De facto, o *Auto da Visitação* « procedeu de hũa visitação, que o autor fez ao parto da muito esclarecida Rainha Dona Maria, e nascimento do muito alto e excellente Principe D. João, o terceiro em Portugal deste nome », e é assim que o saúda:

> De todos tan deseado
> Este principe excelente
> Oh qué Rey tiene de ser!
> ....

---

[1] O facto tem sido affirmado sem bases de maior importancia. Mas agora *Silex* invoca pela primeira vez o depoimento dum *Nobiliario quinhentista* onde se lê: « Dom amtonyo dalmeyda filho deste dom luiz (de Meneses) foy casado com dona valerya borges filha de gyll uisemte mestre que foy de reytorica delrey dom manoel de que teue... » Vid. *Log. cit.*, n.º 15:916.

[2] Numa *Carta Regia* de 29 de novembro de 1520 lê-se: « Que a Camara em tudo o que dissesse respeito ás festas que se iam effectuar [pela entrada de D. Manoel com a Rainha sua Esposa, em Lisboa] ouvisse e seguisse as indicações de Gil Vicente, a quem estavam incumbidas " allguãs das cosas e autos, q̃ se am de fazer p.ª a emtrada nosa e da R.ª" ». Na despesa feita com taes festas figura uma verba que diz: A Gil Vicente de fazer os cadafalsos para a entrada d'elrei e da rainha — 40$000 rs. Cfr. Freire de Oliveira, *Elementos para a Hist. do Municipio de Lisboa*, 1, 513 e fim da nota na pag. 523.

Será Rey Don Juan tercero,
Y heredero
De la fama que dejaron,
En el tiempo que reinaron
El segundo y el primero
Y aun los otros que pasaron.
. . . .

A esta representação, « primeira coisa, que o auctor fez », assistiram D. Manoel, a Rainha D. Beatriz sua mãi e a Duqueza de Bragança, sua filha.

Em espanhol, como o requeria naturalmente o desejo de mais agradar a D. Maria, fallando-lhe a sua lingoa materna, o monologo que Gil Vicente recitou na propria camara da parturiente é, não obstante a sua simplicidade, a feliz eclosão d'um talento já amadurecido, que ensaiava apenas o seu primeiro vôo timidamente, como é natural, pois, não obstante as boas graças da Côrte não poderia elle contar com o effeito que despertaria a sua invenção. E tudo estava nisto. Se o gelo da indifferença ou a malquerença da inveja e da intriga o salteassem desde principio o seu zelo esmoreceria, a sua vontade entibiar-se-hia, e nós não poderiamos contar com tantas obras maravilhosas, fructo do seu saber. Mas não. Quando a ruindade desses sentimentos procurar um dia alvejá-lo então já o poeta estará seguro do seu talento e a setta ervada nunca poderá ferí-lo ou magoá-lo. Então já elle dominará como rei absoluto na scena portuguesa, que creára, e aos seus adversarios poderá responder fabulando essa linda farça a que pôs o nome de *Ignês Pereira.* Agora, á primeira tentativa não lhe faltou o estimulo.

Foi a propria Rainha-velha, D. Beatriz, quem pedio ao auctor « isto mesmo lhe representasse

ás matinas do Natal ». Era cousa nova em Portugal e a Rainha gostára, annota a rubrica do texto.

Seria, de facto, « cousa nova » em Portugal? Merece Gil Vicente o titulo de creador, de pai do theatro portugues?

Quando nós procuramos estudar as circunstancias que poderiam ter influido no desabrochar do talento dramatico de Gil Vicente, não encontramos em Portugal mais do que simples manifestações do culto religioso a que só por amplificação podemos dar o nome de theatro liturgico. Em Portugal devia succeder o mesmo que succedera em Italia, em França, em Espanha, o mesmo que succedera na velha e culta Grecia, o mesmo, em summa, que em toda a parte, guardadas as modalidades da mesologia social [1]. Não ha religião sem mysterio e sem culto. Ao complexo de idéas e sentimentos que traduzem a concepção do infinito corresponde sempre e em toda a parte o culto exterior revestido de maior ou menor grandeza. Na idade-média a idéa religiosa absorve a mentalidade dos povos, domina-os, impõe-se-lhes. E' a epoca em que o Pontifice reina como soberano universal disputando a autonomia mesmo aos sceptros imperiaes. Gregorio VII

[1] « Nadie que conozca á fondo nuestra historia literaria de la edad media ignora que aquí, como en la mayor parte de Europa, el drama nació en el templo, se desarroló bajo sus augustas bóvedas, tardó mucho en secularizarse, y más aún en perder por completo su carácter religioso ». Cañete no prologo da ed. *Farsas y Eglogas al modo y estilo pastoril y castellano fechas por Lucas Fernandez*, Madrid, 1867, pg. XLI.

ou Innocencio III tiveram outro prestigio que faltou a Henrique IV ou aos representantes da casa de Hohenstaufen.

Organizam-se as cruzadas, levantam-se os templos majestosos. E' á sombra da Igreja que se elabora por assim dizer toda a vida politica e social e por consequencia toda a actividade literaria.

A Igreja é para o povo da idade-média a casa em que, reunido nos mesmos pensamentos e nas mesmas esperanças consoladoras, passa uma parte da sua vida, a melhor. Os officios mais longos são os que elle prefere. E' para responder a este desejo que o clero em certas epocas intercala no officio a representação figurada de certos factos da historia religiosa. Tal é o drama liturgico [1]. O christianismo desde as suas origens, tam dramaticas e tam impressionantes, narradas em paginas d'uma poesia inegualavel nos Evangelhos e primeiros escriptos da literatura ecclesiastica, até ás primitivas luctas sanguinolentas que fizeram baquear milhares de crentes e de martyres, com a sua longa phalange de santos e santas, os seus thaumaturgos, os seus mysterios e milagres, offerecia um vasto thema ás imaginações imbuidas de fé dos povos medievais. Todos os sentimentos desde a confiança, a alegria e o prazer, até ao medo e terror panico, que ás vezes tomava formas collectivas pathologicas, tudo achava largo pasto para se recrear. O povo concorria ás igrejas dominado pelo mysticismo e na sua ingenuidade assistia, não como mero espectador, frio e impassivel, mas interessado ao vivo, sentindo ou experimen-

---

[1] Vid. René Doumic, *Histoire de la Littérature française*, Paris, 1906, pg. 61.

tando as lagrimas e os risos que as representações lhe despertavam. De todos os mysterios do christianismo o do Nascimento do Redemptor ou o da sua morte, foram dos mais celebrados e dos mais queridos das multidões. E os templos de Espanha, França, Italia, Allemanha e Inglaterra eram o palco onde essas scenas ora suaves, ora tragicas, tinham o seu desempenho ingenuo, mas sincero e commovido.

Mas veio com o tempo o abuso. Os membros da igreja perderam pouco a pouco o prestigio de que o seu caracter sacerdotal e sagrado os revestia. A ambição, e as paixões mundanas dominavam-nos. Peiores do que os seculares, abusavam das suas immunidades e dos seus privilegios para vexarem os povos. De toda a parte se levantavam clamores. Pedia-se uma reforma na Igreja, que alcançasse desde os membros á cabeça, isto é, desde a mais baixa clerizia até ao Pastor dos Pastores. Wiclif e João Huss, não menos que S. Catharina de Sena ou Jeronymo Savonarola, cada um segundo o seu temperamento, eram o porta-voz dos clamores; que eram geraes e não privativos duma ou doutra nação. O renascimento começava a desenhar-se desde o seculo XIV e accentua-se no immediato, tempo a que com propriedade se pode já chamar dos pre-reformadores [1]. O renascimento e a reforma é que deram o golpe mortal no theatro liturgico. A fé inge-

[1] Gaston Bonet-Maury estudou este periodo indispensavel para a comprehensão do movimento reformador no seu livro *Les précurseurs de la Réforme et de la liberté de conscience dans les pays latins du XIIe au XVe siècle*, Paris, 1904, 1 vol.

nua, impregnada de candura e sinceridade dos povos que assistiam a mysterios, que levavam por vezes dias e dias a desempenhar, fora substituida pelo rizo zombeteiro e sceptico. Por debaixo do çurrão do pastor, figura obrigada nas scenas do Nascimento, o espectador começou a descobrir o rufião desordeiro e bulhento. Tornou-se portanto necessario prohibir estes espectaculos como perigosos á moralidade publica e offensivos do decoro religioso. Foi o que se fez em Portugal, onde as *Constituições dos Bispados* registam essas prohibições — acabando com os bailes, com os descantes, com os banquetes e os jogos que tinham logar quer nos templos, quer nos adros, e que se realisavam a pretexto, sobretudo, das solemnidades religiosas. A tal ponto chegou esse abuso que os bispos tiveram de prohibir expressamente qualquer representação « ainda que seja da paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, ou da sua Resurreição e nacença ». Por estas prohibições, embora tardias, pois se encontram em documentos dos principios do seculo XVI, podemos imaginar o que havia em Portugal sobre motivos dramaticos anteriormente a Gil Vicente. E' ler este auctor e vêr que laço de filiação o pode ligar aos seus hypotheticos predecessores. Ver-se-ha então que o theatro de Gil Vicente dista immensamente destes ensaios amorphos e ainda inclassificaveis. O assumpto é para elle muitas vezes, apenas, um pretexto determinado pela occasião ou pelo logar. A breve trecho, quando julgarmos o seu vôo ainda o dum plumitivo, vê-lo-hemos librar-se nos ares, com majestade, galhardamente. E então elle aproveitará tudo para nos dar uma acção movimentada, cheia de polichromia e de luz: — a canção popular,

o vilancico, a musica, a dança, as allusões picarescas a factos e pessoas conhecidas...

Ao lado destes elementos populares, que o genio do nosso extraordinario escriptor aproveitou habilmente, outros se lhe offereciam, e esses não já nacionaes, mas oriundos da vezinha Espanha. Até que ponto é que essa influencia estranjeira dominou o nosso poeta?

Tres escriptores espanhoes devem aqui ser lembrados: Juan del Encina, Bartolomé Torres Naharro e Lucas Fernández, porque todos elles mantêem com o nosso genial auctor affinidades mais ou menos importantes.

Juan del Encina (1469-1534) é sobretudo conhecido pelas suas eglogas que o sam unicamente pelo nome, diz Fitzmaurice-Kelly, pois, em rigor, não passam de desenvolvimentos dramaticos de themas primitivos com uma acção positiva, ainda que elementar [1]. Educado em Salamanca, protegido dos Duques de Alba, depois do Papa seu compatriota Alexandre VI, ordenou-se, cantando a sua primeira missa em Jerusalem e regressando por ultimo a Salamanca, onde se julga ter fallecido.

Ás vezes o thema das suas composições é religioso, mas outras é profano como o da mais celebre de todas, a *Egloga de Plácida y Vitoriano,* que tira o nome das duas principaes personagens que « amandose igualmente de verdaderos amores, habiendo entre si cierta discordia, como suele acontecer, Vitoriano se va y deja á su amiga Plácida, jurando de nunca más la ver ».

---

1 *Historia de la literatura española desde los origenes hasta el año 1900,* pg. 174.

Depois de varias peripecias, algumas bastante escabrosas, Plácida suicida-se, mas pela intervenção dos falsos deuses gentilicos — Venus, Cupido, Mercurio — resuscita e volta a « esta vida como de antes era ».

No *Proemio* que antecede a edição do *Teatro completo* de Encina emprehendida pela Real Academia Española [1] Cañete, depois de haver passado em revista as obras do seu illustre compatriota diz: « Vemos, pois, que ainda que não deva ter-se a Encina por pai da comedia, nem por verdadeiro fundador do theatro espanhol, as suas obras dramaticas são em extremo interessantes para a historia do nosso primitivo theatro e encerram bellezas dignas de estudo quer se considerem sob o ponto de vista meramente scenico, quer no que respeita á versificação e ao estylo » [2].

Não discutindo agora esta maneira de ver do erudito e auctorizado escriptor o que é indubitavel é que Encina desempenhou nas origens do theatro espanhol um papel importantissimo, sendo as suas obras estimadissimas e largamente vulgarizadas. A principio Encina soffreu as criticas dos maledicentes. Na 1.ª Egloga diz o pastor Mateo:

Yo conozco bien tus obras
Todas no valen dos pajas.

Ao que Juan, que não é outro senão o proprio Encina, contesta:

Y no dudo haver errada
En algun mi viejo escrito,
Que cuando era zagalito

---

[1] Madrid, 1893, 1 vol.
[2] *Ob. cit.*, pg. XLVIII.

No sabía cuasi nada.
Mas agora va labrada
Tan por arte mi labor,
Que aunque sea remirada
No habrá cosa mal trovada,
Si no miente el escritor [1].

Que o dramaturgo espanhol foi conhecido em Portugal e, não apenas literariamente, mas pela *scena*, pela *representação*, dá-o a entender o conhecido trecho da *Miscelanea* de Garcia de Resende, — em que se allude a Gil Vicente:

E vimos singularmente
Fazer *representações*,
D'estilo mui eloquente,
De mui novas invenções:
Elle foi que inventou
Isto *cá*, e o usou
Com mais graça e mais doutrina
Posto que *Juan del Encina*
O pastoril começou.

Era natural que assim fôsse e que, como escreve o sr. Menéndez y Pelayo, Gil Vicente encontrasse os seus modelos na lingoa em que escrevia [2]. Como se sabe o espanhol era uma lingoa tão conhecida e tam usada em Portugal, como a nossa propria.

Vinha de longe essa influencia e por muito tempo ainda se deveria conservar. Com uma côrte tam faustosa, opulenta e culta como a portuguesa, e tam estreitamente unida á sua vezinha e comarcã, seria inverosimil que aqui não encontrassem echo os acontecimentos dignos de o terem e que realmente o tinham. Gil Vicente conheceu, pois, as eglogas de

---

[1] *Ob. cit.*, pg. 9.
[2] Vid. *Antologia de poetas liricos castellanos*, já cit., pg. CLXX.

Encina o que, de resto, uma simples leitura torna bem patente e já foi demonstrado desde os editores da edição de Hamburgo em 1834 até ao sr. Brito Rebello em 1902 [1].

Como presume este ultimo escriptor o começo do *Auto del repelon* postoque differente na essencia, deve ter sido a nota que despertou no cerebro de Gil Vicente a idéa do seu monologo da *Visitação*. Neste auto introduz Encina dous pastores — *Piernicurto* e *Johan Paramas*, aos quaes « *ciertos studiantes repelaron* »; o ultimo d'estes entra em scena exclamando:

> Apartá, y hacé llugar!
> Dejá entrar, cuerpo del cielo!
> ....

Aqui seria só o pensamento, mas noutros logares é por vezes a propria repetição verbal. Deminue isto em alguma cousa os meritos do nosso auctor [2]? Absolutamente nada. Gil Vicente é muito superior ao seu modelo de quem, como de Lucas Fernández ou de Torres Naharro, podia, afinal, colher a inspiração de muitas das suas scenas ou episodios, mas nada mais.

Ora se o primeiro dos auctores espanhoes é inferior ao nosso Gil Vicente, muito mais o são os outros dous. Em Lucas Fernández

---

[1] Cfr. o Prefacio da ed. de Hamburgo e a obra do Sr. Brito Rebello, já cit., pg. 17 e seg.

[2] « Gil Vicente, escreve o Sr. Menéndez y Pelayo, vale más, mucho más que Juan del Enzina, y en sus últimas obras apenas conserva nada de él, pero es cierto que empezó imitándole en lo sagrado y en lo profano, y que tardó mucho em abandonar esta imitación ». *Ob. cit.*, pg. CLXX.

existe a mesma transição do sagrado para o profano. Na *Egloga ó farsa* e no *Auto ó farsa* do Nascimento de Jesus Christo, ha como em Gil Vicente a mesma vivissima realidade com desenfado que algumas vezes attinge a insolencia, graciosas disputas e jogos de pastores, intercaladas na *Egloga* de burlas de devotos e ermitães, cujos abusos e gracejos o poder ecclesiastico como o civil egualmente perseguiam [1].

Torres Naharro, esse tem mais condições technicas que o nosso escriptor, era mais homem de theatro, mas era menos poeta. As suas composições, admiraveis muitas vezes pela força satyrica e pelo vivo e penetrante da observação realista, approximam-se mais da comedia moderna, têem estrutura mais regular, mas menos alma.

Gil Vicente no meio da sua desordem aristophanica faz pensar e sonhar mais do que Torres Naharro [2]. Que Gil Vicente o conhecia, parece indubitavel.

Da *Propaladia* faz parte a comedia *Aquilana* em que figura como na *Comedia do Viuvo* um principe disfarçado por amor. Simples coincidencia? Mas se o não é, como explicar esse facto sendo a obra de Gil Vicente do anno de 1514 ao passo que a *Aquilana* nem ao menos figura na 1.ª ed. da *Propaladia,* que é de 1517 [3]?

---

[1] *Ob. cit.*, pg. LXXX.

[2] Cfr. o bellissimo *Estudio preliminar* do Sr. Menéndez y Pelayo que antecede o vol. II da *Propaladia de Bartolomé de Torres Naharro* [publicada na collecção *Libros de Antaño nuevamente dados á luz por varios aficionados, Madrid*], pg. XXVI.

[3] *Ibid.*, pg. CXLI.

Confiemos em que investigações futuras aclararão este como outros pontos interessantes da biographia do nosso illustre escriptor dramatico.

V

Voltemo-nos agora para a obra do poeta, para um exame interno das fulgurações do seu talento tam variado e tam complexo. Nenhum poeta como elle, no periodo antigo da nossa historia literaria, encerra uma lição mais perfeita e mais viva da nossa estructura mental e moral. Ora serio, ora zombeteiro, umas vezes sceptico e indifferente, outras profundo philosopho crente e moralista, elle retrata admiravelmente a incerteza e o desequilibrio da epoca, na phase de transformação que lenta e surdamente se começava de operar. Lendo-se e meditando-se, comparando-se através da sua propria obra é que se vê de que poderosa maleabilidade era dotado o seu genio.

Com uma instrução vasta, como competia a um bom humanista do seu tempo, essa instrução não cansa nem suffoca o espirito. A expressão é quasi sempre d'uma rara diaphaneidade facilmente apprehensivel, não obstante a phraseologia meio presa ainda ao periodo archaico da nossa lingoa.

A sua erudição dos mysterios do christianismo sente-se á vontade dentro d'uma versificação facil, ligeira e expontanea, mais admiravel ainda quando se cinge á letra dos textos sagrados, que elle traduz com uma doçura digna

da penna d'um João de Deus, como quando, por exemplo, diz da Virgem:

Direita vara de Arão,
Alva sobre quantas forão,
Sancta sobre quantas são.
E seus cabellos polidos
São fermosos em seu grado
Como manadas de gado,
E mais que os campos floridos,
Em que anda apascentado [1];

Ou como quando segue rigorosamente a Job numa das suas lamentações mais tocantes:

Eu creio, Mundo, que o meu redemptor
Vive, e no dia mais derradeiro
Eu o verei Redemptor verdadeiro
Meu Deos, meu Senhor e meu Salvador.
Eu o verei, eu
Não outrem por mim, nem com olho seu,
Mas o meu olho, assim como está...

Ou:

....
Senhor, homem de mulher nascido
Muito breve tempo vive miserando
E como flor se vai acabando
E como a sombra se vai consumindo... [2]

Note-se aqui o emprego do verso mais solemne e apropriado á materia, pois em vez de metros curtos usa o dodecasyllabo não em estancias liricas, improprias do theatro, como já o havia feito Juan del Encina, mas combinado com o seu hemistichio, o que dá um

---

[1] *Auto da Mofina Mendes,* adeante publicado. Cfr. pg. 6.

[2] *Auto da Historia de Deus,* adeante publicado. Cfr. pg. 158. O texto de Job que Gil Vicente traduz quasi passo a passo é o cap. XIX, v.v. 25, 26, 27 e XIV, v.v. 2, 3, 13, etc.

movimento agil e constitue na realidade um novo ritmo *aptum rebus agendis* [1].

O seu pensamento eleva-se por vezes ás maiores alturas, tocando com delicadeza nos dogmas religiosos para lhes aproveitar o que baste ao seu fim. Debalde se procurará em taes passagens um vislumbre sequer da sua musa zombeteira e irreverente. Não. O que lhe provoca a indignação ou o riso não sam as verdades da religião, que elle conhece e respeita, mas os homens que as prégam sem nenhuma sinceridade nem respeito. Contra esses é implacavel. Não ha em toda a obra vicentina nenhuma classe que mais fosse perseguida pelo latego cruel e despiedado da zombaria — do que a clerical. O Papa, os cardeaes, os arcebispos e bispos, os conegos e sobretudo os frades merecem-lhe as maiores censuras. Na *Barca da Gloria* quando o Papa após o Conde, o Duque, o Rei, o Imperador, o Bispo, o Arcebispo, o Cardeal, faz a sua entrada em scena e diz para o Diabo:

> Sabes tu que soy sagrado
> Vicario en el santo templo?

ouve esta resposta, que poderia ter saído da penna de Ulrich de Hutten:

> Cuanto mas de alto estado,
> Tanho mas es obligado
> Dar á todos buen ejemplo,
> Y ser llano,
> A' todos manso y humano.
> Cuanto mas ser de corona,
> Antes muerto que tirano,

---

[1] Sr. Menéndez y Pelayo, *Antologia,* etc., já cit., pg. CLXXVII.

Antes pobre que mundano,
Como fue vuestra persona.
Lujuria os desconsagró,
Soberbia os hizo daño;
Y lo más que os condanó
Simonía com engaño.
Venid embarcar [1].

Aqui estão compendiados os vicios de que precisamente era accusado o clero, sem excluir o seu chefe supremo. Nem humildade, nem abnegação, nem pureza. Por isso na *Feira* o Seraphim clama:

A' feira, á feira, igrejas, mosteiros,
Pastores das almas, Papas adormidos;
Comprae aqui pannos, mudae os vestidos,
Buscae as çamarras dos outros primeiros
Os antecesores [2].

No mesmo Auto diz Mercurio:

... Clerigos e frades
Já não tem ao Ceo respeito,
Mingúa-lhes as santidades,
E cresce-lhes o proveito [3].

Na *Barca do Inferno* apresenta-nos o poeta um frade com « hũa moça pela mão, e vem dansando, fazendo a baixa com a boca » [4]. E' este o typo do frade que mais frequentemente Gil Vicente nos apresenta — o frade licencioso e

---

[1] *Auto da Barca da Gloria*, representado « ao muito nobre D. Manoel » em Almeirim, 1519. Cfr. a ed. de Hamburgo, vol. II, pg. 300.
[2] *Auto da Feira*, representado « ao mui excellente Principe El-Rei D. João III », em Lisboa, pelas matinas do Natal, de 1527. Adeante publicado; cfr. pg. 49.
[3] Adeante, pg. 46.
[4] Adeante publicado a pg. 95 e seg.; cfr. pg. 105.

folgasão, que resume a vida nestes dizeres da *Fragoa d'Amor*:

> Aborrece-me a coroa,
> O capello e o cordão,
> O hábito e a feição,
> E a vespora e a noa,
> E a missa e o sermão:
> E o sino e o badalo,
> E o silencio e a deciplina,
> E o frade que nos matina;
> No espertador não fallo,
> Que a todos nos amofina.
> Parece-me bem bailar
> E andar n'hũa folia,
> Ir a cada romaria
> Com mancebos a folgar [1]:
> ....

O remedio para semelhante mal não se esquece Gil Vicente de o apontar fazendo dizer a este frade:

> Somos mais frades qu'a terra
> Sem conto na Christandade,
> Sem servirmos nunca em guerra.
> E havião mister refundidos,
> Ao menos tres partes delles,
> Em leigos, e arnezes nelles
> E mui bem apercebidos,
> E então a Mouros co'elles [2].

Nesta pintura nada havia de exagerado nem de falso. Não era uma satyra, nem uma caricatura. Era um retrato. O que o demonstra é a fidelidade da galeria de typos que esmalta as obras do poeta, e a circunstancia de condizer com o meio social e religioso da epoca. Começava a desenhar-se no horizonte politico

---

[1] *Fragoa d'amor*, na ed. de Hamburgo, vol. II, pg. 347.
[2] *Ibid.*, pg. 345.

de Portugal a nuvem dia a dia mais negra da decadencia. Já elle nos aponta « as gentes d'agora... de mui perversa maneira », sem o cuidado no cumprimento dos deveres religiosos, « dormindo a prazer » [1]; a justiça aviltando-se em « negras sentenças » [2] « muito corcovada, com a vara torcida e a balança quebrada [3]. Estimam-se no Paço em bem pouco as antigas virtudes, os fidalgos vam desapparecendo, sendo « mais propinquos dos arados, que parentes dos Menezes » [4], etc.

O clerigo acha seu filho com optimas qualidades para entrar na côrte e dá esta razão:

> Medraria este rapaz
> Na côrte mais que ninguem,
> Porque lá não fazem bem
> Senão a quem menos faz.
> Outras manhas tem assaz,
> Cada hũa muito boa:
> Nunca diz bem de pessoa,
> Nem verdade nunca a traz.
> Mexerica que por nada
> Revolverá San Francisco;
> Que pera a Côrte he hum visco,
> Que caça toda a manada [5].

E como para viver nesse meio palaciano, que seduz pelos prazeres que proporciona, não basta querer, mas sam necessarias qualidades de familia, de caracter, de fortuna, dahi o typo

---

[1] Cfr. adeante *Auto da Mofina Mendes*, pg. 16.

[2] *Floresta de enganos*, comedia representada « ao muito alto e poderoso Rei D. João III » em Evora, 1536. Diz a rubrica final « com sua musica se acabou esta comedia, que é a derradeira... que fez Gil Vicente em seus dias ». Vid. para a confirmação do texto, ed. de Hamburgo, vol. II, pag. 161.

[3] Cfr. ed. de Hamburgo, vol. II, pg. 341.

[4] Adeante publicada. Cfr. pg. 350.

[5] *Ibid.*, pg. 343.

do fidalgo ridiculo, de escassa renda, mas embofia e presumpçoso, que pretende sustentar escudeiros, capellães e ourives, como se fosse senhor de grandes terras e que o nosso poeta se compraz em pôr bem em fóco, como a chaga clerical, dirigindo a uma e outra a ponta de fogo das suas ironias...

Mas como Gil Vicente não era exclusivamente poeta cortezão e palaciano, como elle tambem escrevia para o povo e por elle era saboreado, dahi o alargar-se o quadro dos seus typos dramaticos. Veja-se por exemplo aquella esposa infiel que toda se amofina porque « estando já embarcado para a India seu marido, lhe vierão dizer que estava desaviado, e que ja não ia, e ella de pezar está chorando » e em que o typo do espanhol fanfarrão, ubere de rebolarias, é traçado, com duas pinceladas geniaes, na scena com a linda Ama, a tal que chora pela imprevista reapparição do marido, que regressa afinal da India, enquanto esse espanhol na rua, e um português dentro de casa, põem a sua virtude em talas:

> Quiero destruir el mundo,
> Quemar la casa, es la verdad,
> Despues quemar la ciudad;
> Señora, en esto me fundo.
> Despues si Dios me dijere,
> Cuando allá con él me viere,
> Que por sola una muger...
> Bien sabré que responder,
> Cuando á ello veniere [1].

Que diremos dos seus typos de « medicos », verdadeiros precursores dos de Molière, como

[1] *Auto da India*, comedia feita em Almada e representada á « muito catolica Rainha D. Leonor », em 1519. Vid. a Ed. de Hamburgo, vol. III, pg. 36.

já escreveu o Sr. Menendez y Pelayo? A sua phantasia é tam rica, que na *Farça dos Fisicos*, os quatro figurantes destacam perfeitamente cada um na sua integra modalidade: Mestre Filippe, o apologista da mézinha popular, sempre agarrado ao bordão « entendeis? »; Mestre Fernando, praxista, mettendo os seus dous dedos de latim; Mestre Anrique, tambem com o seu « habeis mirado? », ridiculo com a sua explicação de que o doente « tem o sol na cabeça do verão que passou », e enfim Mestre Torres, astrologo, sempre « si, si », ... e tudo isto num movimento ordenado, cheio de variedade, de colorido e de acção [1].

E os seus « juizes » como o da *Beira* em que figura tambem aquelle bailador, que parece um hysterico, sempre a dansar — hufá!, hufá! — clamando ao juiz:

> Eu bailei em Santarem
> Sendo os Iffantes pequenos.
> E bailei no Sardoal,
> E de contino me vem
> Bailar, sem haver alguem
> Que me ganhe em Portugal [2]?

E o da *Floresta de enganos* que a Moça introduziu muito passinho em casa, a quem tira a seguir a loba, as luvas, o sombreiro, a béca de velludo, enfiando-lhe depois a fraldilha, soqueixando-lhe a beatilha e mandando-o fazer

---

[1] Vid. a ed. de Hamburgo, vol. III, pg. 300. A rubrica desta farça é das mais deficientes. Diz apenas: « Segue-se a farça chamadã *Auto dos Fisicos*, na qual se tractão huns graciosos amores de hum clerigo ».

[2] *O Juiz da Beira*, farça representada « ao muito nobre e christianissimo Rei D. João III » em Almeirim, 1525. Cfr. a ed. de Hamburgo, vol. III, pg. 187.

que peneirasse até que a Velha chega e com graça impagavel se lhe dirige:

> Peneirae, ma ora, bem,
> Que não sois nova na terra.
> Hui, cadelinha,
> Onde jeitas a farinha [1]?

E o lavrador que gasta toda a fazenda desvairado por um amor senil, tão bem retratado naquelle homem honrado e muito rico que tinha « hũa horta » [2]?

E os judeos casamenteiros [3]? e as alcoviteiras [4]? e as ciganas? [5] e os negros [6]?

Quam longe estamos de Encina, de Lucas Fernández e de Torres Naharro! Os typos de Gil Vicente movem-se, agitam-se, gritam,

---

[1] Cfr. a Ed. de Hamburgo, vol. II, pg. 160.

[2] *O Velho da Horta,* farça representada ao « mui serenissimo » Rei D. Manoel em 1512.

[3] Por ex., na farça *Ignês Pereira* representada ao « muito alto e pederoso Rei D. João III no seu convento de Thomar » em 1523.

[4] O typo da proxeneta já havia sido apresentado na *Tragicomedia de Calisto y Melibea,* mais conhecida pelo nome de *Melibea,* atribuida, sem fundamento, parece [Fitzmaurice-Kelly, *ob. cit.*, pg. 179] a Fernando de Rojas. Como typo literario a Celestina ficou conhecedissima tanto em Espanha como em Portugal. A alcoviteira da *Barca do Inferno* tem com ella bastante semelhança. *Celestina* não foi, porém, sómente uma creação de phantasia. Veja-se o bellissssimo estudo do Sr. Maximiano Lemos — *Amado Lusitano, a sua vida e a sua obra,* Porto, 1907, pg. 35-38.

[5] *Farça das Ciganas* representada ao « muito alto e poderoso » D. João III, em Evora, 1521 e *Auto da Festa,* ed. Sabugosa, cit.

[6] Por ex. no *Clerigo da Beira,* representada « ao muito poderoso e christianismo Rei D. João III », em Almeirim, 1526. Leia-se o interessantissimo *Padre Nosso* e *Salve Rainha* na lingoagem que Gil Vicente põe na boca dos negros. Adeante publicado, pg. 342.

cantam, bailam, bem dentro do seu meio, exprimindo-se cada qual segundo a camada donde saiu e em harmonia com a sua idiosincrasia.

Nem sujeição a formulas, nem a modelos. Tude vive dentro do país e do seu scenario e ambiente.

As ciganas e os pretos exprimem-se no seu calão. Para os poder apresentar em scena tão bem Gil Vicente teria de os estudar e apanhar em flagrante. Não pode haver duvida sobre isso.

Os pastores fallam uma lingoagem popular, como convinha. E por toda a parte e sempre, o mesmo movimento, a mesma bizarria de cores e de vida, tudo expresso numa versificação abundante, simples, manando como duma fonte inexgotavel, sem exforço e cheia de limpidez.

E não vá suppor-se que elle seja um critico irreverente, para o qual nada haja de respeitavel e digno de elogio. Ao contrario. O que lhe dá uma grande auctoridade moral é a sua independencia sem arrogancias, é a sua cortezia seu servilismo. A Côrte e os Fidalgos que a frequentam merecem-lhe as mais elogiosas referencias quando a sua penna o podia fazer sem desdouro. Ás vezes tempera os seus versos numa tinta levemente graciosa, finissima nos seus traços de humorismo [1]. E é toda uma vasta galeria a que perpassa diante de nós: D. Manoel, D. João III, a Infanta D. Beatriz, que foi Duqueza de Saboia, a Infanta D. Isabel, o Infante D. Fernando, Fidalgos, Damas do Paço, etc., a quem elle,

[1] Sr. Conde de Sabugosa, *ob. cit.*, pg. 10 e seg.

quando vinha a proposito, como na *Nao d'amores* cumprimenta gentilmente:

> Oh lusida côrte, formosa, leal,
> Dourada, e honrada, de manhas e galas,
> Espelho de todas as galas e fallas,
> Perfeitos amantes do culto real,
> Venhais em tal hora, illustres senhores,
> Fermosas senhoras, ó Damas mui bellas [1].
> ....

Para variar os seus quadros Gil Vicente aproveitou, como ninguem o fez entre nós, a riquissima veia da tradição popular, tudo o que, como o canto, a musica, o baile, podiam dar alegria e colorido ás suas phantasias dramaticas. Um dos maiores encantos desta admiravel obra é, sem duvida, a integração que nella fez o poeta de *romances* e *vilancicos*, cantigas, chacotas, folias, que ou seriam sobejamente conhecidos e até recitados de cór, como acontece sempre que a alma popular os inspira, ou teriam, pelo menos, a consagração dos espiritos superiores que os ouviam.

Alguns delles sam graciosissimos no seu symbolismo como o

> Por las riberas del rio
> Limones coge la virgo [2],

feita no gosto da barcarola lirica do *Canc. da Vaticana* que começa: « Per ribeira do rio »

---

[1] Cfr. ed. de Hamburgo, II, 295.

[2] No *Auto dos Quatro Tempos*, representada « ao mui nobre e prospero D. Manoel, nos paços da Alcaçova, na Capella de S. Miguel » por occasião das Matinas do Natal. [Pg. 83 do vol. I da ed. de Hamburgo].

ou levemente ironicas e maliciosas como a cantada pelo preto

La bella mal maruvada [1]

ainda citada em outro logar [2].

Por vezes não temos desgraçadamente mais do que o primeiro verso ou a indicação simples da cantiga que o poeta escolhera, como a « *Llevadme por el rio* » [3].

Ha algumas cantigas deliciosissimas e trechos inspirados no mais apurado sentimento, que permittem collocar Gil Vicente entre os nossos poetas liricos de mais fina emotividade. Alguns exemplos.

No *Auto pastoril Portugues* entra Catharina pastora cantando:

Tirae os olhos de mim,
Minha vida e meu descanso
Que me estaes namorando.

. . . .

Os vossos olhos, senhora,
Senhora da formosura,
Por cada momento de hora
Dão mil annos de tristura:
Temo de não ter ventura,
Vida, não m'esteis olhando,
Que me estais namorando [4].

---

[1] *Fragoa d'Amor*, representada « na festa dos desposorios do mui poderoso e catholico rei... D. João III », em Evora, 1525. [Id., vol. II, pg. 333] e

[2] *Auto da Lusitania*, representada « ao mui alto e poderoso Rei D. João III », no nascimento de D. Manoel, em 1532. [Id., vol. III, pg. 294].

[3] *Cortes de Jupiter*, festa « ao muito alto e poderoso Rei D. Manoel », representada nos Paços da Ribeira, em Lisboa, 1519. [Id., vol. II, pg. 413].

[4] Este Auto foi representado « ao muito alto e poderoso Rei D. João III », em Evora, pelo Natal de 1523. Veja-se a pg. 27 desta nossa ed.

Ou est'outra em espanhol:

> Tú te pensarás que el canto
> No sirve sino al placer?
> Pues yo te hago saber
> Que a los mas tristes es planto [1].

Que sentimento e doçura não transpiram nestes versos que Cismena apartada de sua mãi declama:

> O' minha mãe! onde estaís?
> Minha mãe, onde me vou?
> Minha mãe, não me buscais?
> Vós bem sei que suspirais,
> Porque os suspiros que eu dou
> São os mesmos que vós dais [2].

A toada lyrica e sentimental traduz-se muitas vezes no poeta no symbolismo do amor. Elle é o legitimo continuador dessa psychose que os trovadores glosaram de mil modos. « Morrer de amor », escreveu-o elle varias vezes. E' como o Principe explica a morte de Felicio na *Rubena* [3] e o Ermitão a paixão de Corisanda no *Amadis de Gaula* [4], como, zombando, Amandria responde a Flerida no *D. Duardos* [5], como Felipa vaticina a morte dum dos açôres que a seguem

---

[1] Vid. *Triumpho do Inverno* « representada ao muito alto e excellente Principe D. João III », em Lisboa. [Ed. Hamburgo, vol. II, pg. 454].

[2] Vid. *Comedia de Rubena*, repartida em tres scenas. « Ao mui poderoso e nobre Rei D. João III », em 1521. [Ed. Hamburgo, vol. II, pg. 35].

[3] Já cit., pg. 64.

[4] *Amadis de Gaula*, representada ao « muito excellente Principe e christianissimo Rei D. João III », em Evora, 1533. [Ed. Hamburgo, vol. III, pg. 288].

[5] *Dom Duardos* « 1.ª tragicomedia sobre os amores de Dom Duardos, Principe de Inglaterra... » representada ao serenissimo Principe e poderoso Rei D. João III. [Ed. Hamburgo, vol. III, pg. 208.

na *Serra da Estrella* [1] e como, enfim, para não alongar mais as citações, Ayres Rosado no *Quem tem farelos* [2]? lê do seu cancioneiro a cantiga que começa

Pois amor me quer matar
....

Conhecia bem a alma dos seus compatriotas o grande psychologo, e a tendencia que todos elles tinham para se transformarem em outros tantos Mancias cujo nome lhe não esqueceu citar por duas vezes [3].

Ingenuos, enthusiastas, amorosos, taes elles são, taes no-los pinta, com as suas phantasias, as suas superstições, os seus prazeres, a sua propria lingoagem, as suas maneiras. A sua musa diverte-se e, no seu perpassar rapido, ora canta alegres canções, ora soluça ternas endechas. Por vezes revela sublimidade e grandeza elevando-se em altos voos de concepção, que nos assombram pelo arrojo. Ahi temos o *Auto da Alma* [4]. Um critico estranjeiro que estudou a obra vicentina não duvidou considerá-lo como o prototypo do *Fausto* de Goethe [5].

---

[1] *Serra da Estrella*, tragicomedia pastoril feita e representada ao muito poderoso e catholico Rei D. João III », em Coimbra, 1527. Vid. esta minha ed., pg. 249.

[2] *Quem tem farelos?* Farça representada ao « muito excellente e nobre Rei D. Manoel » nos Paços da Ribeira, em Lisboa, 1505. [Ed. Hamburgo, vol. III, pg. 11].

[3] *Velho da Horta*, adeante publicada, pg. 307 e *Farça dos Almocreves*, id., pg. 336.

[4] *Auto da Alma*, representado « ao muito nobre e poderoso D. Manoel », em Lisboa, nos Paços da Ribeira, na noute de Endoenças, em 1508. Vid. adeante pg. 72 e seg.

[5] « This piece, escreve o Sr. E. Prestage, perhaps Gil Vicente's greatest hieratical work, has been named by

Que estamos em presença duma das mais bellas creações do nosso auctor não ha duvida. E' um verdadeiro drama theologico o que se desenrola dentro da acção, toda symbolica e ideal. « Assi como foi cousa muito necessaria, diz a rubrica do auto, haver nos caminhos estalagens, pera repouso e refeição dos cansados caminhantes, assi foi cousa conveniente que nesta caminhante vida houvesse hũa estalajadeira, pera refeição e descanço das almas que vão caminhantes para a eternal morada de Deus.

Esta estalajadeira das almas he a Madre Santa Igreja; a mesa é o altar, os manjares as insignias da paixão. E desta perfiguração trata a obra seguinte. » Assim imaginou Gil Vicente a idea da tentação, exposta em todos os theologos da dogmatica christã. A alma dotada de « livre alvedrio, entendimento, e vontade » lucta, indecisa e timida, entre o principio do bem — o Anjo, e o principio das trevas — o Diabo. Astuto e ardiloso este, como seria fatal no conceito dum poeta christão, acaba por ser derrotado e vencido. O Diabo de Gil Vicente não tem as visagens que aterram, como na concepção dantesca duma elabo-

---

a French critic, M. Ducarme, the prototype of Goethe's " Faust "; but, true as this may be as regards the general idea, there is as notable a contrast in the treatment and details as between the minds of their respective authors, the one a mediaeval Catholic, the other an eighteenth-century Protestant. » Vid. *The portuguese Drama in the sixteenth century — Gil Vicente*, separata do *Manchester Quarterly*, de Julho 1897, pg. 16. A analyse do trabalho de Ducarme foi feita minuciosamente pelo Sr. Alfredo da Cunha na *Rev. Intellectual contemporanea* de Maio de 1886 num artigo transcripto em folhetim do *Diario de Noticias* de 7 de Junho de 1902.

ração metaphisica e theologica. A' sua obra convinha mais a personagem como a tinha imaginado a phantasia popular:

> O Diabo he demo
> Porque he o rapaz tão subtil em extremo,
> Que não ha bugio tão mal inclinado [1].

No *Auto da Cananea* que se prende por um laço logico bem visivel ao *Auto da Historia de Deos* o poeta põe na boca do espirito infernal estas palavras:

> Como rapaz escolar,
> Que lh'esqueceo a lição,
> E sabe que lhe hão de dar;
> Assi sei que heide apanhar
> Desta vez hum estirão [2].

No *Auto da Alma* como em toda a obra do poeta não ha a sujeição a canones, nem a formulas mais ou menos consagradas. O poeta revindica sempre a maior liberdade, ainda quando trata de assumptos que parece estariam naturalmente indicados na sua genese e finalidade. Nada mais significativo do que a scena da tentação de Christo no auto da *Historia de Deos*. Para os fins de Gil Vicente as phrases biblicas nesta scena não colheriam perante os espectadores o effeito das que o poeta preferiu aproveitar.

---

[1] *Auto da Historia de Deus* representado ao « muito alto e poderoso D. João III e á Serenissima e mui esclarecida Rainha D. Caterina », em Almeirim, 1527. Vid. adeante, pg. 153.

[2] *Auto da Cananea* « a rogo da muito virtuosa e nobre Senhora D. Violante, abbadessa do mosteiro de Odivelas.. », 1534. Vid. adeante, pg. 189.

Apontando o mal, como lepra que contamina e enoja e o bem como miragem que attrai, o Tentador offerece a Christo um deslumbramento, o que?

Sabes Rio-frio, e toda aquella terra,
Aldeia Galega, a Landeira, e Ranginha,
E de Lavra a Coruche? Tudo he terra minha.
E desde Çamora até Salvaterra,
E desde Almeirim bem até Herra,
E tudo per alli,
E a terra que tenho de cardos e pedras,
Que vai desde Cintra até Torres Vedras,
Tudo he meu. Olha pera mi,
Verás como medras [1].

Aqui, como na scena das joias do *Fausto,* é com a antevisão dos prazeres, da riqueza e do luxo que o Diabo manobra. Mephistopheles raciocina como o podia fazer o cerebro dum livre pensador, libertino e cheio de voracidade sensual, do seculo XIX. O oiro cega, desnorteia. Margarida, ingenua, simples e bella, succumbe diante da grosseria brutal do seu tentador. Em Gil Vicente ha mais idealidade como convinha, de resto, á sua figuração, mas a tentação é identica. Voltando-se para a Alma o Diabo convida-a a ataviar-se para ter o deslumbramento e a seducção da formosura:

Vesti ora este brial,
Mettei o braço por aqui:
Ora esperae:
Oh como vem tam real!
Isto tal
Me parece bem a mi:
Ora andae.
Huns chapins haveis mister
De Valença: — ei-los aqui.

[1] Vid. adeante, pg. 170.

Agora estais vós mulher
De parecer.
Ponde os braços presumptuosos... [1]
....

Não ha, talvez, entre a creação dos dois poetas laço de parentesco, que permitta aventar a hypothese de ter Goethe bebido a sua concepção no poeta portugues do seculo XVI. O extraordinario auctor do *Fausto* não conhecia presumivelmente o portugues, nunca ouviria fallar em Gil Vicente. Entretanto não resta menos ao fundador do nosso theatro a gloria de ser o predecessor d'uma concepção tão arrojada, que deu ao seculo XIX uma das suas obras mais gloriosas. E por causa dessa approximação, já agora fatal, a obra de Gil Vicente, posta no seu seculo e no momento da maior crise intellectual e religiosa que o mundo ainda vio, será sempre devidamente admirada. Demais neste pequeno poema dramatico o poeta intercalou trechos d'uma sublimidade admiravel, inspirados no que a musa christã tem de mais perfeito e grandioso, como é por exemplo, a oração de Santo Agostinho que começa:

Alto Deos maravilhoso,
Que o mundo visitaste [2]
....

não menos admiravel que a que inicia a acção no ditirambo formosissimo do Anjo:

Alma humana formada
De nenhũa cousa, feita
Mui preciosa,
De corrupção separada [3]
....

[1] Vid. adeante, pg. 77.
[2] Adeante, pg. 86.
[3] Adeante, pg. 73.

Era justo que esta symphonia dramatica etherea e celestial terminasse por um dos mais sublimes canticos de que se orgulha a liturgia catholica — o *Te Deum laudamus* — cantando o qual, todas as personagens do Auto, levando a alma em triumpho, vão adorar o tumulo do Redemptor, conforme resa a letra da rubrica.

Em toda a sua obra dá Gil Vicente mostras de ser um grande pensador obrigando o leitor a deter-se para admirar quer a belleza da fórma, suave, facil e expontanea, quer o conceito profundo, largo, imprevisto. Já se tem feito por vezes a approximação daquelle passo do *Frei Luis de Sousa* em que o Romeiro designando o seu proprio retrato diz que é — *Ninguem* — com o da *Farça da Lusitania* onde figura « hum homem, vestido como pobre e este se chama *Ninguem* ». O symbolismo é esplendido e, como applicação, d'um realismo epigrammatico sangrento. *Todo-o-Mundo,* o symbolo opposto, é representado como um rico mercador:

> Eu hei nome *Todo o Mundo*
> E meu tempo todo inteiro
> Sempre he buscar dinheiro,
> E sempre nisto me fundo.
> . . . .

ao que o outro replica

> Eu hei nome Ninguem,
> E busco a consciencia [1].

É, como se vê, o triumpho do mal na escravidão do interesse. Como these é simplesmente admiravel. Mas se Garrett podia, de facto, no logar apontado proceder por uma reminiscencia,

[1] Vid. Ed. de Humburgo, vol. III, pg. 289.

aliás facil e natural, do seu illustre predecessor, é de crêr, que lhe acudisse antes á sua tam rica phantasia outro logar similar, mais notavel ainda pelo vigor dos contrastes. Referimo-nos áquella passagem da *Barca do Inferno* em que se vê o *Parvo* approximar-se da *Barca da Gloria* e gritar ao anjo seu timoneiro:

Hou da barca!
ANJ. Tu que queres?
PAR. Quereis-me passar alem?
ANJ. Quem és tu?
PAR. Não sou ninguem [1].

Só a penna d'um homem verdadeiramente superior podia traçar esta scena profundamente philosophica, alta pelo seu significado, tocante pela simplicidade expressiva e que nos surprehende tanto como nos agrada. Deante desta e d'outras revelações de tam culto espirito é que não é temeridade nenhuma affirmar que Gil Vicente é uma das figuras proeminentes do Renascimento, não sómente peninsular, mas europeu.

Ha ainda uma nota particularmente sympathica e que antes de terminar estas linhas forçoso é deixar aqui consignada em destaque, como de justiça — é o amor ao ninho paterno, ao bello país glorioso que lhe foi berço, o envaidecimento confessado com galhardia e cavalheirismo pelas bellezas e triumphos que o esmaltam.

Toda a *Exhortação da guerra* é um hymno patriotico

Oh famoso Portugal
Conhece teu bem profundo,
Pois até ó pólo segundo

[1] Vid. adeante, pg. 103.

Chega o teu poder real
Avante, avante, Senhores,
Pois que com grandes favores
Todo o ceo vos favorece:
El-rei de Fez esmorece
E Marrocos dá clamores [1]
....

Os versos continuam na mesma toada enthusiastica e viril, apparecendo a seguir Achilles que se dirige aos Prelados como mais indifferentes, talvez, aos brios guerreiros, desta forma:

O' prelados, não dormais,
Clerigos, não murmureis.
Quando Roma a todas velas
Conquistava toda a terra,
Todas donas e donzellas
Davão suas joias bellas
Pera manter os da guerra.
O' pastores da Igreja,
Moura a seita de Mafoma,
Ajudae a tal peleja,
Que açoutados vos veja,
Sem apellar para Roma.
Deveis de vender as taças
Empenhar os breviairos,
Fazer vasos das cabeças
E comer pão e rabaças
Por vencer vossos contrairos [2].
....

Que soberbo hymno que a *Fama* entoa a Portugal!

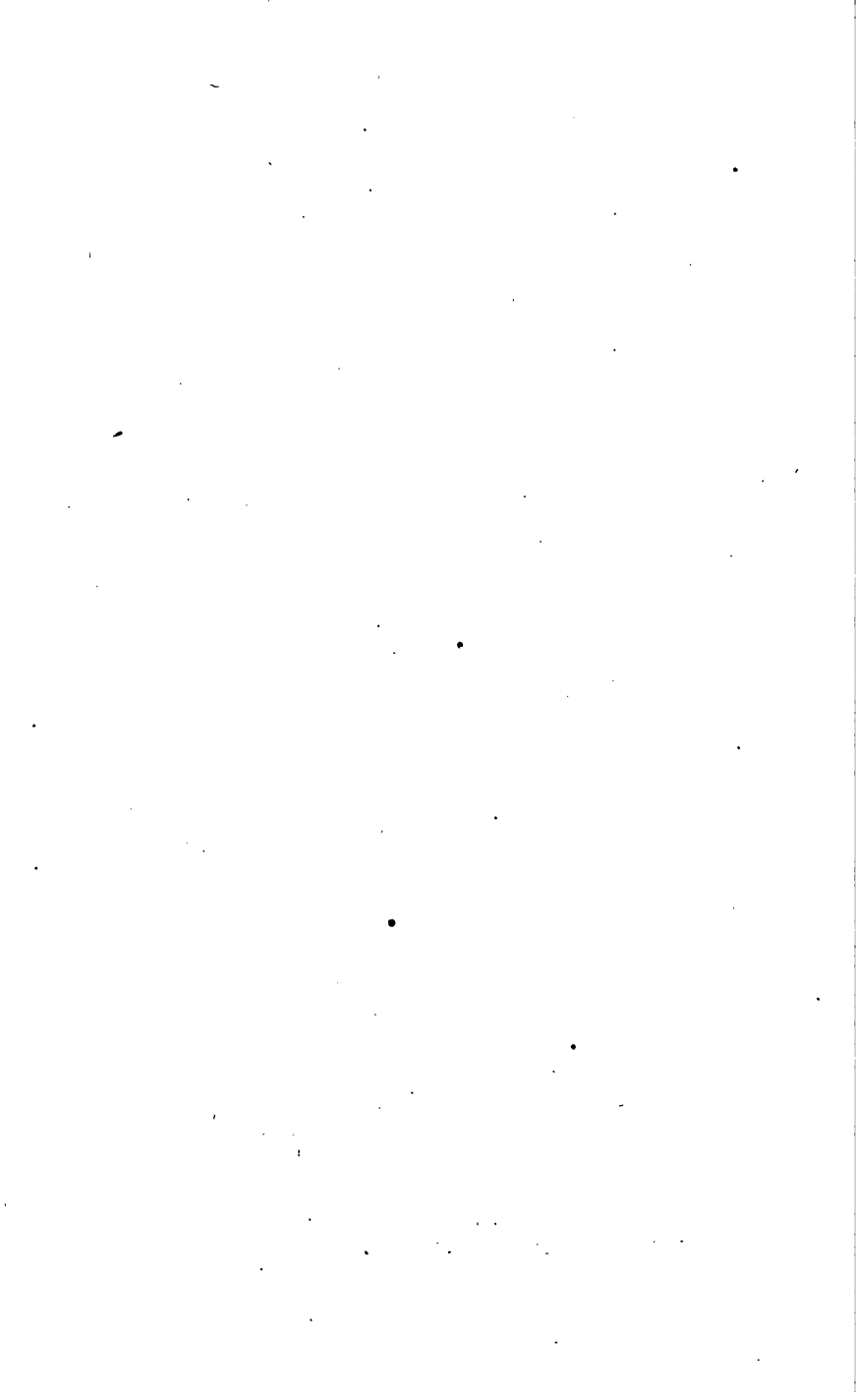
Que de glorias com alegria de coração não vẽem memoradas naquellas soberbas redondilhas tam cantantes e tam sonoras e tam

[1] *Exhortação da Guerra*, representada « ao muito alto e nobre Rei D. Manoel », em Lisboa, 1513. Cfr. adeante, pg. 217.

[2] *Ibid.*, pg. 219.

agradaveis aos ouvidos e olhos d'um coração amante do seu País! Como o poeta se desvanece em fazer resurgir Marte para que elle, como deus da guerra e das victorias, preste vassalagem ao pequeno e glorioso reino [1]! E como ainda se compraz no formosissimo romance composto naquelle gosto tradicional tam seu, que as sereias deviam cantar, — muito bem cantado — e onde as glorias de Portugal se elevam como uma hostia de ouro entre as visões das terras do sol, os pomares do oriente e o sangue rubro da forte raça dos dynastas portugueses [2]!

MENDES DOS REMEDIOS.

[1] Cfr. *Cortes de Jupiter*, adeante, pg. 238.
[2] Vid. Ed. de Hamburgo, vol. II, pg. 478.

ADVERTENCIA

Alguns erros, embora facilmente corregiveis, escaparam á revisão; dentre elles se apontam, por mais importantes, os seguintes: *Contemlação* [pg. 14, l. 39], *thesouso* [pg. 54, l. 36], *levada* [pg. 88, l. 33], *chocathada* [pg. 328, l. 29], *em* [pg. 351, l. 21], etc., em vez de *contemplação, thesouro, lavada, chocalhada, eu.*

Auto de Mofina Mendes.

Auto de Mofina Mendes.

FIGURAS.

PROLOGO.

HUM FRADE.

A VIRGEM.
PRUDENCIA.
POBREZA.
HUMILDADE.
FÉ.
O ANJO GABRIEL.
S. JOSEPH.
ANDRÉ.
PAYO VAZ.
PESSIVAL.
MOFINA MENDES.
BRAZ CARRASCO.
BARBA TRISTE.
TIBALDINHO.
ANJOS.

A obra seguinte foi representada ao excellente Principe e muito poderoso Rei Dom João III, endereçada ás matinas do natal, na era do Senhor 1534.

AUTO DA MOFINA MENDES.

Entra primeiramente hum Frade, *e a modo de pré gação diz o que se segue:*

FRADE.

Tres cousas acho que fazem
Ao doudo ser sandeu;
Hũa ter pouco siso de seu,
A outra, que esse que tem
Não lhe presta mal nem bem:
E a terceira,
Que endoudece em gran maneira,
He o favor (livre-nos Deos)
Que faz do vento cimeira,
E do toutiço moleira,
E das ondas faz ilheos.
Diz Francisco de Mairões,
Ricardo, e Bonaventura,
Não me lembra em que escritura,
Nem sei em quaes distinções,
Nem a cópia das razões;
Mas o latim
Creio que dizia assim:
Nolite vanitatis debemus confidere de his, qui capita sua posuerunt in manibus ventorum &c.
Quer dizer este matiz
Antre os primeiros que traz:
Não he sesudo o juiz,
Que tem geito no que diz,
E não acerta o que faz.
Diz *Beocio — de consolationis,*
Origenes — Marci Aureli,
Sallustius — Catelinarium,
Josepho — speculum belli,
Glosa interliniarum;
Vicentius — scala cœli,
Magister sententiarum,

Demosthenes, Calistrato ;
Todos estes concertárão
Com *Scoto*, livro quarto.
Dizem : Não vos enganeis,
Letrados de rio torto,
Que o porvir não no sabeis,
E quem nisso quer pôr peis
Tem cabeça de minhoto,
  O' bruto animal da serra,
O' terra filha do barro,
Como sabes tu, bebarro,
Quando ha de tremer a terra,
Que espantas os bois e o carro ?
Pelos quaes *dixit Anselmus,*
E *Seneca, — Vandaliarum,*
E *Plinius — Choronicarum,*
Et tamen glosa ordinaria,
E *Alexander — de aliis,*
Aristoteles — de secreta secretarum :
  Albertus Magnus,
Tullius Ciceronis,
Ricardus, Ilarius, Remigius,
Dizem, convem a saber :
Se tens prenhe tua mulher,
E per ti o composeste,
Queria de ti entender
Em que hora ha de nascer,
Ou que feições ha de ter
Esse filho que fizeste.
  Não no sabes ; quanto mais
Commetterdes falsa guerra,
Presumindo que alcançais
Os secretos divinaes
Que estão debaixo da terra.
Polo que, diz *Quintus Curtius,*
Beda — de religione christiana,
Thomas — super trinitas alternati,
Augustinus — de angelorum choris,
Hieronimus — d'alphabetus hebraice,
Bernardus — de virgo ascentionis,
Remigius — de dignitate sacerdotum ;
  Estes dizem juntamente
Nos livros aqui allegados :
Se filhos haver não pódes,
Nem filhas por teus peccados,
Cria desses engeitados,
Filhos de clerigos pobres.

Pois tens saco de cruzados,
Lembro-te o rico avarento,
Que nesta vida gozava,
E no inferno cantava:
Agua, Deos, agua,
Que lhe arde a pousada.
Mandárão-me aqui subir
Neste sancto amphitheatro,
Para aqui introduzir
As figuras que hão de vir
Com todo seu apparato.
He de notar,
Que haveis de considerar
Isto ser contemplação
Fóra da historia geral,
Mas fundada em devação.
A qual obra he chamada
Os mysterios da Virgem;
Que entrará accompanhada
De quatro Damas, com quem
De menina foi criada.
A hũa chamão Pobreza,
Outra chamão Humildade;
Damas de tanta nobreza,
Que tod'alma que as préza
He morada da Trindade.
A' outra, terceira dellas,
Chamão Fé por excellencia;
A' outra chamão Prudencia.
E virá a Virgem com ellas,
Com mui fermosa apparencia.
Será logo o fundamento
Tractar de saudação,
E depois deste sermão,
Hum pouco do nascimento;
Tudo per nova invenção.
Antes disto que dissemos,
Virá com musica orphea
Domine labia mea,
E *Venite adoremus*
Vestido com capa alhea.
Trará *Te Deum laudamus*
D'escarlata hũa libré:
Jam lucis orto sidere
Cantará o *benedicamus*,
Pola gran festa que he.
Quem terra, pontus, æthera

Virá muito assocegado
N'hum sendeiro mal pensado,
E hum gibão de tafetá,
E hũa gorra d'orelhado.

Em este passo entra nossa Senhora, vestida como rainha, com as ditas donzellas, e diante quatro anjos com musica: e depois de assentadas, começão cada hũa de estudar per seu livro, e diz a

VIRGEM.

Que ledes, minhas criadas?
Que achais escripto hi?

PRU. Senhora, eu acho aqui
Grandes cousas innovadas,
E mui altas pera mi.
Aqui a Sibylla Cimeria
Diz que Deos será humanado
De hũa virgem sem peccado,
Que he profunda materia
Para meu fraco cuidado.

POBREZA.

Eruthea profetiza
Diz aqui tambem o que sente:
Que nascerá pobremente,
Sem cueiro nem camiza,
Nem cousa com que se aquente.

HUM. E o propheta Isaias
Falla nisso tambem ca:
Eis a Virgem conceberá,
E parirá o Messias,
E frol virgem ficará.

FÉ.

Cassandra d'elrei Priámo
Mostrou essa rosa frol
Com hum menino a par do sol
A Cesar Octaviano,
Que o adorou por Senhor.

PRU. *Rubrum quem viderat Moïsem*
Sarça, que no ermo estava,
Sem lhe pôr lume ninguem;

O fogo ardia mui bem,
E a sarça não se queimava.

FÉ.

Significa a Madre de Deos;
Esta sarça he ella so;
E a escada que vio Jacob,
Que subia aos altos ceos,
Tambem era de seu voo.

PRU. Deve de ser por rezão
De todas perfeições cheia
Toda, quemquer que ella he.

HUM. Aqui a chama Salomão
Tota pulchra amica mea,
Et macula non est in te.
E diz mais, que he *porta cœli*
Et electa ut sol,
Balsamo mui oleroso
Pulchra ut lilium gracioso,
Das flores mais linda flor,
Dos campos o mais fermoso:
Chama-lhe *plantatio rosa,*
Nova oliva speciosa,
Mansa *columba Noe,*
Estrella a mais luminosa.

PRUDENCIA.

Et acies ordinata,
Fermosa filha d'elrei
De Jacob, *et tabernacula*
Speculum sine macula,
Ornata civitas Dei.

FÉ. Mais diz ainda Salomão:
Hortus conclusus, flos hortorum,
Medecina peccatorum,
Direita vara de Arão,
Alva sobre quantas forão,
Sancta sobre quantas são.
E seus cabellos polidos
São fermosos em seu grado
Como manadas de gado,
E mais que os campos floridos,
Em que anda apascentado.

PRU. He tão zeloso o Senhor,
Que quererá seu estado
Dar ao mundo per favor,

Por hũa Eva peccador,
Hũa virgem sem peccado.

VIRGEM.

Oh! se eu fosse tão ditosa
Que com estes olhos visse
Senhora tão preciosa,
Thesouro da vida nossa,
E por escrava a servisse!
Que onde tanto bem se encerra,
Vendo-a ca entre nós,
Nella se verão os ceos,
E as virtudes da terra,
E as moradas de Deos.

Neste passo entra o anjo Gabriel, dizendo:

GABRIEL.

Oh! Deos te salve, Maria,
Cheia de graça graciosa,
Dos peccadores abrigo!
Gosa-te com alegria,
Humana e divina rosa,
Porque o Senhor he comtigo.

VIR. Prudencia, que dizeis vós?
Que eu muito turbada sam;
Porque tal saudaçam
Não se costuma antre nós.

PRUDENCIA.

Pois que he auto do Senhor,
Senhora, não esteis turbada;
Tornae em vossa color,
Que, segundo o embaixador,
Tal se espera a embaixada.

GAB. O' Virgem, se ouvir me queres,
Mais te quero inda dizer.
Benta es tu em mereceres
Mais que todas as mulheres,
Nascidas, e por nascer.

VIRGEM.

Que dizeis vós, Humildade;
Que este verso vai mui fundo,
Porque eu tenho por verdade
Ser em minha calidade
A menos cousa do mundo?

HUM. O anjo, que dá o recado,

Sabe bem disso a certeza.
Diz David no seu tractado,
Qu'esse sp'rito assi humilhado
He cousa que Deos mais préza.

GABRIEL.

Alta Senhora, sab'ras,
Que tua sancta humildade
Te deu tanta dignidade,
Que hum filho conceberás
Da divina Eternidade.
Seu nome, será chamado
Jesu e Filho de Deos;
E o teu ventre sagrado
Ficará horto cerrado;
E tu — Princeza dos Ceos.

VIRGEM.

Que direi, Prudencia minha?
A vós quero por espelho.
PRU. Segundo o caso caminha,
Deveis, Senhora Rainha,
Tomar com o Anjo conselho.
VIR. *Quomodo fiat istud,*
Quoniam virum non cognosco?
Porque eu dei minha pureza
Ao Senhor, e meu podêr,
Com toda minha firmeza.

GABRIEL.

Spiritus sanctus supervenit in te;
E a virtude do Altissimo,
Senhora, te cubrirá;
Porque seu filho será,
E teu ventre sacratissimo
Per graça conceberá.
VIR. Fé, dizei-me vosso intento,
Que este passo a vós convem.
Cuidemos nisto mui bem,
Porque a meu consentimento
Grandes dúvidas lhe vem.
Justo he que imagine eu,
E que estê muito turbada.
Querer quem o mundo he seu,
Sem merecimento meu,
Entrar em minha morada;
E hũa summa perfeição,

De resplandor guarnecido,
Tomar pera seu vestido
Sangue do meu coração,
Indigno de ser nascido!
E aquelle que occupa o mar,
Enche os ceos e as profundezas,
Os orbes e redondezas;
Em tão pequeno logar
Como poderá estar
A grandeza das grandezas!

GAB. Porque tanto isto não peses,
Nem duvides de querer,
Tua prima Elisabeth
He prenhe, e de seis meses.
E tu, Senhora, has de crer,
Que tudo a Deos he possivel,
E o que he mais impossivel,
Lhe he o menos de fazer.

VIR. Anjo, perdoae-me vós,
Que com a Fé quero fallar.
Pedirei sinal dos Ceos.

FÉ. Senhora, o podêr de Deos
Não se ha de examinar.
Nem deveis de duvidar,
Pois sois delle tão querida

GAB. E d'abinicio escolhida:
E manda-vos convidar;
Para madre vos convida.

VIR. *Ecce ancilla Domini,*
Faça-se sua vontade
No que sua Divindade
Mandar que seja de mi,
E de minha liberdade.

Em este passo se vai o Anjo Gabriel, e os anjos á sua partida tocão seus instrumentos, e cerra-se a cortina.

*
* *

Juntão-se os Pastores para o tempo do nascimento. Entra primeiro André e diz:

ANDRÉ.

Eu perdi, se s'anoutece,
A asna ruça de meu pae.
O rasto por aqui vai,

Mas a burra não parece,
Nem sei em que valle cai.
Leva os tarros e apeiros,
E o çurrão co'os chocalhos,
Os çamarros dos vaqueiros,
Dois sacos de pães inteiros,
Porros, cebolas e alhos.
Leva as peas da boiada,
As carrancas dos rafeiros,
E foi-se a pascer folhada;
Porque bêsta despeada
Não pasce nos sovereiros.
E s'ella não parecer
Atás per noite fechada,
Não temos hoje prazer;
Que na festa sem comer
Não ha hi gaita temprada.

Entra Payo Vaz e diz:

PAYO VAZ.

Mofina Mendes he ca
C'hum fato de gado meu?

AND. Mofina Mendes ouvi eu
Assoviar, pouco ha,
No valle de João Viseu.

PAY. Nunca esta moça socega,
Nem samica quer fortuna:
Anda em saltos como pêga,
Tanto faz, tanto trasfega,
Que a muitos importuna.

ANDRÉ.

Mofina Mendes quanto ha,
Que vos serve de pastora?

PAY. Bem trinta annos haverá,
Ou creio que os faz agora:
Mas socêgo não alcança;
Não sei que maleita a toma.
Ella deu o sacco em Roma,
E prendeu elrei de França:
Agora anda com Mafoma,
E pôz o turco em balança.
Quando cuidei que ella andava
Co' o meu gado onde sohia,
Pardeos! ella era em Turquia,
E os Turcos amofinava,
E a Carlos Cesar servia.

Diz que assi resplandecia
Neste capitão do ceo
A vontade que trazia,
Que o Turco esmoreceo,
E a gente que o seguia.
  Receou a guerra crua
Que o Cesar lhe promettia;
Entances *per aliam via*
Reverte sunt in patria sua
Com quanta gente trazia.

Entra Pessival.

PESSIVAL.

Achaste a tua burra, Andrel?
AND. Bofá não. PES. Não póde ser.
Busca bem, leixa o fardel;
Que a burra não era mel,
Que a havião de comer.

ANDRÉ.

  Saltarião pêgas nella,
Por caso da matadura?
PES. Pardeos! essa seri'ella!
E que pêga seria aquella,
Que lhe tirasse a albardura?
PAY. Mas crê que andou per hi
Mofina Mendes, rapaz;
Que, segundo as cousas faz,
Se isto não for assi,
Que não seja eu Payo Vaz.
  Ora chama tu por ella,
E aposto-te a carapuça,
Que a negra burra ruça
Mofina Mendes deu nella.
AND. Mofina Mendes! ah Mofina Men!
MOF. Que queres, André? que has? (de longe)
AND. Vem tu ca, e vê-lo-has;
E se has de vir, logo vem,
E acharás aqui tambem
A teu amo Payo Vaz.

Entra Mofina Mendes e diz

PAYO VAZ.

  Onde deixas a boiada,
E as vacas, Mofina Mendes?
MOF. Mas, que cuidado vós tendes
De me pagar a soldada,

Que ha tanto que me retendes?
PAY. Mofina, dá-me conta tu
Onde fica o gado meu.
MOF. A boiada não vi eu,
Andão lá não sei per hu,
Nem sei que pascigo he o seu.
Nem as cabras não nas vi,
Samicas c'os arvoredos;
Mas não sei a quem ouvi
Que andavão ellas per hi
Saltando pelos penedos.
PAY. Dá-me conta rez e rez,
Pois pedes todo teu frete.
MOF. Das vacas morrêrão sete,
E dos bois morrêrão tres.

PAYO VAZ.

Que conta de negregura!
Que taes andão os meus porcos?
MOF. Dos porcos os mais são mortos
De magreira e ma ventura.
PAY. E as minhas trinta vitellas
Das vacas, que te entregárão?
MOF. Creio que hi ficárão dellas,
Porque os lobos dezimárão,
E deu ôlho mao por ellas,
Que mui poucas escapárão.

PAYO VAZ.

Dize-me, e dos cabritinhos
Que recado me dás tu?
MOF. Erão tenros e gordinhos,
E a zorra tinha filhinhos,
E levou-os hum e hum.

PAYO VAZ.

Essa zorra, essa malina,
Se lhe corrêras trigosa,
Não fizera essa chacina;
Porque mais corre a Mofina
Vinte vezes qu'a raposa.
MOF. Meu amo, já tenho dada
A conta do vosso gado
Muito bem, com bom recado;
Pagae-me minha soldada,
Como temos concertado.

PAYO VAZ.

'Os carneiros que ficárão,
E as cabras, que se fizerão ?

MOF. As ovelhas reganhárão,
As cabras engafecêrão,
Os carneiros se afogárão,
E os rafeiros morrêrão.

PES. Payo Vaz, se queres gado,
Dá ó demo essa pastora :
Pagalh'o seu, va-se embora
Ou ma-ora,
E põe o teu em recado.

PAYO VAZ.

Pois Deos quer que pague e peite
Tão daninha pegureira,
Em pago desta canseira
Toma este pote de azeite,
E vae-o vender á feira ;
E quiçaes medrarás tu,
O que eu comtigo não posso.

MOF. Vou-me á feira de Trancoso
Logo, nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata,
Que he a cousa mais barata
Qu'eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão ;
Cada ovo dara hum pato,
E cada pato hum tostão,
Que passará de um milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada
Per estes ovos de pata,
E o dia que for casada
Sahirei ataviada
Com hum brial d'escarlata,
E diante o desposado,
Que me estara namorando :
Virei de dentro bailando
Assi dest'arte bailado,
Esta cantiga cantando.

Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça, e andando enlevada no bailo, cai-lhe, e diz

PAVO VAZ.

Agora posso eu dizer,
E jurar e apostar,
Qu'es Mofina Mendes toda.

PES. E s'ella baila na voda,
Qu'está ainda por sonhar,
E os patos por nascer,
E o azeite por vender,
E o noivo por achar,
E a Mofina a bailar;
Que menos podia ser?

Vai-se Mofina Mendes, cantando.

MOFINA MENDES.

« Por mais que a dita m'engeite,
« Pastores, não me deis guerra;
« Que todo o humano deleite,
« Como o meu pote d'azeite,
« Ha de dar comsigo em terra. »

Entrão outros pastores, cujos nomes são Braz Carrasco, Barba Triste, e Tibaldinho; e diz

BRAZ CARRASCO.

Ó Pessival meu vezinho!

PES. Braz Carrasco, dize, viste
A burra desse outeirinho?

BRA. Pergunta tu a Tibaldinho,
Ou pergunta a Barba Triste,
Ou pergunta a João Calveiro.

TIB. O fato trago eu aqui,
E a burra eu a metti
Na córte do Rabileiro.
Nós deitemo-nos per hi.

Andamos todos cansados,
O gado seguro está:
E nós aqui abrigados
Dormamos senhos bocados,
Que a meia noite vem ja.

*
* *

Em este passo se deitão a dormir os pastores; e logo se segue a segunda parte, que he hũa breve contemplação sobre o Nascimento.

VIRGEM.

O cordeiro divinal,
Precioso verbo profundo,
Vem-se a hora
Em que teu corpo humanal
Quer caminhar pelo mundo.
Desde agora
Sahirás ao campo mundano
A dar crua e nova guerra
Aos imigos,
E glória a Deos soberano
In excelsis, et in terra
Pax hominibus.
Sahirá o nobre leão,
Rei do tribu de Judá,
Radix David;
O duque da promissão
Como esposo sahirá
Do seu jardim:
E o Deos dos anjos servido,
Sanctus, sanctus, sem cessar
Lhe cantando,
Vereis em palhas nascido,
Sem candeia e sem luar,
Suspirando.
E porque a noite he quasi meia,
E são horas que esperemos
Seu nascer,
Ide, Fé, por essa aldeia
Accender esta candeia,
Pois outras tochas não temos
Que accender;
E sem serdes perguntada,
Nem lhes vir pela memoria,
Direis em cada pousada
Qu'esta he a vela da glória.

Em este passo Joseph e a Fé vão accender a candeia, e a Virgem com as Virtudes, de giolhos, a versos rézão este

Psalmo.

VIRGEM.

Ó devotas almas felis,
Para sempre sem cessar
Laudate Dominum de cœlis,

Laudate eum in excelsis,
Quanto se póde louvar.

PRUDENCIA.

Louvae, anjos do Senhor,
Ao Senhor das altezas,
E todalas profundezas,
Louvae vosso criador
Com todas suas grandezas.

HUMILDADE.

Laudate eum, Sol et Luna,
Laudate eum, stellæ et lumen,
Et lauda, Hierusalem,
Ao Senhor que te enfuna
Neste portal de Bethlem.

VIRGEM.

Louvae o Senhor dos ceos,
Louvae-o, agua das aguas,
Que sobre o ceo sois firmadas;
E louvae o Senhor Deos,
Relampagos e trovoadas.

PRUDENCIA.

Laudate Dominum de terra,
Dacrones et omnes abyssi,
E todas diversidades
De nevoas e serra,
Ventos, nuvens *et eclipsi,*
E louvae-o, tempestades.

HUMILDADE.

Bestiæ et universa
Pecora, volucres, serpentes,
Louvae-o, todalas gentes,
E toda a cousa diversa,
Que no mundo sois presentes.

Vem a Fé com'a vela sem lume, e diz

JOSEPH.

Não vos anojeis, Senhora,
Pois estais em terra alheia,
Ser o parto sem candeia,
Porque as gentes d'agora
São de mui perversa veia.
Todos dormem a prazer,

Sem lhes vir pela memoria
Que por fôrça hão de morrer;
E não querem accender
A sancta vela da glória.

HUMILDADE.

Devião ter piedade
Da Senhora peregrina,
Romeira da christandade,
Que está nesta escuridade,
Sendo Princeza divina,
Pera exemplo dos senhores,
Pera lição dos tyrannos,
Pera espelho dos mundanos,
Pera lei aos peccadores,
E memoria dos enganos.

FÉ.

Não fica por lh'o prégar,
Não fica por lh'o dizer,
Não fica por lh'o rogar;
Mas não querem acordar,
Com pressa de adormecer.
Delles fazem que não ouvem,
E elles ouvem muito bem;
Delles fazem que não vem,
E delles que não entendem
O que vai nem o que vem.
Sem memoria nem cuidado
Dormem em cama de flores,
Feita de prazer sonhado:
Seu fogo tão apagado
Como em choça de pastores;
A vossa divina vela,
Vossa eterna candeia,
Feita de cera mais bella,
Em cidade nem aldeia
Não ha hi lume para ella.
Todo o mundo está mortal,
Posto em tão escuro porto
De hũa cegueira geral,
Que nem fogo, nem sinal,
Nem vontade: tudo he morto.

VIR. Prudencia, i vós co'ella,
Que nas horas ha hi mudança:
E accendei ess'outra vela,
Que se chama da esperança,

E lhes convem accendê-la.
  E dizei-lhe que o pavio
Desta vela he a salvação,
E a cera o poderio
Que tem o livre alvedrio,
E o lume a perfeição.
Jos. Senhora, não monta mais
Semear milho nos rios,
Que querermos por sinaes
Metter cousas divinaes
Nas cabeças dos bugios.
  Mandae-lhe accender candeias,
Que chamem ouro e fazenda,
E vereis bailar baleias;
Porque irão tirar das veias
O lume com que se accenda.
E á gente religiosa
Manda-lhes velas bispaes;
A cera, de renda grossa;
Os pavios, de casaes;
E logo não porão grosa.

PRUDENCIA.

  Senhora, a meu parecer,
Para esta escuridade
Candeia não ha mister;
Que o Senhor qu'ha de nascer
He a mesma claridade;
Lumen ad revelationem gentium
He profetizado a nós,
E agora se ha de cumprir:
Pois para que he ir e vir,
Buscar lume para vós,
Pois lume haveis de parir?
  Nem deveis de estar afflita,
Para lhe guisar manjar;
Porque he fartura infinita,
He chamado *Panis vita*,
Não tendes que desejar.
E se para seu nascer
Tão pobre casa escolheo,
Não vos deveis de doer,
Porque onde elle estiver
Está a côrte do Ceo.
  Se cueiros vos dão guerra,
Que os não tendes por ventura,
Não faltará cobertura

A quem os ceos e a terra
Vestio de tal formosura.

Em este passo chora o Menino, posto em hum berço: as Virtudes cantando o embalão, e o Anjo vai aos pastores, e diz cantando.

ANJO.

« Recordae, pastores ! »
AND. Hou de lá, que nos quereis ?
ANJO « Que vos levanteis. »
AND. Para que, ou que vai lá ?
ANJO « Nasceu em terra de Judá
« Hum Deos so, que vos salvará. »
AND. E dou-lhe que fossem tres :
Eu não sei que nos quereis.
ANJO « Que vos levanteis. »

ANDRÉ.

Quero-m'eu erguer, em tanto
Veremos que isto quer ser.
Sempre m'esquece o benzer
Cada vez que me levanto.

ANJOS. (cantando.)

« Ah pastor ! ah pastor ! »
AND. Que nos quereis, escudeiros ?
ANJO « Chama todos teus parceiros,
« Vereis vosso Redemptor. »

ANDRÉ.

Não durmaes mais, Payo Vaz,
Ouvireis cantar aquillo.
PAY. Ora tu não ves que he grillo ?
Vae-te d'hi, aramá vas,
Que eu não hei mister ouvi-lo.
AND. Pessival, acorda ja.
PES. Acorda tu a Braz Carrasco.
BRA. Não creio eu, não, em San Vasco,
Se me tu acolhes lá.

ANDRÉ.

Levanta-te d'hi, Barba Triste.
BAR. Tu que has, ou que me queres ?
AND. Que vamos ver os prazeres,
Que eu nem tu nunca viste.
BAR. Pardeos, vae tu se quizeres,
Salvo se na refestella
Me dessem bem de comer ;
Senão leixa-me jazer,

Que não hei de bailar nella:
Vae tu lá embora ter.
Acorda a Tibaldinho,
E ó Calveiro e outros tres,
E a mi cobre-me os pés;
Então vae-te teu caminho,
Que eu hei de dormir hum mez.

ANJO.

Pastores, ide a Belem.
AND. Tibaldinho, não te digo
Que nos chama não sei quem?
TIB. Bem no ouço eu, porém
Que tem Deus de ver comigo?

ANDRÉ.

Isso he parvoejar.
Levantae-vos, companheiros,
Que por valles e outeiros
Não fazem nego chamar
Por pastores e vaqueiros.
ANJO Pera a festa do Senhor
Poucos pastores estais.
PAY. Vós bacelo quereis pôr,
Ou fazer algum lavor,
Que tanta gente ajuntais?

ANDRÉ.

Vós não sois officiaes
Senão de guardardes gado.
BRAZ Dizei, Senhor, sois casado?
Ou quando embora casais?
AND. Oh como es desentoado!
ANJO Quisera que foreis vós
Vinte ou trinta pegureiros.
PAYO Antes que vós deis tres voos,
Bem ajuntaremos nós
Nesta serra cem vaqueiros.

ANJO.

Ora trazei-os aqui,
E esperae naquella estrada,
Que logo a Virgem sagrada
A Hierusalem vai per hi
Ao templo endereçada.

Tocão os anjos seus instrumentos, e as Virtudes, cantando, e os pastores, bailando, se vão.

Auto Pastoril Portuguez.

FIGURAS.

PROLOGO.

VASCO AFFONSO.

CATHERINA.
JOANNE.
FERNANDO.
MADANELLA.
AFFONSO.
INEZ.
MARGARIDA.
CLERIGOS.

O seguinte Auto foi representado ao muito alto e poderoso Rei nosso Senhor Dom João, terceiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Evora pelo Natal, era do Senhor de 1523.

AUTO PASTORIL PORTUGUEZ.

Entra primeiramente hum lavrador, por nome Vasco Affonso, e diz:

VASCO AFFONSO.

Pois que ja entrei aqui,
Não se me escusa fallar.
Eu sou d'alem de Thomar,
E casei em Almeirim,
Alli mesmo no logar.
Agora, agora, agora
Esta doma que lá vai
Soma que casei embora
Sem liçença de meu pae;
E diz que a não quer por nora.
E seu pae er assi,
Porque se casou furtada,
Nem chique nem mique, nem nada
Dão a ella nem a mi,
Assi pola desnevada.
De maneira,
Qu'elles tem birra de nós,
Dizem que nem giesteira,
Pois que nos casamos sos;
Não temos na panasqueira.
Porém amor lhe tenho eu,
E ella samicas a mi,
Que ella o diz soma assi;
— Porque elle não tem de seu,
Meu pae deu-me, e eu fugi. —
E juramento faço ós ceos,
Que derão tantas a enha esposa,
Qu'he pera dar graças a Deos;
Porque bem como raposa
Lhe tirárão a ella os veos.
Ora o nosso cura er,
Porque se paga d'ella,
E sequaes andou com ella,
Soma vonda que não quer
Receber-nos a mi e a ella.

Mas raivar,
Que ja recebidos semos :
Dentro bem no meu linhar
Todos os verbos dissemos,
Que se dizem ó casar.
  Dizião a mi lá delles,
Que quem casa por amores
Não vos he nega dolores ;
Emperol, que sabem elles ?
Deos faz dos baixos maiores.
Aguardae.
Digo agora que casei
Sem licença de meu pae
E d'enha mãe : eu herdarei,
Ou sabeis como isto vai ?
  A mim dizem-me que não ;
E s'he daquella maneira,
Não herdo eira nem beira.
Mas não semelha razão,
Mas sinifica cenreira ;
Que se fôra a cachopa peca ou charra,
Ou algũa zanguizarra,
Preguiçosa ou comedora,
Que bradassem muito embora.
  Mas taes vos fossem assim
As pulgas da vossa cama.
Soma abonda que minh'ama
Me dixe lá em Almeirim,
(Não sei como s'ella chama)
— Vae, sandeu,
A Elvora por alvaral
D'elrei, que te dem o teu,
Como passar o Natal. —
E a isto vinha eu.
  E hum Gil . . . hum Gil . . . hum Gil . . .
(Que ma retentiva hei !)
Hum Gil . . . ja não direi :
Hum que não tem nem ceitil,
Que faz os aitos a elrei,
Elle me fêz,
E tirou de minha aquella,
Muito inda emque me pez,
Que entrasse ca na capella
Previcar hum antremez.
  Aito cuido que dezia,
E assi cuido que he ;
Mas ja não aito, bofé,

Como os aitos que fazia,
Quando elle tinha com que.
Mas o mundo he ja desgorgomelado;
Todo bem se vai ó fundo:
O dinheiro anda acossado,
E o prazer vagabundo.
  Abonda: entrarão porém
Treze trǫlocutores;
Estes são todos pastores:
Da serra d'Estrella vem
Em preito com seus amores.
Atimar.
Entrará Branca fallando
Com Inez; ambas a par
Cantando de quando em quando,
E ás vezes suspirando
Entre cantar e cantar.
  Entrará enha sobrinha,
E Constança das Ortigas,
Que em todo o val das Corigas,
Nem na villa mui asinha,
Não jazem taes raparigas.
E, como entrar,
Sahirá a bailar Valejo,
O galinheiro que em Thomar
Chamava ao coelho — conejo;
Esse mesmo ha de bailar.
  E por festa a Ramalhoa
Bailará com Pero Luz,
Vestido no seu capuz;
E farão a entrada boa
Do bailo c'o sinal da cruz.
Pé-de-ferro,
Bofá hum bom escudeiro,
Bom homem lá per seu êrro,
Ledo, humilde, prazenteiro,
Salvos nega se m'eu érro;
  Este sahirá a terreiro
Com hũa regateira baça,
Que, quando vende na praça,
Tange ás vezes hum pandeiro.
Estes ambos terão graça.
A cristaleira,
E o almotacel pequeno
Bailarão á derradeira,
E tanger-lhe-ha o Moreno,
Que sabe os bailos da Beira.

Frades virão vinte e sete,
Que vem de furtar melões;
E virão três hortelões.
Que trarão preso hum grumete
Sem jaqueta nem calções.
E acabado
Que os frades todos andarem
Hum contrapasso trocado,
E os outros atimarem,
Sera o aito atimado.

*
* *

Entra Catherina pastora cantando, com o gado.

CATHERINA.

« Tirae os olhos de mim,
« Minha vida e meu descanso,
« Que me estaes namorando. »
Cha cha cha, raivárão ellas:
Samicas doudejais vos?
S'eu lá vou, veremos nós
Se sondes cabras, s'aquellas.
O Decho se chantou nellas!
Cha cha cha, reira de morte.
Nem no mato, nem na córte,
Não póde o Decho co'ellas.
« Tirae os olhos de mim,
« Minha vida e meu descanso,
« Que me estaes namorando. »
« Os vossos olhos, senhora,
« Senhora da formosura,
« Por cada momento de hora
« Dão mil annos de tristura:
« Temo de não ter ventura.
« Vida, não m'esteis olhando,
« Que me estais namorando. »

Vem Joanne, e diz

CATHERINA.

A que vens, Joanne, ca?
JOAN. Bofás samicas não sei.
St'outra doma te catei
Casuso, e não eras lá;
Perguntei a ta mãe por ti.
CAT. Tu a minha mãe por mi?

JOAN. A bem, digo ; — qu'he de Catalina ? —
E ella estava mofina,
Disse-me ; — e que lhe queres assi ? —
Bem sei eu ja ella aventa
Qu'ando eu comtigo á choca ;
Que quando te eu trougue a roca,
J'ella estava rabugenta.
CAT. Não te empaches de mim, não.
Cha cha cha, demoninhadas.
JOAN. Pois sicaes te quero a osadas
Grande bem, se vem á mão.
Sempre eu hei de ser comtego
Lá detraz da casa ó sol.
CAT. Joanne, vae fazer prol :
Que tens tu de ver comego ?
Jesu ! como me amofina !
JOAN. Ja tu aqui es, Catalina,
Com tua destempera ?
CAT. Si :
Ora vae-te aramá d'hi.
JOAN. Alguem t'a ti empipina.

CATHERINA.

Quem m'ha a mim d'empipinar ?
JOAN. Póde ser qu'alguem te engane.
CAT. Digo que te vas, Joanne,
Que não te quero escutar.
Cuidas tu que sam menina ?
JOAN. E dei-t'eu a roca, Catalina,
E subi em cima da pereira,
E tu agora á derradeira
Jogas comego almolina !

CATHERINA.

Que fallas, ou que has comtego,
Que tudo isto não te presta ?
JOAN. Pardeos, forte birra he esta,
Que tomaste hoje comego !
Porqu'es ma dia entirrada ?
Eu não quero de ti nada,
Senão abraçar como amiga.
CAT. Quem te désse hũa gran figa
Nos olhos bem pespegada !

JOANNE.

He essa a tua saia nova ?
Mostra ca a ver que lan tem.

CAT. Joanne !
JOAN. Catalina !
CAT. Ora bem,
O demo t'a ti faz a cova.
JOAN. Tomae lá ! esta vos he ella !
CAT. Tal foste com Madanella,
E sempre chufou de ti :
Pois qu'esperas tu de mi,
Que sam mais valente qu'ella ?

JOANNE.
Ó Dexemo que t'eu digo,
Que porque isso he ja sabido,
Ando eu assi tranzido,
E o demo anda comego.
Renego ora d'enha mãe,
Porque as lagrimas me sãe
O dia que te não vejo ;
E tu tens-me tal entejo,
Que os esp'ritos se me cãe.

CATHERINA.
Choros maos chorem por ti :
Quem te manda a ti chorar ?
JOAN. Tu m'has de fazer botar
Mui cedo per esse chão per hi.
Não sejas ora entirrada,
Catalina minha dama ;
Que cedo hei d'ir á feira,
E eu farei de maneira
Que tu sejas bem toucada.
Não m'arrarão alfenetes,
E tambem enxaravia.
CAT. Aperfia tu, perfia,
Que c'o Dexemo te mettes.
JOAN. Que cachopa esta, e que vida !
CAT. Cuidas que som Margarida,
Que andavas pola chufar ?
JOAN. Eu ?
CAT. A bem.
JOAN. Atimar.
CAT. Mas vae-te c'o a ma ida.

JOANNE.
Cant'eu não sei que te fige,
Que tal escandola me tens.
CAT. Mas não sei a que ca vens ;

Que a ninguem tanto mal quige.
JOAN. Por bem querer, mal haver.
CAT. Ora tens bem de comer.
JOAN. Isso he foscas mui asinha,
Por me metter rebentinha;
Mas perol não t'hei de crer.

CATHERINA.
Vae, vae, Joanne, bugiar,
Não andes como alpavardo.
JOAN. Viste ja o meu saio pardo?
Se m'o ves has de raivar,
Que m'está tão bem, tão bem...
Que demo he isto? dirás tu.
CAT. Oh como es parvo! Jesu!
Não falles ante ninguem.

JOANNE.
Oh! commendo ó demo a vida
A que a eu arrepincho!
Catalina, se me eu incho,
Por esta que me va de ida.
A India não está hi?
Que quero eu de mi aqui?
Melhor sera que me va.
CAT. E a mi que se me dá?
Eis Fernando vem alli.

Entra Fernando, e diz

CATHERINA.
Venhas embora, Fernando!
Eu t'esperei á portella.
FER. Parece ca Madanella?
CAT. Spera que a andas buscando!
Ja me tu a mi entejaste?
JOAN. Ah si, Catalina?
FER. Tu vas-te
Andar polos chavascais.
JOAN. Ah si, Catalina?
CAT Ora nó mais;
Abonda que me leixaste.

JOANNE.
Ah si, Catalina?
FER. Não diz
Pera hu foi Madanella.
CAT. Porque perguntas por ella?

Fer. Porque a fortuna quiz.
Cat. Dores de morte te dem.
Joan. Ah si, Catarina ? Ora bem,
Se xe m'eu isso soubera,
Nunca t'eu a roca dera,
Que trougue de Santarem.

Madanella. (de longe.)
Hai Catalina ! Catalina !
Fer. Aquella te he Madanella.
Cat. Hou !
Fer. Pera ca vem ella.
Joan. Mui grande he minha mofina !
Olha ca pera ond'estou.
Cat. O' diabo que t'eu dou !
Joan. Amen que m'eu encommendo,
E não m'estarei moendo
Na desenteria em que estou.

Vem Madanella e diz:

Madanella.
Affonso parece ca ?
Eu não sei onde elle anda.
Fer. Inda dura essa demanda ?
Mad. Inda dura e durará.
Fer. Oh caiso mal comedido !
Ando eu por ti perdido,
E andas-me assoviando.
Cat. Queres tu do pão, Fernando ?
Fer. Estarei bem aviado,
E muito bem corregido.

Madanella.
Viste Affonso, Catalina ?
Cat. Sabes tu onde elle s'ia ?
Fer. Não lh'o digas.
Mad. Que porfia
De Fernando e de mofina !
Fer. Grande odio me tem.
Joan. E Catalina a mi tambem.
Mad. Catalina, onde estava elle ?
Cat. Ei-lo vem : não he elle aquelle ?
Joan. Aquelle he elle, que alli vem.

Vem Affonso, e diz

Madanella.
Affonso, venhas embora.
Aff. Não vejo eu Inez aqui.

MAD. Olha, olha para mi,
Que não sam feia ma ora.
AFF. Viste-me Inez ca andar?
CAT. Casuso a vi eu estar...
AFF. Naquelle outeiro?
CAT. A bem.
AFF. Perguntou-te por alguem?
CAT. Por Joanne.
AFF. Ora andar.
Por mi não perguntou nada?
CAT. Não.
AFF. Raiva moida!
CAT. Por Joanne he ella perdida.
JOAN. Está ella logo enganada.
(de longe.)
INEZ. Catalina! hai Catalina!
CAT. Aquella hé ella que retina.
Inez, vem ca, mana, vem.
JOAN. Se tu me quizeras bem,
Não na chamáras, malina;
Mas do malquerer te vem.

Vem Inez, e diz

AFFONSO.
Venhas embora, Inez!
INEZ. Joanne, queres belotas?
Mais quero eu ás tuas botas
Qu'a dous Affonsos nem tres.
JOAN. Oh Catalina!
CAT. Oh Fernando!
FER. Oh Madanella!
MAD. Oh Affonso!
Oh quando, quando
Me quereras algum bem!
AFF. Oh Inez! quanto mal tem
Esta maleita, em que ando!

INEZ.
Oh Joanne! quão amiga
Que sam do teu bom doairo!
JOAN. Se não tens outro repairo,
Cant'eu não sei que te diga.
FER. Isto chamão amor louco,
Eu por ti e tu por outro.
Rogo-te aramá, Madanella,
Pois ma ora te vi, e nella
Que m'escutes ora hum pouco.

Porque algorrem se m'entende,
Eu a doma que passou
Este braço me ganhou,
Emperol gansei perende
Abonda que hum de cem,
Hum de cem e hum vintem.
Meu pae er tem bem de seu,
E não tem filho, nega eu :
Está attento ca, Madanella,
Vem agora a Pascoella,
Casemo-nos tu e eu.

MADANELLA.

Catalina he minha amiga,
Sei que se paga de ti.
CAT. Fernando, por meu mal te vi,
Como lá diz a cantiga.
JOAN. Oh ! commendo ó Decho a praga !
Gingrae lá com taes cachopas,
Leix'as quem de ti se paga.
CAT. E tu porque não faes sopas
Com Inez, pois que te affaga ?

INEZ.

Agora lhe fio eu
Hũa camiza de linho.
Queres, Joanne, toucinho
Com pouco de pão do meu ?
AFF. E a mi raiva que me aperte.
INEZ. Vae-te, que não quero ver-te :
Não tens tu ahi Madanella ?
Falla, falla tu co'ella.
Ó diabo dou a morte :
Como he partuno, Jesu !
MAD. Affonso.
AFF. Pezar ora de san Pego !
MAD. E assi o faes tu comego ?
Bofá ! ansi mao es tu ?
Não sei que houveste comtego.
FER. Maos lobos m'acabem ja !
CAT. Guarde-te Deos earamá :
Pois que seria de mi !
Mas casemo-nos eu e ti.
JOAN. E Joanne raivará ?
Pois, pardeos, bem te servi.
Comego seja essa dança,
Não andes assi do vento.

CAT. Toda m'ora eu arrebento
Pola tua maridança,
AFF. Sabes, Joanne, que façamos ?
Vamo-nos todos tres.
JOAN. Vamos,
E busquemos outras tres.
Eu te farei a ti, Inez,
Que me jejũes os ramos.

Vem Margarida, pastora, que achou hũa imagem de nossa Senhora, e tra-la escondida n'hum feixe de lenha, e diz:

MARGARIDA.

Ai, manas, que eu achei !
CAT. Onde ?
MAR. Na serra em cima.
MAD. Que he, Margarida prima ?
MAR. Quasi, quasi não o sei.
INEZ. Chufas ?
MAR. Não, pardeos, amigas.
CAT. Rogo-te que nô-lo digas.
MAR. Mas he para adivinhar ;
E quemquer que o acertar,
Eu a fartarei de migas.

INEZ.

Sera algum cugumelo ?
MAR. Não, que tem olhos e mãos.
CAT. São caçapos temporãos.
MAD. Mas samicas pesadelo.
CAT. Onde o trazes ?
MAR. Na lenha.
CAR. He raposo, Deos mantenha.
MAR. Si raposo ; teu pae torto.
INEZ. Ouriço cacheiro morto.
MAR. Não he cousa que pel tenha.

MADANELLA.

Mas sabeis que he leitão,
Que tem couro e não tem pelle ?
MAR. Leitão ? isso vos era elle.
INEZ. Elle não ha de ser cão.
MAR. Nem ave, nem cousa viva
Nem morta.
CAT. O' cativa !
E tem pés e mãos e olhos ?
MAR. E narizes e giolhos ;
Nem he cousa mansa nem esquiva.

CATHERINA.

Rogo-te que digas que he,
Que isso parece patranha.
MAR. Tenho-a eu por façanha,
E não pequena, abofé.
CAT. Não o deffengules mais.
MAR. Se attentegas estaes,
Muito asinha vos direi
O que vi e que achei,
Com tanto que me creais.
Chegando á Pena furada,
Áquem da Virgem da Estrella,
Achei ser hũa donzella,
Bofá donzella dourada :
E como a vi, como digo,
Saltou tal tremor comigo,
Porque ella reluzia,
Que estava se fugiria ;
Tal claror tinha comsigo.
E hum menino brincando
Com seis ou sete donzellas ;
Sanctas parecião ellas.
MAD. Isso seria sonhando.
MAR. Mas antes bem acordada.
Não me quereis vós crer nada ?
CAT. Dize, dize, Margarida.
MAR. Pois chufa tu, Madanella,
Que nossa Senhora era ella !
CAT. Oh !
MAR. Por minha vida.
Assim seja eu bem casada,
E Deos se lembre de mim.
CAT. Que te dixe, mana, emfim ?
MAR. Chamou-me, bem assombrada,
E eu queria chorar,
E ella foi-me affagar.
CAT. E que te dixe despois ?
MAR. Que deixasse andar os bois,
E que me fosse ao logar.
E fosse ao nosso cura, e digo
Que vi a Virgem Maria,
E que ella lhe promettia
De lhe dar hum bom castigo,
Que horas nnnca lhe rezou,
Nem della soes se acordou.
FER. Houveras-lhe de dizer
Que não lhe escapa mulher.

INEZ. O' demo que eu o dou!
Eu vos direi: he elle tal
Que a filha de Janaffonso
Foi-lhe pedir hum responso,
E elle fallava-lhe em al.
AFF. Alguns delles vão per hi,
E na estremadela assi
Não lhes fica moça boa.
JOAN. Bom machado na coroa,
Que ficasse logo alli!

FERNANDO.

Seixo calvo.
AFF. Mas settada.
MAD. Arrocho d'azumbugeiro.
CAT. Mas pousada de palheiro,
E fogo, e á porta fechada.
AFF. Mas bom feixe lagariço.
INEZ. Penedo.
MAD. Tranca.
CAT. Sumiço.
MAR. Eu quero-o ir avisar,
Ca lhe cumpre de rezar,
E tornar-se a seu serviço.
Por esta cruz, manas minhas,
Qu'ella está delle assanhada.
INEZ. Oh Virgem nossa avogada
Que os gados encaminhas!
CAT. Quem m'a vira!
INEZ. Quem lá fôra!
MAD. Tu, prima, naceste embora.
MAR. Se viras o cachopinho,
Tão fermoso e sesudinho,
Filho de nossa Senhora!
Tudo eu hei de dizer
Ao nosso cura tá ó cabo,
E ó priol.
INEZ. Esse diabo
Nunca te ha de querer crer.
AFF. E do priol disse algorrem?
MAR. Não fallou nem mal nem bem.
JOAN. Tambem elle he bom piloto.
AFF. Mas he valente minhoto,
Qu'apanha as frangas mui bem.

JOANNE.

Dou ja ó Decho o reixelo.
FER. E Pero Gil, capellão,

Que lhe dizes?
JOAN. Que varão!
Como lh' ellas vem a pêllo,
Nenhũas lhe escaparão.
AFF. E Janaffonso Altos-pés?
FER. Tambem esse he bom freguez,
E muito gamenho zote.
JOAN. Hontem lhe dei eu hum mote
Sobr'isso, bem portuguez.
Vão-se earamá casar,
E não andar de soticapa.
Juro a Deos, s'eu fôra papa,
Eu lhes seccára o cantar.
MAR. Não me bula aqui ninguem
Neste meu feixe de lenha;
Atá que eu va e venha
Não veja ninguem qu'aqui vem.
Porque eu vou a chamar,
Que venhão com devação
Os melhores do logar
A levar em procissão
O que a Virgem me quiz dar.

Vai-se.

AFFONSO.

Cant'eu não me posso ter,
Vejamos o que isto he.
JOAN. Vejamos por tua fé,
Que gran cousa deve ser.

Desata Affonso o feixe e diz

AFFONSO.

Ella omagem m'affegura:
Oh Senhora Virgem pura!
CAT. Quem vos trouge a esta serra?
FER. Ponde os giolhos em terra.
AFF. Ponhamo-la nesta verdura.

E posta a imagem, diz

JOANNE.

Pois não sabemos rezar,
Façamos-lhe hũa chacota,
Porque toda a alma devota
O que tem, isso ha de dar.
FER. Façamos, que bem sera.
CAT. Joanne, tir'-te tu lá.
Dá-me tu a mão, Fernando.

FER. Nisso estava or'eu cuidando.
Madanella, vem tu ca.

MADANELLA.

Com Affonso quero eu.

AFF. Inez mana, eu comtigo,
Que nunca tão grande amigo
Em tua vida tens de teu.

INEZ. Porque andas bugiando?

MAD. Ora fuge lá, Fernando.

JOAN. Onde não ha concordança,
Não ha hi festa nem dança:
Nem estemos perfiando.

Vem Margarida com quatro Clerigos, e diz.

FERNANDO.

Oh corpo de Deos sagrado!
Quanto zote que ca vem!

MAR. Não quizestes vós perem
Condecer no meu mandado?
Ora seja ja embora.
Padres, vêdes a Senhora
Que eu achei bem acasuso.

CLE. Jesu! eu estou confuso!

2.º C. Deos te salve, Emperadora!

Hymno *O gloriosa Domina*

resado a versos pelos Clerigos á imagem de Nossa Senhora.

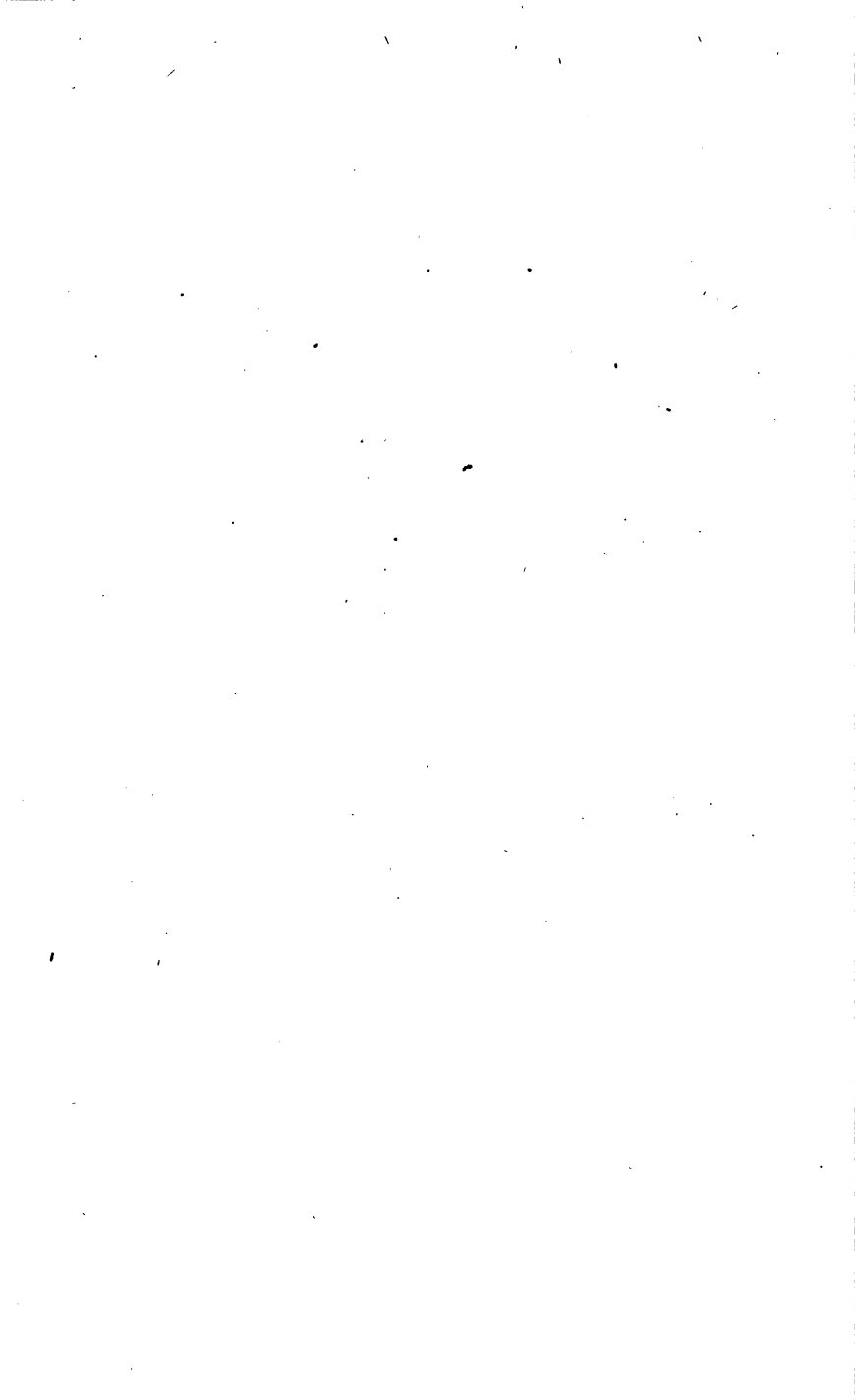
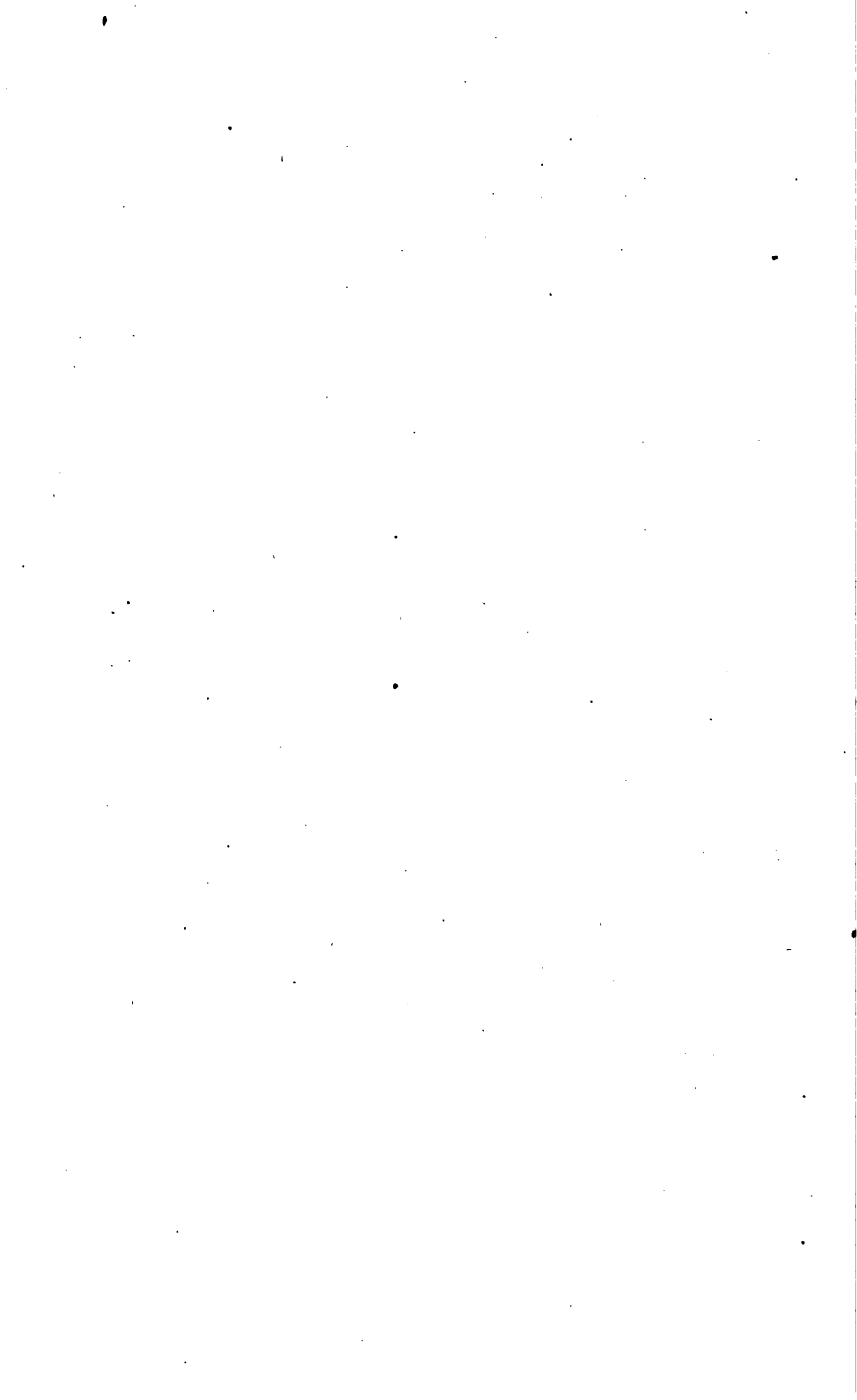
« O' gloriosa Senhora do mundo,
« Excelsa princeza do ceo e da terra,
« Fermosa batalha de paz e de guerra,
« Da sancta Trindade secreto profundo!
« Sancta esperança, ó madre d'amor,
« Ama discreta do filho de Deos,
« Filha e madre do Senhor dos Ceos,
« Alva do dia com mais resplandor!
« Fermosa barreira, ó alvo e fito,
« A quem os profetas direito atiravão!
« A ti, gloriosa, os Ceos esperavão,
« E as tres pessoas hum Deos infinito.
« O' cedro nos campos, estrella no mar,
« Na serra ave phenix, hũa so amada,
« Hũa so sem mácula e so preservada,
« Hũa so nascida, sem conto e sem par!
« Do que Eva triste ao mundo tirou
« Foi o teu fructo restituidor;

« Dizendo-te *ave* o embaixador,
« O nome de *Eva* te significou.
« O' porta dos paços do mui alto Rei,
« Camera cheia do Spirito Sancto,
« Janella radiosa de resplandor tanto,
« E tanto zelosa da divina lei!
« O' mar de sciencia, a tua humildade,
« Que foi senão porta do ceo estrellado?
« O' fonte dos anjos, ó horto cerrado,
« Estrada do mundo para a divindade,
« Quando os anjos cantão a glória de Deos,
« Não são esquecidos da glória tua;
« Que as glórias do filho são da madre sua,
« Pois reinas com elle na côrte dos Ceos.
« Pois que faremos os salvos por ella,
« Nascendo em miseria, tristes peccadores,
« Senão tanger palmas e dar mil louvores
« Ao Padre, ao Filho e Esprito, e a ella!

(Aqui ordenão sua chacota; e a letra da cantiga he a seguinte).

TODOS.

« Quem he a desposada?
« A Virgem sagrada.
« Quem é a que paria?
« A Virgem Maria.
« Em Bethlem, cidade
« Muito pequenina,
« Vi hũa desposada
« E Virgem parida.
« Em Bethlem, cidade
« Muito pequenina,
« Vi hũa desposada
« E Virgem parida.
« Quem he a desposada?
« A Virgem sagrada.
« Quem he a que paria?
« A Virgem Maria.
« Hũa pobre casa
« Toda reluzia,
« Os anjos cantavão,
« O mundo dizia:
« Quem he a desposada?
« A Virgem sagrada.
« Quem he a que paria?
« A Virgem Maria ».

E com esta chacota se despedirão.

Auto da Feira.

FIGURAS.

MERCURIO.
TEMPO.
SERAPHIM.
DIABO.
ROMA.
AMANCIO VAZ.
DENIZ LOURENÇO.
BRANCA ANNES.
MARTA DIAS.
TESAURA.
JULIANA.
DOROTHEA.
MONECA.
GILBERTO.
NABOR.
MATHEUS.
JUSTINA.
VICENTE.
LEONARDA.
MERENCIANA.
THEODORA.
GIRALDA.

A obra seguinte he chamada Auto da Feira. Foi representada ao mui excellente Principe ElRei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua nobre e sempre leal cidade de Lisboa, ás matinas do Natal, na era do Senhor de 1527.

AUTO DA FEIRA

Entra primeiramente Mercurio, e posto em seu assento, diz:

MERCURIO.

Pera que me conheçais,
E entendais meus partidos,
Todos quantos aqui estais
Affinae bem os sentidos,
Mais que nunca, muito mais.
Eu sou estrella do ceo,
E despois vos direi qual,
E quem me ca descendeo,
E a que, e todo o al
Que me a mi aconteceo.
E porque a estronomia
Anda agora mui maneira,
Mal sabida e lisongeira,
Eu á honra deste dia
Vos direi a verdadeira.
Muitos presumem saber
As operações dos ceos,
E que morte hão de morrer,
E o que ha de acontecer
Aos anjos e a Deos,
E ao mundo e ao diabo.
E o que sabem tem por fé;
E elles todos em cabo
Terão um cão polo rabo,
E não sabem cujo he.
E cada hum sabe o que monta
Nas estrellas que olhou;
E ao moço que mandou,
Não lhe sabe tomar conta
D'hum vintem que lh'entregou.
Porém quero-vos prégar,
Sem mentiras nem cautelas,
O que per curso d'estrellas
Se poderá adivinhar,
Pois no ceu nasci com ellas.

E se Francisco de Mello,
Que sabe sciencia avondo,
Diz que o ceo he redondo,
E o sol sôbre amarello;
Diz verdade, não lh'o escondo.
  Que se o ceo fôra quadrado,
Não fôra redondo, senhor.
E se o sol fôra azulado,
D'azul fôra sua côr,
E não fôra assi dourado.
E porque está governado
Por seus cursos naturaes,
Neste mundo onde morais
Nenhum homem aleijado,
Se for manco e corcovado,
Não corre por isso mais.
  E assi os corpos celestes
Vos trazem tão compassados,
Que todos quantos nascestes,
Se nascestes e crescestes,
Primeiro fostes gerados.
E que fazem os poderes
Dos sinos resplandecentes?
Fazem que todalas gentes
Ou são homens ou mulheres,
Ou crianças innocentes.
  E porque Saturno a nenhum
Influe vida 'contina,
A morte de cada hum
He aquella de que se fina,
E não de outro mal nenhum.
Outrosi o terremoto,
Que ás vezes causa perigo,
Faz fazer ao morto voto
De não bulir mais comsigo,
Cantá de seu moto proprio.
  E a claridade encendida
Dos raios piramidaes
Causa sempre nesta vida
Que quando a vista he perdida,
Os olhos são por demais.
  E que mais quereis saber
Desses temporaes e disso,
Senão que, se quer chover,
Está o ceo para isso,
E a terra pera a receber?
A lua tem este geito:

Ve que clerigos e frades
Ja não tem ao Ceo respeito,
Mingúa-lhes as santidades,
E cresce-lhes o proveito.

Et quantum ad stella Mars, speculum belli, et Venus, Regina musicæ, secundum Joannes Monteregio:

Mars, planeta dos soldados,
Faz nas guerras conteudas,
Em que os reis são occupados,
Que morrem de homens barbados
Mais que mulheres barbudas.
E quando Venus declina,
E retrográda em seu cargo,
Não se paga o desembargo
No dia que s'elle assina,
Mas antes por tempo largo.

Et quantum ad Taurus et Aries, Cancer, Capricornius positus in firmamento cœli:

E quanto ao Touro e Carneiro,
São tão maos de haver agora,
Que quando os põe no madeiro,
Chama o povo ao carniceiro
SENHOR, c'os barretes fóra.
Depois do povo agravado,
Que ja mais fazer não póde,
Invoca o sino do Bode,
Capricornio chamado,
Porque Libra não lhe acode.

E se este não has tomado,
Nem touro, carneiro assi,
Vae-te ao sino do pescado,
Chamado *Piscis* em latim,
E seras remediado:
E se piscis não tem ensejo,
Porque póde não no haver,
Vae-te ao sino do Cranguejo,
Signum Cancer; Ribatejo,
Que está alli a quem no quer.

Sequuntur mirabilia Jupiter, Rex regum, dominus dominantium.

Jupiter, rei das estrellas,
Deos das pedras preciosas,
Mui mais precioso qu'ellas,
Pintor de todalas rosas,
Rosa mais fermosa dellas;
He tão alto seu reinado,
Influencia e senhoria,

Que faz per curso ordenado
Que tanto val hum cruzado
De noite como de dia.
E faz que hũa nao veleira
Mui forte, muito segura,
Que inda que o mar não queira,
E seja de cedro a madeira,
Não preste sem pregadura.

Et quantum ad duodecim domus Zódiacus, sequitur declaratio operationem suam.

No zodiaco acharão
Doze moradas palhaças,
Onde os sinos estão
No inverno e no verão,
Dando a Deos infindas graças.
Escutae bem, não durmais,
Sabereis por congeituras
Que os corpos celestiaes
Não são menos nem são mais
Que suas mesmas granduras.
E os que se desvelárão,
Se das estrellas souberão,
Foi que a estrella que olhárão,
Está onde a puzerão,
E faz o que lhe mandárão.
E cuidão que Ursa maior,
Ursa minor e o Dragão,
E *Lepus*, que tem paixão,
Porque hum corregedor
Manda enforcar hum ladrão?
Não, porque as constelações
Não alcanção mais poderes,
Que fazer que os ladrões
Sejão filhos de mulheres,
E os mesmos paes varões.
E aqui quero acabar.
E pois vos disse atéqui
O que se póde alcançar,
Quero-vos dizer de mi,
E o que venho buscar.
Eu sam Mercurio, senhor
De muitas sabedorias,
E das moedas reitor,
E deos das mercadorias:
Nestas tenho meu vigor.
Todos tractos e contractos,
Valias, preços, avenças,

Carestias e baratos,
Ministro suas pretenças,
Até as compras dos çapatos.
E porquanto nunca vi
Na côrte de Portugal
Feira em dia de Natal,
Ordeno hũa feira aqui
Pera todos em geral.
Faço mercador-mor
Ao Tempo, que aqui vem;
E assi o hei por bem.
E não falte comprador.
Porque o tempo tudo tem.

Entra o Tempo, e arma hũa tenda com muitas cousas, diz:

TEMPO.

Em nome daquelle que rege nas praças
D'Anvers e Medina as feiras que tem,
Começa-se a feira chamada das Graças,
A' honra da Virgem parida em Belem.
Quem quizer feirar,
Venha trocar, qu'eu não hei de vender;
Todas virtudes qu'houverem mister,
Nesta minha tenda as podem achar,
A trôco de cousas que hão de trazer.
Todos remedios especialmente
Contra fortunas ou adversidades
Aqui se vendem na tenda presente,
Conselhos maduros de sans calidades
Aqui se acharão.
As mercadorias damos e rezão,
Justiça e verdade, a paz desejada,
Porque a Christandade he toda gastada
So em serviço da opinião.
Aqui achareis o temor de Deos,
Que he ja perdido em todos Estados;
Aqui achareis as chaves dos Ceos,
Muito bem guarnidas em cordões dourados;
E mais achareis
Somma de contas, todas de contar
Quão poucos e poucas haveis de lograr
As feiras mundanas; e mais contareis
As contas sem conto qu'estão per contar.
E porque as virtudes, Senhor Deos, que digo,
Se forão perdendo de dias em dias,
Com a vontade que déste ó Messias

Memoría o teu anjo que ande comigo,
Senhor, porque temo
Ser esta feira de maos compradores,
Porque agora os mais sabedores
Fazem as compras na feira do Demo,
E os mesmos diabos são seus corretores.

Entra hum Seraphim enviado por Deos a petição do Tempo, e diz:

SERAPHIM.

Á feira, á feira, igrejas, mosteiros,
Pastores das almas, Papas adormidos;
Comprae aqui pannos, mudae os vestidos,
Buscae as çamarras dos outros primeiros
Os antecessores.
Feirae o carão que trazeis dourado;
O' presidentes do crucificado,
Lembrae-vos da vida dos sanctos pastores
Do tempo passado.
O' Principes altos, imperio facundo,
Guardae-vos da ira do Senhor dos Ceos;
Comprae grande somma do temor de Deos
Na feira da Virgem, Senhora de mundo,
Exemplo de paz,
Pastora dos anjos, luz das estrellas.
Á feira da Virgem, donas e donzellas,
Porque este mercador sabei que aqui traz
As cousas mais bellas.

Entra hum Diabo com hũa tendinha diante de si, como bufarinheiro, e diz:

DIABO.

Eu bem me posso gabar,
E cada vez que quizer,
Que na feira onde eu entrar
Sempre tenho que vender,
E acho quem me comprar.
E mais vendo muito bem,
Porque sei bem o que entendo;
E de tudo quanto vendo
Não pago sisa a ninguem
Por tracto que ande fazendo.
Quero-me fazer á vela
Nesta sancta feira nova.
Verei os que vem a ella,
E mais verei quem m'estrova
De ser eu o maior della.

TEM. Es tu tambem mercador,
Que a tal feira t'offereces?
DIA. Eu não sei se me conheces.
TEM. Fallando com salvanor,
Tu diabo me pareces.

DIABO.

Fallando com salvos rabos,
Inda que me tens por vil,
Acharás homens cem mil
Honrados, que são diabos,
Que eu não tenho nem ceitil.
E bem honrados te digo,
E homens de muita renda,
Que tem divedo comigo.
Pois não me tolhas a venda,
Que não hei nada comtigo.

TEMPO. (ao Seraphim.)

Senhor, em toda maneira
Acudí a este ladrão,
Que me ha de danar a feira.
DIA. Ladrão? Pois haj'eu perdão,
Se vos metter em canceira.
Olhae ca, anjo de bem,
Eu, como cousa perdida,
Nunca me tolhe ninguem
Que não ganhe minha vida,
Como quem vida não tem.
Vendo dessa marmelada,
E ás vezes grãos torrados,
Isto não releva nada;
E em todolos mercados
Entra a minha quintalada.
SER. Muito bem sabemos nós
Que vendes tu cousas vis.
DIA. Hi ha de homens rũis
Mais mil vezes que não bôs,
Como vós mui bem sentis.
E estes hão de comprar
Disto que trago a vender,
Que são artes de enganar,
E cousas para esquecer
O que devião lembrar.
Que o sages mercador
Ha de levar ao mercado
O que lhe comprão melhor;

Porque a ruim comprador
Levar-lhe ruim borcado.
  E mais as boas pessoas
São todas pobres a eito;
E eu por este respeito
Nunca tracto em cousas boas,
Porque não trazem proveito.
Toda a glória de viver
Das gentes he ter dinheiro,
E quem muito quizer ter
Cumpre-lhe de ser primeiro
O mais ruim que puder.
  E pois são desta maneira
Os contractos dos mortaes,
Não me lanceis vós da feira
Onde eu hei de vender mais
Que todos á derradeira.

SER. Venderás muito perigo,
Que tens nas trevas escuras.

DIA. Eu vendo perfumaduras,
Que, pondo-as no embigo,
Se salvão as criaturas.
  Ás vezes vendo virotes,
E trago d'Andaluzia
Naipes com que os sacerdotes
Arreneguem cada dia,
E joguem té os pellotes.

SER. Não venderás tu aqui isso,
Que esta feira he dos ceos:
Vae lá vender ao abisso
Logo, da parte de Deos.

DIA. Senhor, apello eu disso.
  S'eu fosse tão mao rapaz,
Que fizesse fôrça a alguem,
Era isso muito bem;
Mas cada hum veja o que faz,
Porque eu não forço ninguem.
Se me vem comprar qualquer
Clerigo, leigo ou frade
Falsas manhas de viver,
Muito por sua vontade;
Senhor, que lh'hei de fazer?
  E se o que quer bispar
Ha mister hypocrisia,
E com ella quer caçar;
Tendo eu tanta em porfia,
Porque lh'a hei de negar?

E se hũa doce freira
Vem á feira
Por comprar hum inguento,
Com que voe do convento;
Senhor, inda que eu não queira,
L'hei de dar aviamento.

MERCURIO.

Alto, Tempo, apparelhar,
Porque Roma vem á feira.

DIA. Quero-me eu concertar,
Porque lhe sei a maneira
De seu vender e comprar.

Entra Roma, cantando.

ROMA.

« Sôbre mi armavão guerra;
« Ver quero eu quem a mi leva.
« Tres amigos que eu havia,
« Sôbre mi armão porfia;
« Ver quero eu quem a mi leva. »
Vejamos se nesta feira,
Que Mercurio aqui faz,
Acharei a vender paz,
Que me livre da canceira
Em que a fortuna me traz.
Se os meus me desbaratão,
O meu soccorro onde está?
Se os Christãos mesmo me matão,
A vida quem m'a dara,
Que todos me desacatão?
Pois s'eu aqui não achar
A paz firme e de verdade
Na sancta feira a comprar,
Cant'a mi dá-me a vontade
Que mourisco hei de fallar.

DIA. Senhora, se vos prouver,
Eu vos darei bom recado.

ROM. Não pareces tu azado
Pera trazer a vender
O que eu trago no cuidado.

DIABO.

Não julgueis vós pola côr,
Porque em al vai o engano;
Ca dizem que sob mao panno
Está o bom bebedor:
Nem vós digais mal do anno.

ROMA.

Eu venho á feira direita
Comprar paz, verdade e fé.

DIA. A verdade pera que?
Cousa que não aproveita,
E aborrece, pera que he?
Não trazeis bôs fundamentos
Pera o que haveis mister;
E a segundo são os tempos,
Assi hão de ser os tentos,
Pera saberdes viver.
E pois agora á verdade
Chamão Maria peçonha,
E parvoice á vergonha,
E aviso á ruindade;
Peitae a quem vo-la ponha,
A ruindade digo eu:
E aconselho-vos mui bem,
Porque quem bondade tem
Nunca o mundo sera seu,
E mil canceiras lhe vem.
Vender-vos-hei nesta feira
Mentiras vinta tres mil,
Todas de nova maneira,
Cada hũa tão subtil,
Que não vivais em canceira;
Mentiras pera senhores,
Mentiras pera senhoras,
Mentiras pera os amores,
Mentiras, que a todas horas
Vos nasção dellas favores.
E como formos avindos
Nos preços disto que digo,
Vender-vos-hei como amigo
Muitos enganos infindos,
Que aqui trago comigo.

ROM. Tudo isso tu vendias,
E tudo isso feirei
Tanto, que inda venderei,
E outras sujas mercancias,
Que por meu mal te comprei.
Porque a trôco do amor
De Deos, te comprei mentira,
E a trôco do temor
Que tinha da sua ira,
Me déste o seu desamor:
E a trôco da fama minha

E sanctas prosperidades,
Me déste mil torpidades;
E quantas virtudes tinha
Te troquei polas maldades.
E pois ja sei o teu geito,
Quero ir ver que vai ca.

DIA. As cousas que vendem lá
São de bem pouco proveito
A quemquer que as comprará.

Vai-se Roma ao Tempo e Mercurio, e diz:

ROMA.

Tão honrados mercadores
Não podem leixar de ter
Cousas de grandes primores;
E quant'eu houver mister
Deveis vós de ter, senhores.

SER. Sinal he de boa feira
Virem a ella donas taes;
E pois vós sois a primeira,
Queremos ver que feirais
Segundo vossa maneira.
Ca, se vós a paz quereis,
Senhora, sereis servida,
E logo a levareis
A trôco de sancta vida;
Mas não sei se a trazeis.
Porque, Senhora, eu me fundo
Que quem tem guerra com Deos,
Não póde ter paz c'o mundo;
Porque tudo vem dos ceos,
Daquelle poder profundo.

ROMA.

A trôco das estações
Não fareis algum partido,
E a trôco de perdões,
Que he thesouso concedido
Para quaesquer remissões?
Oh! vendei-me a paz dos ceos,
Pois tenho o poder na terra.

SER. Senhora, a quem Deos dá guerra,
Grande guerra faz a Deos,
Que he certo que Deos não erra.
Vêde vós que lhe fazeis,
Vêde como o estimais,
Vêde bem se o temeis;
Attentae com quem lutais,

Que temo que cahireis.
ROM. Assi que a paz não se dá
A trôco de jubileus?
MER. O' Roma, sempre vi lá
Que matas peccados ca,
E leixas viver os teus.
E não te corras de mi:
Mas com teu poder facundo
Assolves a todo o mundo,
E não te lembras de ti,
Nem ves que te vas ao fundo.
ROM. O' Mercurio, valei-me ora,
Que vejo maos apparelhos.
MER. Dá-lhe, Tempo, a essa Senhora
O cofre dos meos conselhos:
E podes-te ir muito embora.
Hum espelho hi acharás,
Que foi da Virgem sagrada.
Co'elle te toucarás,
Porque vives mal toucada,
E não sintes como estás:
E acharás a maneira
Como emendes a vida:
E não digas mal da feira;
Porque tu seras perdida,
Se não mudas a carreira.
Não culpes aos reis do mundo,
Que tudo te vem de cima,
Polo que fazes ca em fundo:
Que, offendendo a causa prima,
Se resulta o mal segundo.
E tambem o digo a vós,
E a qualquer meu amigo,
Que não quer guerra comsigo:
Tenha sempre paz com Deos,
E não temerá perigo.

DIABO.

Preposito Frei Sueiro,
Diz lá o exemplo velho,
Dá-me tu a mim dinheiro,
E dá ao demo o conselho.

Depois de ida Roma, entrão dous lavradores, hum per nome Amancio Vaz, e outro Deniz Lourenço, e diz:

AMANCIO VAZ.

Compadre, vas tu á feira?
DEN. A' feira, compadre.

AMA. Assi;
Ora vamos eu e ti
O' longo desta ribeira.
DEN. Bofá, vamos.
AMA. Folgo bem
De te vir aqui achar.
DEN. Vas tu lá buscar alguem,
Ou esperas de comprar?

AMANCIO VAZ.

Isso te quero contar,
E iremos patorneando,
E er tambem aguardando
Polas moças do logar.
Compadre, enha mulher
He muito destemperada,
E agora, se Deos quizer,
Faço conta de a vender,
E da-la-hei por quasi nada.
Qu'eu quando casei com ella
Dizião-me, — hétega he;
E eu cuidei pola abofé
Que mais cedo morresse ella,
E ella anda inda em pé.
E porque era hétega assim
Foi o que m'a mim danou:
Avonda qu'ella engordou,
E fez-me hétego a mim.

DENIZ LOURENÇO.

Tens boa mulher de teu:
Não sei que tu has, amigo.
AMA. S'ella casára comtigo,
Renegáras tu com'eu,
E dixeras o que eu digo.
DEN. Pois, compadre, cant'á minha,
He tão molle e desatada,
Que nunca dá peneirada,
Que não derrame a farinha.
E não põe cousa a guardar,
Que a tope quando a cata;
E por mais que homem se mata,
De birra não quer fallar.
Tras d'hũa pulga andará
Tres dias, e oito, e dez,
Sem lhe lembrar o que fez,
Nem tampouco o que fara.

Pera que t'hei de fallar?
Quando hontem cheguei do mato
Poz hũa enguia a assar,
E crua a leixou levar,
Por não dizer sape a hum gato.
Cant'a mansa, mansa he ella;
Dá-me logo cant'á disso.

AMA. Juro-t'eu que mais val isso
Cincoenta vezes qu'ella.
A minha te digo eu
Que se a visses assanhada,
Parece demoninhada,
Ante San Bartholomeu.

DEN. Ja siquer tera esp'rito:
Mas renega da mulher
Que ó tempo do mister
Não he cabra nem cabrito.

AMANCIO VAZ

A minha tinh'eu em guarda
Para bem de minha prol,
Cuidando que era ourinol,
E tornou-se-me bombarda.
Folga tu que ess'outra tenhas,
Porque a minha he tal perigo,
Que por nada que lhe digo
Logo me salta nas grenhas.
Então tanto punho sêcco
Me chimpa nestes focinhos;
Eu chamo pelos vezinhos,
E ella nego dar-me em xeco.

DEN. Isso he de coraçuda;
Não cures de a vender,
Que s'alguem te mal fizer,
Ja siquer tens quem te acuda.
Mas a minha he tão cortez,
Que se viesse ora á mão
Que m'espancasse hum rascão,
Não diria, — mal fazês:
Mas antes s'assentaria
A olhar como eu bradava.
Todavia a mulher brava
He, compadre, a qu'eu queria.

AMANCIO VAZ.

Pardeos! tanto me faras,
Que feire a minha comtego.

DEN. Se queres feirar comego,

Vejamos que me daras.
AMA. Mas antes m'has de tornar,
Pois te dou mulher tão forte,
Que te castigue de sorte
Que não ouses de fallar,
Nem no mato nem na côrte.
Outro bem teras com ella:
Quando vieres da arada,
Comerás sardinha assada,
Porqu'ella jenta a panella.
Então geme, pardeos, si,
Diz que lhe doe a moleira.
DEN. Eu faria por maneira
Que esperasse ella por mi.

AMANCIO VAZ.

Que lh'havias de fazer?
DEN. Amancio Vaz, eu o sei bem.
AMA. Deniz Lourenço, ei-las ca vem
Vamo-nos nós esconder,
Vejamos que vem catar,
Qu'ellas ambas vem a feira.
Mette-te nessa silveira,
Qu'eu daqui hei d'espreitar.

Vem Branca Annes a brava, e Marta Dias a mansa, e vem dizendo a brava:

BRANCA ANNES.

Pois casei má hora, e nella,
E com tal marido, prima,
Comprarei ca hũa gamella,
Para o ter debaixo della,
E hum gran penedo em cima.
Porque vai-se-me ás figueiras,
E come verde e maduro;
E quantas uvas penduro
Jeita nas gorgomileiras:
Parece negro monturo.
Vai-se-m'ás ameixieiras,
Antes que sejão maduras;
Elle quebra as cereijeiras,
Elle vendima as parreiras,
E não sei que faz das uvas.
Elle não vai á lavrada,
Elle todo o dia come,
Elle toda a noute dorme,
Elle não faz nunca nada,
E sempre me diz que ha fome.

Jesu! posso-te dizer,
E jurar e tresjurar,
E provar e reprovar,
E andar e revolver,
Qu'he melhor pera beber,
Que não pera maridar.
O demo que o fez marido!
Que assi sêcco como he
Beberá a tôrre da Sé:
Então arma hum arruido
Assim debaixo do pé.

MARTA DIAS.

Pois bom homem parece elle.
DEN. Aquella he a minha froxa.
MAR. Deu-t'elle a fraldilha roxa?
BRA. Melhor lh'esfole eu a pelle.
Que homem ha hi da puxa.
O diabo que o eu dou,
Que o leve em fatiota,
E o ladrão que m'o gabou;
E o frade que me casou
Inda o veja na picota
E rógo á Virgem da Estrella,
E á sancta Gerjalem,
E ós choros da Madanella,
E á asninha de Belem,
Que o veja eu ir á vela
Para donde nunca vem.
DEN. Compadre, nó mais soffrer:
Sae de lá desse silvado.
AMA. Pera eu ser arrepelado.
Não havi'eu mais mester.

DENIZ LOURENÇO.

E não n'has tu de vender?
AMA. Tu dizes que a qués feirar.
DEN. Não qu'ella se me tomar,
Leixar-m'ha quando quizer.
Mas dêmo-las á ma estreia;
E voto que nos tornemos,
E er depois tornaremos
Com as cachopas d'aldeia:
Entonces concertaremos.

AMANCIO VAZ.

Isso me parece a mi
Muito melhor que eu ir lá.

Oh que couces que me dá,
Quando me colhe sob si!
DEN. Cant'áquella si dará.
DIA. Mulheres, vós que me quereis?
Nesta feira que buscais?
MAR. Queremo-la ver, nó mais.
Pera ver em que tractais,
E as cousas que vendeis.
Tendes vós aqui anneis?
DIA. Quejandos? de que feição?
MAR. D'huns que fazem de latão.
DIA. Pera as mãos, ou pera os pés?
MAR. Não — Jesu, nome de Jesu,
Deos e homem verdadeiro!

Foge o diabo, e Marta diz:

MARTA DIAS.

Nunca eu vi bufalinheiro
Tão prestes tomar o mu.
Branc'Annes mana, cre tu
Que, como Jesu he Jesu,
Era este o diabo inteiro.

BRANCA ANNES.

Não he elle pao de boa lenha,
Nem lenha de bo madeiro.
MAR. Bofá, nunqu'elle ca venha.
BRA. Viagem de Jão moleiro,
Que foi pola cal d'azenha.
MAR. Pasmada estou eu de Deos
Fazer o demo marchante!
Mana, daqui por diante
Não caminhemos nós sos.

BRANCA ANNES.

S'eu soubera quem elle era,
Fizera-lhe bom partido:
Que me levára o marido,
E quanto tenho lhe dera,
E o toucado e o vestido.
Inda que mais não levára
Desta feira, em extremo
Me alegrára e descançára,
Se o vira levar o demo,
E que nunca mais tornára.
Porque, inda que era diabo,
Fizera serviço a Deos,

E a mim merce em cabo;
E viera-me dos ceos,
Como vem a frol ao nabo.

Vão-se ao Tempo, e diz Marta:

MAR. Dizei, Senhores de bem,
Nesta tenda que vendeis?
SER. Esta tenda tudo tem;
Vêde vós o que quereis,
Que tudo se fara bem.
Conciencia quereis comprar,
De que vistais vossa alma?
MAR. Tendes sombreiros de palma
Muito bôs para segar,
E tapados pera a calma?
SER. Conciencia digo eu,
Que vos leva ao paraiso.
BRA. Não sabemos nós qu'he isso:
Dae-o ó decho por seu,
Que ja não he tempo disso.

MARTA DIAS.

Tendes vós aqui borel,
Do pardo de lan meirinha?
BRA. Eu queria hũa pucarinha
Pequenina para mel.
SER. Esta feira he chamada
Das virtudes em seus tratos.
MAR. Das virtudes! e ha aqui patos?
BRA. Quereis feirar a cevada
Quatro pares de sapatos?
SER. Oh piedoso Deos eterno!
Não comprareis para os ceos
Hum pouco d'amor de Deos.
Que vos livre do inferno?
BRA. Isso he fallar per pinceos.

SERAPHIM.

Esta feira não se fez
Pera as cousas que quereis.
BRA. Pois cant'a essas que vendeis,
Daqui affirmo outra vez
Que nunca as vendereis.
Porque neste sigro em fundo
Todos somos negligentes:
Foi ar que deu polas gentes,
Foi ar que deu pelo mundo,
De que as almas são doentes:

E se hão de correger
Quando for todo danado:
Muito cedo se ha de ver;
Que ja elle não póde ser.
Mais torto nem aleijado.
Vamo-nos, Marta, á carreira,
Que as moças do logar
Virão cá fazer a feira,
Qu'estes não sabem ganhar,
Nem tem cousa qu'homem queira.

MARTA DIAS.

Eu não vejo aqui cantar,
Nem gaita, nem tamboril,
E outros folgares mil,
Que nas feiras soem d'estar:
E mais feira de Natal,
E mais de Nossa Senhora,
E estar todo Portugal.

BRA. S'eu soubera qu'era tal,
Não estivera eu ca agora.

Vem á feira nove moças dos montes, e tres mancebos, todas com cestos nas cabeças cobertos, cantando, e como chegão, se assentão por ordem a vender; e diz-lhe o

SERARHIM.

Pois vindes vender á feira,
Sabei que he feira dos ceos;
Por tal vendei de maneira
Que não offendais a Deos,
Roubando a gente estrangeira.

TES. Responde-lhe, Leonarda,
Tu Justina, ou Juliana.

JUL. Mas responda-lhe Giralda,
Tesaura, ou Merenciana.

MERENCIANA.

Responde-lhe, Theodora,
Porque creio que a ti creia.

TES. Responda-lhe Doroteia,
Pois que mora
Junto c'o Juiz d'aldeia.

DOR. Moneca responderá,
Que fallou ja c'o Senhor.

MON. Responde-lhe tu, Nabor,
Comtigo s'entenderá.

Ou Denisio, oủ Gilberto,
Qualquer de vós outros tres,
E não vos embaraceis nem torvês,
Porque he certo
Que bem vos entenderês.
GIL. Estas cachopas não vem
Á feira nego a folgar,
E trazem de merendar
Nesses cestos que hi tem.
Mas pois quanto ao que entendo,
Sois samica anjo de Deos;
Quando partistes dos ceos,
Que ficava elle fazendo?
SER. Ficava vendo o seu gado.
GIL. Sancta Maria! gado ha lá?
Oh Jesu! como o terá
O Senhor gordo e guardado!
E ha lá boas ladeiras,
Como na serra d'Estrella?
SER. Si.
GIL. E a Virgem que faz ella?
SER. A Virgem olha as cordeiras,
E as cordeiras a ella.
GIL. E os Sanctos de saude
Todos, a Deos louvores?
SER. Si.
GIL. E que legoas havera
Daqui á porta do Paraizo,
Onde San Pedro está?

NABOR.

Lá vem ó redor das vinhas
Compradores a comprar
Samica ovos e gallinhas.
DOR. Não lhe hei de vender as minhas,
Que as trago pera dar.

Vem dous compradores, hum per nome Vicente, e outro Matheus, e diz Matheus a Justina.

MATHEUS.

Vós rosa do amarello,
Mana, tendes hi queijadas?
JUS. Tenho vosso avô marmelo;
Conhecei-lo?
MAT. Aqui estão emborilhadas.
JUS. Estade ma ora quêdo.
Pela vossa negra vida.
MAT. Menina, não hajais medo:

Vós sois mais engrandecida
Que Branca de Figueiredo.
Se trazeis ovos, meus olhos,
Não m'os vendais a ninguem.

JUS. Andar em burra e ter bem:
Ouvide ora o rasca-piolhos
(Azeite no micho!) em que vem!

VIC. Minha vida Leonarda
Traz caça para vender?

LEO. Vossa vida negra e parda
Não lhe abastará comer
Da vacca com da mostarda?

VICENTE.

E a mesa de meu senhor
Irá sem ave de penna?

LEO. Quem? e vós sois comprador?
Pois nem grande nem pequena
Não matou o caçador.

VIC. Matais-me vós logo bem
Com dous olhinhos qu'eu digo.

LEO. Mais vos mata a vós o trigo,
Porque não vale a vintem,
E traz mao micho comsigo.

VICENTE.

Vós fazeis de mim rascão.

LEO. Páção vos fizestes vós;
Porém bem vos vimos nós
Guardar bois no Alqueidão.

MAT. Que vindes vender á feira,
Theodora, alma minha,
Minha alma, minha canceira?
Trazeis algũa gallinha?

THE. Som voss'alma gallinheira.
Que ma ora ca vieste
Pera quem vos poz no paço!

MAT. Senhora, eu que vos faço,
Que vos agastais tão prestes?
Dizei-me vós, Theodora,
Trazeis vós tal cousa tal
Deste geito, muito embora?
Mas lá dess'outro metal
Não fallão á lavradora.

VICENTE.

Senhora Moneca, trazeis
Algum cabrito recente?

MON. Não bofé, Senhor Vicente :
Quizera ora trazer tres,
De que vós foreis contente.
VIC. Juro á sancta cruz de palha
Qu'hei de ver o que aqui'stá.
MON. Não revolvais aramá,
Que não trago nemigalha.

VICENTE.
Não me façais descortez,
Nem queirais ser tão garrida.
MON. Pola vossa negra vida !
Olhade como he cortez !
Oh ! que lhe saia ma sahida.
MAT. Giralda, eu achar-vos-hei
Dous pares de passarinhos ?
GIR. Irei por elles aos ninhos,
Entonces os venderei :
Comereis vós estorninhos ?

MATHEUS.
Respondeis como mulher
Muito de sua vontade.
GIR. Pois digo-vo-la verdade :
Passaros hei de vender ?
Olhae aquella piedade !

VICENTE.
Senhora minha Juliana,
Peço-vos que me falleis
Discreta palaciana,
E dizei-me que vendeis.
JUL. Vendo favas de Viana.
VIC. Tendes alguns laparinhos ?
JUL. Sim, de porca.
VIC. Nem coelhos ?
JUL. Quereis comprar dous francelhos,
Para caçardes ratinhos ?
VIC. Quero, polos evangelhos.

MATHEUS.
Vós Tesaura, minha estrella,
Não virieis ca em vão.
TES. Pois si, vossa estrella vos er'ella :
Como aquillo he de rascão !
MAT. Mas como isso he de donzella !
Porém vá ja como vai,
E casemo-nos, senhora.

TES. Pois casae co'elle, casae.
Casar ma ora, meu pae,
Casar ma ora.

MATHEUS.

Porém trazeis algum pato?
TES. E quanto dareis por elle?
Hui! e elle revolve o fato:
Olho mao se metta nelle.
MAT. Não trazeis vós o qu'eu cato.
VIC. Merenciana deve ter
Neste cesto algum cabrito.
MER. Não m'haveis de revolver,
Senão pardeos que dê grito
Tamanho, qu'haveis de ver.

VICENTE.

Eu hei de ver que trazeis.
MER. Se vós no cesto bolis...
VIC. Senhora, que me fareis?
MER. Hum aqui-delrei, ouvis?
Não sejais vós descortez.
VIC. Não quero senão amores,
Pois vosso, senhora, sô.
MER. Amores de vosso avô,
O da ilha dos Açores.
Andar aramá vós so.

MATHEUS.

Vamo-nos daqui, Vicente.
VIC. Bofá vamos.
MAT. Nunca vi tal feira.
VIC. Vamos comprar á ribeira,
Qu'anda lá a cousa mais quente.

Vão-se os compradores, e diz o Seraphim ás moças:

SERAPHIM.

Vós outras quereis comprar
Das virtudes?
TODAS. Senhor, não.
SER. Saibamos porque razão.
DOR. Porque no nosso logar
Não dão por virtudes pão;
Nem casar não vejo eu
Por virtudes a ninguem.
Quem tiver muito de seu,
E tão bôs olhos como eu,
Sem isso casará bem.

SERAPHIM.

Pois porque viestes ora
Cansar á feira de pé?

THE. Porque nos dizem que he
Feira de Nossa Senhora:
E vêdes aqui porque.
E as graças que dizeis
Que tendes aqui na praça,
Se vós outros as vendeis,
A Virgem as dá de graça
Aos bôs, como sabeis.
E porque a graça e alegria
A madre da consolação
Deu ao mundo neste dia,
Nós vimos com devação
A cantar-lhe hũa folia.
E pois que ja descansamos
Assi em boa maneira,
Moças, assi como estamos,
Dêmos fim a esta feira,
Primeiro que nos partamos.

Alevantão-se todas, e ordenadas em folia cantárão a cantiga seguinte, com que se despedirão.

1.º Côro.

« Blanca estais colorada,
« Virgem sagrada.
« Em Belem villa do amor
« Da rosa nasceo a flor:
« Virgem sagrada ».

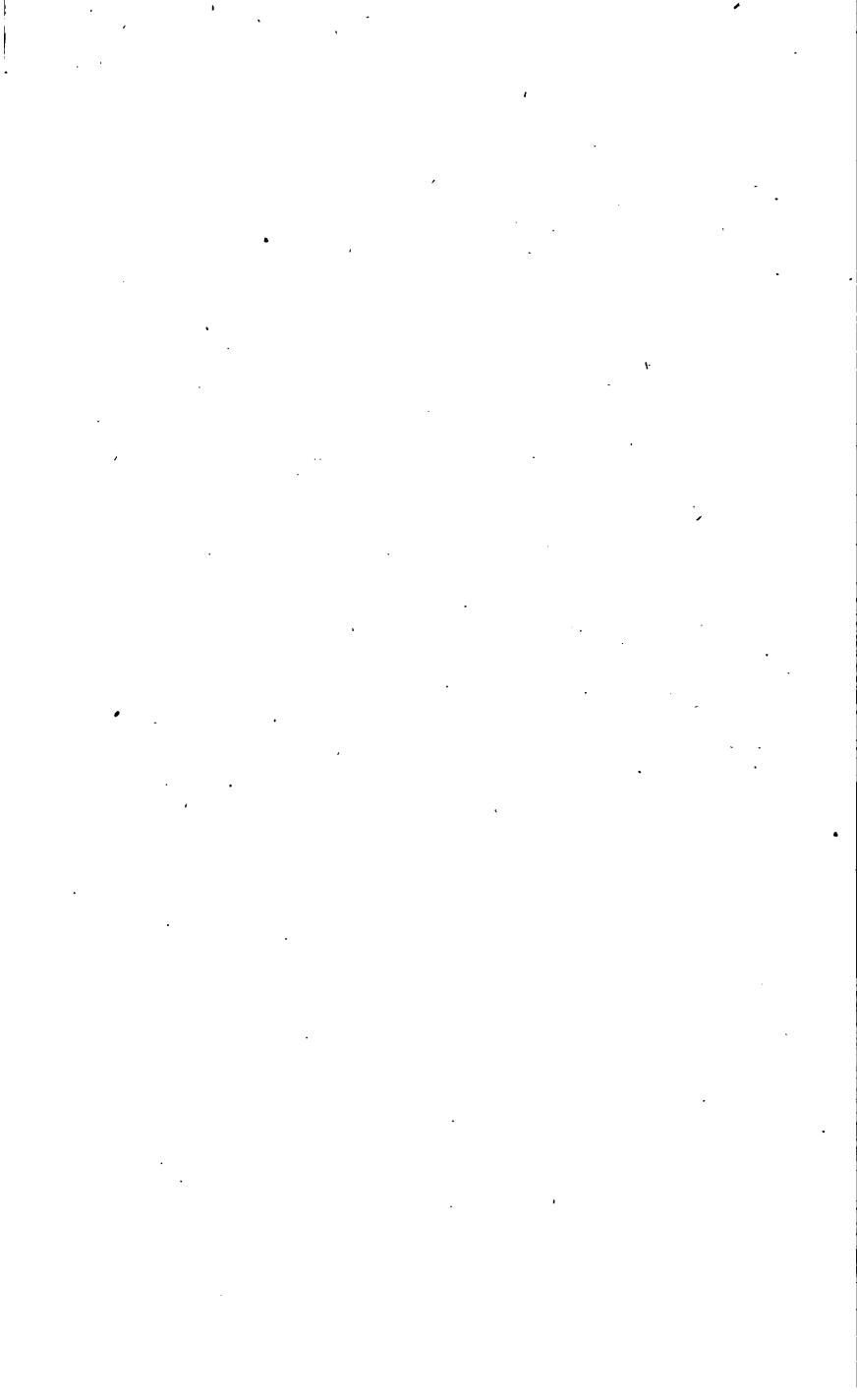
2.º Côro.

« Em Belem villa do amor
« Nasceo a rosa do rosal:
« Virgem sagrada ».

1.º Côro.

« Da rosa nasceo a flor,
« Pera nosso Salvador:
« Virgem sagrada ».

2.º Côro.

« Nasceo a rosa do rosal,
« Deos e homem natural:
« Virgem sagrada ».

Auto da Alma.

FIGURAS.

ALMA.
ANJO CUSTODIO.
IGREJA.
S. AGOSTINHO.
S. AMBROSIO.
S. JERONIMO.
S. THOMAZ.
DOUS DIABOS.

Este auto presente foi feito á muito devota Rainha Dona Leonor, e representado ao muito poderoso e nobre Rei Dom Emanuel, seu irmão, por seu mandado, na cidade de Lisboa nos paços da Ribeira, em a noute de endoenças; era do Senhor 1508.

AUTO DA ALMA.

ARGUMENTO.

Assi como foi cousa muito necessaria haver nos caminhos estalagens, pera repouso e refeição dos cansados caminhantes, assi foi cousa conveniente que nesta caminhante vida houvesse hũa estalajadeira, pera refeição e descanço das almas que vão caminhantes pera a eternal morada de Deos. Esta estalajadeira das almas he a Madre Sancta Igreja; a mesa he o altar, os manjares as insignias da paixão. E desta perfiguração tracta a obra seguinte.

Está posta hũa mesa com hũa cadeira. Vem a Madre Sancta Igreja com seus quatro doctores, San Thomaz, San Jeronimo, Sancto Ambrosio, Sancto Agostinho; e diz

AGOSTINHO.

Necessario foi, amigos,
Que nesta triste carreira
Desta vida,
Pera mui p'rigosos p'rigos
Dos imigos,
Houvesse algũa maneira
De guarida.
Porque a humana transitoria
Natureza vai cansada
Em várias calmas;
Nesta carreira da glória
Meritoria,
Foi necessario pousada
Pera as almas.

Pousada com mantimentos,
Mesa posta em clara luz,
Sempre esperando
Com dobrados mantimentos
Dos tormentos
Que o Filho de Deus na cruz
Comprou, penando.
Sua morte foi avença,
Dando, por dar-nos paraizo,

A sua vida
Apressada, sem detença;
Por sentença
Julgada a paga em províso,
E recebida.
  A sua mortal empresa
Foi, sancta estalajadeira
Igreja Madre
Consolar á sua despesa
Nesta mesa
Qualquer alma caminheira,
Com o Padre
E o anjo custodio aio..
Alma que lh'he encommendada,
Se enfraquece
E lhe vai tomando raio
De desmaio;
Se chegando a esta pousada,
Se guarece.

Vem o Anjo Custodio com a Alma, e diz:

ANJO.

  Alma humana formada
De nenhũa cousa, feita
Mui preciosa,
De corrupção separada,
E esmaltada
Naquella frágoa perfeita
Gloriosa;
  Planta neste valle posta
Pera dar celestes flores
Olorosas,
E pera serdes tresposta
Em a alta costa
Onde se crião primores
Mais que rosas;
Planta sois e caminheira,
Que ainda que estais, vos is
Donde viestes.
Vossa patria verdadeira
He ser herdeira
Da glória que conseguis:
Andae prestes.
  Alma bem-aventurada,
Dos anjos tanto querida,
Não durmais;
Hum ponto não esteis parada,

Que a jornada
Muito em breve he fenecida,
Se attentais.

ALM. Anjo que sois minha guarda,
Olhae por minha fraqueza
Terreal:
De toda a parte haja resguarda,
Que não arda
A minha preciosa riqueza
Principal.

Cercae-me sempre ó redor,
Porque vou mui temerosa
Da contenda.
O' precioso defensor
Meu favor!
Vossa espada lumiosa
Me defenda.

Tende sempre mão em mim,
Porque hei medo de empeçar,
E de cahir.

ANJ. Pera isso sam, e a isso vim;
Mas emfim
Cumpre-vos de me ajudar
A resistir.
Não vos occupem vaidades,
Riquezas, nem seus debates.
Olhae por vós;
Que pompas, honras, herdades
E vaidades,
São embates e combates
Pera vós.

Vosso livre alvedrio,
Isento, fôrro, poderoso,
Vos he dado
Polo divinal poderio
E senhorio,
Que possais fazer glorioso
Vosso estado.
Deu-vos livre entendimento,
E vontade libertada
E a memória,
Que tenhais em vosso tento
Fundamento,
Que sois por elle criada
Pera a glória.

E vendo Deos que o metal
Em que vos poz a estillar,

Pera merecer,
Que era muito fraco e mortal:
E por tal
Me manda a vos ajudar
E defender.
Andemos a estrada nossa;
Olhae não torneis atraz,
Que o imigo
A' vossa vida gloriosa
Porá grosa.
Não creais a Satanaz,
Vosso perigo.
  Continuae ter cuidado
Na fim de vossa jornada,
E a memória
Que o spirito atalaiado
Do peccado
Caminha sem temer nada
Pera a glória.
E nos laços infernaes,
E nas redes de tristura
Tenebrosas,
Da carreira que passais
Não caiais:
Siga vossa fermosura
As gloriosas.

Adianta-se o Anjo, e vem o Diabo e diz:

DIABO.

  Tão depressa, ó delicada,
Alva pomba, pera onde is?
Quem vos engana,
E vos leva tão cansada
Por estrada,
Que somente não sentis
Se sois humana?
Não cureis de vos matar,
Que ainda estais em idade
De crescer.
Tempo ha hi pera folgar.
E caminhar:
Vivei á vossa vontade,
E havei prazer.
  Gozae, gozae dos bens da terra,
Procurae por senhorios
E haveres.
Quem da vida vos desterra

A' triste serra?
Quem vos falla em desvarios
Por prazeres?
Esta vida he descanso
Doce e manso,
Não cureis d'outro paraizo:
Quem vos põe em vosso siso
Outro remanso?

ALMA.

Não me detenhais aqui,
Deixae-me ir, que em al me fundo.

DIA. Oh descansae neste mundo,
Que todos fazem assi.
Não são em balde os haveres,
Não são em balde os deleites,
E fortunas;
Não são de balde os prazeres
E comeres:
Tudo são puros affeites
Das criaturas.
Pera os homens se criárão.
Dae folga á vossa passagem
D'hoje a mais:
Descansae, pois descansárão
Os que passárão
Por esta mesma romagem
Que levais.
O que a vontade quizer,
Quanto o corpo desejar,
Tudo se faça.
Zombae de quem vos quizer
Reprender,
Querendo-vos marteirar
Tão de graça.
Tornára-me, se a vós fôra.
Is tão triste, atribulada,
Que he tormenta.
Senhora, vós sois senhora
Imperadora,
Não deveis a ninguem nada;
Sêde isenta.

ANJ. Oh! andae; quem vos detem?
Como vindes pera a glória
Devagar!
Oh meu Deos! oh summo bem!
Ja ninguem

Não se préza da victoria
Em se salvar.
  Ja cansais, alma preciosa?
Tão asinha desmaiais?
Sêde esforçada!
Oh como virieis trigosa
E desejosa,
Se visseis quanto ganhais
Nesta jornada!
Caminhemos, caminhemos;
Esforçae ora, alma sancta
Esclarecida!

Adianta-se o Anjo, e torna Satanaz:

DIABO.

  Que vaidades e que extremos
Tão supremos!
Pera que he essa pressa tanta?
Tende vida.
Is mui desautorisada,
Descalça, pobre, perdida
De remate:
Não levais de vosso nada,
Amargurada.
Assi passais esta vida
Em disparate.
Vesti ora este brial,
Mettei o braço por aqui:
Ora esperae.
Oh como vem tão real!
Isto tal
Me parece bem a mi:
Ora andae.
Huns chapins haveis mister
De Valença: — ei-los aqui.
Agora estais vós mulher
De parecer.
Ponde os braços presumptuosos:
Isso si.
Passeae-vos mui pomposa,
  Daqui pera alli, e de lá pera ca,
E fantasiae.
Agora estais vós fermosa
Como a rosa;
Tudo vos mui bem está.
Descansae.

Torna o Anjo á Alma, dizendo:

ANJO.

Que andais aqui fazendo?
ALM. Faço o que vejo fazer
Pelo mundo.
ANJ. O' Alma, is-vos perdendo;
Correndo vos is metter
No profundo.
Quanto caminhais avante,
Tanto vos tornais atraz
E atravez.
Tomastes ante com ante
Por mercante,
O cossairo Satanaz,
Porque querês.
Oh! caminhae com cuidado,
Que a Virgem gloriosa
Vos espera.
Deixais vosso principado
Desherdado!
Engeitais a glória vossa
E patria véra!
Deixae esses chapins ora,
E esses rabos tão sobejos,
Que is carregada:
Não vos tome a morte agora
Tão senhora;
Nem sejais com taes desejos
Sepultada.

ALMA.

Andae, dae-me ca essa mão;
Andae vós, que eu irei,
Quanto puder.

Adianta-se o Anjo, e torna o Diabo.

DIABO.

Todas cousas com razão
Tem sazão.
Senhora, eu vos direi
Meu parecer.
Ha hi tempo de folgar,
E idade de crescer;
E outra idade
De mandar e triumphar,
E apanhar

E acquirir prosperidade
A que puder.
  Ainda he cedo pera a morte;
Tempo ha de arrepender,
E ir ao ceo.
Ponde-vos á fór da côrte,
Desta sorte
Viva vosso parecer,
Que tal nasceo.
O ouro pera que he,
E as pedras preciosas,
E brocados?
E as sedas pera que?
Tende por fé,
Que p'ra as almas mais ditosas
Forão dados.
  Vêdes aqui hum collar
D'ouro mui bem esmaltado,
E dez anneis.
Agora estais vós p'ra casar
E namorar:
Neste espelho vos vereis,
E sabereis
Que não vos hei de enganar.
E poreis estes pendentes,
Em cada orelha seu:
Isso si;
Que as pessoas diligentes
São prudentes.
Agora vos digo eu
Que vou contente daqui.

ALMA.

  Oh como estou preciosa,
Tão dina pera servir.
E sancta pera adorar!
ANJ. Oh alma despiedosa
Perfiosa!
Quem vos devesse fugir,
Mais que guardar!
Pondes terra sobre terra;
Qu'esses ouros terra são.
O' Senhor,
Porque permittes tal guerra,
Que desterra
Ao reino da confusão
O teu lavor?

Não ieis mais despejada,
E mais livre da primeira
Pera andar?
Agora estais carregada
E embaraçada
Com cousas que, á derradeira,
Hão-de ficar.
Tudo isso se descarrega
Ao porto da sepultura.
Alma sancta, quem vos cega,
Vos carrega
Dessa van desaventura?

ALMA.

Isto não me pesa nada,
Mas a fraca natureza
Me embaraça.
Ja não posso dar passada
De cansada:
Tanta he minha fraqueza,
E tão sem graça!
Senhor, ide-vos embora,
Que remedio em mim não sento;
Ja 'stou tal...

ANJ. Sequer dae dous passos ora
Até onde mora
A que tem o mantimento
Celestial.
Ireis alli repousar,
Comereis alguns bocados
Confortosos;
Porque a hóspeda he sem par
Em agasalhar
Os que vem atribulados
E chorosos.

ALM. He longe?

ANJ. Aqui mui perto.
Esforçae, não desmaieis;
E andemos,
Qu'alli ha todo concêrto
Mui certo:
Quantas cousas querereis
Tudo tendes.
A hóspeda tem graça tanta,
Far-vos-ha tantos favores...

ALM. Quem he ella?

ANJ. He a Madre Igreja Sancta,

E os seus sanctos Doutores
Hi com ella.
Ireis d'hi mui despejada,
Cheia do Spirito Sancto,
E mui fermosa.
O' Alma, sêde esforçada!
Outra passada;
Que não tendes de andar tanto
A ser esposa.

DIABO.

Esperae, onde vos is?
Essa pressa tão sobeja
He ja pequice.
Como! vós, que presumis,
Consentis
Continuardes a igreja,
Sem velhice?
Dae-vos, dae-vos a prazer,
Que muitas horas ha nos annos
Que lá vem.
Na hora que a morte vier,
Como se quer,
Se perdoão quantos damnos
A alma tem.
Olhae por vossa fazenda:
Tendes hũas escripturas
De huns casaes,
De que perdeis grande renda.
He contenda,
Que leixárão ás escuras
Vossos paes;
He demanda mui ligeira,
Litigios que são vencidos
Em hum riso.
Citae as partes terça-feira,
De maneira
Como não fiquem perdidos:
E havei siso.

ALMA.

Cal'-te por amor de Deos,
Leixa-me, não me persigas;
Bem abasta
Estorvares os hereos
Dos altos ceos:
Que a vida em tuas brigas
Se me gasta.
Leixa-me remediar

O que tu, cruel, damnaste
Sem vergonha :
Que não me posso abalar,
Nem chegar
Ao logar onde gaste
Esta peçonha.

ANJO.

Vêdes aqui a pousada
Verdadeira e mui segura
A quem quer vida.

IGR. Oh como vindes cansada
E carregada !

ALM. Venho por minha ventura
Amortecida.

IGR. Quem sois ? pera onde andais ?

ALM. Não sei pera onde vou :
Sou salvagem,
Sou hũa alma que peccou
Culpas mortaes
Contra o Deos que me creou
A' sua imagem.
Sou a triste, sem ventura,
Creada resplandecente
E preciosa,
Angelica em fermosura,
E per natura,
Como o raio reluzente
Lumiosa.
E por minha triste sorte,
E diabolicas maldades
Violentas,
Estou mais morta que a morte,
Sem deporte,
Carregada de vaidades
Peçonhentas.
Sou a triste, sem mézinha,
Peccadora obstinada,
Perfiosa ;
Pola triste culpa minha
Mui mesquinha,
A todo o mal inclinada,
E deleitosa.
Desterrei da minha mente
Os meus perfeitos arreios
Naturaes ;
Não me prezei de prudente,
Mas contente

Me gozei c'os trajos feios
Mundanaes.
Cada passo me perdi;
Em logar de merecer,
Eu sou culpada.
Havei piedade de mi,
Que não me vi;
Perdi meu innocente ser,
E sou damnada.
E, por mais graveza, sento
Não poder-me arrepender
Quanto queria;
Que meu triste pensamento,
Sendo isento,
Não me quer obedecer,
Como soïa.
Soccorrei, hóspeda senhora,
Que a mão de Satanaz
Me tocou,
E sou ja de mim tão fóra,
Que agora
Não sei se avante, se atraz,
Nem como vou.
Consolae minha fraqueza
Com sagrada iguaria,
Que pereço,
Por vossa sancta nobreza,
Que he franqueza;
Porque o que eu merecia
Bem conheço.
Conheço-me por culpada,
E digo diante vós
Minha culpa.
Senhora, quero pousada,
Dae passada;
Pois que padeceo por nós
Quem nos desculpa.
Mandae-me ora agasalhar,
Capa dos desemparados,
Igreja Madre.

IGR. Vinde-vos aqui assentar
Mui devagar,
Que os manjares são guisados
Por Deos Padre,
Sancto Agostinho doutor,
Jeronimo, Ambrosio e Thomaz,
Meus pilares,

Servi aqui por meu amor,
A qual melhor.
E tu, Alma, gostarás
Meus manjares.
Ide á Sancta cozinha,
Tornemos esta alma em si,
Porque mereça
De chegar onde caminha,
E se detinha:
Pois que Deos a trouxe aqui,
Não pereça.

Em quanto estas cousas passão, Satanaz passeia, fazendo muitas vascas, e vem outro Diabo, e diz:

2.º Diabo.

Como andas dessocegado!

1.º D. Arço em fogo de pezar.

2.º D. Que houveste?

1.º D. Ando tão desatinado
De enganado,
Que não posso repousar
Que me preste.
Tinha hũa alma enganada,
Ja quasi pera infernal
Mui accesa.

2.º D. E quem t'a levou forçada?

1.º D. O da espada.

2.º D. Ja m'elle fez outra tal
Bulra como essa.
Tinha outra alma ja vencida,
Em ponto de se enforcar
De desesperada,
A nós toda offerecida,
E eu prestes pera a levar
Arrastada;
E elle fê-la chorar tanto,
Que as lagrimas corrião
Pola terra.
Blasfemei entonces tanto,
Que meus gritos retinnião
Pola serra.
Mas faço conta que perdi,
Outro dia ganharei,
E ganharemos.

1.º D. Não digo eu, irmão, assi:
Mas a esta tornarei,
E veremos.

Torna-la-hei a affagar,
Depois que ella sair fóra
Da Igreja
E começar de caminhar;
Hei de apalpar
Se vencerão ainda agora
Esta peleja.

Entra a Alma, com o Anjo.

ALMA.

Vós não me desempareis,
Senhor meu anjo custodio.
O' increos
Imigos, que me quereis,
Que ja sou fóra do odio
De meu Deos?
Leixae-me ja, tentadores,
Neste convite prezado
Do Senhor,
Guisado aos peccadores
Com as dores
De Christo crucificado,
Redemptor.

Estas cousas estando a Alma assentada á mesa, e o Anjo junto com ella em pé, vem os Doutores com quatro bacios de cozinha cubertos, cantando, Vexilla regis prodeunt; *e, postos na mesa, diz Sancto Agostinho:*

AGOSTINHO.

Vós, senhora convidada,
Nesta cea soberana
Celestial,
Haveis mister ser apartada
E transportada
De toda a cousa mundana
Terreal.
Cerrae os olhos corporaes,
Deitae ferros aos damnados
Appetitos,
Caminheiros infernaes;
Pois buscais
Os caminhos bem guiados
Dos contritos.

IGREJA.

Benzei a mesa vós, senhor,
E pera consolação

Da convidada,
Seja a oração de dor
Sôbre o tenor
Da gloriosa paixão
Consagrada.
E vós, Alma, rezareis,
Contemplando as vivas dores
Da Senhora :
Vós outros respondereis,
Pois que fostes rogadores
Até 'gora.

Oração

para Sancto Agostinho.

Alto Deos maravilhoso,
Que o mundo visitaste
Em carne humana,
Neste valle temeroso
E lacrimoso
Tua glória nos mostraste
Soberana ;
E teu filho delicado,
Mimoso da Divindade
E natureza,
Per todas partes chagado,
E mui sangrado,
Pela nossa infirmidade
E vil fraqueza.
Oh Imperador celeste,
Deos alto mui poderoso
Essencial,
Que polo homem que fizeste,
Offereceste
O teu estado glorioso
A ser mortal !
E tua filha, madre, esposa,
Horta nobre, frol dos ceos,
Virgem Maria,
Mansa pomba gloriosa ;
Oh quão chorosa
Quando o seu Deos padecia !
Oh lagrimas preciosas,
De virginal coração
Estilladas !
Correntes das dores vossas
C'os olhos da perfeição

Derramadas!
Quem hũa so podéra haver,
Víra claramente nella
Aquella dor,
Aquella pena e padecer,
Com que choraveis, donzella,
Vosso amor.
E quando vós amortecida,
Se lagrimas vos faltavão,
Não faltava
A vosso filho e vossa vida
Chorar as que lhe ficavão
De quando orava.
Porque muito mais sentia
Polos seus padecimentos
Ver-vos tal;
Mais que quanto padecia,
Lhe doïa,
E dobrava seus tormentos,
Vosso mal.
Se se podesse dizer,
Se se podesse rezar
Tanta dor;
Se se podesse fazer
Podermos ver
Qual estaveis ao cravar
Do Redemptor!
Oh fermosa face bella,
Oh resplandor divinal,
Que sentistes,
Quando a cruz se poz á vela,
E posto nella
O filho celestial
Que paristes!
Vendo por cima da gente
Assomar vosso confôrto
Tão chagado,
Cravado tão cruelmente,
E vós presente,
Vendo-vos ser mãe do morto,
E justiçado!
Oh rainha delicada,
Sanctidade escurecida,
Quem não chora
Em ver morta debruçada
A avogada,
A fôrça da nossa vida!

AMBROSIO.

Isto chorou Hieremias
Sôbre o monte de Sion
Ha ja dias;
Porque sentio que o Messias
Era nossa redempção.
E chorava a sem ventura,
Triste de Jerusalem
Homecida,
Matando, contra natura,
Seu Deos nascido em Belem
Nesta vida.

JERONIMO.

Quem vira o sancto cordeiro
Antre os lobos humildoso,
Escarnecido,
Julgado pera o marteiro
Do madeiro,
Seu rosto alvo e fermoso
Mui cuspido!

AGOSTINHO. (benze a mesa)

A benção do Padre eternal,
E do Filho, que por nós
Soffreo tal dor,
E do Spirito Sancto, igual
Deos immortal,
Convidada, benza a vós
Por seu amor.

IGREJA.

Ora sus, venha agua ás mãos.

AGO. Vós haveis-vos de lavar
Em lagrimas da culpa vossa,
E bem levada.
E haveis-vos de chegar
A alimpar
A hũa toalha fermosa,
Bem lavrada
C'o sirgo das veias puras
Da Virgem, sem mágoa nascido
E apurado,
Torcido com amarguras
Ás escuras,
Com grande dor guarnecido
E acabado.
Não que os olhos alimpeis,
Que o não consentirão

Os tristes laços;
Que taes pontos achareis
De face e envés,
Que se rompe o coração
Em pedaços.
Vereis seu triste lavrado
Natural,
Com tormentos pespontado,
E figurado
Deos creador em figura
De mortal.

Esta toalha de que aqui se falla, he a Veronica, a qual S. Agostinho tira d'antre os bacios, e amostra á Alma; e a Madre Igreja, com os Doutores, lhe fazem adoração de joelhos, cantando, Salve, sancta Facies. *E acabando, diz a Madre Igreja:*

IGREJA.

Venha a primeira iguaria.

JER. Esta iguaria primeira
Foi, Senhora,
Guisada sem alegria
Em triste dia,
A crueldade cozinheira
E matadora.
Gosta-la-heis com salsa e sal
De choros de muita dor;
Porque os costados
Do Messias divinal
Sancto, sem mal,
Forão polo vosso amor
Açoutados.

Esta iguaria em que aqui se falla, são os Açoutes; e em este passo os tirão dos bacios, e os presentão á Alma, e todos de joelhos adorão, cantando, Ave flagellum; *e despois diz*

JERONIMO.

Est'outro manjar segundo
He iguaria.
Que haveis de mastigar,
Em contemplar
A dor que o Senhor do mundo
Padecia,
Pera vos remediar,
Foi hum tormento improviso,
Que aos miolos lhe chegou:

E consentio,
Por remediar o siso,
Que a vosso siso faltou;
E pera ganhardes paraizo,
A soffrio.

Esta iguaria segunda de que aqui se falla, he a Coroa de espinhos; e em este passo a tirão dos bacios, e de joelhos os sanctos Doutores cantão, Ave corona espiniarum; *e acabando diz a Madre Igreja:*

IGREJA.

Venha outra do theor.

JER. Est'outro manjar terceiro
Foi guisado
Em tres logares de dor,
A qual maior,
Com a lenha do madeiro
Mais prezado.
Come-se com gran tristura,
Porque a Virgem gloriosa
O vio guisar:
Vio cravar com gran crueza
A sua riqueza,
E sua perla preciosa
Vio furar.

E a este passo tira S. Agostinho os Cravos, e todos de joelhos os adorão, cantando, Dulce lignum, dulcis clavus. *E acabada a oração, diz o Anjo á Alma:*

ANJO.

Leixae ora esses arreios,
Qu'est'outra não se come assi
Como cuidais.
Pera as almas são mui feios,
E são meios
Com que não andão em si
Os mortaes.

Despe a Alma o vestido e joias que lh'o inimigo deu, e diz

AGOSTINHO.

O' Alma bem aconselhada,
Que dais o seu cujo he;
O da terra á terra:
Agora ireis despejada
Pola estrada,
Porque vencestes com fé
Forte guerra.

IGREJA.

Venha ess'outra iguaria.

JER. A quarta iguaria he tal,
Tão esmerada,
De tão infinda valia
E contia,
Que na mente divinal
Foi guisada,
Por misterio preparada
No sacrario virginal,
Mui cuberta,
Da divindade cercada
E consagrada,
Despois ao Padre eternal
Dada em offerta.

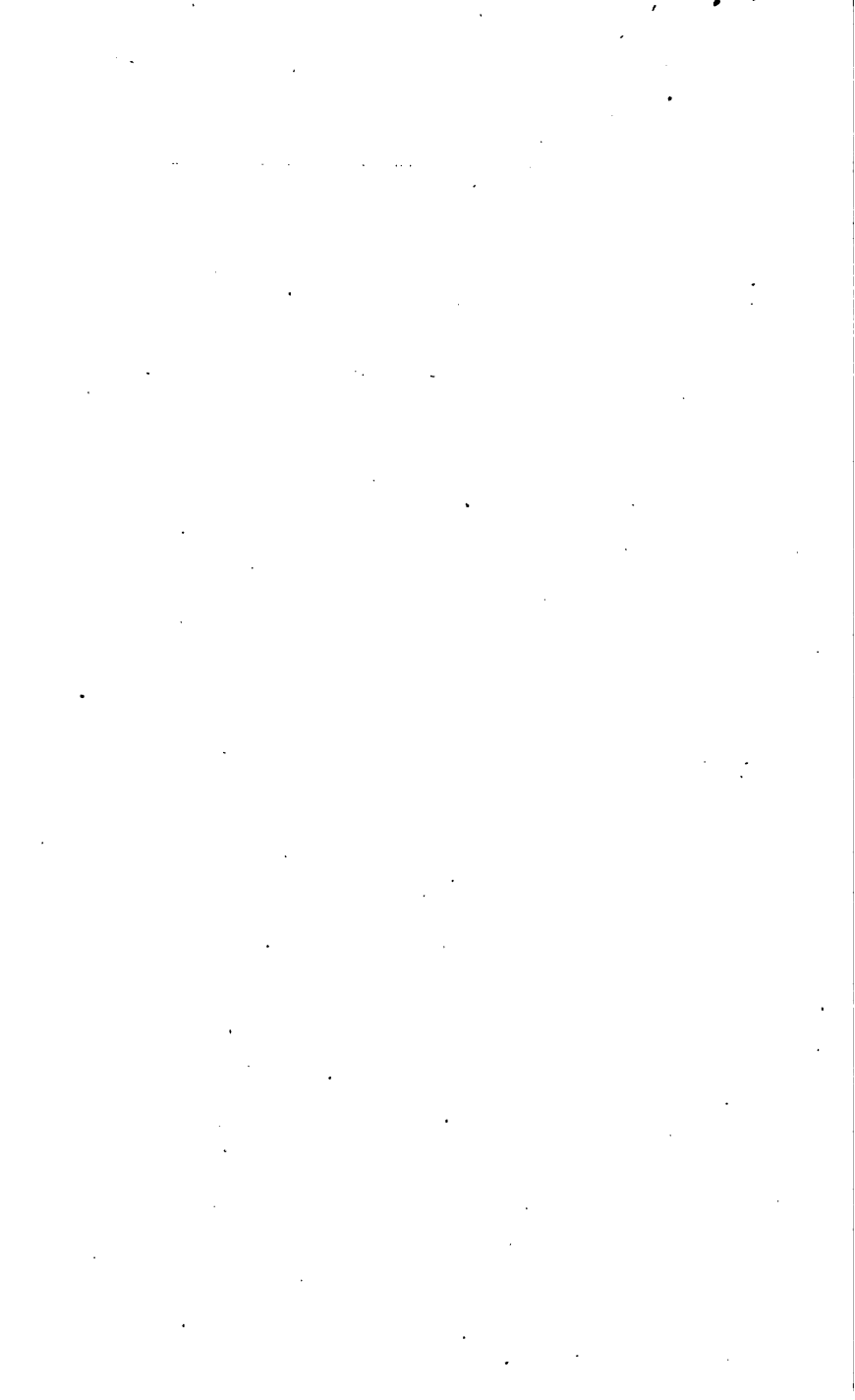
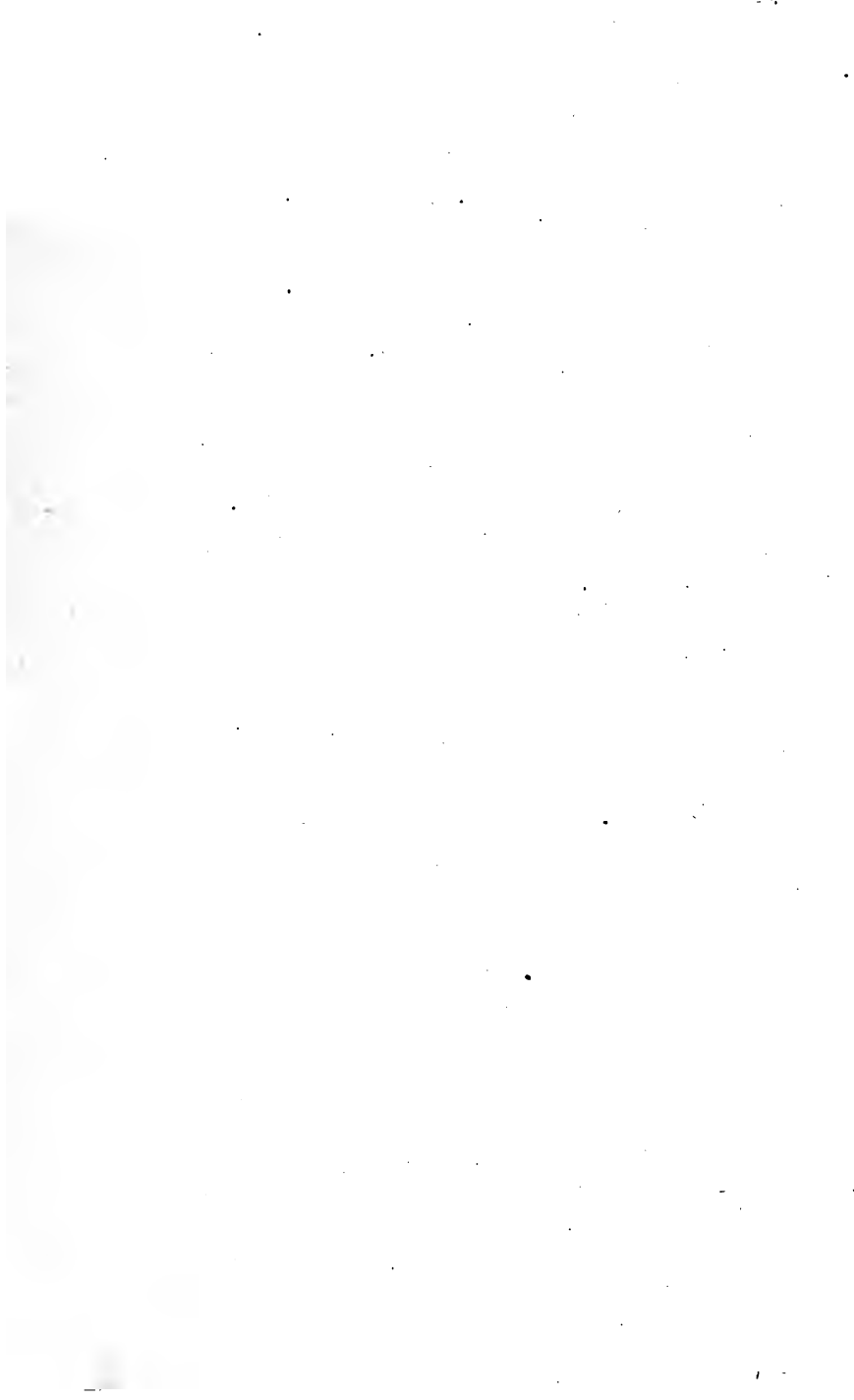
Apresenta S. Jeronimo á Alma hum Crucifixo, que tira d'antre os pratos; e os Doutores o adorão, cantando, Domine Jesu Christe; *acabando, diz a*

ALMA.

Com que fôrças, com que sprito,
Te darei tristes louvores,
Que sou nada,
Vendo-te, Deos infinito,
Tão afflicto,
Padecendo tu as dores,
E eu culpada?
Como estás tão quebrantado,
Filho de Deos immòrtal!
Quem te matou?
Senhor, per cujo mandado
Es justiçado,
Sendo Deos universal,
Que nos creou?

AGOSTINHO.

A fruita deste jantar,
Que neste altar vos foi dado
Com amor,
Iremos todos buscar
Ao pomar
Aonde está sepultado
O Redemptor.

E todos com a Alma, cantando Te Deum laudamus, *forão adorar o moimento.*

Auto da Barca do Inferno.

FIGURAS.

ANJO — Arrais do Ceo.
DIABO — Arrais do Inferno.
COMPANHEIRO do Diabo.
FIDALGO.
ONZENEIRO.
PARVO.
SAPATEIRO.
FRADE.
BRIZIDA VAZ — Alcoviteira.
JUDEU.
CORREGEDOR.
PROCURADOR.
ENFORCADO.
QUATRO CAVALLEIROS.

Representa-se na obra seguinte hũa perfiguração sobre a rigorosa accusação, que os inimigos fazem a todas as almas humanas, no ponto que per morte de seus terrestres corpos se partem. E por tractar desta materia põe o Autor por figura que no dito momento ellas chegão a hum profundo braço de mar, onde estão dous batéis: hum delles passa pera a Gloria, outra pera o Purgatorio. He repartida em tres partes; s. de cada embarcação hũa scena. Esta primeira he da viagem do Inferno.

Esta perfiguração se escreve neste primeiro livro nas obras de devação, porque a segunda e terceira parte forão representadas na capella; mas esta primeira foi representada de camara, pera consolação da muito catholica e sancta Rainha Dona Maria, estando inferma do mal de que falleceu, na era do Senhor de 1517.

AUTO DA BARCA DO INFERNO.

DIABO.

A' barca, á barca, hou lá,
Que temos gentil maré.
Ora venho a caro a ré:
Feito, feito, bem está.
Vae alli muitieramá,
E atesa aquelle palanco,
E despeja aquelle banco,
Pera a gente que virá.
A' barca, á barca, hu!
Asinha, que se quer ir.
Oh que tempo de partir!
Louvores a Berzebu.
Ora sus, que fazes tu?
Despeja todo esse leito.

COM. Em bonora, logo he feito.

DIA. Abaixa aramá esse cu.
Faze aquella poja lesta,
E alija aquella driça.

COM. O' caça, ó ciça.

DIA. Oh que caravella esta!
Põe bandeiras, que he festa;
Verga alta, áncora a pique.
O' precioso Dom Anrique!
Ca vindes vós? que cousa he esta?

FIDALGO.

Esta barca onde vai ora,
Qu'assim está apercebida?

DIA. Vai pera a Ilha perdida,
E ha de partir logo essora.

FID. Pera lá vai a senhora?

DIA. Senhor, a vosso serviço.

FIA. Parece-me isso cortiço.

DIA. Porque vêdes lá de fóra.

FIDALGO.

Porém a que terra passais?

DIA. Pera o Inferno, senhor.

FID. Terra he bem sem sabor.
DIA. Que ! e tambem ca zombais ?
FID. E passageiros achais
Pera tal habitação ?
DIA. Vejo-vos eu em feição
Pera ir ao nosso cais.

FIDALGO.

Parece-te a ti assi.
DIA. Em que esperais ter guarida ?
FID. Que deixo na outra vida
Quem reze sempre por mi.
DIA. Quem reze sempre por ti ?
Hi hi hi hi hi hi hi.
E tu viveste a teu prazer,
Cuidando ca guarecer,
Porque rézão lá por ti ?
Embarca, ou embarcae.
Qu'haveis d'ir á derradeira.
Mandae metter a cadeira,
Qu'assi passou vosso pae.
FID. Que, que, que ! e assi lhe vai ?
DIA. Vai ou vem, embarcae prestes :
Segundo lá escolhestes,
Assi ca vos contentae.
Pois que ja a morte passastes,
Haveis de passar o rio.
FID. Não ha aqui outro navio ?
DIA. Não, senhor, qu'este fretastes,
E ja quando espirastes,
Me tinheis dado signal.
FID. Que signal foi esse tal ?
DIA. Do que vós vos contentastes.

FIDALGO.

A est'outra barca me vou.
Hou da barca ! pera onde is ?
Ah barqueiros, não m'ouvis ?
Respondei-me. Hou lá, hou !
Pardeos, aviado estou :
Cant'a isto he ja peor.
Que gericocins, salvanor !
Cuidão ca que sou eu grou !

ANJO.

Que mandais ?
FID. Que me digais,

Pois parti tão sem aviso,
Se a barca do Paraizo
He esta em que navegais.
ANJ. Esta he; que lhe buscais?
FID. Que me leixeis embarcar:
Sou fidalgo de solar,
He bem que me recolhais.

ANJO.

Não se embarca tyrannia
Neste batel divinal.
FID. Não sei porque haveis por mal
Qu'entre minha senhoria.
ANJ. Pera vossa fantasia
Mui pequena he esta barca.
FID. Pera senhor de tal marca
Não ha hi mais cortezia?
Venha a prancha e o atavio;
Levae-me desta ribeira.
ANJ. Não vindes vós de maneira
Pera entrar neste navio.
Ess'outro vai mais vazio,
A cadeira entrará,
E o rabo caberá,
E todo vosso senhorio.
Ireis lá mais espaçoso,
Vós e vossa senhoria,
Contando da tyrannia,
De que ereis tão curioso.
E porque de generoso
Desprezastes os pequenos;
Achar-vos-heis tanto menos,
Quanto mais fostes fumoso.

DIABO.

A' barca, á barca, senhores!
Oh que maré tão de prata!
Hum ventosinho que mata,
E valentes remadores.
« Vos me veniredes á la mano,
« A' la mano me veniredes;
« Y vos veredes
« Peixes nas redes. »

FIDALGO.

Ao Inferno todavia!
Inferno ha hi pera mi?

Oh triste ! que em quanto vivi,
Nunca cri que o hi havia ;
Tive que era fantasia ;
Folgava ser adorado,
Confiei em meu estado,
E não vi que me perdia.
  Venha essa prancha, e veremos
Esta barca de tristura.

DIA. Embarque vossa doçura,
Que ca nos entenderemos.
Tomareis hum par de remos,
Veremos como remais ;
E chegando ao nosso cais,
Nós vos desembarcaremos.

FIDALGO.

  Mas esperae-me aqui ;
Tornarei á outra vida
Ver minha dama querida,
Que se quer matar por mi,

DIA. Que se quer matar por ti ?

FID. Isto bem certo o sei eu.

DIA. O' namorado sandeu,
O maior que nunca vi !

FIDALGO.

  Era tanto seu querer,
Que m'escrevia mil dias.

DIA. Quantas mentiras que lias,
E tu morto de prazer !

FID. Pera que he escarnecer,
Que não havia mais no bem ?

DIA. Assim vivas tu amen,
Como te tinha querer.

FIDALGO.

  Isto quanto o que eu conheço.

DIA. Pois estando tu spirando,
Se estava ella requebrando
Com outro de menos preço.

FID. Dá-me licença, te peço,
Que va ver minha mulher.

DIA. E ella por não te ver
Despenhar-s'ha d'hum cabeço.
  Quanto ella hoje rezou
Antre seus gritos e gritas,
Foi dar glórias infinitas

A quem na desabafou.
FID. Cant'a ella bem chorou.
DIA. E não ha hi chôro d'alegria?
FID. E as lástimas que dizia!
DIA. Sua mãe lh'as ensinou.
Entrae, meu senhor, entrae;
Venha a prancha, ponde o pé.
FID. Entremos, pois que assi he.
DIA. Ora agora descansae,
Passeae e suspirae,
Em tanto virá mais gente.
FID. O' barca, como es ardente!
Maldito quem em ti vai!

DIABO. (ao moço da cadeira.)
Tu, seu moço, vae-te d'hi,
Que a cadeira ca sobeja;
Cousa que estava na igreja
Não s'ha de embarcar aqui.
Ca lh'a darão de marfi,
Marchetada de dolores,
Com taes modos de lavores,
Qu'estara fóra de si.
A' barca, á barca, boa gente,
Que queremos dar á vela:
Chegar a ella, chegar a ella.

Chega hum Onzeneiro, e diz:

ONZ. Oh que barca tão valente!
Pera onde caminhais?
DIA. Oh que ma ora venhais,
Onzeneiro meu parente!
Como tardastes vós tanto?
ONZ. Mais quizera eu tardar;
Na safra do apanhar
Me deu Saturno quebranto.
DIA. Ora muito m'eu espanto
Não vos livrar o dinheiro.
ONZ. Nem tamsoes para o barqueiro,
Não me deixárão nem tanto.

DIABO.
Ora entrae, entrae aqui.
ONZ. Não hei eu hi de embarcar.
DIA. Oh que gentil reçear,
E que cousa pera mi!
ONZ. Ind'agora falleci,

Deixae-me buscar batel.
DIA. Pezar de Jam Pimentel!
Porque não irás aqui?

ONZENEIRO.

E pera onde he a viagem?
DIA. Pera onde tu has d'ir,
Estamos para partir:
Não cures de mais linguagem.
ONZ. Mas pera onde he a passagem?
DIA. Pera a infernal comarca.
ONZ. Dixe, não m'embarco eu nessa barca;
Est'outra tem a vantagem.

(Vai-se á barca do Anjo.)

Hou da barca, hou lá, hou!
Haveis logo de partir?
ANJ. E onde queres tu ir?
ONZ. Eu pera o Paraizo vou.
ANJ. Pois cant'eu bem fóra estou
De te levar pera lá:
Ess'outra te levará;
Vae pera quem t'enganou.

ONZENEIRO.

Porque?
ANJ. Porqu'esse bolção
Tomára todo o navio.
ONZ. Juro a Deus que vai vazio.
ANJ. Não ja no teu coração.
ONZ. Lá me ficão de rondão
Vinte e seis milhões n'hũa arca.
DIA. Pois que onzena tanto abarca,
Não lhe deis embarcação.

(Torna ao Diabo.)

Hou lá, hou demo barqueiro,
Sabeis vós no que me fundo?
Quero lá tornar ao mundo,
E trazer o meu dinheiro,
Qu'aquell'outro marinheiro,
Porque me ve vir sem nada,
Dá-me tanta borregada,
Como arrais lá do Barreiro.

DIABO.

Entra, entra, e remarás;
Não percamos mais maré.

ONZ. Todavia...
DIA. Por fôrça he:
Que te pês, ca entrarás;
Irás servir Satanaz,
Pois que sempre t'ajudou.
ONZ. Oh triste! quem me cegou!
DIA. Cal'-te, que ca chorarás.

ONZENEIRO. (Entrando no batel, diz ao Fidalgo.)
Sancta Joanna de Valdez!
Ca he Vossa Senhoria?
FID. Dá ó demo a cortezia.
DIA. Ouvis? fallae vós cortez.
Vós, fidalgo, cuidareis
Que estais em vossa pousada?
Dar-vos-hei tanta pancada
C'hum remo, que arrenegueis.

Vem hum Parvo, e diz ao Arrais do Inferno:

PARVO.
Hou daquella!
DIA. Quem he?
PAR. Eu soo.
He esta naviarra vossa?
DIA. De quem?
PAR. Dos tolos.
DIA. Vossa;
Entrae.
PAR. De pulo, ou de voo?
Oh pezar de meu avô!
Soma vim adoecer,
E fui ma ora morrer,
E nella pera mi so.

DIABO.
De que morreste?
PAR. De que?
Samica de caganeira.
DIA. De que?
PAR. De caga merdeira.
Ma rabugem que te dê!
DIA. Entra, e põe aqui o pé.
PAR. Hou lá, não tombe o zambuco.
DIA. Entra, tolaçó eunuco,
Que se nos vai a maré.

PARVO.

Aguardae, aguardae, hou lá,
E onde havemos nós d'ir ter?
DIA. Ao porto de Lucifer.
PAR. Como?
DIA. O' Inferno. Entra ca.
PAR. O' Inferno ieramá.
Hio hio, barca do cornudo,
Beiçudo, beiçudo,
Rachador d'alverca, huhá!
Sapateiro de Landosa,
Antrecosto de carrapato,
Sapato, sapato,
Filho da grande aleivosa;
Tua mulher he tinhosa,
E ha de parir hum sapo,
Chentado no guardanapo,
Neto da cagarrinhosa.
Furta cebolas, hio, hio,
Excommungado nas igrejas,
Burrela cornudo sejas.
Toma o pão que te cahio,
A mulher que te fugio.
Pera a Ilha da Madeira.
Ratinho da Giesteira,
O demo que te pario.
Hio, hio, lanço-te hũa pulha
De pica náquella.
Hio, hio, caga na vela,
Cabeça de grulha,
Perna de cigarra velha,
Pelourinho da Pampulha,
Rabo de forno de telha.

(Chegando á Barca da Gloria diz:)

Hou da barca!
ANJ. Tu que queres?
PAR. Quereis-me passar alem?
ANJ. Quem es tu?
PAR. Não sou ninguem.
ANJ. Tu passarás, se quizeres.
Porque em todos teus fazeres,
Per malicia não erraste;
Tua simpreza t'abaste
Pera gozar dos prazeres.
Espera em tanto per hi,
Veremos se vem alguem

Merecedor de tal bem,
Que deva d'entrar aqui.

Vem hum Sapateiro carregado de fôrmas, e diz na Barca do Inferno:

SAPATEIRO.

Hou da barca!

DIA. Quem vem hi?
Sancto sapateiro honrado,
Como vens tão carregado!

SAP. Mandárão-me vir assi.
Mas pera onde he a viagem?

DIA. Pera a terra dos damnados.

SAP. E os que morrem confessados
Onde tem sua passagem?

DIA. Não cures de mais linguagem,
Qu'esta he tua barca — esta.

SAP. Renegaria eu da festa,
E da barca, e da barcagem.
Como pod'rá isso ser,
Confessado e commungado?

DIA. Tu morreste excummungado,
E não no quizeste dizer:
Esperavas de viver,
Calaste dez mil enganos.
Tu roubastes, bem trinta annos,
O povo com teu mister.
Embarca-te, eramá para ti;
Qu'ha ja muito que t'espero.

SAP. Digo-te que re-não quero.

DIA. Digo-te que si, re-si.

SAP. Quantas missas eu ouvi
Não m'hão ellas de prestar?

DIA. Ouvir missa, então roubar,
He caminho pera aqui.

SAPATEIRO.

E as offertas que darão,
E as horas dos finados?

DIA. E os dinheiros mal levados,
Que foi da satisfação?

SAP. Oh não praza ó cordavão,
Nem á puta da badana,
S'he esta boa tranquitana,
Em que se ve Jan'Antão.
Ora juro a Deos qu'he graça. (Vai á Barca do Paraizo.)
Hou da sancta caravella,

Podereis levar-me nella?
ANJ. A cárrega te embaraça.
SAP. Não ha mercê que me Deos faça?
Isto hi xiquer irá.
ANJ. Essa barca que lá está,
Leva quem rouba de praça.
Oh almas embaraçadas!
SAP. Ora eu me maravilho
Haverdes per gran peguilho
Quatro forminhas cagadas,
Que podem bem ir chantadas
No cantinho desse leito.
ANJ. Se tu vieras direito,
Ellas forão ca scusadas.

SAPATEIRO.

Assi que determinais
Que va cozer ao Inferno?
ANJ. Escripto estás no caderno
Das ementas infernaes.
SAP. Pois, diabos, que aguardais?
Vamos, venha a prancha logo,
E levae-me áquelle fogo:
Pera qu'he aguardar mais?

Entra hum Frade com hũa Moça pela mão, e vem dansando, fazendo a baixa com a boca, e acabando, diz o

DIABO.

Que he isso, Padre? que vai lá?
FRA. *Deo gratias!* Sam cortezão.
DIA. Sabeis tambem o tordião?
FRA. He mal que m'esquecerá.
DIA. Essa dama ha de entrar ca?
FRA. Não sei onde embarcarei.
DIA. Ella he vossa?
FRA. Não sei;
Por minha a trago eu ca.

DIABO.

E não vos punhão lá grosa,
Nesse convento sagrado?
FRA. Assi fui bem açoutado.
DIA. Que cousa tão preciosa!
Entrae, Padre reverendo.
FRA. Pera onde levais gente?
DIA. Pera aquelle fogo ardente,
Que não temeste vivendo.

FRADE.

Juro a Deos que não t'entendo:
E este hábito me não val?
DIA. Gentil padre mundanal,
A Berzebu vos commendo.
FRA. Corpo de Deos consagrado!
Pola fé de Jesu Christo,
Qu'eu não posso entender isto:
Eu hei de ser condemnado?
Hum padre tão namorado,
E tanto dado á virtude!
Assi Deos me dê saude,
Que estou maravilhado.
DIA. Não façamos mais detença;
Embarcae, e partiremos;
Tomareis hum par de remos.
FRA. Não ficou isso n'avença.

DIABO.

Pois dada está ja a sentença.
FRA. Pardeos, essa seria ella!
Não vai em tal caravella
Minha senhora Florença.
Como! por ser namorado,
E folgar c'hũa mulher,
Se ha de hum frade de perder,
Com tanto psalmo rezado?

DIABO.

Ora estás bem aviado.
FRA. Mas estás bem corregido.
DIA. Dovoto padre e marido,
Haveis de ser ca pingado.
FRA. Mantenha Deos esta c'roa!
DIA. O' padre Frei Capacete!
Cuidei que tinheis barrete.
FRA. Sabei que fui da pessoa.
Esta espada he roloa,
E este broquel rolão.
DIA. Dê vossa Reverencia lição
D'esgrima, que he cousa boa.
FRA. Que me praz, dêmos caçada. (esgrime)
Então logo hum contra sus,
Hum fendente, ora sus:
Esta he a primeira levada.
Alevantae a espada;
Mettei o diabo na cruz,

Como o eu agora puz.
Sahi c'o a espada rasgada,
E que fique anteparada.
Talho largo, hum revés;
E logo colhêr os pés,
Que todo o al não he nada.
  Quando o recolher se tarda,
O ferir não he prudente.
Eia, sus, mui largamente,
Cortae na segunda guarda.
Guarde-me Deos d'espingarda,
Ou de varão denodado;
Mas aqui estou guardado,
Como a palha na albarda.
  Saio com meia espada.
Hou lá, guardar as queixadas.

DIA. Oh que valentes levadas!

FRA. Inda isto não he nada:
Dêmos outra vez caçada.
Contra sus, ora hum fendente;
E cortando largamente,
Eis aqui a sexta guarda.
  Daqui se sai com hũa guia,
E hum revés da primeira:
Esta he a quinta verdadeira.
Oh quantos daqui fería!
Padre que tal aprendia,
No inferno ha de haver pingos?
Ah! não praza a San Domingos
Com tanta descortezia.
  Prosigamos nossa historia,
Não façamos mais detença.
Dae ca a mão, Senhora Florença,
Vamos á barca da Gloria.

(Chega á Barca da Gloria.)

Deo gratias! Ha ca logar
Pera minha Reverença?
E a Senhora Florença
Polo meu ha lá d'entrar.

PARVO.

  Andar muitieramá:
Furtaste esse trinchão, frade?

FRA. Senhora, dá-me a vontade,
Que este feito mal está.
Vamos onde havemos d'ir.

Praza a Deos co'a ribeira!
Eu não vejo aqui maneira,
Senão emfim concrudir.

DIABO.

Padre, haveis logo de vir.
FRA. Si, tomae-me lá Florença,
E cumpramos a sentença:
Ordenemos de partir.

Vem hũa Alcoviteira, per nome Brizida Vaz, e chegando á Barca do Inferno, diz:

BRIZIDA.

Hou da barca, hou lá!
DIA. Quem me chama?
BRI. Brizida Vaz.
DIA. Eia, aguarda-me, rapaz:
Porque não vem ella ja?
COM. Diz que não ha de vir ca,
Sem Joanna de Valdeis.
DIA. Entrae vós, e remareis.
BRI. Não quero eu entrar lá.

DIABO.

Que saboroso arrecear!
BRI. Não he essa barca a que eu cato.
DIA. E trazeis vós muito fato?
BRI. O que me convem levar.
DIA. Qu'he o que haveis d'embarcar?
BRI. Seiscentos virgos postiços,
E tres arcas de feitiços,
Que não podem mais levar.
Tres almarios de mentir,
E cinco cofres d'enleios,
E alguns furtos alheios,
Assi em joias de vestir,
Guarda-roupa d'encobrir:
Emfim casa movediça,
Hum estrado de cortiça,
Com dez cochins d'embair.
A mor cárrega que he,
Essas moças que vendia;
D'aquesta mercadoria
Trago eu muita á bofé.
DIA. Ora ponde aqui o pé.
BRI. Hui! eu vou par'ó Paraizo.
DIA. E quem te disse a ti isso?

BRI. Lá hei d'ir d'esta maré.
Eu sou hũa mártel tal,
Açoutes tenho eu levados,
E tormentos supportados,
Que ninguem me foi igual.
S'eu fosse ao fogo infernal,
Lá iria todo o mundo.
A est'outra barca ca em fundo
Me vou, que he mais real.

(Chegando á Barca da Gloria, diz ao Anjo.)

Barqueiro, mano, meus olhos,
Prancha a Brizida Vaz.
ANJ. Eu não sei quem te ca traz.
BRI. Peço-vo-lo de giolhos.
Cuidais que trago piolhos,
Anjo de Deos, minha rosa?
Eu sou Brizida a preciosa,
Que dava as moças ós mólhos;
A que criava as meninas
Pera os conegos da Sé.
Passae-me por vossa fé,
Meu amor, minhas boninas,
Olhos de perlinhas finas:
Que eu sou apostolada,
Angelada, e martelada,
E fiz obras mui divinas.
Sancta Ursula não converteo
Tantas cachopas, como eu;
Todas salvas polo meu,
Que nenhũa se perdeo:
E prouve áquelle do ceo,
Que todas achárão dono.
Cuidais que dormia eu somno?
Nem ponta; e não se perdeo.

ANJO.
Ora vae lá embarcar,
Não m'estês importunando.
BRI. Pois estou-vos allegando
O porque m'haveis de levar.
ANJ. Não cures d'importunar,
Que não podes ir aqui.
BRI. E que ma ora eu servi,
Pois não m'ha d'aproveitar!
Hou barqueiro da ma ora,
Ponde a prancha, que eis me vou;

E tal fada me fadou,
Que pareço mal ca fóra.
DIA. Ora entrae, minha senhora,
E sereis bem recebida.
Se vivestes sancta vida,
Vós o sentireis agora.

Vem hum Judeu com hum bode ás costas, e diz ao Diabo:

JUDEU.

Que vai lá, hou marinheiro?
DIA. Oh que ma ora vieste!
JUD. Cuja he esta barca que preste?
DIA. Esta barca he do barqueiro.
JUD. Passae-me por meu dinheiro.
DIA. E esse bode ha ca de vir?
JUD. O bode tambem ha d'ir.
DIA. Oh que honrado passageiro!

JUDEU.

Sem bode, como irei lá?
DIA. Pois eu não passo ca cabrões.
JUD. Eis aqui quatro tostões,
E mais se vos pagará:
Por vida de Sema Fará,
Que me passeis o cabrão.
Quereis mais outro tostão?
DIA. Nem tu não has de vir ca.

JUDEU.

Porque não irá o Judeu
Onde vai Brizida Vaz?
Ao Senhor Meirinho apraz? (ao Fidalgo.)
Senhor Meirinho, irei eu?
DIA. E ao fidalgo quem lhe deu
O mando deste batel?
JUD. Corregedor, coronel,
Castigae este sandeu.
Azará, pedra meuda,
Lodo, chanto, fogo, lenha,
Caganeira que te venha,
Ma currença que t'acuda.
Por el Deu que te sacuda
Com a beca nos focinhos,
Fazes burla dos meirinhos ¿
Dize, filho da cornuda.

PARVO.

Furtaste a chiba, cabrão?
Pareceis-me vós a mim
Carrapato d'Alcoutim,
Enxertado em camarão.

DIA. Judeu, lá te levarão,
Porque hão d'ir descarregados.

PAR. E s'elle mijou nos finados
No adro de San Gião!
E comia a carne da panella
No dia de nosso Senhor;
E mais elle, salvanor,
Cada vez mija náquella.

DIA. Ora sus, dêmos á vela.
Vós Judeu, ireis á toa,
Que sois mui ruim pessoa.
Levae o cabrão na trella.

Vem hum Corregedor, e diz, chegando á Barca do Inferno:

CORREGEDOR.

Hou da barca!

DIA. Que quereis?

COR. Está aqui o Senhor Juiz.

DIA. O' amador de perdiz,
Quantos feitos que trazeis!

COR. No meu ar conhecereis
Qu'elles não vem de meu geito.

DIA. Como vai lá o direito?

COR. Nestes feitos o vereis.

DIABO.

Ora pois, entrae, veremos
Que diz hi nesse papel.

COR. E onde vai o batel?

DIA. No Inferno vos poremos.

COR. Como! á terra dos Demos
Ha de ir hum Corregedor?

DIA. Sancto descorregedor,
Embarcae, e remaremos.
Ora entrae, pois que viestes.

COR. *Non est de regula juris*, não.

DIA. *Ita, ita*, dae ca a mão,
Remareis hum remo destes.
Fazei conta que nascestes
Pera nosso companheiro.
Que fazes tu, barzoneiro?
Faze-lhe essa prancha prestes.

CORREGEDOR.

Oh renego da viagem,
E de quem m'ha de levar!
Ha aqui meirinho do mar?
DIA. Não ha ca tal costumagem.
COR. Não entendo esta barcagem,
Nem *hoc non potest esse.*
DIA. Se ora vos parecesse
Que não sei mais que linguagem.
Entrae, entrae, Corregedor.
COR. Hou, *videtis qui petatis?*
Super jure majestatis
Tem vosso mando vigor?
DIA. Quando ereis ouvidor,
Nonne accipistis rapina?
Pois ireis pela bolina
Onde nossa mercê for.
Oh que isca esse papel,
Pera hum fogo qu'eu sei!
COR. *Domine, memento mei!*
DIA. *Non est tempus*, bacharel;
Imbarquemini in batel,
Quia judicastis malitia.
COR. *Semper ego in justitia*
Feci, e bem por nivel.

DIABO.

E as peitas dos Judeus,
Que vossa mulher levava?
COR. Isso eu não no tomava,
Erão lá percalços seus:
Non sunt peccatus meus,
Peccavit uxor mea.
DIA. *Et vobis quoque cum ea;*
Nemo timuistis Deus.
A largo modo *acquiristis*
Sanguinis laboratorum,
Ignorantes peccatorum,
Ut quid eos non audistis.
COR. Vós, arrais, *nonne legistis*
Que o dar quebra os penedos?
Os direitos estão quedos,
Si aliquid tradidistis.

DIABO.

Ora entrae nos negros fados,
Ireis ao lago dos cães,

E vereis os escrivães
Como estão tão prosperados.
COR. E na terra dos damnados
Estão os Evangelistas?
DIA. Os mestres das burlas vistas
Lá estão bem fragoados.

Vem hum Procurador, e diz o Corregedor, quando o ve:

CORREGEDOR.

O' Senhor Procurador!
PRO. Bejo-vo-las mãos, Juiz.
Que diz esse arrais? que diz?
DIA. Que sereis bom remador.
Entrae, bacharel doutor,
E ireis dando á bomba.
PRO. E este barqueiro zomba?
Jogatais de zombador?
Essa gente que hi 'stá,
Pera onde a levais?
DIA. Pera as penas infernaes.
PRO. Dixe, não vou pera lá;
Outro navio está ca,
Muito melhor assombrado.
DIA. Ora estais bem aviado:
Entrae muitieramá.

CORREGEDOR.

Confessastes-vos, doutor?
PRO. Bacharel sou. Dou-me ó demo!
Não cuidei que era extremo,
Nem de morte minha dor.
E vós, Senhor Corregedor?
COR. Eu mui bem me confessei;
Mas tudo quanto roubei
Encubri ao confessor.
Porque, se o não tornais,
Não vos querem absolver;
E he mui mao de volver,
Depois que o apanhais.
DIA. Pois porque não embarcais?
COR. *Quia esperamus in Deo.*
DIA. *Imbarquemini in barco meo;*
Para que *speratis* mais?

(Vão-se á barca da Gloria.

CORREGEDOR.

Hou arrais dos gloriosos,
Passae-nos nesse batel.
ANJ. Oh pragas pera papel,
Pera as almas odiosos!
Como vindes preciosos
Sendo filhos da sciencia!
COR. Oh! *habeatis* clemencia,
E passae-nos como vossos.

PARVO.

Hou homens dos breviairos,
Rapinastis coelhorum,
Et pernis perdigotorum,
E mijais nos campanairos.
COR. Anjos, não sejais contrairos,
Pois não temos outra ponte.
PAR. *Beleguinis ubi sunte,*
Ego latinus macairos.

ANJO.

A justiça divinal
Vos manda vir carregados,
Porque vades embarcados
Nesse batel infernal.
COR. Oh! não praza a San Marçal
Co'a ribeira nem c'o rio!
Cuidão lá que he desvario
Haver ca tamanho mal.
Venha a negra prancha ca;
Vamos ver este segredo.
PRO. Diz hum texto do Decreto...
DIA. Entrae, que ca se dirá.

(Entrão no batel dos damnados, e diz o Corregedor a Brizida Vaz:)

COR. Esteis muito aramá,
Senhora Brizida Vaz.
BRI. Ja siquer estou em paz,
Que não me leixaveis lá.
Cada hora encoroçada,
Justiça que manda fazer.
COR. I-vos tornar a tecer,
E urdir outra meada.
BRI. Dizede, juiz d'alçada,
Vem ja Pero de Lisboa?
Leva-lo-hemos á toa,
E irá desta barcada.

Vem hum Enforcado, e diz o

Diabo.

Venhais embora, Enforcado.
Que diz lá Garcia Moniz?
Enf. Eu vos direi que elle diz
Que fui bem aventurado;
Que polos furtos que eu fiz,
Sou sancto canonizado;
Pois morri dependurado,
Como o tordo na buiz.

Diabo.

Entra ca, e remarás
Até ás portas do Inferno.
Enf. Não he essa a nao qu'eu govérno.
Dia. Entra, que inda caberas.
Enf. Pezar de San Barrabaz!
Se Garcia Moniz diz
Que os que morrem como eu fiz,
São livres de Satanaz!
E disse que a Deos prouvera
Que fôra elle o enforcado,
E que fosse Deos louvado,
Que em bo'hora eu nascêra;
E que o Senhor m'escolhêra,
E por meu bem vi beleguins:
E com isto mil latins,
Como s'eu latim soubera.
E no passo derradeiro,
Me disse nos meus ouvidos,
Que o logar dos escolhidos
Era a forca e o Limoeiro:
Nem guardião de mosteiro
Não tinha mais sancta gente,
Como Affonso Valente,
O que agora he carcereiro.

Diabo.

Dava-te consolação
Isso, ou algum esfôrço?
Enf. C'o baraço no pescoço
Mui mal presta a prégação.
Elle leva a devação,
Que ha de tornar a jentar;
Mas quem ha de estar no ar,
Aborrece-lhe o sermão.

DIABO.

Entra, entra no batel,
Que para o Inferno has de ir.

ENF. E Moniz ha de mentir?
Dixe-me: — Con San Miguel
Irás comer pão e mel,
Como fores enforcado. —
Ora ja passei meu fado,
E ja feito he o burel.
Agora não sei que he isso:
Não me fallou em ribeira,
Nem barqueiro nem barqueira,
Senão logo ao Paraizo.
E isto muito em seu siso,
E que era sancto meu baraço.
Porém não sei que aqui faço,
Ou s'era mentira isto.

DIABO.

Fallou-te no purgatorio?

ENF. Diz que foi o Limoeiro;
E ora por elle o salteiro,
E o pregão vitatorio;
E que era muito notorio
Que aquelles deciprinados
Erão horas dos finados,
E missa de San Gregorio.

DIABO.

Ora entra; pois has d'entrar,
Não esperes por teu pae.

ENF. Entraremos, pois assi vai.

DIA. Este foi bom d'embarcar.
Eia, todos apear,
Qu'está em sêcco o batel.
Vós, doutor, bota batel;
Fidalgo, saltae no mar.

Vem quatro Fidalgos, cavalleiros da Ordem de Christo, que morrêrão nas partes d'Africa, e vem cantando a quatro vozes a letra que se segue.

« A' barca, á barca segura,
« Guardar da barca perdida:
« A' barca, á barca da vida.
« Senhores, que trabalhais
« Pola vida transitoria,
« Memoria, por Deos, memoria

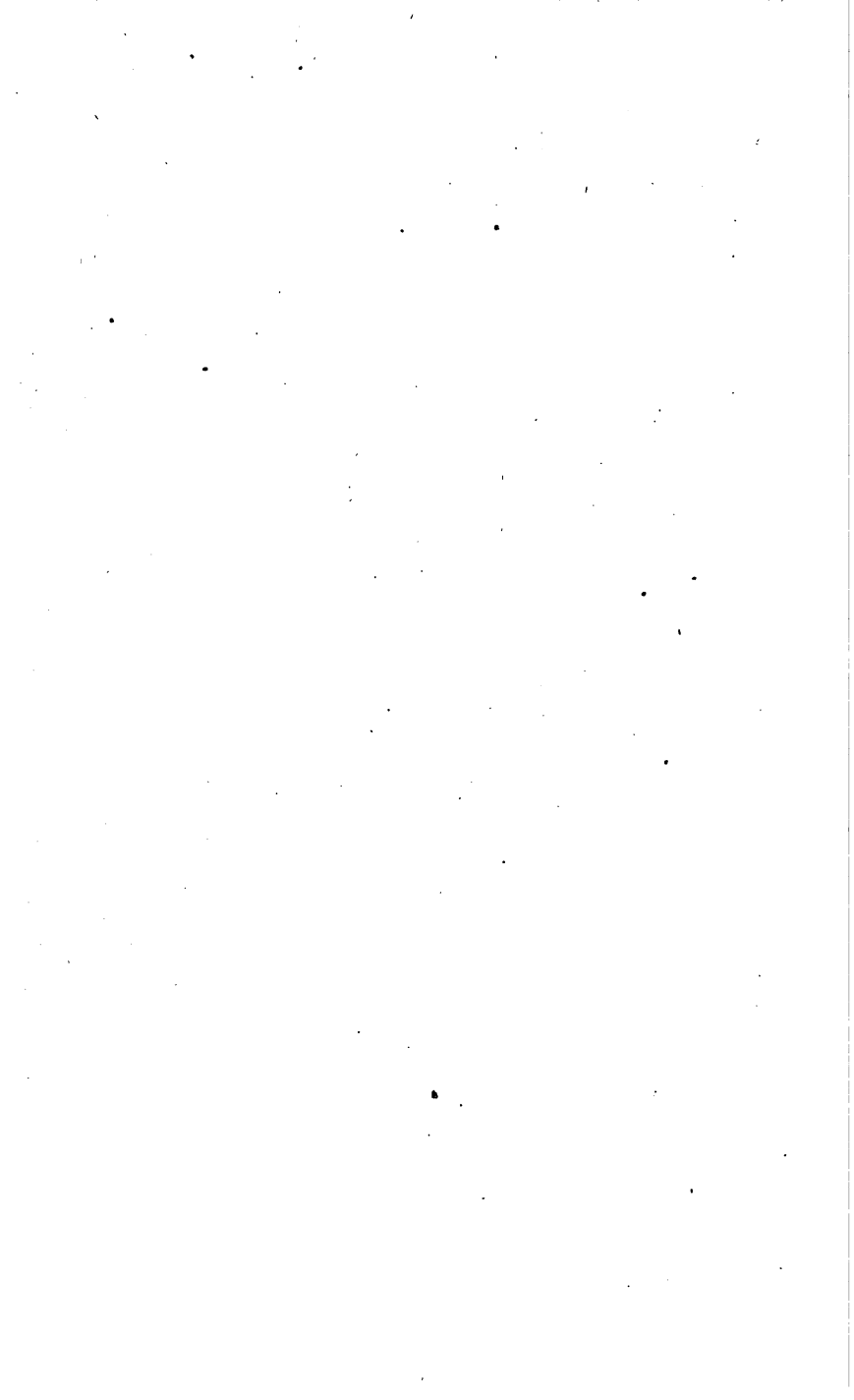
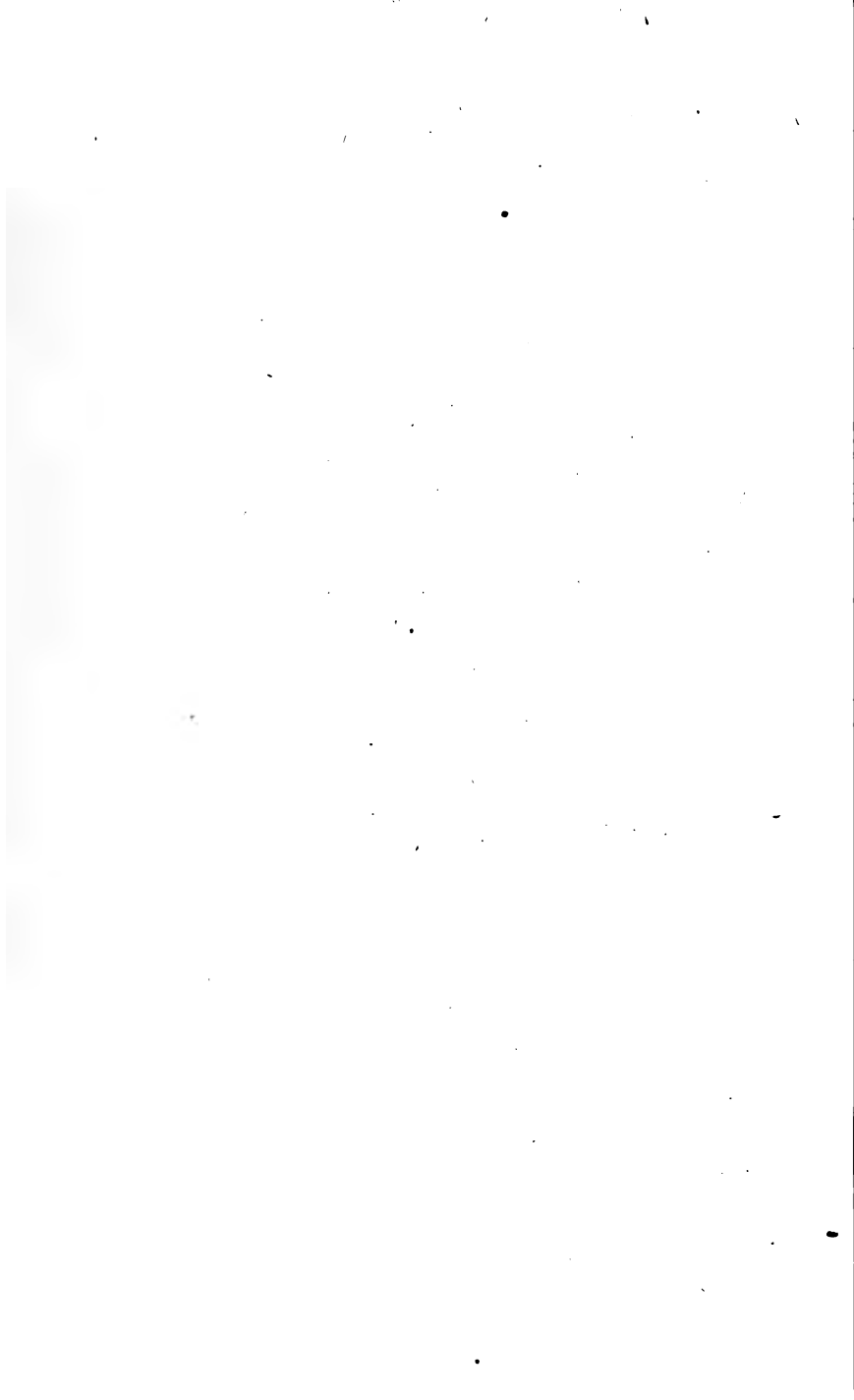
« Deste temeroso cais.
« A' barca, á barca, mortaes;
« Porém na vida perdida
« Se perde a barca da vida. »

DIABO.

Cavalleiros, vós passais,
E não me dizeis p'ra ond'is?
1.º C. E vós, Satan, presumis?...
Attentae com quem fallais.
2.º C. E vós que nos demandais?
Sequer conhecei-nos bem:
Morremos nas partes d'alem;
E não queirais saber mais.

ANJO.

O' cavalleiros de Deos,
A vós estou esperando;
Que morrestes pelejando
Por Christo, Senhor dos ceos.
Sois livres de todo o mal,
Sanctos por certo sem falha;
Que quem morre em tal batalha
Merece paz eternal.

Aqui fenece a primeira scena.

Auto da Barca do Purgatorio.

FIGURAS.

ANJO — Arrais do Ceo.
DIABO — Arrais do Inferno.
COMPANHEIRO do Diabo.
LAVRADOR.
MARTA GIL — Regateira.
PASTOR.
MOÇA Pastora.
MENINO.
TAFUL.
TRES ANJOS.

Esta segunda scena he attribuida á ***Embarcação do Purgatorio.*** *Tracta-se per lavradores. Foi representada á muito devota e catholica Rainha D.* ***Leonor*** *no hospital de todolos Sanctos da cidade de Lisboa, nas matinas do Natal, era do Senhor de* 1518.

AUTO DA BARCA DO PURGATORIO.

Primeiramente entrão tres Anjos, cantando o romance seguinte, com seus remos.

Romance.

« Remando vão remadores
« Barca de grande alegria;
« O patrão que a guiava,
« Filho de Deos se dizia.
« Anjos erão os remeiros,
« Que remavão á porfia;
« Estandarte d'esperança,
« Oh quão bem que parecia!
« O masto da fortaleza
« Como cristal reluzia;
« A vela com fé cozida
« Todo o mundo esclarecia;
« A ribeira mui serena,
« Que nenhum vento bolia. »

Entra o Arrais do Inferno, e diz:

DIABO.

Ah sancto corpo de mi,
Corpo de mi consagrado!
Como está isto assi
Sem ninguem estar aqui
Neste meu porto dourado,
Agora que está breado
De novo o caravellão,
Espalmado, e apparelhado,
E mais largo bô quinhão,
Que o passado?
Quanto mais se chega a fim
Do mundo, a todo o andar,
Tanto a gente he mais ruim:
E juro ó corpo de mim
Que ja canso de remar.

Cumpre-me d'apparelhar
Hum valente barinel,
Ou hũa nao singular,
Em que possa mais levar
Que n'hum batel.
  E não remar senão tal via,
E depois haver carraca;
Que cobiça e simonia,
Inveja e tyrannia,
Nenhũa dellas afraca.
Ala, ala! saca, saca!
A' terra, á terra, mortaes!
Cerrar o leme a esta banda,
E não curar d'outro cais;
Porque a lei dos mundanaes
Isto manda.

ANJO.

  Quem quer ir ó Paraizo?
A' glória, á glória, senhores!
Oh que noite pera isso!
Quão prestes, quão improviso
Sois celestes moradores!
Aviae-vos, e partir;
Que vossa vida he sonhar,
E a morte he despertar
Pera nunca mais dormir,
Nem acordar.
  Este rio he mui escuro,
Não tendes vao nem maneira:
Entrae em barco seguro,
Havei conselho maduro,
Não entreis em ma bateira;
Que na viagem primeira,
Quantos vistes embarcados
Todos forão alagados:
No mais fundo da ribeira
São penados.
  Pois não se póde escusar
A passada deste rio,
Nem a morte s'estorvar,
Qu'he outro braço de mar
Sem remedio nem desvio.
E o batel dos damnados,
Porque nasceo hoje Christo,
Está, c'os remos quebrados,
Em sêcco. O' descuidados,
Cuidae nisto.

Agora que a madre pia,
Frol de toda a perfeição,
Está com tanta alegria;
Pedi a sua Senhoria
Gloriosa embarcação,
Que sua he a barcagem.
Pedi-lhe como avogada,
Per lacrimosa linguagem,
Que nos procure viagem
Descansada.
Falla-lhe com alegria,
Canta-lhe como souberes,
Visita a Virgem Maria,
Nossa via, nossa guia,
Frol de todalas mulheres.
Quando aqui lhe appareceres,
Roga-lhe que t'appareça
Com piedosos poderes,
Porque a alma que tiveres
Não pereça.

DIABO.

Quero ora metter á vela,
E deitar a prancha fóra,
E arrumar a caravella,
E deitar do junco nella,
Se vier qualquer senhora.
E que he isto na ma ora?
E o batel está em sêcco!
Oh renego de Çamora!
O rio s'encaramelou!
Nunca tal m'aconteceo.
Hou bota, hou bota, hou!
Oh renego de San grou,
E de San pata do ceo!
Arrenego eu do dinheiro
Que ganho nesta viagem,
Arrenego da barcagem,
E do cornudo barqueiro.

Vem hum Companheiro do Arrais do Inferno, e diz:

COMPANHEIRO.

Parceiro, gurgurgarao.
DIA. Porque?
COM. Porque he assi.
DIA. Ora bota, hou bota, hao.
COM. Eu so botára hũa nao

Com este dedo sem ti:
Mas sabe que este serão
He para nós grande praga,
E trabalhamos em vão,
Porque a promessa d'Abrahão
Hoje he a paga.

Vem hum Lavrador com seu arado ás costas, e diz:

LAVRADOR.

Que he isto? ca chega o mar?
Ora he forte cagião.

DIA. Alto, sus, quereis passar?
Ponde hi o chapeirão,
E ajudareis a botar.

LAV. Da morte venho eu cansado,
E cheio de refregereo,
E não posso, mal peccado.

DIA. Põe eramá hi o arado.

LAV. Perem esse he gran mestereo.
S'eu trouguera mais vagar
Sorrira-me eu tamalavez.

DIA. E vós villão, quereis zombar?
Se vos eu arrebatar?

LAV. Dou-t'eu muito de mao mez.
Com'eu a morte passei,
Logo o medo ficou finto.
Enha cedula amanhei,
E meus negocios deixei
Como homem de bô retinto.
Nem fico a dever duas favas,
Nem hum preto por pagar.

DIA. E os marcos que mudavas,
Dize, porque os não tornavas
Outra vez a seu logar?

LAV. E quem tirava do meu
Os meus marcos quantos são,
E os chantava no seu,
Dize, pulga de Judeu,
Que lhe dizias tu er então?

DIABO.

Foste o mais ruim villão!...

LAV. Bofá, salvanor salvado,
Vós mentis coma cabrão.
Quer me queirais mal, quer não,

Não dou por isso hum cornado.
DIA. Pois porque vens carregado?
LAV. Porque seja conhecido
Por lavrador muito honrado.
E tenho à glória merecido;
Que sempre fui perseguido,
E vivi mui trabalhado.
 Ha hi, pezar não de São,
Afficio mais fortunado?
DIA. Pois para que he o villão?
LAV. Todos nós vimos d'Adão.
DIA. Pousa, pousa ahi o arado.
LAV. Juro a San Junco sagrado
Que te chante hum par de quédas.
DIA. Aqui has d'ir embarcado.
LAV. Vae beijar o meu bragado
Antre as sedas.

DIABO.

 Que villão tão descortez!
LAV. E vós sois mui deneguil!
Dou eu ja ora ó Decho o freguez.
DIA. Dom villão, comigo irês
Onde estão de vós dez mil.
LAV. E vós Dom rosto de funil,
Cuidareis que sois alguem?
ANJ. Vinde ca, homem de bem;
Pera onde quereis ir?
LAV. Queria passar alem,
 Pera a glória do Senhor.
Samicas de lá serês?
ANJ. E vens tu merecedor?
LAV. E que fez lá o lavrador,
Pera andar ca ó través?
ANJ. Póde ser mui austinado,
E não querer-se arrepender.
LAV. Bofá, Senhor, mal peccado,
Sempre he morto quem do arado
Ha de viver.
 Nós somos vida das gentes,
E morte de nossas vidas;
A tyrannos — pacientes,
Que a unhas e a dentes
Nos tem as almas roïdas.
Pera que he parouvelar?
Que queira ser peccador
O lavrador;
Não tem tempo nem logar

Nem somente d'alimpar
As gotas do seu suor.
  Na igreja bradão com elle,
Porqu'assoviou a hum cão;
E logo excommunhão na pelle.
O fidalgo maçar nelle,
Atá o mais triste rascão.
Se não levão torta a mão,
Não lhe achão nenhum direito.
Muito atribulados são!
Cada hum pella o villão
Por seu geito.
  Trago a proposito isto,
Porque veio a bem de falla.
Manifesto está e visto
Que o bento Jesu Christo
Deve ser homem de gala.
E he rezão que nos valha
Neste serão glorioso,
Qu'he gran refúgio sem falha.
Isto me faz forçoso,
E não estou temeroso
Nem migalha.

ANJO.

  Que bens fizeste na vida,
Que te sejão ca guiantes?

LAV. Ia ao bodo da ermida
Cada sancta Margarida,
E dava esmola aos andantes;
Benzia-me pela manhan,
Levava o credo até o cabo.

DIA. Depois tomavas a lan
Da melhor e a mais san,
E davas ao dizimo a do rabo,
Temporan.
  E o mais fraco cabrito,
E o frangão offegoso,
Com repetenado esp'rito.

LAV. Oh fideputa maldito,
Triste avezimão tinhoso,
Lano peccador errado!
Não — vai — não me dezimei?
Dize sabujo pellado.

DIA. Tornaste tu o mal levado?

LAV. Si, tornei.
  E de tudo fiz aquesta,
Como homem diz, avantairo:

Leixei ó cura a enha bêsta.
Abonda que nem aresta
Tera comigo o cossairo.
Hum annal e hum trintairo,
Com raponsos, ladainhas :
A Gil fiz todo repairo
Com missas d'anniversairo
Trinta dias.
  Perol que dizeis vós lá ?
Sejo eu como deve ser,
Ou que modo se tera ?

ANJ. He mui caro d'haver ca
Aquelle eternal prazer.

LAV. Ja o eu lá ouvi dizer.
Perol o evangelho diz,
Quem for bautizado e crer
Salvus es : ora dizer,
Sêde juiz.
  Pois *quia infernus es,*
Nulla redencia ha hi ;
Vêde vós o que dizês,
Qu'a mim ja me pruem os pés,
Pera me passar d'aqui.

ANJ. Digo que andes assi
Purgando nessa ribeira,
Até que o Senhor Deos queira
Que te levem pera si
Nesta bateira.

LAVRADOR.

  Bofá, logo quizera eu,
Que m'atormenta este arado ;
E dera muito do meu,
Pois que ja hei de ser seu,
Tirar-me deste cuidado.
O' mundo, mundo enganado,
Vida de tão poucos dias,
Tão breve tempo passado,
Tu me trouveste enganado,
E me mentias !

DIABO.

  Inda esta barca não nada ?
Que festa esta pera mi !
Nunca tal balcarriada,
Nem maré tão desastrada
Nesta ribeira não vi.

Vem hũa regateira, per nome Marta Gil, e diz:

MARTA GIL.

Hui! que ribeiros são estes?
DIA. Venhais embora, Marta Gil.
MAR. E donde me conhecestes?
DIA. Folgo eu bem porque viestes
Oufana e dando ó quadril.
MAR. Vêdes outro perrexil!
E marinheiro sois vós?
Ora assim me salve Deos
E me livre do Brazil,
Que estais sutil.
Emque eu seja lavradora,
Bem vos hei de responder.
DIA. Não vos agasteis vós ora,
Que, ou lavradora ou pastora,
Aqui vos hei de metter.
MAR. Hui mana! e quem no deu?
Ide beber,
Que bem vos conheço eu.
DIA. Eu tambem vos sei nascer,
E vi fateixas fazer;
Que o que trazeis hé meu,
E ha de ser.

MARTA GIL.

E que cousas são fateixas?
Fateixado te veja eu.
DIA. Os feitos que feitos leixas,
E o povo cheio de queixas.
MAR. Cal'-te, almareo de Judeu.
DIA. Não sabes tu que viveste
Lavradora e regateira?
MAR. Ora comêde-la, que vos preste.
Hui! e que gaio he ora este
De ribeira?
Sabedes vós, João Corujo,
Todos fazem seu proveito.
Olhade o frei Caramujo,
Bargante que não tem cujo!
Cant'a agora he o feito feito.
Não sabes tu que o respeito
Do mundo he em ganhar?
E sôbre isso he seu proveito,
Ou a torto ou a direito
Apanhar.

Fui em tempo de cobiça;
Cada tempo sua usança:
S'eu morrêra de preguiça,
Tiveras muita justiça,
E eu pequena esperança.
Vendia minha lavrança,
Hum ovo por dous reaes,
Hum cabrito, se s'alcança,
Té quatro vintens, nó mais:
Tendes vós isto em lembrança?
Hum frangão por hum vintem,
E hũa gallinha sessenta;
E acerta-se tambem
Que ás vezes vem alguem,
Que as leva por setenta,

DIA. E pera que era agua no leite,
Que deitavas ieramá?

MAR. Mais azeite:
Ind'hoje o elle dirá!
Vistes ora o diabreite!
O' diabo, visses tu,
Bofé asinha o eu direi.
Como he palreiro, Jesu!
Fôra este cucurucũ
Bom secretario d'elRei.
Amanhade-lhe o atafal;
Nadar patas, patarrinhas;
Corregêde-lhe o enxoval;
Onças de raiva mortal,
Nas badarrinhas.

DIABO.

Valha-te a ti, Marta amiga,
Qu'estamos enfeitiçados.

MAR. Embarcade lá esta figa.

DIA. Passará esta fadiga,
Seremos desembargados.

MAR. Anjos bem-aventurados,
Metterei o canistrel,
Que trago os testos britados?
Carregão estes peccados,
Que fazem lançar o fel
A bocados.

ANJO.

E pera qu'erão elles ca?

MAR. Pera o Demo; e que sei eu?

ANJ. Ora pois, embarca lá.

MAR. Melhor creio eu que sera.
Jesu ! Jesu ! benzo-me eu.
O' bento Bartholameu,
E vós Virgem do rosairo,
Polo filho que Deus vos deu
Esta noute vosso e seu,
Haja repairo.
Bem sabedes vós, Senhora,
Que venho eu manifestada,
E fui vossa lavradora ;
Emque pecasse algum'ora,
Venha a piedosa alçada.
Esta he a noute que paristes :
Benta a hora em que nascestes ;
Esqueção meus males tristes,
Polo menino que vestistes,
E envolvestes.
Anjos, ajudade-me ora,
Que vos veja eu bem casados :
Não me deixedes de fóra
Por aquella sancta hora
Em que todos fostes creados.
ANJ. Não he tempo ca d'orar,
Cant'á para merecer.
MAR. Manos, eu quero provar
Qu'em todo tempo ha logar
O que Deos quer.
Este serão glorioso
Não he de justiça, não ;
Mas todo mui piedoso,
Em que nasceo o esposo
Da humanal geração :
E a barca de Satão
Não passa hoje ninguem ;
E per fôrça hei d'ir alem,
Sô pena d'excommunhão,
Que posta tem.

ANJO.

Grande cousa he oração :
Purga ao longo da ribeira,
Segura de damnação,
Teras angústia e paixão,
E tormento em gran maneira.
Isto até que o Senhor queira
Que te passemos o rio ;
Sera tua dor lastimeira,

Como ardendo em gran brazio
De fogueira.

MARTA GIL.

Oh esperança, esperança,
A mais certa pena minha
Com toda esta segurança!
Tu es a mesma tardança
Em figura de mézinha.
Oh quem tal arrepender,
Tal maneira de penar,
Lá soubesse no viver!
Oh quem tornasse a nascer,
Por não peccar!

Vem hum Pastor, e diz, olhando pera a barca do imigo:

PASTOR.

Isto he cancêllo, ou picota,
Ou senefica algorrem?
Não lhe marra ella aqui gota
De ser isto terremota
Pera enforcar alguem.

DIA. Queres embarcar, pastor?
PAS. Praz.
DIA. Entra neste batel.
PAS. Irra! pulha he isso, salvanor.
S'eu não fôra pulhador,
J'ella passava o burel.
Digo, senhor pesadello,
(Vós sabereis isto bem)
Estando em val de Cobello,
Deu-me dor de cotovello,
Emperol morri perem.
E fui-me per esse chão
A Deos douche alma dizer,
Com meu cacheiro na mão,
Sem soes motrete de pão,
Nem fome pera o comer,
Se vem á mão.
E vinha ora bem descuidado
De topar mar nem marinha.
Avonda, espantalho honrado,
Ao morrer deixei o gado,
E o amo e quanto tinha.
Senão anda que te vas,
Enha mãe nega gritar,
E chorar que chorarás.

Agora quero passar;
Perem não me levarás.

DIABO.

Porque?

PAS. Sois busaranha,
E mais féde-vo-lo bafo,
E jogatais de gadanha,
E tendes modão d'aranha,
E samicas sereis gafo.

DIA. Gafo eu?

PAS. A bem;
Não hei d'ir per acajuso,
Emque me custe algorrem,
Chinfrão, ou meio vintem,
Ir dereito como o fuso
Pera alem.

DIABO.

Dize, rústico perdido,
Fizeste tu por saber
O *Pater noster* comprido?

PAS. E pera que era elle sabido?

DIA. Porque o havias de dizer.

PAS. A quem?

DIA. A quem te creou.

PAS. Al tem elle que comer.

DIA. Não fizeste o que mandou.

PAS. Callae-vos, Senhor Jão Grou;
Ja sei quem m'ha de levar,
Sei quem sou.
Esta noite he dos pastores,
E tu, Decho, estás em sêcco;
E salvão-se os peccadores
Criados de lavradores,
E tu estás coma peco.

DIA. Digo-te, pastor amigo,
Que foste gran peccador.

PAS. Senhor tartarugo, digo
Que mentis como bestigo,
Salvanor.
Falla em tua merencória,
E não falles em passar,
E conta lá outra história;
Porque em festa de tal glória,
Não has ninguem de levar.
Ronca, qués tu pôr comego
Algorrem pera beber,

Que vens de casta de pêgo,
E neto d'algum morcego ?
Pardicas não póde al ser.

DIABO.

Não estou em meu poder,
Pera me vingar de ti.
PAS. Não podes nada fazer
Na noite que quiz nascer
Christo filho de Davi.
DIA. Quem te poz no coração
Fallares cousa tão boa ?
Que tu não tens descrição.
PAS. E quem te deu a ti lição
De ser tão ruim pessoa ?

ANJO.

Pastor, tu queres passar ?
PAS. Este he melhor artezão.
ANJ. Folgarei de te levar,
Se te ajuda o bem obrar,
Que as obras remos são.
PAS. Enha mãe m'o bradará,
Que fica no sahimento,
E o responso do mamento ;
E tudo Sa Gil fara
Com bom tento.

ANJO.

Morreste tu bom christão ?
PAS. Que sei eu que vós dizeis ?
ANJ. Dize ora o *kirieleison*,
Kirieleison, *Christeleison*.
PAS. O *Pater noster* quereis ?
Ja eu soube hum quinhão delle.
No *santo faceto* andei ja,
E nunca me dei por elle ;
E a *Ave Maria* a par delle
Soube eu lá ja tempos ha.
E fui assi por ella andando
Nos *intes vitus* cajuso ;
Alli andava eu sandejando,
E suacendo e cansando :
Então dei á treva o uso.
Assaz avonda ao pastor
Crer em Deos, e não furtar,
E fazer bem seu lavor,

E dar graças ao Senhor,
E fugir de não peccar.
  E crer na Igreja assi junta
Com paredes e telhados,
Aliceres e furados;
E não curar de pergunta,
E dar ó Demo os peccados.
Eu nunca matei, nem furtei,
Nega uvas algum'ora;
Nem nunca mexeriquei,
Como lá se usa agora.

DIABO.

  Vae, vae cantar a gamella:
Não andavas tu namorado
Perdido por Madanella?

PAS. E pois que lhe fiz a ella,
Para dizer que he peccado?
Hũa vez armei-lhe o pe
Na chacota em Villarinho,
E ainda pola abofé
Constança Annes, que viva he,
Me metteo naquelle alinho.

DIABO.

  Não na foste tu sperar,
Pera a damnares, villão,
E começou de bradar
Que a querias forçar?

PAS. O' fideputa cabrão!
Quizera eu e ella não,
Porque a trédora fugio:
E s'isto assi foi, ladrão,
Que peccado se seguio,
Pois não houve concrusão?
  Juro ao corpo verdadeiro
Que tu te podes gabar
Que casado nem solteiro,
Não anda tão vil barqueiro
Sôbolas aguas do mar.
Soma, Anjo, eu m'enfestei:
Abrenuncio Satanaz!

ANJ. Faze o que t'eu direi,
E depois embarcarás,
E eu mesmo te passarei.
  Purga ao longo do rio
Em gran fogo, merecendo.

PAS. E quando parte o navio?
Senhor, se eu não tenho frio,
Pera que hei d'estar ardendo?

Vem hũa Pastora menina, e temendo a visão do inimigo que lhe appareceo na morte, diz:

MOÇA.

Jesu! Jesu! que he ora isto?
Ave Maria! Ave Maria!
Qu'he do meu cão qu'eu trazia?
Oh! chagas de Jesu Christo
Vão em minha companhia!
Eu sonho! — triste de mim!
Oh coitada, como tremo!
Minha mãe, valei-me aqui,
Que quando de vós parti,
Não cuidei d'achar o Demo.
Mais angústia he o temor
Do imigo, que da morte:
Tomo a Deos por valedor,
Pois me cortas, e dás dor,
Ma mazela que te córte.

DIA. Muchacha, venhas embora.

MOÇ. Mas na negra, pois te vejo.
Oh! desapparece-me ora,
Que falleci ind'agora
Em mui perigoso ensejo.
Porque era moça e cuidei
Que da velhice gouvira,
E com tal dor acabei,
Que de mi parte não sei,
Nem tenho ponta de sira.
Não sei quem m'ha d'ajudar,
Não sei quem m'ha de valer,
Não sei quem m'ha de passar,
Não sei se m'hão de matar
Outra vez, ou que ha de ser.
Tir'-te diante de mi,
Verei os anjos de Deos.

DIA. Entrae vós, filhinha, aqui.

MOÇ. Oh! cal'-te: — triste de mi!

DIA. Eu vos levarei aos ceos;
Entrae, minha Polixena;
Não temais nada, Senhora.

MOÇ. Arre lá! uxte, morena!

DIA. O' minha Rainha Helena,
Entrae, e vamo-nos ora.

MOÇA.

Cal'-te, cal'-te na ma ora !
Cuidas que m'has d'enganar,
Porque assi me ves pastora ?

DIA. Entrae, minha matadora,
Pois que Deos vos quiz matar.

MOÇ. Não vêdes vós o quebranto,
Que se quer pôr em feição !

DIA. Olhae, flores, não m'espanto
Que me digais sete tanto :
Padeça meu coração,
O porvir e o presente.
Senhora, por concrusão,
Não qnero de vós somente,
Senão dardes-me essa mão,
Se disso fordes contente :
E se m'eu gabar de vós,
Ma pezar veja eu de mi.
E iremos ambos sos
Onde estão vossos avós.
Ora entrae, ireis aqui.

MOÇA.

Jesu ! Jesu ! raiva na casta !
Commendo ó Decho a amargura !
Mãe de Deos ! como m'agasta !
Ma rabugem na tarasca,
Espezinhada, triste, escura !

ANJ. Leix'ó, pastora ; vem ca.

DIA. Como estou hoje mofino,
E sem dita ieramá !
Mas algum dia virá
Qu'eu estarei mais fino.

MOÇA.

O' anjos, minha alegria,
Vista de consolação !
Por virtude e cortezia,
Ensinae-me por que via
Passarei á salvação.

ANJ. Conhecias tu a Deos ?

MOÇ. Muito bem, era redondo.

ANJ. Esse era o mesmo dos ceos.

MOÇ. Mais alvinho qu'estes veos,
O vi eu vezes avondo.
Como o sino começava,
Logo deitava a correr.

Anj. Que lhe dizias ?
Moç. Folgava,
E toda me gloriava
Em ouvir missa e o ver.
Anj. Pastora, bom era isso.
Dia. Era a mor mexeriqueira
Golosa, que d'improviso,
Se não andavão sôbre aviso,
Lá ia a cepa e a cepeira.
E mais quereis que vos diga ?
He refalsada e mentirosa.
Moç. Era ainda rapariga.
Dia. Se tu foras minha amiga,
Eu me calára, tinhosa.

Moça.
O' anjos, levae-me ja,
Tirae-me deste ladrão.
Anj. Não podes ainda ir lá.
Moç. Tão moça, hei de ficar ca ?
Não parece isso rezão.
Anj. Vae ao longo desse mar,
Que he praia purgatoria ;
E quando Deos o ordenar,
Nós te viremos passar
Da pena á eterna glória.

Vem hum Menino de tenra edade, e diz :

Menino.
Mãe, e o coco está alli !
Quereis vós star quêdo, quelle ?
Dia. Passa, passa tu per hi.
Men. E vós quereis dar em mi ?
O' demo que o trouxe elle !
Dia. Bé, mé. Filho da puta,
Vós estais muito garrido !
Tirar-vos-hão, Dom perdido,
Dos olhos a marmeluta.

Menino.
Eu vos tomarei a vós
A' porta de minha tia ;
Entonces veremos nós
Os cães de vossos avós,
Qu'estavão na mancebia.
Dia. Bé.
Men. Mãe, s'elle quer-me comer !

E meu pae não vos dara?
DIA. Bé.
MEN. Dona, se lh'o eu disser...
E ella matar-vos-ha:
Então ireis a morrer.

DIABO.

Bé.
MEN. Aquelle s'eu chamar
O nosso Joanne!...
DIA. Bé.
MEN. Não queres senão berrar?
DIA. Onde has d'ir, ou pera que?
MEN. Fica minha mãe chorando,
So porque m'eu vim de lá.
ANJ. Mas fica desvariando,
Que tu es do nosso bando,
E pera sempre sera.
Fez-te Deos secretamente
A mais profunda mercê
Em idade de innocente:
Eu não sei se sabe a gente
A causa porqu'isto he.

Cantando, mettem os Anjos o Menino no batel, e entra hum Taful, e diz o Diabo:

DIABO.

O' meu sócio, ó meu amigo,
Meu bem e meu cabedal!
Vós, irmão, ireis comigo,
Que não temeste o perigo
Da viagem infernal.
TAF. Eis aqui flux d'hum metal,
DIA. Pois sabe que eu te ganhei.
TAF. Mostra se tens jôgo tal.
DIA. Tu perdes o enxoval.
TAF. Não he isto flux com rei.

DIABO.

Baralha o jôgo e partamos.
TAF. Paga, qu'eu não jógo em vão.
DIA. Lá no frete descontâmos;
Quer ganhemos, quer percamos,
Tudo nos fica na mão.
TAF. Muito me gasto eu aqui,
Que tu tens mui mao sembrante;
E pareces-me emfim

Por da ré muito ruim,
E malino por d'avante.

DIABO.

Mas tornemos a jogar,
Porque tenho saudade
De te ouvir arrenegar,
E descrer e brasfemar
Do misterio da Trindade.

TAF. Aramá, como tu fallas
Tão senhor d'esta alma minha!

DIA. Não sei como agora calas,
Renegando a soltas alas
De Deos e da ladainha.
Este dia e as oitavas,
Por paços, salas e cantos,
Oh quanta glória me davas,
Quando á hostia blasfemavas,
E deshonravas os Sanctos!

TAF. Cant'eu sempre ouvi dizer,
Quem bem renega, bem cre:
Isto vos faço eu saber;
E quando isto não valer,
Entraremos por mercê.

(Vai-se á Barca do Paraizo, e diz:)

Havera ca piedade
D'hum homem tão carregado?

ANJ. Mas a infinda crueldade
Com que offendeste a magestade,
Renegando seu estado?

TAF. Vêde que estava occupado
Na gran perda que perdia.

ANJ. E Deos que culpa t'havia,
Taful mal-aventurado,
Sem valia?
Renegar tão feramente
Da Imperatriz dos Ceos!
O' pranta de ma semente,
Arderás no fogo ardente,
Com toda a ira de Deos.

TAF. Ma nova he essa pera mi.
Se assi for como dizes,
Digo qu'eramá ca vim.
Porém esperae-me assi,
Fallarei tamalaves.
Deos não quiz hoje nascer
Por remir os peccadores?

ANJ. E pois que queres dizer?
Que so c'o seu padecer
Se salvão renegadores?

TAF. A perneta me forçou,
Que era senhora de mi.

DIA. Mente, qu'elle s'incrinou:
Nunca estrella renegou,
Nem tal ha hi.
Sempre jogava o fidalgo,
Bispo, escudeiro, ou que he.

COM. Mestiço de cão e galgo.

ANJ. Tomae-o, dae-lhe de pé.

DIA. Nosso he.

TAF. Estae, imigos! — Senhores,
Deste sancto nascimento
Não terei alguns favores?

ANJ. Tafues e renegadores
Não tem nenhum salvamento.

Sahem os Diabos do batel, e, com hũa cantiga muito desacordada, levão o Taful; e os Anjos cantando levão o Menino, e fenece esta segunda scena.

Auto da Historia de Deos.

FIGURAS.

PROLOGO.

ANJO.

LUCIFER — Maioral do Inferno.
BELIAL — Meirinho da sua côrte.
SATANAZ — Fidalgo do seu Conselho.
ANJO.
MUNDO.
TEMPO — Seu Veador.
EVA.
ADÃO.
MORTE.
ABEL.
JOB.
ABRAHÃO.
MOISES.
DAVID.
ISAIAS.
BELZEBU.
S. JOÃO.
JESU CHRISTO.

O auto que se segue he intitulado Breve Summario da historia de Deos. Foi representado ao muito alto e mui poderoso Rei Dom João, o terceiro deste nome em Portugal, e á Serenissima e muito esclarecida Rainha Dona Catherina, em Almeirim, na era do Senhor de 1527.

AUTO DA HISTORIA DE DEOS.

Entra hum Anjo, e a modo de argumento diz o seguinte introito.

ANJO.

Ainda que todalas cousas passadas
Sejão notorias a Vossas Altezas,
A história de Deos tem taes profundezas,
Que nunca se perde em ser recontadas.
E porque o tenor
Da resurreição de nosso Senhor
Tem as raizes naquelle pomar,
Ao pé d'aquella árvore que ouvistes contar,
Aonde Adão se fez peccador,
Convem se lembrar.
Portanto o exordio do auto presente
Começa tractando desta creação,
E como Lucifer tomou gran paixão
De Deos crear mundo tão resplandecente.
E assi a inveja
E a sua malicia d'inveja sobeja
Por ver nossos padres assi nobrecidos,
Feitos gloriosos, tão esclarecidos,
Que não pelos olhos lhe armárão peleja,
Mas pelos ouvidos.
Entrará primeiro o muito soberbo
Lucifer, anjo que foi dos maiores,
E Belial e Satanaz, senhores
De muita maldade de verbo a verbo.
Agora vereis
O que por diversos doctores lereis
D'*ab initio mundi* até á resurreição;
A' qual se endereça a final tenção
Dos versos seguintes. Não vos enfadeis,
Que breves serão.

Entra Lucifer, o Maioral do Inferno, e com elle Belial, Meirinho da sua côrte, e Satanaz, Fidalgo do seu Conselho; e depois de assentado diz

LUCIFER.

Venho herege do mundo que fez
O Deos lá de cima tão longo e tão passo,
Feito de nada por tanto compasso,
Tal que pasmado fico eu desta vez.

BEL. Mais he d'espantar
Do homem e mulher que fez no pomar.

LUC. Isso queria eu agora dizer;
Porque daquelles podem proceder
Tantos espritos, que possam ganhar
O que fomos perder.
Hajamos conselho sôbre esta façanha,
Que Deos não nos ha de leixar acuar:
Todo seu feito he fazer-nos pesar,
Alem de deitar-nos de sua companha.

BEL. Assi me parece.

SAT. De Adão e Eva que mal nos recrece?

BEL. Dar Deos a elles o que nos tomou.

SAT. Dar Deos a elles o que nos tomou?

BEL. Não cuides tu al; que este he o alicesse
Em que se fundou.

SATANAZ.

Pois que remedio? que este mal he muito!

LUC. Deos lhe mandou mandado mui forte,
Sob pena de dores, trabalhos e morte,
Que não lhe tocassem em hum certo fruito,
Fruito da sciencia;
Porque perderão sua innocencia,
Angelica em parte, subtil e immortal,
E a posição do paraizo terreal:
Isto em peccando, á primeira audiencia
Sentença final.
Vae tu, Satanaz, por embaixador,
Eu te dou meu comprido poder;
E vae-te a Eva, porque he mulher,
E dize que coma, não haja temor:
E, como avisado,
Lhe falla cortez e mui repousado,
Mostrando-te alegre com todo seu bem,
E seu muito amigo maior que ninguem:
Minte-lhe largo, e dá-lhe o cuidado
Que agora não tem.
Vem tomar graça, pois has de prégar
A' mais avisada senhora do mundo:
Eu te outorgo meu poder facundo.
Não hajas dó della, faze-a finar,

Destrue-la asinha;
Nem por formosa, nem por ser rainha,
Não olhes por nada, aperta com ella:
Que como a venceres, sem ti, mesma ella
Fará ao marido cobrir-se de tinha,
E muito mais qu'ella.

SATANAZ.

Em que figura lhe fallarei bem?

LUC. Faze-te cobra, por dissimular,
Porque pareças do mesmo pomar,
Que sabes das fructas as graças que tem;
Porque has de dizer:
Senhora fermosa, deveis de saber
Que aquella fructa que vos foi vedada
Oh! quanta sciencia em si tem cerrada.

SAT. Ja vos entendo, não falleis mais nada;
Leixae-me fazer.

Partido o tentador Satanaz, Belial anojado de inveja porque Lucifer o não mandou a elle, diz:

BELIAL.

Crede hũa cousa, Senhor Lucifer,
Que não ha hi pena que seja igual
Aquella que sente o grande official,
Quando ninguem lhe dá que fazer.
Eu sou dos primeiros
E o vosso leal entre os cavalleiros,
E mais sou Meirinho desta vossa côrte.
Vós não fazeis guerra em que eu faça sorte,
E sendo meirinho sem prisioneiros
Me pesa de morte.
E foste mandar Satanaz agora
Com todo poder de vosso vigor,
Accrescentado por embaixador,
Ao novo Senhor e nova Senhora,
Porém a mim não.
Se lá me mandáras, me houvera por cão,
Se não os fizera per fôrça peccar:
Logo per fôrça os fizera tragar
Quantas maçans naquella árvore estão,
Sem as mastigar.

LUCIFER.

Onde fôrça ha perdemos direito;
Que o fino peccado ha de ser de-vontade,
Formando desprêzo contra a Magestade;

E não serão nossos, se for d'outro geito.
E porque he errar
Mandar o soberbo a negociar
Cousas que hão de ser feitas per manha,
Não te mandei: que a furia não ganha;
Mas doces palavras e dissimular
Faz toda a façanha.
Satanaz sei que os fara peccar
Per suas vontades, segundo he manhôso
E mui lisongeiro, e falla mimoso,
E sabe mentir com graça e com ar.
E se elle acabasse,
Convem a saber, que me derribasse
Aquelles monarchas do mundo primeiros,
Tu terias somma de prisioneiros,
Meu fogo tambem em que se occupasse,
E meus cozinheiros.

Vem o tentador Satanaz com muita alegria porque leixa acabado seu negócio, e diz:

SATANAZ.

Senhor Lucifer, prazer hi não ha
Que dê pelos pés ao do vencimento:
Alegrae-vos muito e o nosso convento,
Que vosso desejo comprido está.
Ja são derrubados
Adão e Eva os primeiros casados,
Voltas as vodas em pranto mui forte,
O gôzo em lagrimas, a alegria em morte,
A vida em suspiros, prazer em cuidado,
Ventura sem sorte.
He ja convertida esperança em temores,
Em pena tambem a seguridade,
Repouso em favor, e a liberdade
Deixo-a captiva em vivas dolores;
E o paraizo
Lhe fica bem longe do seu pouco siso,
E he pera rir de seu desatino:
Porque o fruito era pequenino,
E pera fazerem tal regno diviso
Não era tão fino.
Porém crede vós que são destruidas
Duas creaturas mui maravilhosas,
Muito acabadas, e tão graciosas,
Que tarde verão outras taes nascidas.
Emfim que, Senhor,
Comerão seu pão com grande suor,

Seu mal tem ja certo, o bem duvidoso.
Oh como andava Adão tão mimoso,
E Eva cuberta de grande esplendor!
Mas eu fui ditoso.

LUCIFER.

Faço-te Duque e meu Capitão
Dos regnos do mundo até sua fim.
Pois os paes venceste, os filhos assi
Trabalha e procura que venhão á mão;
Que poderá ser
Que alguns farão tão grande prazer
Ao Deos offendido com tanta vontade,
Que da sua ira farão piedade,
E sua justiça farão converter
Em benignidade.

SATANAZ.

Bofá, meus amigos, ja eu 'stou cevado:
Nenhum que nascer não m'ha d'escapar,
Oh quantas manhas que sei de luctar,
E quantos enganos que tenho estudado!
Venha embora
O rico ou pobre, senhor ou senhora,
Ou seja villão, ou frade ou freira,
De todas as sortes lhe sei a maneira.
Não fallemos nisto jamais per agora,
Que feita he a pesqueira.

Entra hum Anjo com hum relogio na mão, e traz comsigo o Mundo vestido como rei, e o Tempo diante como seu Veador; e diz o

ANJO.

Deus, cui proprium est miserere,
Porque o seu proprio é perdoar,
De todo a sanha não quer executar,
E a summa bondade assim lh'o requere.
Ca Deos he grandeza,
E he poderio e he fortaleza,
E sabedoria, virtude e verdade,
Glória: tudo isto tem de propriedade;
E estas dignidades tem por natureza
Usar de piedade.
E porque o peccado he em si temporal,
E a bondade de Deos he infinda,
Precede em grandeza toda a cousa finda,

E ser poderoso he seu natural.
A justiça porém
Quando executa, não cuida ninguem
Que he com mil partes o que merecia.
Adão é deitado de sua alegria,
Porque por seu mal não pôde c'o bem
Que Deos lhe queria.
  E porém comtudo piedoso tornado,
Manda-te, Mundo, agasalhar Adão
E todos aquelles que procederão
De sua semente, de qualquer estado,
E lhes dês folgança,
E todalas cousas em muita abastança:
Os peixes, que vão per carreiras do mar;
Aves, que andão as vias do ar;
Ovelhas e bois, e toda abondança
Os leixa lograr.
  Porque, ainda que são peccadores,
Não tem outro padre senão o Senhor,
Que não quer a morte ao peccador,
Mas antes que viva e lhe dê louvores.
E a ti porém
Manda-te, Tempo, que temperes bem
Este relogio, que te dou, das vidas;
E como as horas forem cumpridas
De que fez mercê á vida d'alguem,
Serão despedidas.
  Assi que tu, Mundo, os gasalharás,
E Satanaz os aconselhará,
O Tempo e relogio os despedirá,
A morte sera o que tu verás.
Eis aqui vem
O padre Adão, e Eva tambem;
E como saudosos do seu paraizo,
Com dor dolorosa de tal improviso,
Assi desterrados de todo o seu bem,
Vem fallando nisso.

EVA.

  Oh como os ramos do nosso pomar
Ficão cubertos de celestes rosas!
O' doces verduras, ó fontes graciosas,
Quem nunca vos víra pera se lembrar!
ADÃ. Lembremo-nos ora
De nosso remédio, mulher e senhora,
Porque isto he o que havemos mister.
EVA. O' senhor, quem póde cobrar tal perder,

Que possa perder lembrança meia hora
De tanto prazer?

ADÃO.

Poderoso he o Padre na glória dos Ceos,
Poderoso he o Padre no nosso paraizo,
Poderoso he o Padre neste triste abiso,
Em todo logar poderoso he Deos;
E não vos mateis.

EVA. Segundo o que sinto, vós, senhor, quereis
Que queira soffrer, e meu mal não quer;
Minha dor he grande, e eu sou mulher
Tão desconfiada, como vós sabeis
Que devo de ser.
A dor e tristeza he no meu coração,
No meu coração está minha vida,
E na minha vida está minha ferida,
De que meus cuidados feridos estão.

ADÃ. Leixae-me dizer,
Eu vos direi que haveis de fazer.
Ajuntae-me a somma de vossos cuidados
Aos meus tristes apassionados,
E dae-m'os a mim, porque eu hei d'ir ter
Cuidados dobrados.

EVA.

Senhor, bem o creio; mas vós bem ouvistes
O que me disse o Senhor dos senhores:
Que eu pariria com mortaes dolores,
Aimais desterrada na terra dos tristes.
Oh! triste de mi!
Cada hum de nós penará por si;
Vós tereis cuidados e eu muitos cuidados,
Os nossos prazeres serão trabalhados:
Oh quantos trabalhos teremos aqui
Por nossos peccados!

ADÃO.

Dae ora logar, senhora querida,
Que passe esse pranto; e nós descansemos;
Catemos abrigo em que nos abriguemos.
Pois nos obrigamos a misera vida,
Façamos pendença;
Cumpramos os termos da nossa sentença,
Pois não cumprimos o que nos cumpria.
Paciencia, senhora, que o nojo em porfia
Remédio não causa, nem tira doença,
Mas antes a cria.

MUNDO.

De vosso desastre me pesou assaz;
E, como o Anjo aqui o contasse,
Nunca tive cousa de que mais me pesasse.
Porém por engano tudo se faz.
O Diabo he demo;
Porque he o rapaz tao subtil em extremo,
Que não ha bugio tão mal inclinado.

ADÃ. Quem sois vós, que assi estais ornado?

MUN. Eu sam o Mundo, que remo meu remo
Em vosso cuidado.
Se vós não houvesseis pezar em dizê-lo,
Desejo saber por que via entrou
Aquelle galante que vos enleou;
Não pera usa-lo, mas pera sabê-lo.

EVA. Senhor, sabereis,
Dizendo em somma o que me requ'reis,
Que eu concebi neste meu spirito
Aquelles enganos do anjo maldito;
E assi concebida, agora vereis
O meu apêrto.
Digo que, prenhe, minha alma e vida
Assi concebida do verbo corrupto,
Desejei, de prenhe, fartar-me do fructo
Da árvore sancta por Deus defendida.
E como comi,

(apparece a Morte)

Vêdes alli, Senhor, que pari;
Vêdes a minha triste paridura:
Essa he a filha da mãe sem ventura,
Isto nasceu da triste de mi,
Por nossa tristura.

ADÃO.

Vêdes aqui, Senhor Mundo, a nossa
Parteira da terra, herdeira das vidas,
Senhora dos vermes, guia das partidas,
Rainha dos prantos, e nunca ociosa,
Adela das dores,
A embaladeira dos grandes senhores,
Cruel regateira, que a todos enleia.

MUN. Não vos espanteis de pessoa tão feia,
Porque cada hum desses lavradores
Colhe o que semeia.
Hou! que dizes, Tempo?

TEM. Eu não digo nada:

Eu lhes fallarei lá na derradeira;
Agasalha-os tu, que he gente estrangeira.
MUN. Cortae dessa rama, fazei a pousada,
E va Adão cavar:
Semeae das favas, que haveis de suar:
Comei dessa fructa amargosa, monteza,
E fie da lan a primeira princeza,
Até qu'essa Morte vos venha chamar,
E muito depressa.

Apartão-se do auto Adão e Eva, e diz o

MUNDO.

Ora venha Abel seu filho carnal,
E não façais conta aqui de Caïn,
Que como o homem he homem ruim,
Pera que he delle fazer cabedal?
Abel he pastor
Amigo de Deos e bom servidor,
Por isso lhe crescem a ôlho seus gados.
TEM. Pois porque tem dias tão abreviados?
MUN. São fundos segredos que tem o Senhor
Pera si guardados.

Entra Abel pastor, cantando o seguinte

Vilancete.

ABEL.

« Adorae, montanhas,
« O Deos das alturas,
« Tambem as verduras;
« Adorae, desertos
« E serras floridas,
« O Deos dos secretos,
« O Senhor das vidas:
« Ribeiras crescidas,
« Louvae nas alturas
« Deos das creaturas.
« Louvae, arvoredos
« De fructo presado,
« Digão os penedos,
« Deos seja louvado,
« E louve meu gado
« Nestas verduras
« O Deos das alturas. »

SATANAZ.

Oh como cantas tão doce, pastor!
Quanta doçura que nasceu comtigo!

Conselho-te, irmão, senhor e amigo,
Que te estimes muito: pois es tal cantor,
Bem he que te prezes.
Tu es mais formoso que teu pae mil vezes:
E se eu a ti fosse leixaria o gado,
Que andas nos matos mui mal empregado,
Mancebo disposto: e não te desprezes
De ser namorado.

ABEL.

Queria ora mais fartar o meu gado,
Sem fazer nojo nem perda a ninguem.

SAT. Queres que engorde o teu gado bem?
Sempre apascenta em pasto vedado.

ABE. Quem te mette a ti
A aconselhares outrem, nem menos a mi,
Sem te pedirem conselho nem nada?

SAT. He tanta a virtude que tenho sobrada,
Que sempre isto faço e fiz atéqui
A cada passada.

ABEL.

Oh! e tu gabas-te e fazes-te sancto?
Juro-te, amigo, que hypocrita es.
Torna-te monge, descalça esses pés,
E seras fino nessa arte dez tanto:
A isto te espero.

SAT. Este he o homem que busco e quero.
Muito desejo tua companhia,
E sem mais soldada, com muita alegria,
Prometto servir-te como escravo mero
De noute e de dia.

TEMPO.

Despachae, Abel, parti pola fria,
Que ja vossas horas estão consumidas.

ABE. O' Tempo, tão curtas são aqui as vidas?
Senhor, agravais-me, que ainda crescia;
Não ha aqui justiça.
Leixae-me, Morte.

MOR. O Tempo me atiça.

ABE. Onde me levas?

MOR. Lá t'o dirão.

ABE. Mundo, não me vales?

MUN. Está bem á mão.

TEM. Pois não se t'escusa, não hajas preguiça:
Não tomes paixão.

Entra Abel na escuridade do Limbo e diz:

ABEL.

Despois de viver vida trabalhada,
Despois de passada tão misera morte,
Este he o abrigo, esta he a pousada!

BEL. E esse he o siso,
Despois que vos vêdes neste sancto abiso,
Despois que estais fóra de guardardes gado,
Despois que cobraste tal valle abrigado,
Despois de vizinho no nosso paraizo,
Nos dais esse grado?
Sus, sus, á corrente.

LUC. Aperta-o mui bem
Que nunca Satan o pôde enganar,
Porque elle fôra pousar no logar
Onde pera sempre não virá ninguem,
Senão outros taes.

BEL. Has tu saudade de ir ver a teus paes,
Ou por ventura das tuas ovelhas?

ABE. O' Senhor Deos! pois tal me apparelhas,
Recebe meus gritos, prantos e ais,
Nas tuas orelhas.

TEMPO.

Vós, padre Adão, e vossa parceira,
Cheguemos á vara, ja sabeis meu mando;
Mil annos ha que estou esperando;
Esta he a vossa hora derradeira.

ADÃ. O' Tempo, espera!

TEM. Este relogio não se destempera,
He muito certo e muito facundo.

ADÃ. Queria fallar hum pouco c'o Mundo:
Não apparelharei eu o panno e a cera?
Ora he caso profundo!

TEMPO.

Alto, despachae: e vós aguardais?
Fazeis o alforge á hora da ida?

ADÃ. Dá-me siquer hum dia de vida.

TEN. Diz ca o relogio que não tendes mais;
Nem ha hi maneira.

MOR. Não sabeis vós que sou vossa herdeira,
E a vossa filha a primeira gerada?

ADÃ. O' triste Morte, como es apertada!
Como es espantosa, em tanta maneira
Desaventurada!

Entrando na casa de sua prisão, e achando Abel, seu filho, preso naquella infernal estancia, fizerão todos hum pranto, cantando a tres vozes; e acabando diz o

MUNDO.

Eis Job vem fallando ha grande pedaço,
Triste com causa de ter gran tristeza.
TEM. Oh quantos haveres e quanta riqueza
Perde aquelle homem em tão pouco espaço!
MUN. Infinitos gados
E muitos haveres lhe tenho ja dados,
E tudo lhe foi atravez brevemente;
Porque Satanaz o achou excellente,
Todos seus bens lhe tem assolados;
E Job paciente.

JOB.

Se os bens do mundo nos dá a ventura,
Tambem em ventura está quem os tem.
O bem que he mudavel não póde ser bem,
Mas mal, pois he causa de tanta tristura;
E se Deos os dá,
Como eu creio mui bem que sera,
E a fortuna tem tanto poder,
Que os tira logo cada vez que quer,
O segredo disto, oh! quem m'o dirá,
Pera o eu saber?

SATANAZ.

Fallemos hum pouco, Job, a de parte
Sôbre esse segredo, verás que te digo.
Eu quero-te bem e sou teu amigo,
Sem usar comtigo cautela nem arte.
Tu saberas,
E não me descubras nem hoje nem cras,
Deos he aquelle que te tracta assi;
Quer-te gran mal e diz mal de ti:
Não cures delle, e logo tornarás
A como te vi.
Tu dás com teus males louvores a Deos,
E elle pesa-lhe por tu nomea-lo:
Renega, renega de ser seu vassalo,
E logo verás tecer outros veos.
JOB. Se o eu leixar,
Qual he o senhor que m'ha d'emparar?
Qual he o Deus que me póde valer?
Nos bens desta vida não está o perder,
Que assi como assi ca hão de ficar,
Pois hei de morrer.

Eu creio, Mundo, que o meu redemptor
Vive, e no dia mais derradeiro
Eu o verei Redemptor verdadeiro,
Meu Deos, meu Senhor e meu Salvador.
Eu o verei, eu,
Não outrem por mim, nem com ôlho seu,
Mas o meu ôlho, assim como está;
Porque minha carne se levantará,
E em carne mea verei o Deos meu,
Que me salvará.

SATANAZ.

Prosigue tu embora tua mania,
Que Deos bem de chapa te assenta elle a mão:
Derribou-te agora as casas no chão,
E matou-te os filhos morte supitania.
JOB. Verdade he isso?
SAT. Assim me veja eu rei do Paraizo.
JOB. Bento e louvado seja o Deos dos ceos!
SAT. Se ó tu renegasses, temer-t'hia Deos,
E correr-se-hia muito de te fazer isso.
JOB. Lá, lá aos increos!

SATANAZ.

Assi! ora espera, farei que renegues,
Quero fazer o que Deos me manda.

(Toca Satanaz a Job, e fica cuberto de lepra.)

JOB. Oh chagado de mi, que esta he outra demanda!
Oh Deos meu! e porque me persegues?
Contra mim perfias,
Sabendo que nada são os meus dias!
Minha alma s'enoja ja de minha vida,
E como a setta he minha partida.
Senhor, meu Senhor! porque te desvias
De tua guarida?
Responde-me, quantas maldades te fiz?
Ou quantas treições obrei contra ti?
Porque assim escondes a face de mi,
Como meu contrário, sendo meu juiz?
Contra a folha prove,
Que ligeiramente o vento revolve,
Mostras as fôrças que tu tens comtigo?
Porque te fizeste contrairo comigo?
Que a tua bondade me escusa e absolve
De ser teu imigo.
Senhor, homem de mulher nascido
Muito breve tempo vive miserando,

E como flor se vai acabando,
E como a sombra sera consumido.
Pois porque, Senhor,
Estimas tu cousa de baixo valor
Pera trazê-lo a juizo comtigo?
E quem me daras que seja comigo
Em o inferno por meu guardador
E por meu abrigo?
Que a minha pelle, as carnes gastadas,
Logo a meu osso se achegará,
E tambem solamente o que ficará
Os beiços ácerca de minhas queixadas.
O' meus amigos,
Ao menos vós outros, amigos antigos,
Amerceae-vos de mim que me vou,
Porque a mão do Senhor me tocou:
E vós perseguis-me como inimigos,
Assi como estou?

TEMPO.

Queixae-vos vós bem, que ainda estaes peor,
Pois não tendes mais momento de vida:
Alto, despejae, cuidae na partida.

JOB. Oh! bento e louvado seja o meu Senhor!
O que elle mandar.
A vida he sua, póde-a tirar,
A morte he nossa de juro e herdade;
E pois que elle he o juiz da verdade
Faça-se logo sem mais dilatar
A sua vontade.

MORTE.

Vinde ca, bom homem, que esta he dor maior.

JOB. *Memento mei*, Deos Senhor,
Porque vento he a minha vida.
Apressa-te muito asinha,
Favorece meu temor,
E a minha alma encaminha.
Peccante me quotidie,
Et non me pœnitentem,
Meus espiritos ja não sentem;
Timor mortis, conturbas me.
Ubi fugiam, que farei?
Circumdederunt me dolores:
Ajuda-me, Rei dos senhores,
Não te alembre que pequei,
Esqueção-te meus errores.
Manus tuæ fecerunt me,

Oh! não me desfaças ora;
Acorre-me, Senhor, agora,
Que a minha vida ida he,
E a morte he de mi senhora.

BELIAL.

Ora andae, que tudo he nada
Quanto vós podeis dizer.
JOB. Que me queres tu fazer?
BEL. Servir-te e dar-te pousada,
Onde estês a teu prazer.

(Diz Job despois de preso.)

JOB. *Quare de vulva me eduxiste?*
Antes alli fôra consumido.
O' minha esperança, faze-me soffrido,
Pois vida, morte e prisão tão triste
Me fazem pesar-me porque fui nascido.

MUNDO.

Agora estes quatro bem abastarão,
Quanto aos Padres da lei da Natura;
Logo virão, da lei da Escriptura,
Moysem, Isaias, David, Abrahão.
Fallará primeiro
Abrahão, patriarcha justo, verdadeiro,
Reprendendo os idolos da antiguidade;
Porque no seu tempo era vaidade,
E pola verdade se fez pregoeiro
Da sancta Trindade.

ABRAHÃO.

O' Deos mui alto, ignoto, escondido,
Demonstra-te ás gentes, que ja tempo he;
Que daquelle tempo do justo Noé
Está o teu nome na terra perdido,
E está sonegado
O tributo do mundo, que he teu de morgado.
E adorão as gentes deoses de palmeira,
Deoses de metal, e de pederneira,
Deoses sem vida, deoses de peccado,
Feitos de madeira.
Tem pés e não andão, mãos e não palpão,
Olhos e não vem, orelhas e não ouvem,
Corpo e não sustem, cabeça e não entendem.
Et tu, qui solus es,
Que tens todo o mundo debaixo dos pés,

E teu ouvir e ver he infinito,
Creador dos spirítos, eternal spiríto,
E sendo seu Deos, não sabem quem es,
Sequer por escrito.

MOISES.

Eu Mouses direi como elle formou
No princípio o ceo, terra e paraizo.
A terra era vacua, e sôbre abiso
Erão as trevas quando a luz creou.
E assentarei
Misterios profundos no livro da lei,
Tudo figuras da Sancta Trindade,
Tudo misterios da eternidade,
Que Deos me dirá e eu escreverei
A' sua vontade.
E elle estara em pessoa comigo
Aos cinco livros, quando os escrever;
Porque as ceremonias que mandar fazer,
Outras maiores trazerá comsigo.
Tu, homem, penetra,
E dos sacrificios não tomes a letra;
Que outro sacrificio figúrão em si,
Que matar bezerros, nem aves alli:
Outra mais alta offerta soletra,
E outro Genesi.

DAVID.

O sacrificio a Deos mais aceito
He o spiríto mui atribulado,
E o coração contrito e humilhado;
Este he a offerta e serviço direito;
E assi Isaias.
ISA. O sacrificio he o Messias,
Que sera nascido em Bethlem de Judá,
Porque do tribu de Judá sera
Da parte da Virgem; e eis virão dias
Em que parirá.

MOISES.

Virgem prenhada!
ISA. E Virgem parida.
Bem viste a sarça que não se queimava;
Pois este misterio nos perfigurava
A Madre de Deos, do Mundo e da Vida,
E amado cordeiro
Que tira os peccados.
DAV. Eu no meu salteiro

Digo por este mui alto primor:
Cantae cantar novo a vosso Senhor,
Que fez maravilhas, o Deos verdadeiro,
O Duque maior.

ABRAHÃO.

O' Isaias, que novas tão bellas,
De tanta alegria, que trazes comtigo!
ISA. Outras tão tristes trago eu comigo,
Que ja Jeremias fez pranto com ellas.
Oh triste mazella!
Que o fructo do ventre daquella donzella,
Em pagamento do fructo vedado,
A' justiça divina sera offertado,
Cuberto de sangue, com muita querella,
E crucificado!

DAVID.

Eu tambem o sei, mui certo sabido;
Serão suas mãos e pés mui furados,
E todos seus ossos lhe serão contados,
E deitarão sorte sôbre seu vestido.
TEM. Tendes ja dito;
Leixae tudo isso posto por escrito,
E despejae logo, pagae a pousada;
Cumpri com a terra, que quer ser pagada,
E ós elementos dae o spiríto:
Não falleis mais nada.

MUNDO.

Morte, despeja-os, não fique ninguem.
ISA. Oh quem me tivera mais vida alongada
Pera profetar da Virgem sagrada
Cem mil maravilhas que sei muito bem!
MOR. Profetas, nó mais;
Manda o Tempo que logo partais,
Parti-vos comigo, e não mais demoras.
ABR. O' Morte, quão cruas são tuas esporas!
Quão lastimeiras!
MOR. Não vos detenhais;
Andae, que são horas.

MOISES.

Senhor Rei David, não tendes na côrte
Cirurgiães e Fisicos mores,
Astrologos grandes e muitos doctores,
Que vos dem saude e livrem da morte?
MOR. Olhae, não vai nisso;

O mal que se cura não he mal de siso.
Andão deitando remendos á vida;
Mas quanto ao despejo, pois não tens guarida,
Lembra-te, homem, com muito aviso
Que es terra podrida.

BELZEBU.

O' Morte, ó Morte, sejas bem casada,
Qne tão limpa gente nos dás em poder.
Chegae-vos aqui, Senhor Lucifer,
Pois que rei vem á vossa pousada;
Que não he rezão,
Pois que he rei, que eu lhe ponha a mão,
Senão Vossa Alteza, e ponha-o aqui.
LUC. Perdoae-me vós, Senhor Rei Davi.
DAV. *De profundis clamavi,* Senhor, redempção!
BELZ. Bem estais assi.

MUNDO.

Da lei da Escriptura e lei natural
Ja temos passados os mais principaes;
Venha a leĩ da Graça, porque os mortaes
Alcancem a glória de sempre eternal.
Venha primeiro
Glorioso Joannes, sancto pregoeiro,
Sancto sem mágoa, de Deos enviado,
Sancto nascido e sanctificado,
Mostrando ás gentes alto cordeiro,
Com muito cuidado.

S. JOÃO.

O' bravas serpentes que em serras andais,
O' dragos ferozes que estais nos desertos,
Ouvi os secretos que estão encubertos;
E vós, dromedarios, tambem não durmais;
E tu, mui serena
Fermosa ave phenix, que tanto sem pena
A ti mesma matas por tua vontade,
Vae ver o Phenix da Sancta Trindade,
Filho da Phenix *gratia plena,*
Que está na cidade.
E tu, mui soberbo lobo poderoso,
Que trazes as unhas crueis, e tingidas
No sangue d'ovelhas de pouco paridas,
Aprende de Christo, cordeiro amoroso:
E vós, pomba brava,
Que voais isenta, soberba, alterada,

Em essas montanhas viveis branda vida,
Tomae por espelho a pomba escolhida;
A pomba mui mansa, a pomba calçada,
De sol he vestida.
E tu vil raposa, que vives d'engano,
E matas quem amas, sem nenhum temor,
Aprende de Christo que so por amor
Offerece á morte seu corpo humano.
Tu, aguia real,
Que vences os raios do sol natural
Com tua vista per graça divina,
Guarda não te cegue o sol da rapina,
Pois te allumia a luz divinal
Com sua doctrina.

SATANAZ.

Eu fui hontem á cidade,
E estavão os Fariseus
Fallando nos feitos teus
E na tua sanctidade,
De que pasmão os Judeus.
Dizem que tu es Elias,
Ou profeta enviado,
Ou anjo dissimulado;
Mas eu digo que es Mexias,
E assi o tenho apostado.

S. JOÃO.

Eu te conheço mui bem,
E quem es, ha muitos dias.
Satan, eu não sam Elias,
Nem desejo de ninguem
Nenhũas lisongerias.
Nem sam sancto nem profeta,
Nem menos anjo encuberto;
Vox clamamtis in deserto
Esta he a minha vida certa;
Pois queres saber o certo.
Nem Messias não sam eu,
Nem pera lhe desatar
A correa que levar
No sancto sapato seu.
Antre os Judeus acharás
O bem qu'elles não conhecem,
Nem tu o conhecerás;
Porque elles não no merecem,
Nem tu o mereceràs.

Aparta-se Satanaz, e diz

S. João.

O' mortaes, de terra em terra tornados,
Pois são vossas almas de tão fina lei,
Abri vossos olhos, que *ecce agnus Dei,*
Que veio ao mundo tirar os peccados.
Elle he por certo ;
Crede esta voz clamante em deserto,
E levantae-vos do po desta vida ;
Pegae-vos com Christo,
Que he certa guarida,
Que de sua mão está o céo aberto,
E a glória vencida.

Tempo.

Este relogio he muito forte,
Vós perdoae-me, Senhor San João,
Que vossas horas cumpridas estão,
Segundo buscastes tão cedo a morte,
E por vossa vontade.
Vós não quereis senão prégar verdade,
E ella vos leva da vida presente.

S. Jo. Que sam muito ledo e muito contente,
Porque a verdade he a mesma Trindade
Verdadeiramente.
E pois eu sam voz de nosso Senhor,
Se eu a calar, quem na ha de dizer ?
As offensas de Deos quem as ha de soffrer ?
Mas clame em deserto qualquer prégador,
E seu thema seja
Verdade, verdade. Mas o que deseja
Ser bispo, e portanto prega mui modesto,
Calando e cobrindo o mal manifesto,
Não he prégador da sancta Igreja,
Mas ladrão honesto.
Leva-me, Morte ; quero-me ir daqui,
Que ja mostrei Christo a todolos vivos ;
Irei dar a nova áquelles captivos,
Cujo captiveiro tera cedo fim.

Entrando S. João naquella prisão, com admiração de grande alegria cantárão os presos o romance seguinte, que fez o mesmo autor ao mesmo proposito.

Romance.

Voces daban prisioneros,
Luengo tiempo estan llorando,

En triste cárcel escuro
Padeciendo y suspirando,
Con palabras dolorosas
Sus prisiones quebrantando:
— Que es de ti, Vírgen y Madre,
Qué á ti estamos esperando?
Despierta el Señor del mundo,
No estemos mas penando. —
Oyendo sus voces tristes,
La Virgen estaba orando
Cuando vino la embajada
Por el ángel saludando,
« Ave rosa gracia plena, »
Su preñez le anunciando.
Suelta los encarcelados,
Que por ti estan suspirando;
Por la muerte de tu hijo
A' su padre estan rogando.
Crezca el niño glorioso,
Que la cruz está esperando.
Su muerte será cuchillo,
Tu ánima traspasando.
Sufre su muerte, Señora,
Nuestra vida deseando.

LUCIFER.

Que fazes?

SAT. Eu não faço nada,
E suo como cão, sem achar bonança.

LUC. Todos aquelles que a morte ca lança
Alcanção per fôrça segura pousada.
Pois has-me d'encher
De almas humanas, convem a saber:
A furna das trevas, ponte de navalhas,
O lago dos prantos, a horta dos dragos,
Os tanques da íra, os lagos da neve,
Os raios ardentes, sala dos tormentos,
Varanda das dores, cozinha dos gritos,
Açougue das pragas, a tôrre dos pingos,
O valle das forcas: — tudo isto arreio.

SAT. Bem certo he que tudo ha de ser cheio,
Mas França e Roma não se fez n'hum dia.

LUC. Temo, Satan, que esta mercadoria,
Que temos aqui, he braza no seio.

Entra a figura de nosso Redemptor; e o Mundo, o Tempo e a Morte assentão-se de joelhos, e diz o

MUNDO.

Tambem vós passais, Deos meu,
Por esta vida mesquinha ?
Muita dita he a minha !
Mas onde agasalharei eu
A quem tanta glória tinha ?
Oh eternal Creador,
Oh temporal creatura,
Que encubres com terra escura
O divino resplandor
E immensa formosura !
E portanto eu não sam dino
Que entreis na minha morada ;
Porque he baixa pousada,
E pera ti, Verbo divino,
Quanto tenho não he nada.

CHRISTO.

Não te agastes tu comigo,
Nem me dês pousada a mi,
Que o meu regno não he aqui,
Nem quero nada comtigo :
Mas quatro cousas quero de ti.

Primeira.

Quando me vires levar
Pela rua d'amargura,
Que olhes minha figura,
E o sangue que eu derramar
Tome tua alma por cura.

Segunda.

E quando os saiões da cidade
Me pregarem no madeiro
Com fortes pregos d'aceiro,
Que olhes com que vontade
Me entreguei ao carniceiro.

Terceira.

E quando vires spirar
O meu spirito cansado
O meu coração finado,
Que tn te queiras lembrar
Que mouro por teu peccado.

Quarta.

Quando enterrado me vires
Sem companha nem emparo,

Que do teu coração tires
Suspiros, com que suspires
Minha morte e desemparo.
E não quero de ti mais;
Lá reparte teus cruzados,
Teus imperios e regnados,
E tuas pompas mortaes,
Qu'eu não quero teus morgados.
Seja papa quem quizer,
Seja rei quem tu quizeres;
Que os imperios e poderes
A morte os ha de prover
E tirar a quem os deres.

TEMPO.

Meu Senhor, eu que farei?
No relogio que me déstes
Digo qu'inda que nascestes
Não se entende em vós a lei,
Pois que vós mesmo a fizestes.

CHRISTO.

Modicum videbitis me.
Eu a cumprirei, que a fiz;
Porque rei que he bom juiz,
Como a lei feita he,
Faz aquillo que ella diz.
Cedo me despejarás,
Tem tu o relogio certo:
Emtanto vou-me ao deserto,
E veremos Satanaz
Se me falla descuberto.

LUCIFÉR.

Digo que este homem nascido em Belem
Parece perigosa cousa pera nós.

BELZ. Senhor Lucifer, isso vêde vós,
Porque todo o mal he de quem o tem.

SAT. Dá o demo a cantiga:.
E crede que temos com elle fadiga,
Que passa de sancto.

BELZ. Parece-o elle.

LUC. Vae, Satanaz, e salta com elle:
Emfim elle he homem, por mais que te diga;
Mais podes tu que elle.
Agora que anda assi so no deserto,
Veste este fato, e faze-te monje,

Porque sem isto andarás de longe,
E assi simulado fallarás dé perto.
Ora vae asinha;
E se tu este trazes á nossa cozinha,
Eu te farei mui gran cavalleiro,
Vai-se Satanaz tentar a Christo, e diz:

SATANAZ.
Que faz o Senhor neste ermo estrangeiro
Tão so, e tão fraco, que por vida minha
Que he grande marteiro?

CHRISTO.
E tu que cousa es, ou que vens buscar?
SAT. Bem ves tu, Senhor, que sam ermitão;
Logo meu trajo denota quem san;
E he escusado o mais perguntar.
Sam monje, Senhor.

CHRISTO.
Nem porque o sagaz e bom caçador
Se veste no boi por caçar perdizes,
Não he elle boi, como tu me dizes.

(Diz ao povo.)

Julgae pelas obras, e não pela côr,
Sereis bons juizes.

SATANAZ.
Senhor, ja de fraco e debilitado
Deitas a falla cansada com pena,
E eu ouvi dizer ja que se condemna
Quem mata a si mesmo de proprio grado.
Pois porque te matas,
E a tua vida assi a maltratas,
Sendo seu preço ao dôbro de Elias?
Come, Senhor, que ha quarenta dias
Que te desbaratas.
E mais se tu es o filho de Deos,
(Como eu sinto ainda que me calo,)
Faras destas pedras todas pão de callo,
Segundo a virtude trouxeste dos ceos.

CHRISTO.
Escripto acharão
Que não vive o homem somente de pão,
Mas da palavra de Deos procedida.

Esta he a que farta, cria e dá vida.
SAT. Oh como fallas ! dá-me outra lição,
Que ja essa he sabida.
E se tu, como digo, filho de Deos es,
Segundo a nova por esta terra anda,
Deita-te abaixo daquella varanda ;
E nem hajas medo que quebres os pés,
Porque escripto he
Que nenhũa pedra, em perna nem pé,
Te póde fazer offensa nem nada.

CHRISTO.

E se eu posso subir e descer pola escada,
Pera que he tentar a Deos sem porque,
Que he cousa escusada ?

SATANAZ.

Cantá pola escada hum manco fará isso.
Vem-me á vontade fazer-te hum partido.
Todo o homem pobre he aborrecido :
Tu de meu conselho acolhe-te ao siso.
E que hum homem faça
Muitos peccados e erros de praça
Por enriquecer, tudo he muito bem ;
Que bem sabe Deos que quem nada tem,
Que tenha mil graças por divina graça,
Não no quer ninguem.
Sabes Rio-frio, e toda aquella terra,
Aldeia Galega, a Landeira, e Ranginha,
E de Lavra a Coruche ? tudo he terra minha.
E desde Çamora até Salvaterra,
E desde Almeirim bem até Herra,
E tudo per alli,
E a terra que tenho de cardos e pedras,
Que vai desde Cintra até Torres Vedras ;
Tudo he meu. Ólha pera mi,
Verás como medras.
Isto e muito mais te darei,
Que não quero mais senão senta-te ahi,
Posto em giolhos, e adora em mi :
Ólha em quão pouco virás a ser rei,
E muito acatado.

CHRISTO.

Retro, retro, malaventurado,
Falso, enorme, civel Satanaz.
Scripto he, não adorarás

Senão hum so Deos, com grande cuidado
A elle servirás.
LUC. Que he isso, Satan?
SAT. Venho embasbacado,
E estou mais mofino que hum alfeloeiro.
Dá-me a vontade que aquelle escudeiro
He o pastor daquelle nosso gado.

CHRISTO.

Eis aqui subimos a Hierusalem
Pera tirar o vestido em que ando;
Porque os açoutes me estão esperando.
Cumpra-se todo o meu mal e meu bem.
Quero ir levar
Minha breve vida a quem m'ha de matar;
E assi entregar a minha cabeça
A' cruel c'roa, porque ella padeça
Com tanto de sangue, que quem me olhar
Que não me conheça.
Quero ir levar estes meus cabellos
Onde sejão feitos duzentos pedaços;
Quero ir pregar estes pés e meus braços
Onde os sinta, e não possa ve-los:
E o dedicado
Triste meu peito, que seja pisado
Com couces irosos, e minhas queixadas
E dentes, quebrados com mil bofetadas.
E eu virei logo ser sepultado
Em breves passadas.

BELIAL.

Senhor Lucifer, eu ando doente,
Treme-me a cara, e a barba tambem,
E doe-me a cabeça, que tal febre tem,
Que soma sam hetigo ordenadamente,
E doe-me as canellas:
Sai-me quentura per antre as arnellas,
E segundo me acho, muito mal me sinto;
E algum gran desastre me pinta o destinto.
Até as minhas unhas estão amarellas,
Que he gran labyrintho.

Em este passo vem os cantores, e trazem hũa tumba, onde vem hũa devota imagem de Christo morto; e despois de acabada sua procissão, diz

BELIAL.

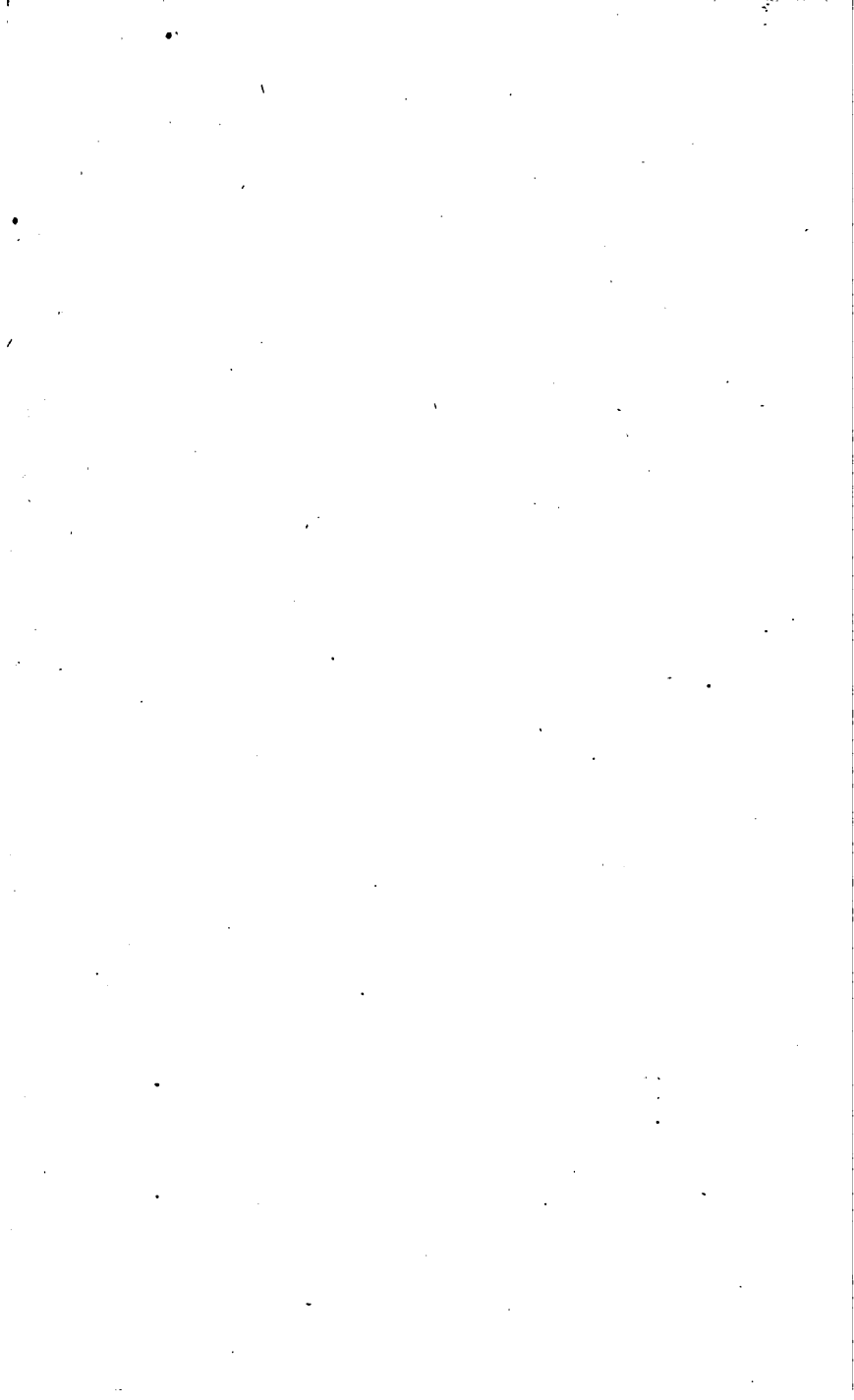
Ergue-te, Senhor, que segundo creio,
Pois que assi tremo e estou amarello,

Que sera tomado este nosso castello,
E o gado que temos ha de ser alheio.

SAT. Isso he o que eu digo.

BEL. Rugem-me as tripas, arde-me o embigo,
E a boca empolada, assi como de figos.
Crede vós, Rei, que tendes imigos;
Porque estas doenças que trago comigo,
Denotão perigos.

Aqui tocão as trombetas e charamellas, e apparece hũa figura de Christo na resurreição, e entra no Limbo, e soltará aquelles presos bemaventurados. E assi acaba o presente auto.

Dialogo sobre a Resurreição.

DIALOGO

SOBRE

A RESURREIÇÃO

ENTRE OS JUDEUS

Rabi Levi — Rabi Aroz e
Rabi Samuel — dous Centurios.

Entra Rabi Levi e diz:

Levi.

Quem com mal anda, dizia Jacó,
Rabina Rabasse, Rabi Mousem,
Não cuide ninguem que lhe venha bem,
Nem he bem que alguem haja delle dó.
Quem com mal anda, chora e não canta;
Quem so se aconselha, so se depena;
Quem não faz mal, não merece pena:
Quem chora ou canta, fadas más espanta.
Dizia minha mãe Gemilha saborida:
Filho, não comas, não rebentarás;
Se sempre calares, nunca mentirás;
Come e folga, teras boa vida.
Dizia meu pae Mosé Rabizarão:
Não comas quente, não perderás o dente;
Quem não mente, não vem de boa gente;
Não achegues á forca, não te enforcarão.
Dizia meu dono, cuja alma Deos tem:
Não peques na lei, não temerás rei;
Se tu te guardares, eu te guardarei;
Quem sempre faz mal poucas vezes faz bem.
Dizia meu tio Rabi mallogrado:
Filho Jacob, o que fazes, dizia, Jacob Badear,
Achega-te ca, quero-te ensinar:
Não sejas pobre, morrerás honrado;
Falla com Deu, seras bom rendeiro;
Quando perderes, põe-te de lodo;
Se nada ganhares, não sejas siseiro.

SAM. Que fallas? que fallas? azara te veio?
LEV. Ando cuidando naquelle coitado
Daquelle Mexias que jaz enterrado.
Todo o que dixe foi devaneio:
Dixe que havia de resuscitar.
SAM. Quando, meu dono?
LEV. Assi digo eu.
Daquelles guardados nenhum pareceu
Que lá hontem forão pera o guardar.
SAM. Elle dizia que o dia terceiro.
LEV. Que negro chanto, que guarra seria!
SAM. Não fallemos nisso, tudo he bulraria:
Pois elle seria o Deu verdadeiro?
Fallemos em al, Rabi Samuel.
Oitras lazeiras ha hi que contar;
Leix'o jazer. Queres arrendar
Comigo hũa renda? Se fores fiel,
Arrenda comigo este anno que vem.
LEV. Que renda?
SAM. Hũa renda.
LEV. E não tem nome?
Ve tu se he tal; que o demo me tome,
Se não arrendar, se me vier bem.

Vem dous Centurios, e diz

LEVI.

Que dolor ha lá? que foi? que quereis?
CEN. Vimos pasmados.
LEV. De que? que achastes?
CEN. Vimos...
LEV. Que vistes? de que vos pasmastes?
Que he? que foi? dizei, que dizeis?
CEN. Estando dormindo...
LEV. Dou-lhe que fosse.
CEN. Esta madrugada...
LEV. Pela manhan cedo,
Estavas dormindo, sonhaste com medo.
Ora ouvi aquillo, — sonhando espantou-se!
CEN. Não quereis ouvir?
LEV. Ouvimos, contae:
Ha de ser hum sonho, que vio hum espanto;
Hũa adivinhação, hum conto, hum chanto,
Hũa patranha. Contae, acabae.
Sonhastes esta madrugada,
Estando dormindo... Eu vos lembrarei.
CEN. Ficae-vos embora, ja não contarei.
SAM. Digo que oivamos esta gente honrada.

LEV. Ora dizei. Tudo ha de ser vento.
CEN. Não he senão cousa de que vos pasmeis,
De grande segredo. Ouvi se quereis,
E sabereis caso de gran perdimento.
LEV. Sonhou que perdia na sisa do trigo;
O' demo me dou se foi outra cousa.
Como dormia debaixo da lousa,
Estava abafado.
CEN. Olhae o que digo:
Ja Christo desd'hoje...
SAM. Que ha de fazer?
CEN. Sahio do sepulcro.
SAM. Furtado sería.
CEN. Mas resuscitado com grande alegria:
Vêde vós outros como isto ha de ser.
LEV. Que cabeças estas! que chanto nos veio
Pera juizes de Ponte de Loures!
Tudo isso erão os vossos tremores?
Monta ao todo hum grão de centeio.
CEN. Ouvi os signaes, porque os creais.
Na hora, no ponto que resuscitou,
Toda a cabeça se me depenou,
E venho pellado.
LEV. Ha hi mais signaes?

2.º CENTURIO.
E eu desdentado; ma ora nasci:
Somente hum dente m'a mim não ficou.
O sancto Diabo m'a mim lá levou.
SAM. Abre essa boca, vejamos se he assi:
Ja cerrou a cava: ó desventurado,
Andaste ás punhadas com algum rascão,
E quebrou-te os dentes, porque es villão,
E cuidas que o outro que he resuscitado.
LEV. Melhor viva eu e meu filho Jacó,
Que s'elle levante daquelle penedo.
Em dias que vivas, não hajas tu medo
Que nunca o encontres com outro, nem so.
CEN. Ser eu muito certo que estou pellado,
E, alem de pellado, tolhido de hum braço.
LEV. Arrepellárão-te á porta do paço:
Olhae que milagre para ser soado!
2.º C. E estes dedos — que dizes, Rabi?
Que nenhũa unha não ficou comigo.
SAM. Mostra, veremos que houveste comtigo.
2.º C. Attenta se minto, que ve-las aqui.
SAM. Digo-te, amigo, que forão unheiros,

Ou foi dor dos cabos nas pontas dos dedos,
E não nos curaste, com medo dos medos.
Mas estes milágres não são verdadeiros;
Não digais nada á nossa communa,
Não façais rumor no nosso casal.

CEN. Pois que diremos que foi este mal?
Ou que remedio á nossa fortuna?

RABI LEVI.

Dirás que arrendaste na sisa dos pannos,
Ou nos azeites do haver do pêso;
E que arrepellaste hum homem travesso,
Sôbre razões, havera dous annos;
E que agora te arrepellou,
E mais que t'estortegou esse braço;
E est'outro, vendo-te em tal embaraço,
Por te acudir, que foi e empeçou,
E deu c'os focinhos n'hum ferro d'arado,
E quebrou os dentes, unhas e todo.
E assi em todo ponde-vos de lodo,
De chanto e de guaia, todo misturado.

SAM. Entendeis aquillo, homem de bem?
Toma hum vintem pera a cabelleira.
Tu come das papas, não teras denteira;
E compra hũas luvas, ou furt'as a alguem.
Nem digais que he vivo, que pola benção
De Rabi Ascalvado, e de Dona Sol,
Que vos tenchemos dentro n'hum lençol,
E a capelladas morrereis ou não.

(Vão-se os Centurios.)

RABI SAMUEL.

Fallemos, saltemos no arrendamento.

LEV. Rabi Samuel, mais releva isto.
Quiçais era sancto este Jesu Christo,
Que elle o mostrou em seu finamento;
O sol escurou, e a terra tremeo.

SAM. Eu te direi a verdade inteira.
Tremeo minha casa, cahio cantareira.
Quebrou-se a loiça, todo se perdeo,
Até o pichel que tinha d'azeite;
Fendeo-se-me hum pote, quebrou-me tigelas,
Bacios, candieiros, panellas;
Não ficou vinagre, nem em que o deite.

RABI LEVI.

Vamo-nos ora a Rabi Aroz,
E a Rabi Franco, e a Rabi Zarão:

Far-lhe-hemos menção daquesta razão;
Que se isto he verdade, o demo he na voz.
SAM. Fallemos tambem a Rabi Mosé,
E a Jacob lendroso, e Abrahão pellado.
Saibamos se he este o nosso esperado,
Vejamos se foi, se he, se não he.

Vem Rabi Aroz, e diz:

RABI AROZ.
Leixae-me passar.
LEV. Bem venhas, irmão; pera onde vós?...
SAM. Ora está quêdo, e não sejas grou,
Que voa pelo ar, e anda pelo chão.
Ora attenta nisto.
Tu saberas que á cêrca de Christo
Tens bem que ouvir, e nós que fallar.
ARO. Não posso escutar, que vou campear,
E se lhe tardar, bem sabes tu isto
Em que póde parar;
Porque este bolção não tem cerradouros.
SAM. Aperta-lhe a boca, até qu'isso passe.
ARO. Pois, emque agora um rei me fallasse,
Eu lhe diria, — Senhor, vou-me a Mouros: —
Ou lhe diria:
— Vou despachar hũa mercadoria,
Que está empachada á porta redonda. —
Desta te abasta e isto t'abonda
SAM. Disso te fartes de noite e de dia
No tempo da monda.

RABI LEVI.
Pois vamos comtigo e vamos fallando.
Fama he que Christo, depois de enterrado,
De opa netta he resuscitado.
Guai dos tristes que estavão guardando!
Huns ficão pellados,
Outros sem dentes, e braços quebrados,
Outros sem unhas pera fazer prol;
E todos o virão, fóra do lençol,
Sair do penedo, todos acordados,
Em saindo o sol.

RABI AROZ.
Pois erão quarenta com armas armados,
Não no podião prender outra vez?
SAM. Que razão essa de siso de pez!
ARO. Pois não no prendêrão, merecem matados.

Lev. Quem ha de prender
Aquelle que tem tão grande poder?
Seu corpo açoutado daquella feição,
E hũa lançada pelo coração!

Aro. Sicaes não foi morto, e póde bem ser...

Lev. Que negra razão!
Se fôra doença de que se finára,
E pôsto na cova se alçára e vivêra;
Puderas dizer que esmorecêra
E perdêra os pulsos, mas a alma ficára.
Mas bem vimos nós,
E tu bem o sabes, Dom Rabi Aroz,
Que so dos açoutes, que mais não vivêra,
E que o soltárão, daquillo morrêra;
E so da coroa, tambem crede vós
Que não guarecêra.
Pois so de levar a cruz tão pesada
Pola serra acima homem tão delgado,
Disto somente ficára matado;
Que são ja tres mortes, cada hũa apertada.
E verão os cegos
Que so do tormento que levou dos pregos,
Fôra matado hum drago feroz,
Quanto mais a lançada. Cre, Rabi Aroz,
Que fomos ás lebres, tomámos morcegos;
Esta he minha voz.

Samuel.

E a minha tambem, e acabo de crer
Que he este o Mexias nosso desejado;
Porque Isaias, profeta amado,
Fallou deste tudo o que havia de ser;
E Ezechiel,
Amos Salomão, David, Daniel,
Todos fallárão no seu resurgir.
Este he o Messias, sem mais arguir;
Este he o honrado nosso Emanuel;
O al he mentir.

Rabi Aroz.

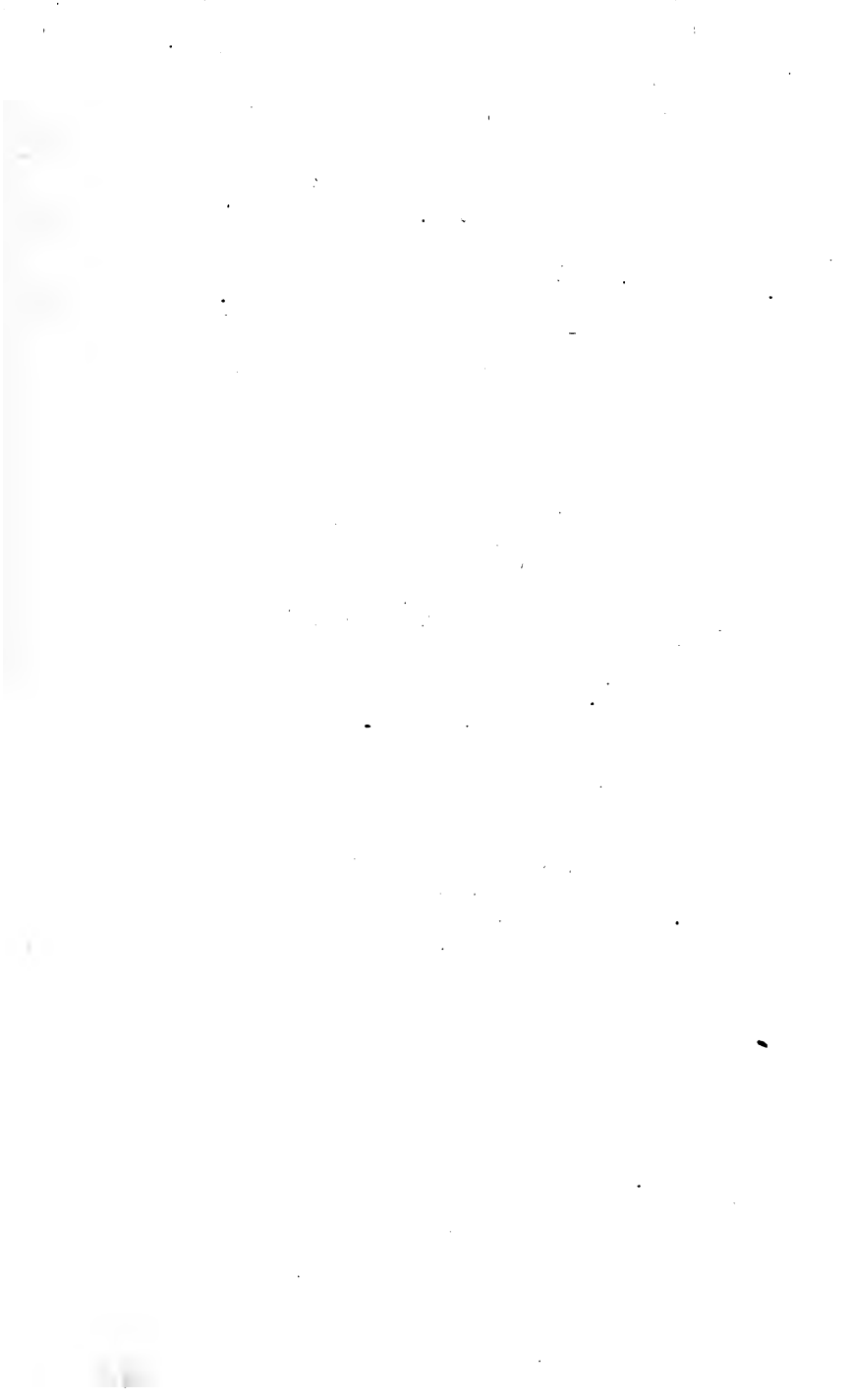
Meu pae arrendou hũas alcaçarias
Junto do termo de Villa Real,
Com tal condição, que durasse o foral
Atés que viesse o nosso Messias.
Ora m'escutae..
Juro pela alma que foi de meu pae,
Que está a cousa bem embaraçada.

Estae ambos quedos, não boquejeis nada,
Não falle ninguem, vereis como vai
Esta emborilhada.
  Meu pae era dono d'hũa filha minha,
E minha mãe filha de meu dono torto,
E hum meu irmão, que morreu no Porto,
Era mesmo tio dos filhos qu'eu tinha:
Tudo assi vai.
E minha mulher, nora de meu pae;
E meu pae, marido de sua mulher;
E sua mulher era sogra da minha.
Assi indo fomos, de linha em linha,
Até que meu pae veio a morrer.
  Meu pae fallecido,.
Vai minha mãe e perdeo o marido,
E fez-se viuva, e as alcaçarias
Forão do pae da mãe de Tobias,
Filha de Dom Donegal dolorido,
Que morreo nas Pias;
E quando se fez a tomada de Arzila,
Dona Franca Pomba casou em Buarcos
Com Bento Capáio, capador de gatos,
Que furando alporcas, morreo em Tavila.
  Em aquelles dias
Se fez o contracto das alcaçarias,
E David Ladainhas da manga cagada
Leixou assentado, que vindo o Messias
Que as alcaçarias, não tendo ellas nada,
Que fossem vasias.
Segue-se logo, se Christo he Mexias,
Que he salvador destas alcaçarias,
E ficarão livres, e postas em côbro;
Porém eu creio que o que me diz meu sogro
He tudo vento, e são fantasias;
E peccais em dôbro.
  Porque, se fôra o que nós esperamos,
Levára os Judeus, povo de Israel,
A' terra que mana o leite e o mel,
Que he nossa herança, que de Deos herdamos.
LEV. Não que elle dizia
Que essa herança que não se entendia
Senão que havemos de resuscitar,
Assi como elle, pera nos levar
A' mesma herança que Deos promettia,
Lhe ouvi eu prégar.
  Porque essas farturas que a terra antremette,
Forão creadas pera os animaes,

E que o Deu poderoso essas cousas taes
Não nas estima, nem dá, nem promette;
E que o Mexias,
Se bem entendermos nossas profecias,
Não vinha a fartar os corpos de mel.
Tambem tu assi estavas, Rabi Samuel?
Tu, Rabi Aroz, bem vi que dormias,
E Zarababel.

RABI AROZ.

Pois que faremos sôbre isto emtanto?
LEV. Que nos calemos em nosso calado:
Quemquer que dixer que he resuscitado,
Dar-lhe-hei hũa figa debaixo do manto:
E leixae estar;
Que seja verdade, calar e negar.
Ter mão na Sinagoga, que nos dá repairo;
Que sabendo-o o povo, he nosso o fadairo:
E se o aventar,
Cada sacerdote lhe cumpre estudar
Pera boticairo.
Tenhamos todos mui bem que comer,
Que farte, e sobeje pera todo o anno.
Tratemos em cousas em que caiba engano,
E se nos perdermos, não póde mais ser.
ARO. Sabes que receio?
O mal que fazemos he crime tão feio,
Que ja Jeremias o chorou primeiro.
LEV. Fundemo-nos todos em haver dinheiro;
Porque quer seja nosso, quer seja alheio,
He Deu verdadeiro.
E ter mão na burra. Que dizeis, Aroz?
ARO. Façamos talmud com tantas patranhas,
Com que embaracemos tamanhas façanhas,
Antes que mettão a frota na foz.
E por simular,
Ordenemos festa com algum cantar,
Porque não entendão que somos vencidos.
Chacota na mão, fender os ouvidos
A quem nos ouvir. Alto, começar
A travar dos vestidos, e cabecear.

Auto da Cananea.

FIGURAS.

SILVESTRA — Lei da Natureza.
HEBREA — Lei da Escriptura.
VEREDINA — Lei da Graça.
SATANAZ.
CHRISTO.
S. THIAGO.
S. PEDRO.
S. JOÃO.
CANANEA.
BELZEBU.

Este auto que diante se segue fez o Autor por rogo da muito virtuosa e nobre Senhora D. Violante, Dona Abbadessa do muito louvado e sancto convento do mosteiro de Oudivelas; a qual Senhora lhe pedio que por sua devação lhe fizesse hum auto sôbre o evangelho da Cananea. Foi representado na era do Senhor de 1534.

AUTO DA CANANEA.

Entra Silvestra, Lei da Natureza, cantando.

SILVESTRA.

« Serra que tal gado tem
« Não na subirá ninguem. »
Eu sam Lei da Natureza,
E per nome Silvestra,
Das gentes primeira mestra
Que houve na redondeza.
Dos gentios sam firmeza,
E por pastora me tem.
« Não na subirá ninguem
« Serra que tal gado tem. »
Assi que ando a pastorar
Cem mil bandos de veados;
Porque gentios são gados
Mui esquivos de guardar,
E tão bravos d'apriscar,
Que a serra que os tem
« Não na subirá ninguem
« Serra que tal gado tem. »
Quando os quero assocegar,
Logo cada hum tresmonta;
De hum so Deos não fazem conta,
Senão correr e saltar.
Todo o seu bem he honrar
Diversos deoses que tem,
Com que lagrimas me vem.
« Serra que tal gado tem
« Não na subirá ninguem. »

Entra Hebrea, Lei da Escriptura, e diz:

HEBREA.

Que gado guardas aqui,
Nesta fragosa espessura?
SIL. Guardo per lei de natura
Meu gado: mas vejo em ti
Que tu es Lei d'Escriptura.
HEB. Sou pastora de Judea,
Nascida em monte Sinai,

E o meu nome he Hebrea.
SIL. E o teu gado onde vai?
HEB. Sempre pasce em mesa alheia.
E sabes que gado he?
Tudo raposos e lobos:
E eu te dou minha fé,
Que he a mais falsa relé,
Que ha hi nos gados todos.
Nunca me ouvirão cantar;
Que meu gado he tão erreiro,
Que sempre o verás andar
D'hum peccar n'outro peccar,
De captiveiro em captiveiro.
Que cante, não ha porque,
Com leones e dracones,
Nem prazer nunca me ve:
E se hũa ora canto, he
Super flumina Babilonis.
Depois vou-me a Jeremias,
E lamentamos a par,
E os prantos de Isaias.
Estas são as alegrias
Que meu gado anda a buscar.

SILVESTRA.

Não menos quebro os sentidos
Com meus veados diversos.
HEB. Isso são gados perdidos.
Os meus forão escolhidos,
E fizerão-se perversos.
Os Patriarchas primeiros
Erão gados celestiaes,
Ovelhas, sanctos carneiros,
E os profetas cordeiros,
E os d'agora lobos taes.
Pois tem em mim hũa pastora,
Que nunca foi outra tal.
SIL. Nego eu essa por agora,
HEB. Oh, se tu quizesses ora
Fazer-te minha igual!
SIL. Mas melhor he terdes grandeza.
HEB. Cal'-te, que não dizes nada;
Qu'eu sam per Deos espirada,
E tu pela natureza.

SILVESTRA.

Parece esta que ca vem,
Lei da Graça, sancta e benta.

Heb. Ella assi o representa,
Segundo a graça que tem;
Mas de ti valho eu setenta.

Vem a Lei da Graça, per nome Veredina, e diz cantando:

Veredina.

« Serranas, não hajais guerra,
« Que eu sam a flor desta serra. »
Oh que malhada, e que gado,
E que tempo, e que pastora?
Por sempre seja louvado
Hum so Deos que no ceo mora:
Elle m'enviou agora
Das alturas ca na terra,
« Pera ser flor desta serra.
« Serranas, não hajais guerra. »
Ovelhas e cordeirinhos
He o meu gado maior;
Muito humildes e mancinhos,
E pascem polos caminhos
E montes do Redemptor:
Elle he o summo pastor;
« E vós escusae a guerra,
« Qu'eu sam a flor desta serra.
Outra mais alta pastora
Anda na serra preciosa,
Imperatriz gloriosa,
Principal minha Senhora.
Esta dos anjos se adora
Sancta Rainha na terra;
« E me fez flor desta serra.
« Serranas, não hajais guerra. »
Eu repasto suas cordeiras
Virgens e martyrisadas,
Que leixão frescas ribeiras,
E as mundanas ladeiras,
Por serem sacrificadas.
Vós outras sois ja acabadas,
Por demais he vossa guerra,
« Qu'eu sam a flor desta serra.
« Serranas não hajais guerra. »
Não he ja tempo de vós,
Porque o tendes ja cumprido,
E se abrírão os ceos,
E lembrou-se o Senhor Deos
Do que tinha promettido:

E cumpria inteiramente,
Como eternal verdade,
Com Abrahão suavemente,
No mesmo tempo presente,
Porque foi sua vontade.

HEBREA.

Como! vindo he o Messias?
VER. Já veio, e anda prégando,
Ensinando e declarando
As divinas profecias.
HEB. Isso estava eu esperando.
VER. Assi que a Lei da Graça
Ha de ter todo o cuidado,
Pastora mor de seu gado:
Isto he per fôrça que eu faça,
Pois vosso giro he passado.
Na semana que passou,
Pera mais me confirmar,
Satanaz mesmo o tentou
Pelas vias que levou
Com Adão no seu pomar.
E ficou tão comprendido
Do alto saber eterno...
Ei-lo vem, que anda fugido,
Porque ha de ser escozido
Dos algozes do inferno.

SATANAZ.

Como rapaz escolar,
Que lh'esqueceo a lição,
E sabe que lhe hão de dar;
Assi sei que hei de apanhar
Desta vez hum estirão.
Não porque tenhão razão,
Se for nisto;
Porque eu tentei a Christo
Com muita arte e discrição:
Mas não me ha de valer isto.
Hei de haver tanta pancada,
Porque o não venci de feito;
Tanta negra tiçoada,
Que nunca foi embaixada
Recebida de tal geito.
E segundo o demo he feito,
Vejo a osadas
Estas barbas depennadas,
E os cabellos a eito,

E as orelhas cortadas.
Porém nossas hierarchias
Que culpa me dão aqui,
Se hoje faz oito dias
Fui hum gigante Golias,
Mas topei com elRei Davi?
De temor não lhe fugi,
Nem fiz falha
Em commetter a batalha,
Nem ficou nada por mi:
Mas não presto nem migalha.
Pude eu melhor pelejar?
Pude eu melhor resistir?
Pude eu mais negociar?
Que mais se póde arguir?
Na materia d'enganar
Comecei-lhe de armar,
Per cortezia,
Com piedosa hypocrisia:
Cuidei de o derribar
Per este êrro que sabia.
Ora pois desta feição
Lutei ousado e manhoso,
Que culpa me poerão
Ir topar com Antenhão,
Hercules mui façanhoso?
Porém he tão rigoroso
Lucifer,
Que não quer senão o que quer,
Como menino mimoso;
E a mim não m'ha de crer.

Vem Belzebu, e diz:

BELZEBU.

Como andas dessocegado!
Não sei que diabo has,
Que esta semana não vas
Ter ao nosso povoado,
Nem sabemos onde estás.

SAT. Eu muito nas horas más,
Fui d'esperto
Ter com Christo no deserto;
Mas, desque eu sou Satanaz,
Não me vi em tal apêrto.

BELZEBU.

Como! foi teu vencedor?

SAT. Eu fiz-me pobre Barbato;

Mas he tão gran sabedor,
Que me conheceo melhor,
Que eu conheço meu sapato :
E ainda que feito pato
Eu lá fôra,
Nem convertido em mulato,
Como o rato sente o gato,
Me sentira logo essora.

BELZEBU.

E se he bom ver sem candeia,
He cousa bem innovada :
Mas meu spirito receia,
Porque tenho atormentada
A filha da Cananea.
E se elle he dessa veia,
O cavalleiro,
Deitar-m'-ha, como a sendeiro,
Hũa solta e hũa peia,
E morrerei em palheiro.
Porque a mãe anda apressada
Pera o ir logo buscar,
E eu quero lá tornar,
Que a minha demoninhada
Ha de ser ma de curar.

SAT. Se sua mãe acabar
Que elle queira,
Eu não te vejo maneira ;
E se te elle hi achar,
Teras infinda carreira.

BELZEBU.

Irmão, quereis ir comigo ?

SAT. Vae tu, eramá pera ti,
Qu'eu não posso ir comtigo,
E bem m'abasta o perigo
Em que domingo me vi.
Elle ha de vir pera aqui
De rondão
Pera Tiro e Sidão :
Quero ver que faz per hi
Este famoso leão.

BELZEBU.

Eu vou ora atormentar
A filha da Cananea ;
E quem a de mim livrar

Fara d'hum rato balea,
E fara secar o mar.

Sat. Vae tu, qu'eu hei d'espreitar
Alguns dias
Se sera este o Messias,
Ou o Deos que ha de encarnar,
Como escreveo Isaias.
  Porque Abrahão, na verdade,
Nem Elias, nem Moisem,
Não forão da sanctidade,
Nem poderio que este tem,
Nem com grande quantidade.

Bel. Fallas á tua vontade
Eramá;
Se tu isso dizes ja,
Mao caminho leva o abbade.

Vem Christo, com elle seis Apostolos, S. Pedro, S. João, S. Thiago, S. Filipe, S. André, S. Simão; e diz

S. Thiago.

  Irmãos, cumpre-vos saber
Como havemos de orar,
E quando houvermos de rezar,
Que havemos de dizer,
Pera nos aproveitar.
E pera s'isto alcançar
Do Redemptor,
Seja Pedro embaixador;
E emquanto elle fallar,
Adoremos ao Senhor.

S. Pedro.

  Toda esta congregação,
Poderoso Rei sem par,
Te pede com devação
Que os ensines a orar,
E orando que dirão.
Porque estao na região
De ignorantes,
Símprezes principiantes
Perguntão por onde irão,
Como novos mareantes:
  E que he o que pediremos,
Quando houvermos de rezar,
E em que tempo rezaremos,
E as horas e o logar.

E todos estes extremos
Assi que nos soccorremos
Per tal via
A' tua sabedoria,
Que nos dê o que não temos.

CHRISTO.

A justiça e boa petição
Traz bom despacho comsigo;
Mas bento he o varão
Que reza com coração,
E com alma e com sentido:
Que o rezar não he ouvido,
Nem he nada,
Sem alma estar inflamada,
E o spirito transcendido
Na divindade sagrada.
Nem cuideis que arrecadais,
Por rezar muita oração,
Se no coração estais
Fóra de contemplação.
Tende prompto o coração
Em seu louvor;
E com lagrimas de amor,
Direis esta oração
A' grandeza do Senhor:
Pater noster, qui es in cœlis, sanctificetur nomen tuum: adveniat regnum tuum; fiat voluntas tua, sicut in cœlo et in terra.
Com almas limpas e puras,
Direis isto ao Senhor,
Firmando-o por creador,
E padre das creaturas,
Que he no ceo Imperador.
E direis com grande amor:
Seja louvado
Teu nome e sanctificado,
Neste nosso orbe menor,
Como es no ceo adorado.
E direis a sua Alteza:
O teu reino venha a nós:
Em que pedis fortaleza,
E mais pedis pera nós
Graça e desperta limpeza,
E mais perfeita grandeza
De bondade,
E pedis á Deidade

Que por toda a redondeza
Seja feita a sua vontade.
Panem nostrum quotidianum da nobis hodie; et dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris; et ne nos inducas in tentationem, sed libera nos a malo. Amen.
Direis mais nesta oração,
Sempre com esprito attento,
E com prompta devação;
Faze-nos mercê do pão
De nosso sustentamento;
Porque o certo mantimento,
Mais facundo,
Não se cria ca em fundo,
Nem a neve, nem o vento,
Nem na terra, nem no fundo.
E pedi-lhe, filhos, mais,
Com choros do coração,
Que nos dê hũa quitação
Das dividas em que lhe estais
De vossa condemnação.
Isto com tal condição
Lh'o pedireis,
Que assi perdoareis
Os males que vos farão;
E senão, não no espereis.
E com gemente tenção
Lhe haveis, filhos, de pedir
Que vos não leixe cair
Em nenhũa tentação,
Que vos possa destruir.
Ça não podeis resistir
Ás tentações
Sem Deos, que vence os dragões,
Que vos querem destruir
Per engano os corações.
E mais pedi per final,
Humildosos e devotos,
Como a padre general,
Que nos perigos ignotos
Vos livre de todo o mal.

Vem a Cananea, cantando.

CANANEA.

« Senhor, filho de David,
« Amercea-te de mi :

« Senhor, filho de David,
« Amercea-te de mi. »
Que minha filha he tentada
D'espritos que não tem cabo,
E minha casa assombrada,
Minha camara pintada
De figuras do Diabo.
De mal tão accelerado
Quem se livrará sem ti?
« Senhor, filho de Davi,
« Amercea-te de mi. »
Triste mulher que faras!
Tanta pena quem t'a deu!
O' Inferno, que fiz eu,
Que mandaste a Satanaz
Que m'esbulhasse do meu!
Como esbulhada do seu,
Soccorrer-me venho a ti.
« Senhor, filho de Davi,
« Amercea-te de mi. »
Tem os seus braços torcidos,
Os olhos encarniçados,
Os cabellos desgrenhados,
Seus membros amortecidos;
Dá gritos, faz alaridos,
E o soccorro está em ti.
« Senhor, filho de Davi.
« Amercea-te de mi. »
Mostra aqui teu poderio,
Manifesta tua grandeza,
E exalça teu senhorio:
Salva-me no teu navio,
No mar de tanta tristeza;
Pois he sôbre natureza
Este mal, pois que te vi,
« Senhor, filho de Davi,
« Amercea-te de mi. »

S. Thiago.

O' Senhor, por piedade
Escuta aquella mulher,
Pois tens de propriedade
Com muito boa vontade
Receberes quem te quer:
E o que te requer
Lhe concede,
Não olhes seu merecer;

Mas ve bem o que te pede
Se se póde conceder.

S. João.

Senhor, a tua clemencia
Pertence aos atribulados;
Esta dona com seus brados
Chama a tua providencia,
Que he mãe dos desconsolados.
Sejão, Senhor, inclinados
Teus ouvidos
A seus prantos e gemidos,
Porque sejão consolados,
E seus damnos soccorridos.

S. Pedro.

Eu creio que es pastor,
E os humanos teu gado,
E o lobo he o Diabo
Seu contrário e matador.
E pois te mata, Senhor,
Esta ovelha,
Incrina-lhe tua orelha;
Que, segundo seu clamor,
Algum anjo a aconselha.

Christo.

Eu não sam ca enviado
Per piedoso nivel,
Senão soccorrer ao gado,
Que pereceo no montado
Das ovelhas d'Israel.
Por este vesti borel
De vil terra,
E não por gado de serra,
Que pasce feno infiel,
Sem querer sentir que erra.

Cananea.

Senhor, não hei de cançar,
Pois al não posso fazer;
Tu queiras-me perdoar,
Porque te hei d'importunar,
E tu m'has de soccorrer:
Não que por meu merecer
Tal confio;
Mas peço a teu senhorio,

Que me outorgue o seu querer,
Pois creio o teu poderio.

S. THIAGO.

Oh que fé e que fervor,
E que esforçada vontade!
Bem merece a peccador
Que alcance algum favor
De tua summa piedade.
Mostra a sancta majestade
E perfeição
Nas provincias de Canão,
E toda a geralidade
Dos demonios pasmarão.

BELZEBU.

Oh quem vos mette, Senhores,
Em rogardes por ninguem?
Que quando rogardes bem
Por vós outros peccadores,
Ficareis ainda áquem.
Que vos vai, ou que vos vem,
Pois d'abinicio
Assombrar he meu officio,
E taxados quaes e quem?

S. PEDRO.

O' maldito Belzebu,
Quem te deu a ti poder
Que atormentasses tu
Nenhum homem nem mulher,
Sem ter direito nenhum?

BELZEBU.

Senhores Sanctos bemditos,
Hi ha planetas visiveis,
Ha hi outras invisiveis,
Que pertencem aos spiritos,
E causão cousas terriveis.
Qualquer que nascer sujeito
A' maldita conjunção,
Sem nenhũa appellação,
Nem estylo de direito,
Pertence á nossa prisão,
Assim como quem nascer
Na conjuncção desastrada
Em que peccou Lucifer.

E quem nasceo na hora tal
E planeta em que peccárão
Os Judeus, quando adorárão
O bezerro de metal,
Pera nossos se gerárão.
Tambem quem nascer no fito
Da conjunção em que cuido,
Que affogou o mar ruivo
Os cavalleiros do Egypto,
São nossas almas e tudo,
Tambem he da nossa alçada
Toda a pessoa nascida
Na conjunção celebrada
Que Sodoma foi queimada,
E Gomorra sovertida.
E he perdido tambem
Todo o que nascido for
Na conjunção do item,
Em que com bravo furor
ElRei Nabucodenusor
Destruio Jerusalem.
E esta moça de Canão,
E filha desta Senhora,
Foi nascer na conjunção
Que reinava a nossa hora.
E pois vós rogais por ella
A vosso Mestre, qu'eu temo,
Eu vou chamar outro demo,
E entraremos juntos nella,
E veremos este extremo.
E vós, Christo, não deveis,
Pois dizem que sois eterno,
Agravar o sancto inferno,
Nem quebrantar suas leis,
E seu sagrado caderno.

S. PEDRO

Oh que parvo prégador!
Oh que falsa astrolomia!
Que mao siso de doutor!
Que ignorante sabedor,
E que douda fantasia!
O' mestre da vaidade,
Tu não sabes que es cativo,
E escravo da Trindade!
Quem te deu ter potestade
Sôbre nenhum corpo vivo?

BELZEBU.

Não dizem que o Esprito Sancto
Fallava dentro em Davi,
E dos profetas assi?
Porque não farei outro tanto
Nos que tenho pera mi?
E Deos Padre não assombrava
A Moisem com terremoto,
Cada vez que lhe fallava?
Cant'eu vi que assombrava
Com temores seus devotos.

S. PEDRO.

Tu queres ser igualado
Com Deos, summa das grandezas?
Como es desavergonhado,
Triste, maldito austinado,
Cheio de vans subtilezas!
Não lh'ouçamos vaidades,
Va fallar com quem quizer;
Porque em lhe responder
Honramos suas maldades,
E isso he o qu'elle quer.

CANANEA.

O' Senhor, escuta a triste,
De todo emparo estrangeira.
Ja, Senhor, viste e ouviste
Em que desastre consiste
A dor da minha canceira.
Não abasta atormentada
Minha filha, e minha dor
Ferida, escalabrada,
Mas agora ameaçada
Pera cada vez peor?

S. JOÃO.

Supplicamos-te, Senhor,
Que hajas della piedade.
CHR. Ja vos fallei a verdade;
Meu padre me fez pastor
Do gado da sua vontade,
Das ovelhas de Jacó,
Que procedem de Abrahão:
E dos povos de Canão
Ninguem haja delles dó;
Fazei conta que cães são.

Como aos filhos consentis
Que lhes tire o mantimento,
Polo dar aos cães cevis?
Injusta cousa pedis
Com vosso requerimento.

Can. Eu digo, Senhor, que si;
Não tenho disso querella,
Confesso que sou cadella,
E de cadella nasci;
E sou mais perra que ella.
E porém as cachorrinhas
Com os cães deste teor,
E os gatos e gallinhas
Se fartão das migalhinhas
Da mesa de seu senhor:
Quanto mais os seus manjares;
Que es padre das companhas,
Fartas montes e montanhas,
E desertos e logares,
Até bichos e aranhas.
Com glória, mui sem trabalho,
Fartas os mares e rios,
E as hervas de rocios,
E os lirios de orvalho
Nos logares mais sombrios.
O' Criador liberal,
Que lá nos bosques perdidos
Tens os bichinhos providos,
E a mim so, por meu mal,
Os emparas escondidos!
Pleni sunt cœli et terra
Majestatis gloriæ tuæ:
Pois inda que seja perra,
Não me leixes tu tão nua
Nesta triste e cruel guerra:
Que se ha remedio sem ti,
Eu não o posso entender;
E se t'esquivas de mi,
Que excommungada nasci,
Quem outrem póde absolver?
Oh thesouro dos prazeres
E esperanças merecidas!
Polos teus sanctos poderes
Te peço, Senhor das vidas,
Que tu não me desesperes.
E se por ser Cananea,
E filha de perdição,

Desprezas minha oração;
A misera *anima mea*
Onde achará redempção?
Se perco por mulher ser,
Por meus errores profundos,
Senhor, deves tu de ver
Que nasceste de mulher
Escolhida entre mil mundos.

CHRISTO.

Mulher, muito grande he
O teu bom perseverar,
E muito grande a tua fé;
E he justo que te dê
O que vieste buscar.
Porque tens muito soffrido,
Como constante oradora,
Mando que logo nessora
Se cumpra o que tens pedido,
E sejas san desd'agora.

Em este passo vem fugindo o demonio Belzebu, e topa com Satanaz, e diz:

Venho saber que isto he.
SAT. Como vens assi turvado?
BEL. Chegou-nos lá hum recado
De Jesu de Nazaré,
Mui terrivel e apertado.
SAT. Que recado?
BEL. Eu t'o direi,
Que nenhũa cousa fique.
Não era mais seu repique,
Senão *ite maledicti patris mei.*

SATANAZ.

Mais que me faz pasmar
Como chegou isso lá;
Que Christo não foi de cá,
Nem se bolio d'hum logar.
BEL. Não sei com'isso sera;
Que eramos mil escolhidos
Procedidos das nações
Daquelles coros subidos,
Thronos e Dominações.
A moça com grandes gritos
Ajuntou toda a cidade;
E veio hũa claridade,
Que nos cortou os espritos.

SAT. De fogo, ou que calidade?
BEL. Era assi hum resplandor
Cercado de nuvens pretas;
Os raios erão de settas,
E o fogo de temor.
No meio logo olhei,
Onde mil espantos vi:
Então sahia dalli
Esta voz do alto Rei:
Ite, maledicti patris mei.
SAT. Era ahi teu irmão comtigo?
BEL. Meu irmão e teus cunhados,
E Belial teu amigo,
E teu pae era comigo
E os Seraphins desbarbados.
E todos forçósamente
Fomos lançados dalli:
E assi supitamente,
Sem vermos nenhũa gente,
Nos arrastárão per hi.
Pelejar não no ouvi,
Nem chamar aqui-d'elrei,
Senão esta voz assi:
Iti, ite, maledicti patris mei.
Oh que voz pera temer!
Que temor pera sentir!
Que sentir pera doer!
E que dor pera soffrer
A quem tal voz comprender!
SAT. Não estou maravilhado
Senão d'estar hi Hulcão,
E Gerundo bem armado,
E o drago Frei Tropão,
E não terem coração
Pera se dar a recado.

BELZEBU.

Porque fallas ao desdem,
E me culpas sem concêrto,
Poisque viste no deserto
O poder que Christo tem,
Que atégora foi cuberto?
Porém quem adivinhára
Que no mundo visse eu
Nenhum homem que ousára,
E sem temor me lançára
Per fôrça fóra do meu?

SATANAZ.

Rogo-te que pratiquemos
Neste homem quem sera.

BEL. He hum extremo d'extremos,
Hum caso que não sabemos,
Nem sei se se sabera.

SAT. Eu acho no meu caderno,
Qu'isto são desaventuras;
Porque esse homem he eterno,
E ha de roubar o inferno,
E deixar-nos ás escuras.

Vão-se estes, e diz Christo aos Discipulos:

CHRISTO.

Onde o temor sempre atiça,
E o receio melhor cabe,
He no ladrão; porque sabe
Que deve muito á justiça;
Então teme que o pague.
Assi o imigo infernal,
Como peccou por maldade,
Onde enxerga sanctidade,
Tem-lhe temor natural,
E grande odio per vontade.

Eu vos dei hoje lição
De como haveis de orar,
E quando, e de que feição,
E o que haveis de fallar
Em vossa sancta oração.
Pois mais haveis de saber,
E notae isto de mim:
Que quem a Deos ha de haver,
Lhe convem permanecer
Nas virtudes até fim.

Porque Deos he duração,
Glória sem acabamento,
E não ha por perfeição
Dous annos de devação,
E trinta d'esquecimento.
Bem viste esta mulher,
E o seu perseverar,
Seu soffrer e o seu crer,
E com isto receber
Quanto quiz arrecadar.

Rogo-vos sem mais latins,
Por alcançardes o preço
Dos Anjos e seraphins,

Que sempre os vossos fins
Concertem com o comêço.
Notae o soffrer d'Elias.
As paciencias de Job,
As prisões de Jeremias,
As fortunas de Jacob,
E como acabárão seus dias.

Vem a Cananea, e diz:

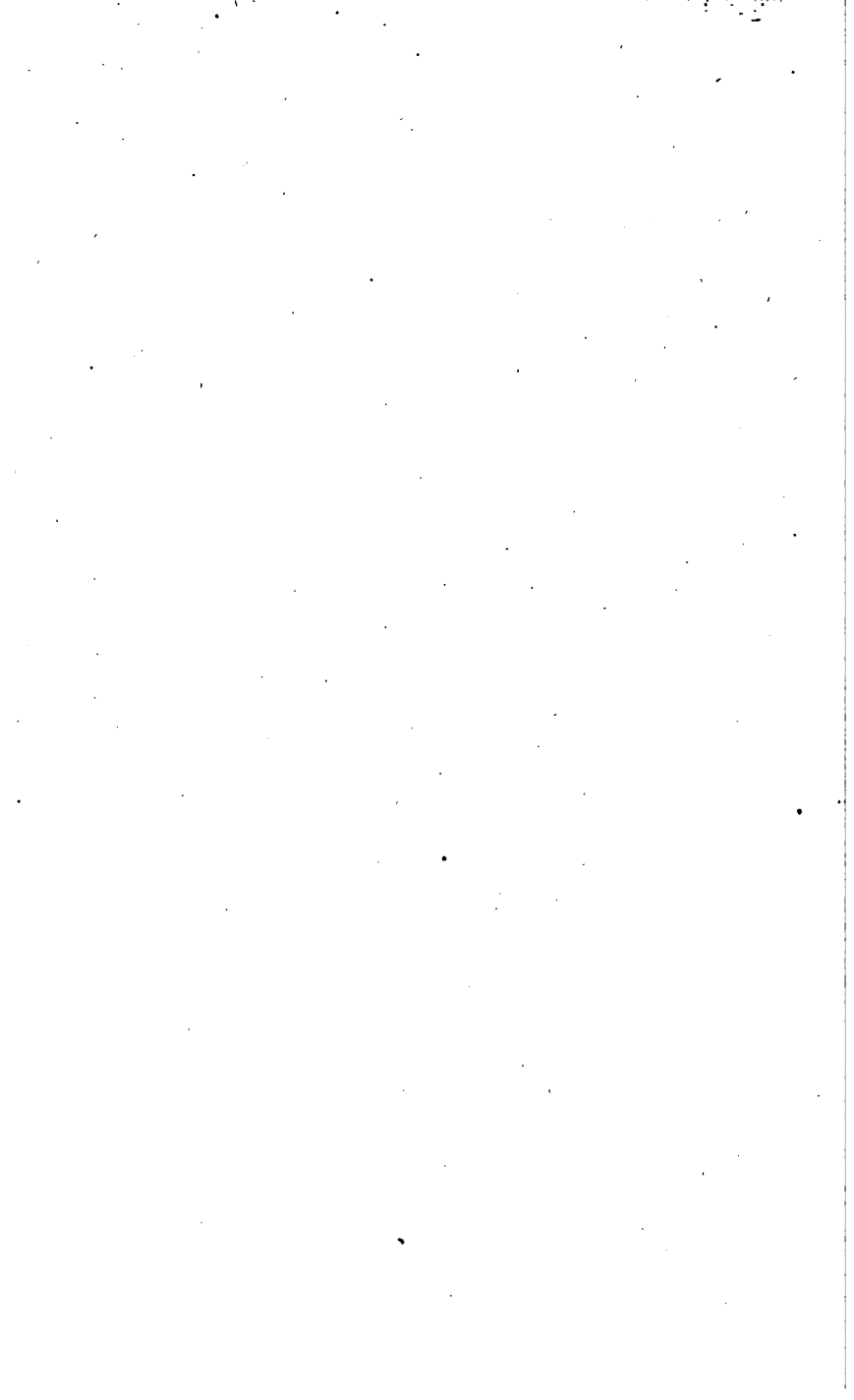
CANANEA.

Ajudae-me a dar louvores
E Graças ao Redemptor,
Pois fostes meus rogadores
Até fim de minha dor.

S. PEDRO.

Vere dignun et justum est,
Pois que a todos fez mercê.
Adoremos nosso mestre
Cheio de graça celeste,
Como por obra se ve.

E cantando Clamavat autem, *se acaba o dito auto.*

Exhortação da Guerra.

FIGURAS.

HUM CLERIGO.
ZEBRON } Diabos.
DANOR }
POLICENA.
PANTASILEA.
ACHILLES.
ANNIBAL.
HEITOR.
SCIPIÃO.

A tragicomedia seguinte seu nome he Exhortação da guerra. *Foi representada ao muito alto e nobre Rei D. Manuel o primeiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Lisboa na partida para Azamor do illustre e mui magnifico Senhor D. Gemes Duque de Bragança e de Guimarães na era de 1513.*

EXHORTAÇÃO DA GUERRA.

Entra primeiramente um Clerigo nigromante e diz:

CLERIGO.

Famosos e esclarecidos
Principes mui preciosos,
Na terra victoriosos,
E no ceo muito queridos,
Sou Clerigo natural
De Portugal,
Venho da cova Sibyla,
Onde se esmera e estilla
A subtileza infernal.
E venho mui copioso
Magico e nigromante,
Feiticeiro mui galante,
Astrologo bem avondoso:
Tantas artes diabris
Saber quiz,
Que o mais forte diabo
Darei preso polo rabo
Ao Iffante Dom Luiz.
Sei modos d'encantamentos,
Quaes nunca soube ninguem;
Artes pera querer bem,
Remedios a pensamentos:
Farei de hum coração duro
Mais que muro,
Como brando leituairo;
E farei polo contrairo
Que seja sempre seguro.
Sou mui grande encantador,
Faço grandes maravilhas,
As diabolicas sillas
São todas a meu favor.
Farei cousas impossiveis,
Mui terriveis,
Milagres mui evidentes,
Que he pera pasmar as gentes,
Visiveis e invisiveis.

Farei que huma Dama esquiva,
Por mais çafara que seja,
Quando o galante a veja,
Que ella folgue de ser viva:
Farei a dous namorados
Mui penados,
Que estem cada hum per si;
E cousas farei aqui
Que estareis maravilhados.
Farei por meio vintem,
Que hũa Dama muito feia,
Que de noite sem candeia
Não pareça mal nem bem;
E outra fermosa e bella
Como estrella,
Farei por sino forçado,
Que qualquer homem honrado
Não lhe pesasse com ella.
Far-vos-hei mais pera verdes,
Por esconjuro perfeito,
Que caseis todos a eito
O melhor que vós puderdes.
E farei de noite dia
Per pura nigromancia,
Se o sol alumiar:
E farei ir polo ar
Todo a van fantasia.
Far-vos-hei todos dormir
Emquanto o somno vos durar,
E far-vos-hei acordar
Sem a terra vos sentir.
E farei hum namorado
Bem penado,
Se amar bem de verdade,
Que lhe dure essa vontade
Até ter outro cuidado.
Far-vos-hei que desejeis
Cousas que estão por fazer,
E far-vos-hei receber
Na hora que vos desposeis.
E farei que esta cidade
Estê pedra sôbre pedra;
E farei que quem não medra
Nunca tem prosperidade.
Farei per magicas rasas
Chuvas tão desatinadas,
Que estem as telhas deitadas

Pelos telhados das casas :
E farei a torre da Sé,
Assi grande como he,
Per graça de sua clima,
Que tenha o alicesse ao pé,
E as ameas em cima.
Não me quero mais gabar.
Nome de San Cebrian
Esconjuro-te Sàtan —
Senhores não espantar.
Zet zeberet zerregud zebet
O' filui soter
Rehe zezegot relinzet
O' filui soter.
O chaves das profundezas,
Abri os poros da terra ;
Principe da eterna treva,
Pareção tuas grandezas.
Conjuro-te, Satanás,
Onde estás,
Polo bafo dos dragões,
Pola ira dos leões,
Polo valle de Jurafás ;
Polo fumo peçonhento
Que sae da tua cadeira,
E pola ardente fogueira,
Polo lago do tormento,
Esconjuro-te, Satan,
De coração
Zezegot seluece soter,
Conjuro-te, Lucifér,
Que ouças minha oração.
Polas nevoas ardentes
Que estão nas tuas moradas,
Polas poças povoadas
De viboras e serpentes,
E polo amargo tormento,
Mui sem tento,
Que dás aos encarcerados ;
Polos gritos dos damnados,
Que nunca cessão momento :
Conjuro-te, Berzebu,
Pola ceguidade hebraica,
E pola malicia judaica,
Com a qual te alegras tu,
Rezé put Linteser . . . . . .

Zamzorep tisal
Lisó fé nafezeri.

Vem os diabos Zebron e Danor, e diz

ZEBRON.

Que has tu, excommungado?
CLE. O' irmãos, venhais embora.
DAN. Que nos queres tu agora?
CLE. Que me façais hum mandado.
ZEB. Polo altar de Satan,
Dom villão.
DAN. Toma-lo por essas gadelhas,
E cortemos-lhe as orelhas,
Que este clerigo he ladrão.

CLERIGO.

Manos, não me façais mal,
Compadres, primos, amigos.
ZEB. Não te temos em dous figos.
CLE. Como vai a Belial?
Sua côrte está em paz?
DAN. Dá-lhe aramá hum bofete:
Crismemos este rapaz,
E chamemos-lhe zobete.

CLERIGO.

Ora fallemos de siso:
Estais todos de saude?
ZEB. Fideputa, meio almude,
Que tens tu de ver com isso?
CLE. Minhas potencia relaxo,
E me abaxo:
Fallae-me d'outra maneira.
DAN. Sois Bispo vós da Landeira,
Ou vigairo no Cartaxo?

ZEBRON.

He Cura do Lumear,
Sochantre da Mealhada,
Acipreste de canada,
Bebe sem desfolegar.
DAN. He capellão terrantez,
Bom Ingrez,
Patriarcha em Ribatejo,
Beberá sôbre hum cangrejo
As guelas d'hum Francez.

ZEBRON.

Danor, di-me, he Cardial
D'Arruda ou de Caparica?
DAN. Nenhũa cousa lhe fica
Senão sempre o vaso tal.
Tem hum grande Arcebispado
Muito honrado,
Junto da pedra da estrema,
Onde põe o diadema
E a mitra o tal prelado.

ZEBRON.

Ladrão, sabes o Seixal
E Almada e pereli?
O' fideputa alfaqui,
Albardeiro do Tojal!
CLE. Diabos, quereis fazer
O que eu quizer,
Per bem, ou de outra feição?
DAN. O' fideputa ladrão,
Havemos-te de obedecer.

CLERIGO.

Ora eu vos mando e remando
Polas virtudes dos Ceos,
Pola potencia de Deos,
Em cujo serviço ando;
Conjuro-vos da sua parte,
Sem mais arte,
Que façais o qu'eu mandar
Pola terra e polo ar,
Aqui e em toda a parte.

ZEBRON.

Como te vai com as terças?
He vivo aquelle alifante
Que foi a Roma tão galante?
DAN. Amargão-te a ti estas verças?
CLE. Esconjuro-te, Danor,
Por amor de San Paulo
E de San Polo.
ZEB. Tu não tens nenhum miolo.
CLE. Eu vos farei vir a dor.
Por esta madre de Deos
De tão alta dignidade,
E pela sua humildade,
Com que abrio os altos ceos,

Polas veias virginaes
Imperiaes,
De que Christo foi humanado...

ZEB. Que queres, excommungado?
Manda-nos, não digas mais.

CLERIGO.

Minha mercê manda e ordena
Que tragais logo essas horas
Diante destas Senhoras
A Troiana Policena,
Muito bem ataviada
E concertada,
Assi linda como era.

DAN. Quanta pancada te dera,
Se pudera;
Mas tens-me a fôrça quebrada.

CLERIGO.

Venha por mar ou por terra,
Logo muito sem referta.

ZEB. E a terça da offerta
Tambem pagas pera a guerra?

CLE. Trazei logo a Policena
Mui sem pena
Com sua festa diante.

ZEB. Inda irá outro alifante,
Pagarás quarto e vintena.

Vem Policena e diz:

POLICENA.

Eu que venho aqui fazer?
Oh que gran pena me déstes,
Pois por fôrça me trouxestes
A hum novo padecer.
Que quem vive sem ventura
Em gran tristura,
Ver prazeres lhe he mais morte.
Oh bellenissima côrte,
Senhora da formosura!
Não foi o Paço Troiano
Dino de vosso primor:
Vejo hum Priamo maior,
Hum Cesar mui soberano;
Outra Hecuba mais alta,
Mui sem falta,
Em pod'rosa, doce e humana,

A quem por Phebo e Diana
Cada vez Deos mais esmalta.
E vós, Principe excellente,
Dae-me alviçaras liberaes,
Que vossas mostras são taes,
Que todo o mundo he contente.
E aos Planetas dos Ceos
Mandou Deos
Que vos dessem taes favores,
Que em grandeza sejais vós
Prima dos antecessores.
Por vós mui fermosa flor,
Iffante Dona Isabel,
Forão juntos em tropel,
Por mandado do Senhor,
O ceo e sua companha,
E julgou Jupiter juiz
Que fosseis Imperatriz
De Castella e Alemanha.
Senhor Iffante Dom Fernando,
Vosso sino he de prudencia,
Mercurio per excellencia
Favorece vosso bando.
Sereis rico e prosperado
E descançado,
Sem cuidado e sem fadiga,
E sem guerra e sem briga;
Isto vos está guardado.
Iffante Dona Beatriz,
Vós sois dos sinos julgada
Que haveis de ser casada
Nas partes de flor de lis.
Mais bem do que vós cuidais,
Muito mais,
Vos tem o mundo guardado;
Perdei, Senhores, cuidado.
Pois com Deos tanto privais.

CLERIGO.

Que dezeis vós destas rosas,
Deste val de fermosura?
POL. Tal fôra minha ventura
Como ellas são de fermosas.
Oh que côrte tão luzida,
E guarnecida
De lindezas pera olhar?

Quem me pudera ficar
Nesta gloriosa vida!

DANOR.

Nesta vida! lá acharás.

POL. Quem me trouxe a este fado?

DAN. Esse zote excommungado
Te trouxe aqui onde estás:
Pergunta-lhe que te quer,
Pera ver.

POL. Homem, a que me trouxeste?

CLE. Que? ainda agora vieste,
E has-de-me responder!
Declara a estes senhores,
Pois foste d'amor ferida,
Qual achaste nesta vida
Que he a mor dor das dores
E se as penas infernaes
Se são ás do amor iguaes,
Ou se dão lá mais tormentos
Dos que ca dão pensamentos
E as penas que nos dais.

POLICENA.

Muito triste padecer
No inferno sinto eu,
Mas a dor que o amor me deu
Nunca a mais pude esquecer.

CLE. Que manhas, que gentileza
Ha de ter o bom galante?

POL. A primeira he ser constante,
Fundado todo em firmeza;
Nobre, secreto, calado,
Soffrido em ser desdenhado,
Sempre aberto o coração
Pera receber paixão,
Mas não pera ser mudado.
Ha de ser mui liberal,
Todo fundado em franqueza:
Esta he a mor gentileza
Do amante natural.
Porque he tão desviada
Ser o escasso namorado,
Como estar fogo em geada,
Ou hũa cousa pintada
Ser o mesmo incorporado.
Ha de ser o seu comer
Dous bocados suspirando,

E dormir meio velando,
Sem de todo adormecer.
Ha de ter mui doces modos,
Humano, cortez a todos,
Servir sem esperar della;
Que quem ama com cautela
Não segue a tenção dos Godos.

CLE. Qual he a cousa principal
Porque deve ser amado?

POL. Que seja mui esforçado:
Isto he o que mais lhe val.
Porque hum velho idoso,
Feio e muito socegado,
Se na guerra tem boa fama,
Com a mais fermosa dama
Merece de ser ditoso.
Senhores Guerreiros guerreiros,
E vós Senhoras guerreiras,
Bandeiras e não gorgueiras
Lavrae pera os cavalleiros.
Que assi nas guerras Troianas
Eu mesma e minhas irmans
Teciamos os estandartes,
Bordados de todas partes
Com divisas mui louçans.
Com cantares e alegrias
Davamos nossos collares,
E nossas joias a pares
Per essas capitanias.
Renegae dos desfiados,
E dos pontos enlevados:
Destrua-se aquella terra
Dos perros arrenegados.
Oh quem vio Pantasilea
Com quarenta mil donzellas
Armadas como as estrellas
No campo de Palomea!

CLE. Venha aqui; trazei-m'a ca.

ZEB. Deixa-nos ieramá.

CLE. Ora sus, qu'estais fazendo?

DAN. O' diabo qu'eu t'encommendo
E quem tal poder te dá!

Entra Pantasilea e diz:

PANTASILEA.

Que quereis a esta chorosa
Rainha Pantasilea,

A penada, triste, e fea
Pera côrte tão fermosa?
Porque me quereis vós ver
Diante vosso poder,
Rei das grandes maravilhas,
Que com pequenas quadrilhas
Venceis quem quereis vencer?
  Se eu, Senhor, fôrra me vira,
Do inferno solta agora,
E fôra de mi senhora;
Meu Senhor, eu vos servíra.
Empregára bem meus dias
Em vossas capitanias,
E minha frecha dourada
Fôra bem aventurada,
E não nas guerras vazias.
  Oh famoso Portugal,
Conhece teu bem profundo,
Pois até ó pólo segundo
Chega o teu poder real.
Avante, avante, Senhores,
Pois que com grandes favores
Todo o ceo vos favorece:
ElRei de Fez esmorece,
E Marrocos dá clamores.
  Oh! deixae de edificar
Tantas camaras dobradas,
Mui pintadas e douradas,
Que he gastar sem prestar.
Alabardas, alabardas!
Espingardas, espingardas!
Não queirais ser Genoezes,
Senão muito Portuguezes,
E morar em casas pardas.
  Cobrae fama de ferozes,
Não de ricos, qu'he p'rigosa;
Dourae a patria vossa
Com mais nozes que as vozes.
Avante, avante, Lisboa!
Que por todo o mundo soa
Tua próspera fortuna:
Pois que fortuna t'enfuna,
Faze sempre de pessoa.
  Achilles, que foi daqui
De perto desta cidade,
Chamae-o dirá a verdade,
Se não quereis crer a mi.

Cle. Ora sus, sus, digo eu.
Zeb. Este clerigo he sandeu:
Onde estou, que o não crismo!
O' fideputa judeu,
Queres vazar o abismo?

Vem Achilles, e diz:

Achilles.

Quando Jupiter estava
Em toda sua fortaleza,
E seu gran poder reinava,
E seu braço dominava
Os cursos da natureza;
Quando Martes influia
Seus raios de vencimento,
E suas fôrças repartia;
Quando Saturno dormia
Com todo seu firmamento;
E quando o Sol mais luzia,
E seus raios apurava,
E a Lua apparecia
Mais clara que o meio dia;
E quando Venus cantava,
E quando Mercurio estava
Mais prompto em dar sapiencia;
E quando o Ceo se alegrava,
E o mar mais manso estava,
E os ventos em clemencia;
E quando os sinos estavão
Com mais gloria e alegria,
E os pólos s'enfeitavão,
E as nuvens se tiravão
E a luz resplandecia;
E quando a alegria véra
Foi em todas naturezas:
Nesse dia, mez e era,
Quando tudo isto era,
Nascêrão Vossas Altezas.
Eu Achiles fui creado
Nesta terra muitos dias,
E sam bem aventurado
Ver este reino exalçado
E honrado per tantas vias.
O' nobres seus naturaes,
Por Deos não vos descuideis;
Lembre-vos que triumphais:

O' prelados, não dormais,
Clerigos, não murmureis.
Quando Roma a todas velas
Conquistava toda a terra,
Todas dònas e donzellas
Davão suas joias bellas
Pera manter os da guerra.
O' pastores da Igreja,
Moura a seita de Mafomà,
Ajudae a tal peleja,
Que açoutados vos veja
Sem apellar para Roma.
Deveis de vender as taças,
Empenhar os breviairos,
Fazer vasos das cabeças,
E comer pão e rabaças,
Por vencer vossos contrairos.
ZEB. Assi, assi, aramá:
Dom Zote, que te parece?
CLE. E a mi que se me dá?
Quem de seu renda não ha
As terças pouco lhe impece.

ACHILLES.

Se viesse aqui Annibal
E Heitor e Scipião,
Vereis o que vos dirão
Das cousas de Portugal
Com verdade e com razão.
CLE. Sus, Damor, e tu Zebrão,
Venhão todos tres aqui.
DAN. Fideputa, rapaz, cão,
Perro, clerigo, ladrão!
ZEB. Mao pezar veja eu de ti.

Vem Annibal, Heitor, Scipião, e diz

ANNIBAL.

Que cousa tão escusada
He agora aqui Annibal,
Que vossa côrte he afamada
Per todo o mundo em geral.
HEL. Nem Heitor não faz mister,
SCI. Nem tampouco Scipião.
ANN. Deveis, Senhores, esperar
Em Deos que vos ha de dar
Toda Africa na vossa mão.
Africa foi de Christãos,
Mouros vo-la tem roubada.

Capitães ponde-lh'as mãos,
Que vós vereis mais louçãos
Com famosa nomeada.
O' Senhoras Portuguezas,
Gastae pedras preciosas,
Donas, Donzellas, Duquezas,
Que as taes guerras e emprezas
São propriamente vossas.
He guerra de devação,
Por honra de vossa terra,
Commettida com razão,
Formada com discrição
Contra aquella gente perra.
Fazei contas de bugalhos,
E perlas de camarinhas,
Firmaes de cabeças d'alhos;
Isto si, Senhoras minhas,
E esses que tendes dae-lh'os.
Oh! que não honrão vestidos,
Nem mui ricos atavios,
Mas os feitos nobrecidos;
Não briaes d'ouro tecidos
Com trepas de desvarios:
Dae-os pera capacetes.
E vós, Priores honrados,
Reparti os Priorados
A Suiços e soldados,
Et centum pro uno accipietis.
A renda que apanhais
O melhor que vós podeis,
Nas igrejas não gastais,
Aos pobres pouco dais.
E não sei que lhe fazeis.
Dae a terça do que houverdes,
Pera Africa conquistar,
Com mais prazer que puderdes;
Que quanto menos tiverdes,
Menos tereis que guardar.
O' senhores cidadãos,
Fidalgos e Regedores,
Escutae os atambores
Com ouvidos de christãos.
E a gente popular
Avante! não refusar.
Ponde a vida e a fazenda,
Porque para tal contenda
Ninguem deve recear.

Todas estas figuras se ordenárão em caracol, e a vozes cantárão e representárão o que se segue cantando

Todos.

« Ta la la la lão, ta la la la lão. »

ANN. Avante ! avante ! Senhores !
Que na guerra com razão
Anda Deos por capitão.

Tod. « Ta la la la lão, ta la la la lão. »

ANN. Guerra, guerra, todo estado !
Guerra, guerra mui cruel !
Que o gran Rei Dom Manuel
Contra Mouros está irado.
Tem promettido e jurado
Dentro no seu coração
Que poucos lh'escaparão

Tod. « Ta la la la lão, ta la la la lão. »

ANNIBAL.

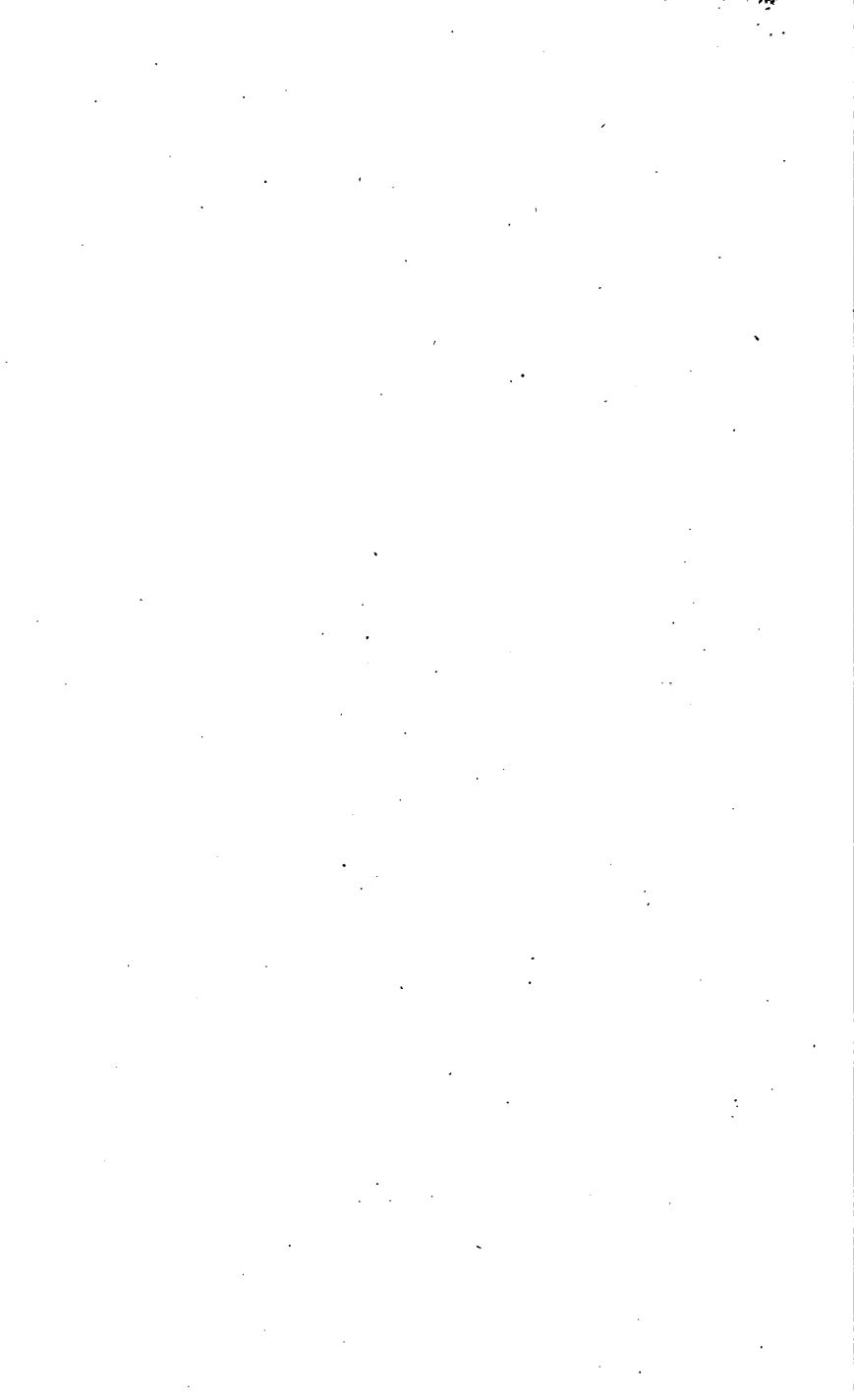
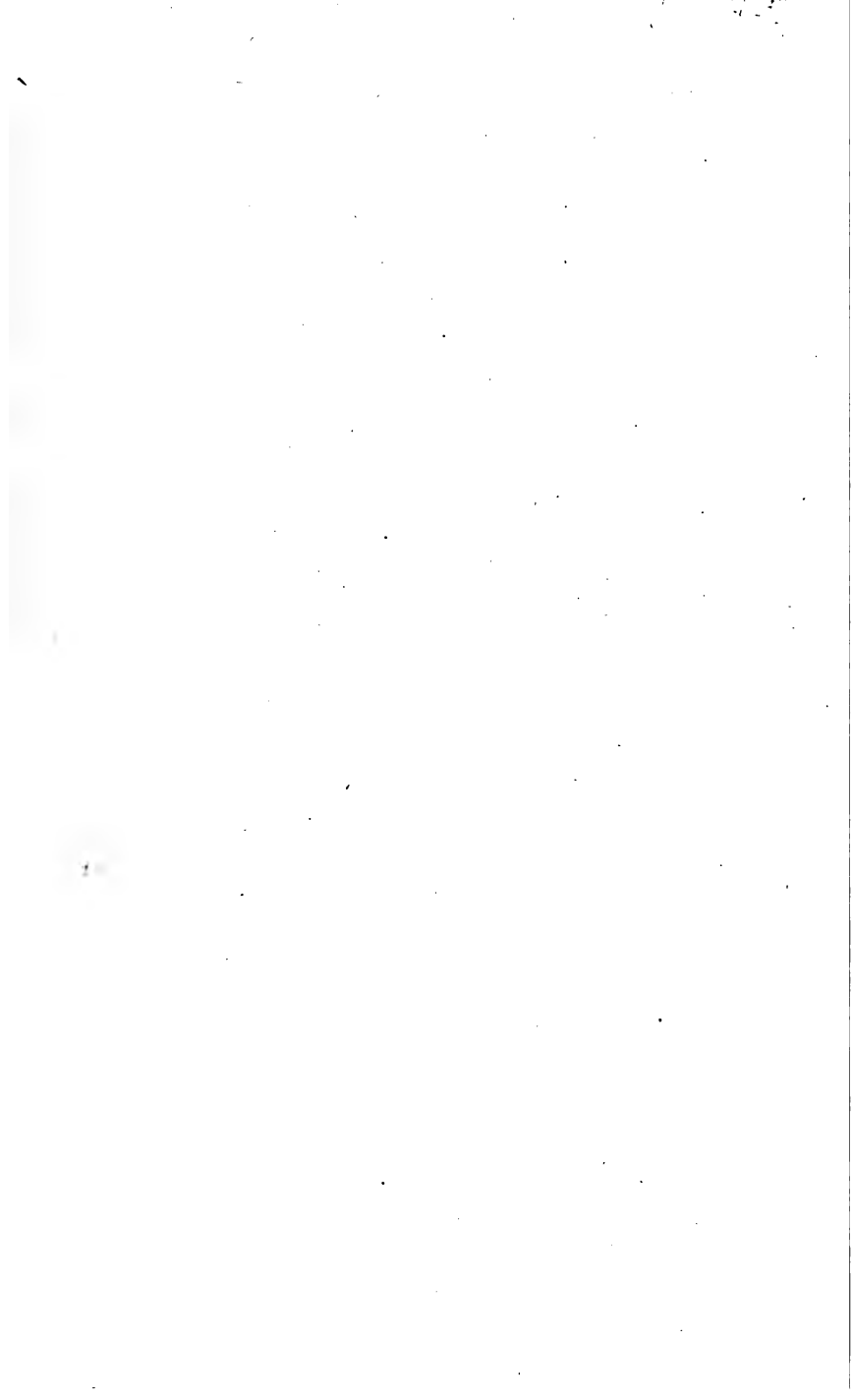
Sua Alteza determina
Por acrescentar a fé,
Fazer da mesquita Sé
Em Fez por graça divina.
Guerra, guerra mui contina
He sua grande tenção.

Tod. « Ta la la la lão, ta la la la lão. »

ANNIBAL.

Este Rei tão excellente,
Muito bem afortunado.
Tem o mundo rodeado
Do Oriente ao Ponente :
Deos mui alto, omnipotente,
O seu real coração
Tem posto na sua mão.

Tod. « Ta la la la lão, ta la la la lão. »

E com esta soïça se sahirão, e feneceo a susodita tragicomedia.

Cortes de Jupiter.

FIGURAS.

PROVIDENCIA.
JUPITER.
QUATRO VENTOS.
MAR.
SOL.
LUA.
VENUS.
MARS.
HUMA MOURA ENCANTADA.

A tragicomedia seguinte foi feita ao muito alto e poderoso Rei D. Manuel, o primeiro em Portugal deste nome, á partida da Illustrissima, Senhora Iffanta D. Beatriz, Duqueza de Saboia: da qual sua invenção he: Que o Senhor Deos, querendo fazer mercê á dita Senhora, mandou sua Providencia por messageira a Jupiter, Rei dos Elementos, que fizesse Côrtes, em que se concertassem Planetas e Signos em favor da sua viagem. Foi representada nos Paços da Ribeira na cidade de Lisboa, era de 1519.

CORTES DE JUPITER.

Entrou logo a Providencia em figura de Princeza, com esphera e cetro na mão, e diz:

PROVIDENCIA.

Eu Providencia chamada,
Provedora do presente,
No porvir antecipada,
Sam por Deos ora enviada
Polas orações da gente.
Rogão per toda Saboia
E nos reinos onde estais,
Por esta Deosa de Troia,
Por esta divina joia,
Que agora lh'enviais.
He de tantos e de tantas
O meu Deos tão requerido,
Dos anjos, Santos e Santas,
E todos com preces tantas,
Que não tem conto sabido.
Reis, Rainhas e Donzellas,
E muitos por esta estrella
Rogão a seu Senhor dellas,
Nosso Deos, que va com ella
Como estrella entre as estrellas.
Sôbre o qual todos pastores
Leixão sem pasto as manadas,
E se fazem oradores,
Em offerta dando flores
E suas pobres soldadas.
Bispos, frades, e beguinos,
E monjas de Jesu Christo,
Até moços e meninos
De joelhos pedem isto,
Humilhados e continos.
Que elle muito a seu prazer
A leve a salvamento;
E para isto haver de ser
Jupiter ha de fazer
Côrtes logo em hum momento.

Porque Deos me deu a mi,
Que o fizesse rei do mar,
E dos ventos outro si,
E dos sinos : venha aqui
Pera logo começar.

Vem Jupiter e diz :

JUPITER.

Eis-me aqui, alta senhora ;
Que quer Vossa Magestade ?

PRO. Nobre Rei, venhais embora.
Cumpre que façais nessora
Côrtes com solemnidade.

JUP. Sôbre que, divina joia ?

PRO. Porque vai hũa Princeza,
Alta Iffanta Portugueza,
Duqueza pera Saboia.

JUPITER.

Por muito seu bem será
E vida do coração.

PRO. O Senhor a levará,
Tanto prazer lhe dará,
Como lhe deu perfeição.
Subi a vossa exaltação,
E mandae chamar o Mar,
E mandae pôr em prisão
Os ventos de Meridião,
Que impedem seu navegar.
E venha a Lua dourada,
O Sol e Venus causando
Que a linda desposada
Não caminhe esta jornada
Com saudade suspirando.
Manda Deos que va folgando
Por esses mares de Troia ;
Fazei-lhe o mar muito brando
E não se catará quando
Se verá dentro em Saboia.
A hora do partir se vem,
Fazei côrtes logo essora.

JUP. Ellas se farão mui bem,
Pois que nosso Senhor tem
Cuidado dessa Senhora.

PRO. Eu vou prover logo essora
Naquella casa dozena
Dos males que he malfeitora,

Aindaque tudo adora
Aquillo que Deos ordena.

Vai-se a Providencia e entrão os quatro Ventos *em figura de trombeteiros e diz*

JUPITER.

I logo dizer ao Mar
Que faço côrtes agora,
E que o mando chamar.
SUL. Cumpre-nos bem de ventar
Para elle saltar ca fóra.

Tocão os Ventos suas trombetas, e vem o Mar *muito furioso, e diz a* Jupiter *:*

MAR.

Pardeos, grande farnesia
Me dão vossas fôrças bellas,
Que muito bem merecia
Mandares messageria
Polas vossas sete estrellas.
Ou por hum rio dos meus,
Ou pelo meu maior pégo,
Ou pelos montes Prineos,
E não por quatro sandeus,
Que são contra meu socego.
JUP. Muito bravo vem o Mar.
MAR. Vós não sois minha senhora
A Lua que m'ha de mandar.
JUP. Eu te farei amansar
Pola tua superiora.
Ide, ventos, á mui bella
Lua Diana fermosa,
Dizei que a mais bella qu'ella
Está pera ir á vela
Destes reinos, poderosa.
Venha ás Côrtes aqui
O Sol e Venus e ella,
E tu, Mar, não te vas d'hi.
MAR. Venha a senhora de mi,
Qu'eu m'entenderei com ella.

JUPITER.

Tudo s'ha de concertar
Nestas côrtes que fazemos :
O ceo e a terra e o mar
E os ventos s'hão d'amansar,
Pera ser o que queremos.

Vem o Sol e a Lua bailando ao som das trombetas dos Ventos, e com elles Venus, e diz o

SOL.

Oh caso pera espantar!
Que he isto, Jupiter?
A que nos mandais chamar?
Quer-se o Orbe renovar,
Ou torna-se o mundo a fazer?

JUPITER.

Mas he hum caso profundo,
E de tanta preminencia,
Que Deos com rosto jocundo,
Como se fizesse hum mundo,
Manda poer diligencia.
Vai a serena e altiva,
Cuja graça persevera
Contra todo o mal esquiva,
Filha do que muito viva,
Neta do que não morrêra.
Polo qual vós clara Lũa,
Concertae vossas marés,
Porque em tudo esta he hũa,
Que no oriente nenhũa
Tal como esta não poz pés.
Primeiramente vos digo,
Ventos, sereis avisados
Que vão as naos sem perigo.
SUL. Eu sou Sul, fallae comigo.

NORTE.

Senhor, eu sam Norte, eu.
NORD. Eu sou Nordeste, eu sim,
E digo que o Sul he sandeu.
SUL. Tal siso tens tu como eu;
Fallas como vento emfim.
JUP. Tu Norte, teras cuidado,
E Noroeste outro tal,
De ventar e com recado.
NOR. O Sul ha mister atado
C'os doudos no esprital.

NOROESTE.

Si Senhor, e o Sudoeste,
Elle Sueste tambem;
Vente Norte e Nor-noroeste,
Porque a Viagem preste;

E não vente outrem ninguem.
VEN. Oh quem fôra agora o Mar!
LUA. Nunca elle foi tão ditoso.
SOL. Mais ditoso se ha de achar,
Quando a vir, o seu esposo.
E dirá, como a olhar,
Namorado com razão:
« Niña erguedme los ojos,
« Que a mi namorado m'hão. »

Este Vilancete foi cantado a tres vozes: o Sol, a Lua e Venus, e acabado diz:

JUPITER.

Pera esta viagem ser
Aquella que Deos ordena,
Vós, Lua, haveis de fazer
A o Mar obedecer
A esta frota serena.

SOL.

Mande primeiro, Senhor,
Que não seja retrográda
Venus, pois sois seu maior,
E Deos que he superior
Favorece a desposada.
JUP. Partirá esta alta esposa,
No ponto de prea-mar,
Com sua frota lustrosa,
Na conjunção mais ditosa
Que lhe pudermos guisar.
E ao desferir das velas
Faremos que vá tambem
Com todas suas donzellas,
Que hajão saudade dellas,
E ellas não de ninguem.
E por mais solemnidade,
E Sua Alteza folgar,
Sahirão desta cidade
Toda a geralidade
Dos nobres per esse mar.
Não com velas nem com remos,
Mas todos feitos pescados,
Da feição que aqui diremos;
Que em tal caso os extremos
Em extremo são louvados.
Os conegos da Sé embora,
Em figuras de toninhas,

Irão com esta Senhora
Até bem de foz em fóra
Por essas ondas marinhas.

SOL.

E tambem até Cascaes
Irão os Vereadores,
Feitos rodavalhos taes,
E delles darão mil ais,
E delles dirão amores.

VEN. Tambem irão frades alguns
Do termo e da cidade.

LUA. Mas não ficarão nenhuns:
Serão ruivos ametade,
E os outros serão atuns.

VENUS.

E todolos corretores
Em figura de robalos.

SOL. Juizes e Ouvidores,
Delles peixes voadores,
E delles peixes cavallos.

LUA. Como irão os estudantes?

JUP. Feitos barbos de Monção,
E delles em rans cantantes,
Dizendo per consoantes:
Quem nos dera aqui o Durão!
Os da Moeda irão tornados
Em garoupas de Guiné,
Das moreas espantados,
Perguntando aos pescados
Cada hum que peixe he.

VEN. Sahirão as regateiras
Em cardume de sardinhas,
Nadando muito ligeiras,
Desviadas das carreiras,
Por não topar co'as toninhas.

SOL.

Irão certos bachareis
Em fórma de tubarões.

JUP. Esses apôs as gales;
E irão almotacés
Convertidos em cações.

VEN. Jorge Vasco Goncellos
N'hum esquife de cortiça
Irá alfenando os cabellos,

Por divisa dous novelos;
A letra dirá: *Ou iça!*

LUA.

Sabeis vós quem irá bem
Em figura de balea?
Gil Vaz da Cunha; porém
Encalhará em Belem,
E dirá: Eis-me n'area.
Dona Isabel sua mulher
Faremos raia n'hum salto,
E cantará ao pratel,
« Eu m'era Dona Isabel,
« Agora raia do alto. »
Irão mulheres solteiras,
Todas nuas, trosquiadas,
Bem rapadas as moleiras,
Carregadas de peneiras,
Em senhas sibas sentadas.

SOL. Irão todolos cantores;
Contras altos, carapaos;
Os tiples, alcapetores;
Enxarrocos os tenores;
Contrabaxos, bacalhaos.
Com elles Pero do Porto
Em figura de çafio,
Meio congro deste rio,
Cantando mui sem conforto,
« Yo me soy Pero çafio. »

JUPITER.

Agora cumpre attentar
Como poemos as mãos,
Porque he razão de ordenar
Como a vão acompanhar
O seu Principe e seus irmãos.

LUA. Em que figuras irão?

VEN. Aves me parece a mi,
Que em peixes não he razão:
Em aves, d'outra feição.

JUP. Não hão d'ir senão assi:
O Principe nosso Senhor
Irá em quatro rocins
Marinhos, em hum andor
Do ouro que melhor for
Em toda a terra dos Chins:
E hum sobreceo por cima,

D'esmeraldas e rubis
Lavrado d'obra de lima,
Que não possão dar estima
A lavores tão subtis.
  Sua figura será
Hum Alexandre segundo,
Que sem grifos subirá
Onde bem divisará
Todalas cousas do mundo.
VEN. E Garcia de Resende
Feito peixe tamboril;
E inda que tudo entende,
Irá dizendo por ende:
Quem me dera hum arrabil.

JUPITER.

  O mui precioso Iffante
Dom Luis esclarecido
Irá muito triumphante,
Senhor da vida galante,
Em cirnes alvos subido.
E irá João de Saldanha
No mar muito afadigado,
Feito arenque d'Alemanha,
Dizendo: Es cosa estraña
Ser Castellaño y pescado.
  O precioso Cardeal
Irá sôbre homens marinhos,
Em hum carro triumphal,
Padre sancto natural,
Per mui naturaes caminhos.
SOL. Dom Fernando, Iffante bello,
Fermoso, bem assombrado,
Irá posto em hum castello,
Que será prazer de vê-lo,
Sôbre sereas armados.

LUA.

  Diogo Fernandes irá,
Porque he commendador,
Em hum peixe que hi não ha,
Porém elle se fara,
Prazendo a nosso Senhor.
VEN. Sôbre tres leões marinhos
O Iffante Dom Anrique
Irá em cama d'arminhos,
Brincando com dous anginhos,
Que não he razão que fique.

SOL.

E na sua dianteira
Tristão da Cunha irá
Em congro da Pederneira,
Bradando : Aparta carreira !
Tanto qne enrouquecerá.
A mui preciosa Senhora
Iffanta Dona Isabel
Irá como superiora
Estrella clara d'aurora
N'hũa galé sem batel,
Com seis remos de marfim,
E o ceo todo por vela;
E levará á toa alli
Todo o mundo apos de si,
E irá adorando a ella.

VEN. E o Estribeiro mor,
Convertido em peixe mu,
Irá por corregedor
Das baleas, e senhor
De pardeos gran peixe es tu.

JUPITER.

Madama Dona Maria
Irá sôbre Cherubins
N'hũa roupa d'alegria,
Por aia Sancta Lusia,
E por guardas Seraphins.

LUA. Joanna do Taco, no mar
Em gran centola tornada,
Irá rija, sem tardar,
Dizendo : Cumple aguijar,
Que de prisa va el armada.

JUPITER.

Tambem he bem de ordenar
Que as Damas que ficão ca,
Que a vão acompanhar
Vinte leguas pelo mar.

VEN. Senhor, muito bem será.

JUP. O conselho que ha mister,
Em que figuras irão ?
Diga aqui seu parecer
Cada hum como entender,
E tomar-se-ha concrusão.
E por ir de todo ornada
A Dama ha de levar

Cada hũa sua criada,
E que va differençada
No vestido e no logar.
E não digamos aqui
Nenhum nome de mulher,
Nem dama; mas tomem d'hi
Cada hũa pera si
O que melhor lhe vier.
 Digo que hũa irá sentada
Sôbre tres garças subida,
Como rosa ataviada,
Toda de seda amorada,
Pois dá namorada vida.
 Irá bem sua criada
Mettida n'hũa gamella,
E a cabeça rapada,
Hũa touca esfarrapada,
E hũa gorra amarella.
E irá junto da vela,
Onde o Arcebispo vai;
Cantará rouca singela:
« Não me quiz casar meu pae,
Ora folgae. »

SOL.

 Sôbre fermosa salvagem
Outra Dama irá tambem
De carmesim d'avantagem
Por alegrar a viagem,
Mas não ja outrem ninguem.
Irá cantando porém,
Que bem lhe parecerá:
« Aquel caballero, madre, si me habrá
Con tan mala vida como ha? »
 E a sua moça irá
Em trosquia n'hum sendeiro,
C'hum sainho de liteiro,
Descoberto o alvará.
E sabeis que cantará
Lá defronte de Cascaes?
« A que horas me mandais
Aos olivaes! »

VENUS.

 Sôbre tres garças reaes
Irá outra linda Dama
Com graças especiaes,
E não desejando mais
Senão de cruel ter fama.

Cantará com mal tamanho
O triste seu servidor :
« Nunca fue pena mayor,
Ni tormento tan estraño. »
A moça irá dianteira
N'hum zambuco de Cochim,
Por piloto hum beleguim,
E por toldo hũa joeira :
Muito negra a cabelleira,
Cantando mui de verdade :
« Estes meus cabellos, madre,
Dos á dos me los lleva el aire. »
Irá outra linda estrella
Sôbre carreta d'estrellas,
Vestida toda amarella,
Porque desesperem della
Como das outras donzellas :
Irá mui cara e altiva.
Cantar-lhe-ha hum desditoso :
« De vos y de mi quejoso,
De vos porque sois esquiva. »
Sua moça sem mais moço
Irá c'os olhos na gente,
Trosquiada muito rente,
C'os toucados ó pescoço ;
Cantará com alvoroço
E alteração comsigo :
« Enganado andais, amigo,
Comigo ;
Dias ha que vo-lo digo. »

JUPITER.

Sôbre satyros do mar
Irá outra fresca rosa
Dentro de hum lindo pomar,
Ouvindo as aves cantar,
Vestida muito custosa.
Cantarão a esta fermosa
A calhandra e o rouxinol :
« Gentil dama valerosa,
Y doncella por cuyo amor. »
A moça irá n'hum alguidar,
E vestido hum alquicé ;
O alguidar por lavar,
E ella por pentear.
Perguntando por Guiné,
Cantará batendo o pé :

« Sem mais mando nem mais rôgo
Aqui me tendes, levae-me logo. »

Sol.

Outra de gran fermosura
Irá em nuvem de bonança,
Em hum brial sem costura:
A côr sera verde escura,
Porque dá triste esperança.
E com esperança perdida
Cantará seu namorado:
« Al dolor do mi cuidado,
Y en tus manos la mi vida,
Me encomiendo condenado. »
Sua aia em corvos marinhos
Irá antre huns almadraques,
E nos marinhos caminhos
Fazendo a todos focinhos
Porque cospem dos seus traques,
Levará mil tarramaques
De pez, por mais alegria;
Cantará c'os atabaques:
« Se disserão digão alma mia. »

Lua.

As outras damas irão
A' malmaïça vestidas;
Segundo sua tenção,
Assi as côres tomarão
Differentes e escolhidas.
Em carros d'ouro mettidas,
Sôbre seiscentos golfinhos,
E mil satyros marinhos,
Com harpas d'ouro compridas
Tangendo pelos caminhos.

Venus.

E irão suas creadas
N'hum lagar d'azeite todas,
Sem crenchas, descabelladas,
Como salvagens pasmadas
De tão altissimas vodas.
E sahirão ás janellas
Com senhas tochas de palha
Debrũadas amarellas:
Se não olharem par'ellas,
Não lhes dará nemigalha.

JUPITER.

Acompanha-la-ha esta gente
Assi em cima á frol do mar,
Por servir a excellente
Nova estrella d'Oriente
Tornar-se-hão de Gibraltar.
E a desposada bella,
Bella e bem aventurada,
Verá tudo da janella
Da nao; e o mar verá a ella,
E será delle adorada.

SOL.

Será bem que desde o Estreito
Vão em cima de baleas,
Havendo á tal festa respeito,
Cantando todas a eito
Cento e trinta mil sereas
Diante do seu navio;
Cantarão estas que digo:
« Por el rio me llevad, amigo,
Y llevadme por el rio. »

JUPITER.

Deos Mars, que he das batalhas,
Desde o Estreito adiante,
Pera segurar a Iffante
Que não va a lume de palhas,
Venha aqui mui triumphante.

Cantárão todas estas figuras em chacota a cantiga de Llevadme por el rio; e os Ventos forão chamar o Planeta Mars, o qual veio com seus sinos, s. Cancer, Leo e Capricornio, e diz

MARS.

Humilho-me a vós, sagrado
Jupiter. Que me mandais?
Eis-me aqui a vosso mandado.

JUP. Vós sejais mui bem chegado
A estas côrtes reaes.
Manda ElRei de Portugal,
Senhor do mar oceano,
Sua filha natural
Per conjunção divinal
Pelo mar meio-terrano.

MARS.

Ja sei que quereis dizer:
Direis que tem adversairos:
Descançae e havei prazer,
Que pera seu gran poder
Podem pouco seus contrairos.
Leva gente muita fina,
Poderosa artelharia,
E a nao Sancta Catherina,
Que vai per graça divina
Co'a proa n'Alexandria.
E mais eu tenho cuidado
Deste reino Lusitano,
Deos me tem dito e mandado
Que lh'o tenha bem guardado,
Porque o quer fazer Romano:
Que nas batalhas passadas,
Que Castella o quiz tentar,
Levárão tantas pancadas,
Que depois de bem levadas,
Não ousárão mais tornar.
E assi nas partes d'alem
Sempre foi favorecido,
E na India tambem.
Ou digão se vio alguem
Reino em fama tão luzido;
Pequeno e mui grandioso,
Pouca gente e muito feito,
Forte e mui victorioso,
Mui ousado e furioso
Em tudo o que toma a peito.
Cavalleiros de vontade,
Gente sem rebolaria,
Fidalgos que amão verdade;
A nenhũa adversidade
Mostrão nunca covardia.
São extremo nos amores,
Amadores do seu Rei
E grandes seus servidores;
Com favores, sem favores,
Sempre tem direita lei.
Assi, Senhor, que agora
Não se trate aqui de guerra,
Porque vai esta Senhora
Em tal ponto e em tal hora,
Que seu he o mar e a terra.
Mas deveis, Senhor, mandar

Os Planetas musicaes
Ao encantado logar,
E a poder de seu cantar
Tragão ca a Moura Taes.

JUPITER.

Pera tal caso ha mister
Diana e Venus que cante.

MAR. E a Moura ha de trazer
Tres cousas que vos disser,
Pera do Estreito avante.
Hum annel seu encantado,
E hum didal de condão,
E o precioso terçado
Que foi no campo tomado
Depois de morto Roldão.
O terçado pera vencer;
O didal he tão facundo,
Que tudo lhe fara trazer;
O annel pera saber
O que se faz polo mundo.
Quantas festas maginar,
Até cousas invisiveis,
Todas verá pelo mar:
Fará os peixes cantar,
E cousas mais impossiveis.
Desencantemo-la ora,
E pera mais a forçar,
Havemos-lhe de cantar
A historia desta Senhora
Como vai longe a morar.
E ficará por victoria
Polo mundo adiante
Pera sempre por sua gloria
Este romance em memoria
Da partida desta Iffante.

Romance.

Niña era la Ifanta,
Dona Beatriz se decia,
Nieta del buen Rey Hernando,
El mejor Rey de Castilla,
Hija del Rey Don Manuel
Y Reina Dona María,
Reis de tanta bondad
Que tales dos no habia.

Niña la casó su padre,
Muy hermosa á maravilla,
Con el Duque de Saboya,
Que bien le pertenecia,
Señor de muchos señores,
Mas que Rey es su valia.
Ya se parte la Ifanta,
La Ifanta se partia
De la muy leal ciudad
Que Lisbona se decia;
La riqueza que llevaba
Vale toda Alejandria.
Sus naves muy alterosas,
Sin cuento la artilleria;
Va por el mar de Levante,
Tal que temblaba Turquia.
Con ella va el Arzobispo
Señor de la Cleresia;
Van Condes y caballeros
De muy notable osadía;
Lleva damas muy hermosas,
Hijas dalgo y de valía.
Dios los lleve á salvamiento
Como su madre querria.

Este romance cantão os Planetas e Signos a quatro vozes, pera com as palavras delle e musica desencantarem a Moura Taes de seu encantamento, a qual entra com o terçado e annel e didal de condão, que Mars disse que ella tinha em seu poder, e diz:

MOURA.

Mi no xaber que exto extar,
Mi no xaber que exto xer,
Mi no xaber onde andar.
Alah xaber divinar,
Lo que extar Alah xaber;
Alah xaber que es aquexto,
Alah xaber y yo no;
Alah xaber max que yo,
Alah, digirme que ex exto.
Jupiter, que á mí mandar?
Dox mil añox extar cantada;
Agora donde llevar?
Agora otro mundo extar,
Agora no xaber nada.
Porque tirarme de caxa,
Porque d'inferno tirarme

De compañía de Axa,
Mi hija nieta de Braxa,
Reina que extar del Algarve?

JUPITER.

Presentae isso á Senhora
Iffante e nova Duqueza.
MOU. Gran coja mandar agora:
Señora, assi mi morir Mora,
Jupiter dar box gran empreza;
Que exte dedal Alah quebir
Extar de mãe de Mahomad.
Señora, quanto box pedir,
Él fager lugo venir:
Alah xaber esta verdad.
Exte anel de condon
Perguntálde box á él,
Y él dará a box razon
De quantos xacretos xon:
Tudo box xaber por él.
JUP. Amigos, isto he feito,
Vão-se as Côrtes acabando
Por seu estilo direito:
Cante-se o que no Estreito
As Sereas hão d'ir cantando.

Tornão todos a cantar a modo de chacota: Por el rio me llevad, e com ella se forão, e acabão as Côrtes.

Tragicomedia Pastoril da Serra da Estrella.

FIGURAS.

SERRA DA ESTRELLA.
HUM PARVO.
GONÇALO.
FELIPA.
CATHERINA.
FERNANDO.
MADANELA.
RODRIGO.
HUM ERMITÃO.
JORGE.
LOPO.

Tragicomedia pastoril feita e representada ao muito poderoso e catholico Rei D. João, o terceiro deste nome em Portugal, ao parto da Serenissima e mui alta Rainha D. Catherina nossa Senhora, e nacimento da Illustrissima Iffante D. Maria, que depois foi Princeza de Castella, na cidade de Coimbra, na era do Senhor de 1527.

TRAGICOMEDIA PASTORIL
DA
SERRA DA ESTRELLA.

Entra logo a Serra da Estrella com hum Parvo, e diz:

SERRA DA ESTRELLA.

Prazer que fez abalar
Tal serra como eu da Estrella,
Fará engrandecer o mar,
E fará bailar Castella,
E o ceo tambem cantar.
Determino logo essora
Ir a Coimbra assi inteira,
Em figura de pastora,
Feita serrana da Beira,
Como quem na Beira mora.
E levarei lá comigo
Minhas serranas trigueiras,
Cada qual com seu amigo,
E todalas ovelheiras
Que andão no meu pacigo.
E das vaccas mais pintadas,
E das ovelhas meirinhas,
Para dar apresentadas
A' Rainha das Rainhas,
Cume das bem assombradas.
Sendo Rainha tamanha,
Veio ca á Serra embora
Parir na nossa montanha
Outra Princeza d'Hespanha,
Como lhe demos agora:
Hũa rosa imperial
Como a mui alta Isabel,
Imagem de Gabriel,
Repouso de Portugal,
Seu precioso esperavel.
Bem sabe Deos o que faz.

PAR. Bofé, não sabe nem isto;

A Virgem Maria si;
Mas quant'elle não he bô,
Nega pera queimar vinhas.

SER. Isso has de tu dizer?

PAR. Quem? Deos? Juro a Deos
Que não faz nega o que quer.
Lá em Coimbra estava eu
Quando a mesma Rainha
Pario mesmo em cas d'in-Rei:
Eu vos direi como foi:
Ella mesma (benza-a Deos)
Estava mesma no Paço,
Qu'ella quando ha de parir
Poucas vezes anda fóra.
Ora a mesma Camareira,
Porque he mesma de Castella,
Rogou á mesma parteira
Que fizesse delle ella.
(Perequi vai a carreira)
Sabeis porque?
Porque a mesma Imperatriz
Pario mesmo Imperador,
E agora estão aviados,
Mas quando minha mãe paria,
Como a Virgem a livrava,
Tanto se lhe dav'ella
Que fosse aquelle como aquella,
Senão ovos hũa vez.

Vem Gonçalo, hum pastor da Serra, que vem da Côrte, e vem cantando.

GONÇALO.

« Volaba la pega y vaise:
« Quem me la tomasse.
« Andaba la pega
« No meu cerrado,
« Olhos morenos
« Bico dourado
« Quem me la tomasse. »
Pardeos, mui alvoroçada
Anda a nossa Serra agora!

SER. Gonçalo, venhas embora
Porque eu estou abalada
Pera sair de mim fóra.
Queria-vos ajuntar
Logo logo, muito asinha,
Para irmos visitar

Nossa Senhora a Rainha,
Querendo Deos ajudar.

GONÇALO.

Eu venho agora de lá,
E segundo o que eu vi,
Que vamos lá bem será.
Isto crede vós qu'he assi;
Porque dizem que a Princeza,
A menina que naceo,
Parece cousa do ceo,
Hũa estrella muito accesa
Que na terra appareceo.

SERRA.

Gonçalo, eu te direi:
Ella ja naceo em serra,
E do mais fermoso Rei
Que ha na face da terra,
E de Rainha mui bella.
E mais naceo em cidade
Muito ditosa pera ella,
E de grande autoridade.
E mais naceo em bom dia
Martes, deos dos vencimentos,
E trouxerão logo os ventos
Agua que se requeria
Pera todos mantimentos.

PAR. Ás vezes faz Deos cousas,
Cousas faz elle ás vezes
A través, como homem diz.
Nega se meu embeleco,
Vai poer as pipas em sêcco,
E enche d'agua o Mondego:
Fará mais hum demenesteco?
Engorda os Vereadores,
E sécca as pernas ás moças
De cima bem t'ós artelhos;
E faz os frades vermelhos,
E os leigos amarellos,
E faz os velhos murzellos.
Enruça os mancebelhões,
E não attenta por nada;
Pedem-lhe em Coimbra cevada,
E elle dá-lhe mexilhões
E das solhas em cambada.

GON. Vós, Serra, se haveis d'ir

Com serranas e pastores,
Primeiro se hão d'avir
Hũa manada d'amores,
Que não querem concrudir.
  Eu trago na phantesia
De casar com Madanela,
Mas não sei se querrá ella;
Perol eu, bofé, queria.

Vem Felipa, pastora da Serra, cantando.

FELIPA.

« A mi seguem dous açores,
« Hum delles morirá d'amores.
« Dous açores qu'eu havia
« Aqui andão nesta bailia,
« Hum delles morirá d'amores. »
  Gonçalo, viste o meu gado?
Dize se o viste embora.

GON. Venho eu da côrte agora,
E diz que lhe dê recado!

FEL. Pois ja tu ca es casado,
Nega que esperão por ti.

GON. E sem mi me casão a mi?
Ora estou bem aviado!

FELIPA.

  Não ha hi nega casar logo,
E fazer vida com ella,
Se não for com Madanela.

GON. Tiro-m'eu fóra do jôgo.

FEL. Essa he a melhor do jôgo.

GON. Ess'outra será Alvarenga?

FEL. Mas Catherina Meigengra.

GON. Antes me queime mao fogo.
  Não vem a Meigengra a conto,
Que he descuidada perdida;
Traz a saia descosida,
E não lhe dará hum ponto.
Oh quantas lendes vi nella,
E pentear nemigalha;
E por dá-me aquella palha,
He maior o riso qu'ella.
  Varre e leixa o lixo em casa,
Come e leixa alli o bacio;
Cada dia a espanca o tio,
Nega porque tão devassa
Madanela mata a braza.

Não cuides de mais arenga,
E dize tu, mana, a Meigengra
Que va amassar outra massa.

FELIPA.

Ja teu pae tem dada a mão,
E dada a mão feito he.
GON. Pardeos, dar-lhe-hei eu de pé,
Como a casca de melão.
Raivo eu de coração
D'amores de Madanela.
FEL. Meigengra he mais rica qu'ella,
Qu'essa não tem nem tostão.

GONÇALO.

Arrenego eu do argem,
Que me vem a dar tormento;
Porque hum so contentamento
Val quanto ouro Deos tem.
Deos me dê quem quero bem,
Ou me tire a vida toda;
Com a Morte seja a voda,
Antes que outrem me dem.

FELIPA.

Eu me vou pé ante pé
Ver o meu gado onde vai.
GON. E eu quero ir ver meu pae,
Veremos como isto he.

Vem Catherina Meigengra, cantando.

CATHERINA.

« A serra es alta,
« O amor he grande,
« Se nos ouvirane. »

FELIPA.

Onde vas, Meigengra mana?
CAT. A novilha vou buscar:
Viste-m'a tu ca andar?
FEL. Não na vi esta somana.
Agora estora vai daqui
Gonçalo que vem da côrte:
Mana, pesou-lhe de sorte
Quando lhe fallei em ti,
Como se foras a morte.
Tem-te tamanho fastio!
CAT. Inda bem, por minha vida;

Porqu'eu, mana, sam perdida
Por Fernando de meu tio.
S'eu com elle não casar,
D'amores m'hei de finar.
Aborrece-me Gonçalo
Como o cu do nosso gallo;
Não no queria sonhar.

FELIPA.

Se tu não queres a elle,
Nem elle tampouco a ti.
CAT. Quanta s'elle quer a mi,
Negras más novas vão delle.
Deos me case com Fernando,
E moura logo esse dia,
Porque me mate a alegria
Como o nojo vai matando.
Oh Fernando de meu tio,
Que eu vi polo meu peccado!
FEL. Fernando, esse teu damado
Casava comigo a furto.
CAT. Dize, rogo-t'o, ha muito?
FEL. Este sabado passado.
CAT. Oh Jesu! como he malvado,
E os homens cheios d'enganos;
Que por mi, vai em tres annos,
Que diz que he demoninhado.
Felipa, gingras tu ou não?
Isso creio que he chufar;
E se tu queres gingrar
Não me dês no coração,
Que o que doe não he zombar.
FEL. Elle veio ter comigo
Bem ó penedo da palma,
E disse: Felipa, minh'alma,
Raivo por casar comtigo.
Digo eu, digo:
Vae, vae nadar que faz calma.

CATHERINA.

Olha tu se zombava elle.
FEL. Bem conheço eu zombaria;
Vi eu, porque eu não queria,
Correr as lagrimas delle.
CAT. Maos choros chorem por elle,
Que assi chora elle comigo,
E vai-se-lhe o gado ó trigo,
E sóis não olha par'elle.

FELIPA.

Eu vou casuso ao cabeço,
Por ver se vejo o meu gado.
CAT. Tal me deixas por meu fado,
Que do meu toda m'esqueço.
Quem soubesse no comêço
O cabo do que começa,
Porque logo se conheça
O qu'eu j'agora conheço.

Vem Fernando cantando.

FERNANDO.

« Com que olhos me olhaste,
« Que tão bem vos pareci?
« Tão asinha m'olvidaste,
« Quem te disse mal de mi?

CATHERINA.

A que vens, Fernando honrado?
Ver Felipa tua senhora?
Venhas muito da ma hora
Pera ti e pera o gado.
FER. Catalina! Catalina! assi
Tolhes-me a falla, Catalina?
Olha ieramá pera mi;
Pois que me tu sês assi
Carrancuda e tão mofina,
« Quem te disse mal de mi,
« Com que olhos me olhaste, &c. »

CATHERINA.

Dize, rogo-te, Fernando,
Porque me trazes vendida?
Se Felipa he a tua querida,
Porque m'andas enganando?
FER. Eu mouro; tu estás zombando.
CAT. Oh que não zombo; Jesu!
Não casavas co'ella tu?
FER. Eu estou della chufando.
Catalina, esta he a verdade,
Não creias a ninguem nada;
Que tu me tens bem atada
A alma e a vida e a vontade.
CAT. Pois que choraste com ella,
Não ha hi mais no querer.
FER. De chorar bem póde ser,
Mas não chorava eu por ella.

Felipa avulta-se comtigo,
Vendo-a, foste-me lembrar;
Então puze-me a chorar
As lembranças de meu p'rigo:
Se ella o tomou por si,
Que culpa lhe tenho eu?
Mas este amor quem m'o deu,
Deu-m'o todo para ti,
E bem sabes tu qu'he teu.

CATHERINA.

Oh que grande amor te tenho,
E que grande mal te quero.

FER. Ja de tudo desespero:
Tão desesperado venho,
Que ja mal nem bem não quero.
Teu pae tem-te ja casada
Com Gonçalo d'antemão,
E eu fico por esse chão,
Sem me ficar de ti nada,
Senão dor de coração.
Ver-te-has em outro poder,
Ver-te-has em outro logar,
Eu logo sem mais tardar,
Frade prometto de ser,
Pois os diabos quizerão.
E alli me deixarão
Tanta de maginação,
Quanta teus olhos me derão
Desde o dia d'Acenção.

CATHERINA.

Mas casemos, dá ca a mão,
E dir-lhe-hei que sam casada.

FER. Ja tenho palavra dada
A Deos de religião,
Ja não tenho em mi nada.

CAT. Oh quantos perigos tem
Este triste mar d'amores,
E cada vez são maiores
As tormentas que lhe vem.
Se tu a ser frade vas,
Nunca me verão marido:
Tu seras frade mettido
Porém tu me metterás
Na fim da Rainha Dido.

FER. Não se poderá escusar

De casares com Gonçalo;
E querendo tu escusá-lo,
Não no podes acabar,
Que teu pae ha de acabá-lo.

CATHERINA.

Sé libera nos a malo!
Nunca Deos ha de querê-lo;
E Gonçalo não me quer,
Nem eu não quero a Gonçalo.
Eilo vem: vê-lo, Fernando?
Vem em cima na portela;
Diante vem Madanela:
Aquella anda elle buscando.
Vamo-los nós espreitar
Alli detras do vallado;
E veremos seu cuidado
Se te dá em que cuidar,
Ou se falla desviado.

Vem Madanela cantando, e Gonçalo detras della

MADANELA.

« Quando aqui chove e neva,
« Que fará na serra.
« Na serra de Coimbra
« Nevava e chovia,
« Que fará na serra? »
Gonçalo, tu a que vens?

GON. Madanela, Madanela!
MAD. Torna-te ma hora e nella
Que tão pouco empacho tens.
GON. Madanela, Madanela!
MAD. O' decho dou eu a amargura:
Qu'assi m'agasta, Jesu!
Ora tras mi te vens tu?
GON. Pois a mi se m'affigura
Que não m'has de comer cru.
Se tu me queres matar
Por t'eu ter boa vontade,
Não póde ser de verdade.
MAD. Gonçalo, torna a lavrar,
Que isso tudo he vaidade.
GON. Que rezão me dás tu a mi
Pera não casar comigo?
Eu hei de ter muito trigo,
E hei-te de ter a ti
Mais doce que hum pintisirgo.

Não quero que vas mondar,
Não quero que andes ó sol;
Pera ti seja o folgar,
E pera mim fazer prol.
Queres Madanela?

Mad. Gonçalo, torna a lavrar,
Porque eu não hei de casar
Em toda a serra d'Estrella,
Nem te presta prefiar.
Catalina he muito boa,
Fermosa quanto lhe basta,
Quer-te bem, he de boa casta,
E bem sesuda pessoa.
Toma tu o que te dão
Em pago do que desejas.

Gon. Ai, rogo-te que não sejas
Aia do meu coração.

Mad. Vae-te d'hi, que parvoejas.

Gonçalo.

Não quero casar co'ella.

Mad. Nem eu tampouco comtigo.
Vês? Casuso vem Rodrigo
Tras Felipa, que he aquella
Que não no estima n'hum figo.

Vem Rodrigo cantando

Rodrigo.

« Vayámonos ambos, amor, vayamos,
« Vayamos ambos.
« Felipa e Rodrigo passavão o rio,
« Amor, vayámonos. »
Felipa, como te vai?

Fel. Que tens tu de ver c'o isso?
Dias ha que t'eu aviso
Que vas gingrar com teu pae.

Rod. Não estou eu, mana, nisso.

Fel. Quem te mette a ti comigo?

Rod. Felipa, olha pera ca,
Dá-me essa mão, ieramá.

Fel. Tir'-te, tir'-te eramá lá.
Tu que diabo has comtigo?

Rodrigo.

Felipa, ja tu aqui es?

Fel. Rodrigo, ja tu começas?
Tu tens das mais vans cabeças...

Não quero ser descortez.
Rod. Nem queiras tu er ser assi
Gravisca e escandalosa;
Mas tem graça pera mi,
Como tu es graciosa
E fermosa pera ti.

Felipa.

Cada hum s'ha de regrar
Em pedir o que he rezão:
Tu pedes-me o coração,
E eu não t'o hei de dar,
Porque he mui fóra de mão.
E quanto monta a casar,
Ainda qu'eu guarde gado,
Meu pae he juiz honrado
Dos melhores do logar,
E o mais aparentado.
E andou ja na Côrte assaz,
E fallou-lhe ElRei ja,
Dizendo-lhe: Affonso Vaz,
Em Fronteira e Monçarraz
Como val o trigo lá? —
Ora eu pera casar ca,
Rodrigo, não he rezão.
Rod. Se casasses com páção,
Que grande graça sería
E minha consolação!
Que te chame de ratinha,
Tinhosa cada meia hora,
Inda que a alma me chora,
Folgarei por vida minha,
Pois engeitas quem t'adora:
E te diga, tir-te la,
Que me cheiras a cartaxo.
Pois te desprezas do baxo,
O alto te abaxará.

Felipa.

Quando vejo hum cortezão
Com pantufos de veludo,
E hũa viola na mão,
Tresanda-me o coração,
E leva-me a alma e tudo.
Rod. Gonçalo vai-me ajudar
A acabar minha charrua,
E eu t'ajudarei á tua,

Que est'outro s'ha d'acabar
Quando a dita vir a sua.

GONÇALO.

Eu sam ja desenganado,
Quanto monta a Madanela.
ROD. Deve-te lá d'ir com ella
Como a mi vai, mal peccado,
Com Felipa.
GON. Assi he ella.
ROD. E tu, Fernando, em que estás?
FER. Estou em muito e em nada,
Porque a vida namorada
Tem cousas boas e más.

Vem hum Ermitão, e diz:

ERMITÃO.

Fazei-me esmola, pastores,
Por amor do Senhor Deos.
ROD. Mas faça elle esmola a nós,
E seja qu'estes amores
Se atem com senhos nós.
ERM. O casar Deos o provê,
E de Deos vem a ventura,
Da ventura a creatura,
Mas com dita he por mercê,
E tambem serve a cordura.
Ponde-vos nas suas mãos,
E não cureis d'escolher;
Tomae o que vos vier,
Porque estes amores vãos
Terão certo arrepender.
Filhas, aqui estais escriptas;
Filhos, tomae vossa sorte,
E cada hnm se comporte
Dando graças infinitas
A Deos e a ElRei e á Côrte.

Tirou o Ermitão da manga tres papelinhos escriptos, e os deu aos pastores, que tomasse cada hum sua sorte, e diz o

ERMITÃO.

Rodrigo tome primeiro,
Veremos como se guia.
ROD. Nome da Virgem Maria! —
Lede, padre, esse letreiro,
Se me cega ou alumia.

(Lê o Ermitão o escrito.)

Deos e a ventura manda
Que quem esta sorte houver
Tome logo por mulher
Felipa sem mais demanda.

RODRIGO.

Vencida tenho eu a batalha,
Felipa, mana, vem ca.
FEL. Tir'-te, tir'-te eramá lá:
E tu cuidas que te valha?
Nunca teu ôlho verá.
GON. Ora vae, Fernando, tu,
Veremos que te virá.
FER. Alto, nome de Jesu!
Lede, Padre; que vai lá?

(Lê o Ermitão.)

A sentença he já dada,
E a sustancia della,
Que cases com Madanela.
MAD. Fernando, não me dá nada,
Seja muito embora e nella.
FER. Dias ha que t'o eu digo,
E tu tinhas-me fastio.
CAT. Oh Fernando de meu tio,
Quem me casára comtigo!

GONÇALO.

Oh Madanela, ieramá
Se me cahiras em sorte!
CAT. Ante eu morrêra ma morte,
Que Fernando ficar lá
Tão contrairo do meu norte.
E porém não me dá nada,
Ja me tu a mi pareces bem,
Gonçalo.
GON. E tu a mi,
Catalina; muda-te d'hi
E passea per hi alem,
Verei que ar dás de ti.

FELIPA.

Estou-t'eu, Rodrigo, olhando,
E vou sendo ja contente.
ROD. Se de mi não es contente,
Não t'hei de andar mais rogando:

Eu ando-te namorando,
E tu acossas-me cada dia.

CAT. Inda qu'eu isso fazia,
Rodrigo, de quando em quando,
Mui grande bem te queria.
E quando eu refusava
De te tomar por amigo,
Não ja porque eu não folgava,
Mas porque t'examinava,
Se eras tu moço atrevido.

ERM. Agora quero eu dizer
O que aqui venho buscar.
Eu desejo de habitar
N'hũa ermida a meu prazer,
Onde podesse folgar.
E queria-a eu achar feita
Por não cansar em fazê-la,
Que fosse a minha cella
Antes bem larga qu'estreita,
E que podesse eu dançar nella :
E que fosse n'hum deserto
D'infindo vinho e pão,
E a fonte muito perto
E longe a contemplação.
Muita caça e pescaria,
Que podesse eu ter coutada
E a casa temperada :
No verão que fosse fria,
E quente na invernada.
A cama muito mimosa,
E hum cravo á cabeceira ;
De cedro a sua madeira :
Porque a vida religiosa
Queria eu desta maneira.
E fosse o meu repousar
E dormir até taes horas,
Que não podesse rezar,
Por ouvir cantar pastoras,
E outras assobiar.
A' cea e jantar perdiz,
O' almoço moxama,
E vinho do seu matiz;
E que a filha do juiz
Me fizesse sempre a cama.
E em quanto eu rezasse
Esquecess'ella as ovelhas,
E na cella me abraçasse

E mordesse nas orelhas,
Inda que me lastimasse.
Irmãos, pois deveis saber
Da serra toda a guarida,
Praza-vos de me dizer
Onde poderei fazer
Esta minha sancta vida.

GONÇALO.

Está alli, padre, hum silvado
Viçoso, verde, florido,
Com espinho tão comprido,
E vós nu alli deitado
Perderieis o proido.
Ja fostes casamenteiro,
I-vos, não esteis hi mais,
Porque a vida que buscais
Não na dá Deos verdadeiro,
Indaque lh'a vós peçais.

SERRA.

Ora, filhos, logo essora,
Cada hum com sua esposa,
Vamos ver a poderosa
Rainha nossa Senhora,
Sem nenhum de vós pôr grosa,
Porque he forçoso que va,
Que segundo minha fama
Da Rainha hei de ser ama,
E a isso vou eu lá.
Que tal leite como o meu
Não no ha em Portugal;
Que tenho tanto e tal,
E tão fino Deos m'o deu,
Que he manteiga, e não al.
E pois ha de ser senhora
De tão grande gado e terra,
Quem outra ama lhe der, erra,
Porque a perfeita pastora
Ha de ser da minha serra.

GONÇALO.

Ha mister grandes presentes
Das villas, casaes e aldea.

SER. Mandará a villa de Cea
Quinhentos queijos recentes,
Todos feitos á candea,

E mais trezentas bezerras,
E mil ovelhas meirinhas,
E duzentas cordeirinhas,
Taes, que em nenhũas serras
Não nas achem tão gordinhas.
 E Gouvea mandará
Dous mil sacos de castanha,
Tão grossa, tão san, tamanha,
Que se maravilhará
Onde tal cousa s'apanha.
E Manteigas lhe dará
Leite para quatorze annos,
E Covilhan muitos pannos
Finos que se fazem lá.
 Mandarão desses casaes
Que estão no cume da serra,
Penna pera cabeçaes,
Toda de aguias reaes
Naturaes mesmo da terra.
E os do Val dos Penados
E montes dos tres caminhos,
Que estão em fortes montados,
Mandarão empresentados
Trezentos forros d'arminhos
Pera forrar os brocados.
 Eu hei-lhe de presentar
Minas d'ouro que eu sei,
Com tanto que ella ou ElRei
O mandem ca apanhar:
Abasta que lh'o criei.

GON. E afora ainda os presentes,
Havemos-lhe de cantar,
Muito alegres e contentes,
Pola Deos allumiar,
Por alegria das gentes.

Vem dous foliões do Sardoal, Jorge e Lopo, e diz a

SERRA.

 Sois vós de Castella, manos,
Ou lá debaixo do extremo?

JOR. Agora nos faria o demo
A nós outros Castelhanos:
Queria antes ser lagarto,
Polos sanctos avangelhos.

SER. Donde sois?

JOR. Do Sardoal;
E ou bebê-la, ou vertê-la,

Vimos ca desafiar
A toda a Serrà d'Estrella
A cantar e a bailar.

RODRIGO.

Soberba he isso perem,
Pois ha aqui tantos pastores,
E tão finos bailadores,
Que não ha hi medo a ninguem.
LOP. Muitos ratinhos vão lá
De ca da serra a ganhar,
E lá os vemos cantar
E bailar bem como ca,
E he assi desta feição.

Canta Lopo e baila, arremedando os da Serra.

« E se ponerei la mano em vós
« Garrido amor.
« Hum amigo que eu havia
« Mançanas d'ouro m'envia,
« Garrido amor.
« Hum amigo que eu amava,
« Mançanas d'ouro me manda,
« Garrido amor,
« Mançanas d'ouro m'envia,
« A melhor era partida,
« Garrido amor. »
Isso he, ou bem ou mal,
Assi como o vós fazeis.
SER. Peço-vo-lo que canteis
A' guisa do Sardoal.
LOP. Esse he outro carrascal;
Esperae ora e vereis.
« Ja não quer minha senhora
« Que lhe falle em apartado;
« Oh que mal tão alongado!
« Minha Senhora me disse
« Que me quer fallar hum dia,
« Agora por meu peccado
« Disse-me que não podia:
« Oh que mal tão alongado!
« Minha senhora me disse
« Que me queria fallar,
« Agora por meu peccado
« Não me quer ver nem olhar,
« Oh que mal tão alongado!
« Agora por meu peccado

« Disse-me que não podia.
« Ir-me-hei triste polo mundo
« Onde me levar a dita.
« Oh que mal tão alongado ! »

Esta cantiga cantárão e bailárão de terreiro os foliões, e acabada, diz

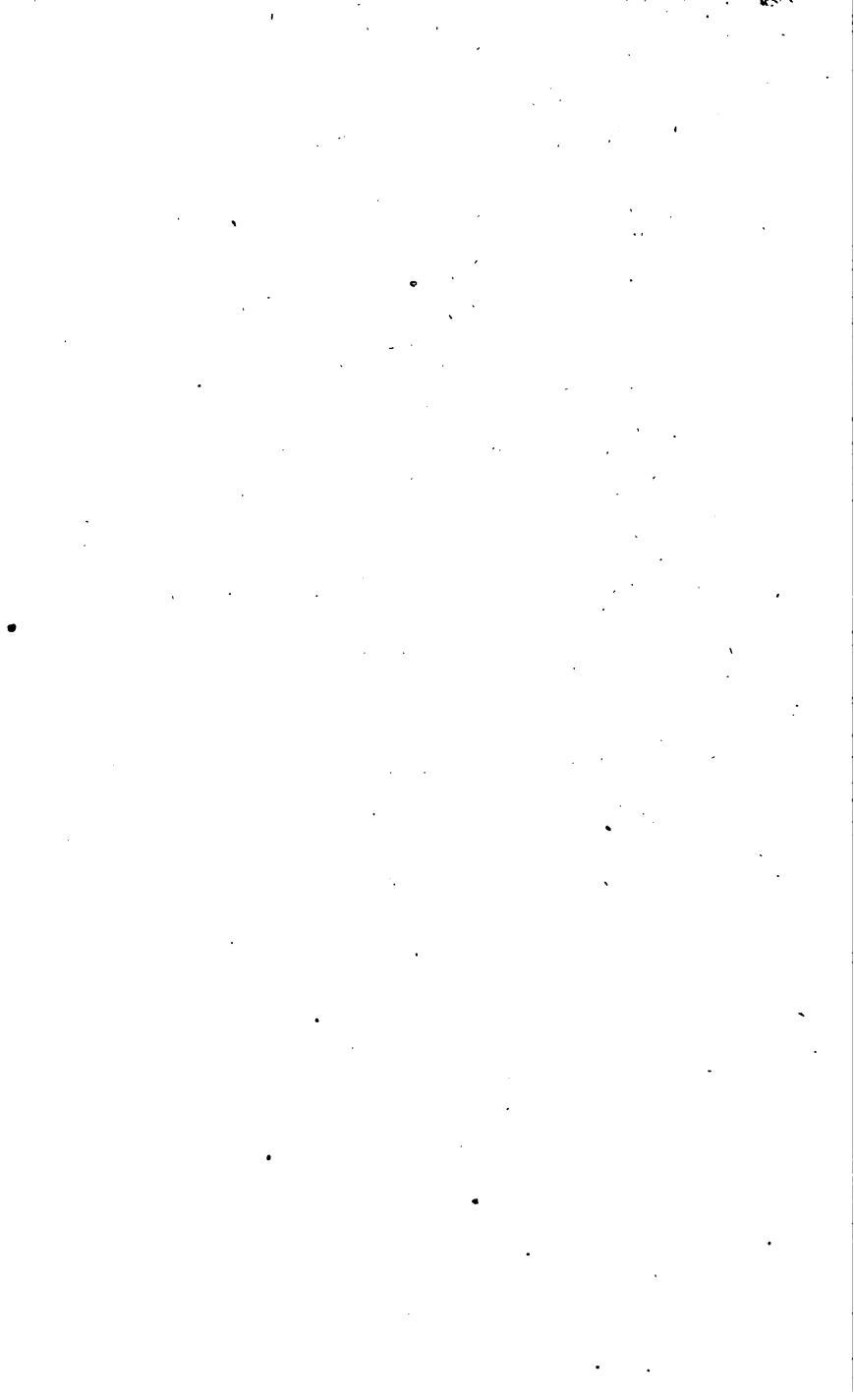
FELIPA.

Não vos vades vós assi,
Leixae ora a gaita vir,
E o nosso tamboril,
E ireis mortos daqui,
Sem vos saberdes bolir.

CAT. Em tanto por vida minha
Sera bem que ordenemos
A nossa chacotazinha,
E com ella nos iremos
Ver ElRei e a Rainha.

Ordenárão-se todos estes pastores em chacota, como lá se costuma, porém a cantiga della foi cantada de canto d'orgão e a letra he a seguinte Cantiga :

« Não me firais, madre,
« Que eu direi a verdade.
« Madre, hum escudeiro
« Da nossa Rainha
« Fallou-me d'amores :
« Vereis que dizia,
« Eu direi a verdade.
« Fallou-me d'amores,
« Vereis que dizia :
« Quem te me tivesse
« Desnuda em camisa !
« Eu direi a verdade. »

E com esta chacota se sahirão, e assim se acabou.

Romagem de Aggravados.

FIGURAS.

FREI PAÇO.
JOÃO MORTEIRA, Villão.
BASTIÃO — seu filho.
COLOPENDIO } Fidalgos.
BERENISO }
MARTA DO PRADO } Regateiras.
BRANCA DO REGO }
CERRO VENTOSO.
FR. NARCISO.
APARICIANES.
GIRALDA — sua filha.
DOMICILIA } Freiras.
DOROSIA }
ILARIA } Pastoras.
JULIANA }

Esta tragicomedia seguinte he satyra: seu nome he Romagem de Aggravados. Foi representada ao mui excellente Principe e nobre Rei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, na cidade de Evora, ao parto da mui esclarecida e christianissima Rainha D. Catherina, nossa Senhora, e nascimento do Illustrissimo Iffante D. Felipe, era do senhor de 1533.

ROMAGEM DE AGGRAVADOS.

Entra Frei Paço com seu hábito e capello, e gorra de veludo, e luvas, e espada dourada, fazendo meneios de muito doce cortezão; e diz:

FREI PAÇO.

Quem me vir entrar assi
Com estes geitos qu'eu faço,
Cuidará que endoudeci,
Ate que saiba de mi
Que sam o padre Frei Paço.
Deo gratias não me pertence,
Nem *pera sempre* nem nada,
Senão espada dourada;
Porque muito bem parece
Ao Paço trazer espada.
Eu sam fino da pessoa,
E por se não duvidar
Fiz hũa cousa mui boa:
Leixei crecer a coroa,
Sem nunca a mandar rapar,
E por tanto vos não digo
Deo gratias, se attentais nisto,
Nem *louvado Jesu Christo,*
Inda qne trago comigo
Hábito que he muito disso.
E sam tão paço em mi,
Que me posso bem gabar
Que envejar, mexericar
São meus salmos de David
Que costumo de rezar.
Fallo, mui doce cortez,
Gran somma de comprimentos;
Obras não nas esperês,
Senão que vos contentês
Com palavrinhas de ventos.
Sou favor e desfavor,
Mestre mor dos namorados,
Engano dos confiados,

Sou templo do Deos d'amor,
Inferno dos magoados.
Porém não como sohia
He ja a lei namorada;
E porque tudo s'enfria,
Amo assi de sesmaria,
E suspiro d'empreitada.
O auto que ora vereis,
Se chama, irmãos amados,
Romagem dos aggravados,
Indaque alguns achareis
Que se aggravão d'abastados.
E pera declaração
Desta obra santa *&cetra,*
Quizera dizer quem são
As figuras que virão,
Por s'entender bem a letra.
Porém he perder maré
E dilatar a viagem;
Que por mui clara lingoagem
Cada hum dirá quem he
E a causa da romagem.
Entrará logo hum villão,
Chamado João Mortinheira,
Aggravado em gran maneira.
Quero ver sua paixão
Assentado nesta cadeira.

Vem João Mortinheira, villão, com seu filho Bastião, e diz:

VILLÃO.

Oh descreio não de san;
Renego da sementeira!
Esta he forte canseira,
Que me tira a devação
De rezar indaque queira.
Ca não vou pera rezar,
Pezar de minha madrasta,
Que rezar, arrenegar,
Mal dizer e contemplar.
Não podem ser d'hũa casta.
Porque a pessoa aggravada
Não lhe rege a devação.

FR. P. De que te queixas, villão?
VIL. De Deos, que he cousa provada
Que me tem grande tenção.
FR. P. Que te faz, que te querellas?

Vil. Faz-me com que desespero.
Fr. P. Que?
Vil. Que chove quando não quero,
E faz hum sol das estrellas,
Quando chuva algũa espero.
Ora alaga o semeado,
Ora sécca quanto hi ha,
Ora venta sem recado,
Ora neva e mata o gado,
E elle tanto se lhe dá.
Eu qué o queira demandar
Por corisco e trovoada,
Por pedrisco e por geada,
Buscae quem o va citar
Que lhe acerte co'a pousada.
Não tem prema de ninguem,
E fará quanto quizer.
Podia-me Deos fazer bem,
Sem nisso dar perda a alguem,
Ma do demo que elle quer.
E com estas cousas taes,
Que eu vejo desta maneira,
Digo que me tem cenreira:
E não cureis vós de mais,
Que craro se ve na eira.

Fr. Paço.

Cuidas que não dizes nada,
E que mora Deos comtigo?
Vil. Vêdes vós? Eu, Padre, digo
Que tempere a invernada,
E leixe criar o trigo.
Mas elle de tençoeiro,
Sem ganhar nisso ceitil,
Vai dar chuvas em Janeiro,
E geadas em Abril,
E calmas em Fevereiro,
E nevoas no mez de Maio,
E meado Julho pedra.
Eu trabalho atás que caio:
Pardeos, elle que he meu aio
Cada vez mais me desmedra.
Fr. P. Olha tu pola ventura
Se lhe pagas bem o seu.
Vil. Bem me dezimaria eu,
Se elle de birra pura
Não damnasse o seu e o meu.

FR. PAÇO.

Rezas-lhe tu alguns dias
Que te livre dessa affronta?
VIL. Muito faz elle ora conta
Das minhas avemarias!
Rezo-lhe mais do que monta:
Não sei a quem elle sai,
Mas he feito a seu prazer.
Elle me matou meu pae,
E meu dono, e então vai
Fez morrer minha mulher.
Tomae-lhe lá conta e vêde
Porque matou minha tia
Que mil esmolas fazia,
E leixa os rendeiros do verde
Que me citão cada dia.
PR. P. Dizem que não póde ser
Maior dom que bom conselho;
Faze o que te eu disser:
Conforma-te c'o que Deos quer,
E do siso faz espelho.

VILLÃO.

Conforme-se elle comigo
Er tambem no que he rezão,
Qu'eu sam pobre coma cão,
E cada dia lh'o digo,
E folga se vem á mão.
Não me presta nemigalha
Offerta nem oração:
Ora dá palha sem grão,
Ora não dá grão nem palha,
Senão infinda oppressão.
Por isso quero fazer
Este meu rapaz d'Igreja;
Não com devação sobeja,
Mas porque possa viver
Como mais folgado seja.
Quereis-m'o, Padre, ensinar,
E dar-vos-hei quanto tenho?
FR. P. Se o elle bem tomar.
VIL. Pera tudo tem engenho;
E tem voz pera cantar.

FR. PAÇO.

Toma este papel na mão
E lê esses versosinhos.

BAS. Isto he pera cominhos,
Ou hei d'ir por açafrão?
FR. P. Ainda não sabes nada.
BAS. Sei onde mora a tendeira.
VIL. He mais agudo câ espada,
Não ha hi cabra na manada
Que não tenha na moleira.

FR. PAÇO.

Ora sus, sem mais debate
Dize o A B C D E.
BAS. Arre, arre, cedo he,
FR. P. Dize A X.
BAS. Assis era hum alfaiate
Que morava alli á Sé.
VIL. Se tu vives, Bastião,
Serás hum fino letrado.
BAS. Parece que andou o arado
Por estas que quer que são.
FR. P. Has mister bem examinado.
E no latim te quero eu ver.
Dize ora *Beatus vir*.
BAS. Pouco he isso de dizer:
Vi ora tres ratos vir.
VIL. Vêde lá esse saber!
FR. P. Dize ora cantando *Amen*,
Por ver se sabes cantar.
BAS. Oh que cousa pera errar!
Abem.
FR. P. Alto, alto, Amen.

Assovia em logar do mem

FR. PAÇO.

Não cureis de debater;
Não no quero ensinar mais;
Digo que embalde cansais,
Qu'este nunca ha d'aprender.
VIL. Segundo o vós ensinaes.
BAS. Pae, pae, que senhor he aquelle
Que vem ca quasi mortal?
Colopendio se cham'elle,
E tão grande amor deu nelle
Que o trata bofé mal.
Vem aggravado por isso
E descontente de si;
Elle e logo Bereniso,
Fidalgos de grande aviso.

Vem Colopendio e Bereniso, e diz

COL. Pois amor o quiz assi,
Que meu mal tanto me dura,
Não tardes triste ventura,
Que a dor não se doe de mi,
E sem ti não tenho cura.
  Foges-me, sabendo certo
Que passo perigo marinho,
E sem ti vou tão deserto,
Que quando cuido que acérto,
Vou mais fóra do caminho.
Porque taes carreiras sigo,
E com tal dita naci
Nesta vida em que não vivo,
Qu'eu cuido que estou comigo,
E ando fóra de mi.
  Quando fallo, estou calado;
Quando estou, entonces ando;
Quando ando, estou quedado;
Quando durmo, estou acordado;
Quando acórdo, estou sonhando;
Quando chamo, então respondo;
Quando chóro, entonces rio;
Quando me queimo, hei frio;
Quando me mostro, m'escondo;
Quando espero, desconfio.
  Não sei se sei o que digo,
Que cousa certa não acérto;
Se fujo do meu perigo,
Cada vez estou mais perto
De ter mor guerra comigo.
Promettem-me huns vãos cuidados
Mil mundos favorecidos,
Com que serão descansados;
E eu acho-os todos mudados
Em outros mundos perdidos.
  Ja não ouso de cuidar,
Nem posso estar sem cuidado;
Mato-me por me matar,
Onde estou não posso estar
Sem estar desesperado.
Parece-me quanto vejo
Tudo triste com rezão:
Cousas que não vem nem vão,
Essas são as que desejo,
E todas penas me dão.

Eu remedio não espero,
Porque aquella em que me fundo,
Pera mi que tanto a quero,
Tem o coração de Nero
Pera me tirar do mundo.

Ber. Quem soffrimentos vendesse
Quanto ouro ganharia?
Que eu por hum so lhe daria
A vida, se a tivesse,
Como quando Deos queria.
Porque he tal meu padecer,
Sem ninguem de mi ter dó,
Que as pragas de Pharaó
Não se houverão d'escrever,
Nem os aggravos de Job.

Col. Ai de mim que estou em tal risco
De penosa confusão,
Que tenho ja o coração
Feito pedra de corisco,
E meu spirito carvão.
Minha alma com tal perigo
Deseja ser de animal,
Porque de mi lhe vem mal,
Meu bem peza-lhe comigo,
E eu quero-lhe mal mortal.

Ber. O' irmão, onde te vas?

Col. Juro ás dores que sustenho,
Que não sei se vou se venho.
Tu, senhor meu, m'o dirás,
Que eu de mi novas não tenho.

Bereniso.

Se fosses bem namorado,
Antre os teus termos mortaes
Terias vivo o cuidado;
Mas amor desacordado
He desacôrdo e nó mais.

Col. Se amasses onde eu
E servisses a quem sirvo,
Pasmarias como vivo,
E mais terias de teu
Os desacordos que digo.

Bereniso.

Pois que tu mesmo reclamas
Que não sabes onde estás,
Nem sentes se vens se vas;

Come sabęs tu quem amas,
Ou por quem suspirarás ?
COL. Pois fallas isento assi,
Certo a mi se m'afigura
Que nunca chegou a ti
O impeto que contra mi
Tomou a desaventura.
Sabe certo que he, senhor,
Meu desacordo de sorte,
Que ellę fórça minha dor
Pera outro mal maior,
Que está áquem de minha sorte.
Assi que meu desmaiar
Por tal geito se ordena,
Que não se me passa pena
Por sentir nem por chorar,
Nem dor grande nem pequena.

BERENISO.

Eu sou o mor namorado
Homem, que nunca se achou ;
Porém hum excommungado
Que o diabo excommungou,
Nunca foi tão desamado.
A dama cujo naci,
O maior prazer que sente,
He dizer-me mal de mi ;
Se venho, foge dalli ;
Se me vou, fica contente.
Ella pedia mosteiro,
Agora quer-se casar,
Porque eu me va enforcar
No mais alto sovereiro
Qu'eu mesmo por mi buscar.
FR. P. E Frei Paço estar calado !
BER. Frei Paço sois de verdade ?
FR. P. Senhor, a vosso mandado.
BER. Quant'eu á minha vontade
O paço em frade tornado,
Nem he paço nem he frade.

FR. PAÇO.

Irmãos, haveis de notar
Que o paço he flor das flores,
Pasto de grandes senhores,
E mais he um grande mar
Com somma de pescadores.

Huma grandeza summaria
De virtudes e nobreza,
Floresta mui necessaria,
Linda escola sibilaria,
Onde se aprendem grandezas.

COLOPENDIO.

Padre, muito bem dizeis,
E tambem suas donzellas
São figuras das estrellas,
E imagens de Deos os Reis,
Que dão luz a todas ellas.

FR. P. Porém onde caminhais?
Fallae, senhores, comigo.

COL. Cada hum leva comsigo
Aggravos tantos, e taes,
Que ouvi-los, corres perigo.
Eu ja amo e desespero,
Nunca de queixar me leixo,
E ando tão fóra do eixo,
Que eu mesmo busco e quero
Os males de que me queixo.

BER. Sabe Deos e as estrellas
Que minhas coitas amaras
Buscá-las me são mais caras
Mil vezes que não soffrê-las.
Que a saudade sentida
Me lastíma de tal sorte,
Que com vontade accendida
Me faz ir ver minha vida,
Porque va buscar a morte.

FR. PAÇO.

Se isso assi conheceis,
Que vós por vós vos matais,
Culpados, a quem culpais?
Mortos, que vida quereis,
Ou de que vos aggravais?

COL. Padre Paço, bem sentis.
Digo que amo a hũa donzella
Mais bella que a flor de lis,
Porque tanto mal me quiz,
Pois naci captivo della.

FR. PAÇO.

Porque foi nacer com ella
Não vos ter em dous ceitis.

E quanto vós presumis
Não no estima por ser bella,
Nem quanto lhe referis.

COL. *Deo gratias.* Ouvi-me, Padre :
E se meu serviço atura ?

FR. P. Digo ora eu pola ventura,
Que não sois á sua vontade.
Obrigá-la-heis por escriptura.
Que dous conformes amores
N'hum amor he de ventura ;
E se so por formosura
Se vencem os amadores,
Sera amor, mas não de dura.

COL. Depois se praticará
O mais de que sou aggravado :
Branca do Rego vem lá,
E tambem Marta do Prado,
Regateiras do pescado ;
Escutemo-las de ca.

MARTA.

Olha ca, Branca do Rego..

BRA. Que me ques, Marta do Prado ?

MAR. Tu tens tudo emborilhado ;
Pera que he fallar gallego,
Senão craro e despachado.

BRA. E bem ; em que ? Andar embora,
Feito he o forno da telha.

MAR. Se tu não deras á golhelha,
Nunca o nosso aggravo fôra,
Nem eu torcêra a orelha.
Não, ah ! não ; mas tu andar
Dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe,
Ordir, torcer, ordenar —
Tu não duravas em valle
Com pressa de mao pezar.
Casade-a ora, hui, casade-a ora,
Que he hum mancebo de rosas,
Antes que se afaste afóra.
E por isso nas más horas
Nos aggravamos agora.

BRANCA.

Ora olhae, ouvi, ouvi,
Que me foi a rodear !
Havias tu de buscar
Com que pôr a culpa a mi,

E queres-te a ti salvar.
Porque não contas agora
As práticas saborosas
Do cachopinho de rosas
Com que sias cada hora?
MAR. Contarei as suas prosas.

FR. PAÇO.

E de que ides aggravadas
Nesta sancta ladainha?
BRA. Tinhamos hũa sobrinha,
Que tinha hum conto aosadas,
E tudo se tornou tinha.
Sai-nos hum casamento
Com moço da Camara d'ElRei —
Casarei, não casarei —
Tão doce, tão cucarento...
Jesu! como o contarei.
Luva vai e luva vem,
E alvalá de filhamento,
Fazemo-lo casamento
C'o carrapato d'Ourem,
Moço da Camara do vento.
FR. P. Tem de casamento tanto,
E moradia sabida?
MAR. Hui! pola sua negra vida;
Elle he dos do livro em branco,
E da esperança perdida.

BRANCA.

O alvalá que nos mostrou
Com tanto de filhamento,
Tanto d'acrecentamento,
Não sei quem lh'o despachou.
Damião Dias, ou alguem,
Lhe houve elle o negro alvalá.
Christovão Esteves tambem,
Ou quiçais sabe Deos quem,
André Pires não sera,
Nem o Conde do Vimioso.
Fernan Alvares sería,
Ou o Conde de Penella,
Que he muito dadivoso...
Ja sei quem lh'o haveria:
O Dom Rui Lobo em Palmella,
Ou o Lourenço de Sousa,
Ou não sei se o Veador,

Se o mesmo Pero Carvalho,
Se foi Bispo, se Doutor,
Que nos deu tanto trabalho.

MARTA.

Mao quebranto que os quebrante,
Porque vão aportunar,
Pera ajudar a enganar,
Hũa cachopa inorante.
C'hum rascão de mão pesar.

BRA. Elles são os presidentes,
E os mesmos requerentes;
E se lhe dizeis que he mal
Tornão a culpa ao sinal
E elles fazem-se innocentes.

MARTA.

Pois ja isto anda tão baixo,
Haverei co'esta cautela
Hum alvalá de donzella,
Então casar no Cartaxo,
Ou na raia de Castella.

FR. P. A honra so vos abasta.
Se o moço he de boa linha,
Seu pae sera de boa casta
E fidalgo mui asinha.

BRA. Atada fica a canasta.
Fidalgo assi seria,
Fidalgo por seu dolor,
Que sabe a Brivia de cór
E não acerta a Ave-Maria.
Andava elle namorado,
E por, ma ora, dizer ai,
Dizia-lhe guai,
E por dizer minha senhora,
Chamava-lhe minha sinoga.
Este he o negro de seu pae.

BRANCA.

Ouvides vós, Frei Cigarra,
Onde vai aqui a estrada
Per hu os aggravados vão?

FR. P. Eu não vos acho rezão,
Nem sois aggravadas nada.

MAR. Porque?

FR. P. Porque os casamentos
Todos são porque hão de ser,

E com quem desde o nascer
E a que horas e momentos
Assi ha de accontecer.
A assi as religiosas
Nacêrão pera ser freiras,
E vós pera regateiras,
Outras pera ser viçosas,
E outras pera canseiras.

MAR. E vós mano frei trogalho,
Em que perneta nacestes,
Que ma ora ca viestes !
Dizei, padre frei chocalho,
Tudo vós isso aprendestes ?
Cebolinho e espinafre,
Ja vo-la barba nace.
Ora ouvide-lhe o sermão,
E tangede-lhe o atabaque,
Não caia, ponde-lhe a mão.
O que as pernetas fazem,
He porque nós o causamos,
E se fortunas nos trazem,
He porque nós as buscamos,
Que os erros de nós nacem.
Então quer frei bolorento
Fallar comigo aravia ?

BRA. Vamos nossa romaria,
Qu'he gran perda perder tempo,
E mais vai-se a companhia.
Ou crê-me, Marta do Rego,
Este casamento he feito,
Ja a burrinha jaz no pégo,
Enterrado he Jam Gallego,
Não temos nenhum direito.
Por ventura, foi por bem.
Rogo-te ora como amiga,
Que não tomemos fadiga,
Nem nos ouça mais ninguem.
Cantemos uma cantiga,
Ensaemo-nos per hi,
Pera irmos lá bailar,
Tu dalli e eu daqui,
Ou tu daqui e eu dalli,
Mas tu has de começar.

Cántão ambas e bailão ao som desta cantiga :

« Mor Gonçalves,
« Tão mal que m'encarcelastes

« Nos Paços d'ElRei,
« E na camara da Rainha,
« Du bailava ElRei,
« E com Dona Catherina.
« Mor Gonçalves,
« E tão mal que m'encarcelastes. »

MARTA.

Embaixadas do Mondego,
Ou que momos são ora estes
Que ca vem com frei Gallego?

BRA. Eu t'o direi muito prestes;
O frade he Frei Narciso,
E vem ca muito queixoso,
Porque o não fizerão bispo;
O outro he Cerro Ventoso,
Gran cabecinha de pisco.
Ambos vão muito aggravados;
Demos-lhe, mana, logar,
Queixar-se-hão de seus aggravos,
Sem lhes nada aproveitar
Queixumes mal consirados.

Vem Cerro Ventoso e Fr. Narciso.

CER. Onde is, Padre?

FR. N. Vou ca
Tambem nesta romaria.

CER. Tambem á Sancta Maria?
Eu assi vou pera lá;
Vamo-nos em companhia.

FR. N. Vamos, nome da Trindade.

CER. Sempre aos religiosos
Tenho mui boa vontade.

FR. N. Quem visse essa humanidade
Aos Principes poderosos.

CER. Padre, eu sam dos aggravados,
Porque não tenho de renda
Senão quatro mil cruzados;
Fez-me ElRei dos mais privados,
Mas não dá com que m'estenda.

FR. N. E eu prego a generosos
Principes singularmente,
E vivo mui austinente,
Marteirando a carne e ossos,
Como ca meu corpo sente;
Estudando, maginando,
Trabalhando por privar,

Sem vontade jejuando,
Senão somente esperando
Se posso mais arribar.
E por parecer misello,
E toda a Côrte em mi creia,
Defumo-me co'este zelo,
E faço o rosto amarello
Com muita palha centeia.
E tudo isto pádeci
Por haver algun bispado,
Quasi assi arrezoado.
E porque tardava, o pedi,
E sahi Bispo escusado.

CERRO VENTOSO.

Assi que pescastes nichel:
Mui mal olhado foi isso.

FR. N Ja fizessem-me ora bispo
Siquer do ilheo de Peniche,
Pois sam frade para isso:
Que sem saber ler nem rezar
Vi eu ja bispos que pasmo,
E não sei conjecturar
Como se póde assentar
Mitara em cabeça d'asno.

CERRO VENTOSO.

Que tendes vós, Padre meu,
De renda?

FR. N. Tenho lazeiras,
Oitenta mil tenho eu.

CER. Dice; e quem isso tem de seu
Não pedirá polas eiras.

FR. N. Dizei-me, Cerro Ventoso,
Não hei de ter hũa mula?

CER. Se for bem estudioso,
Porque quer hum religioso
Andar sempre xula xula?

FR. NARCISO.

Por isso peço eu bispado,
Que possa ter dez rascões,
E hum escravo occupado,
Que sempre tenha cuidado
Dos cavallos e falcões.

CER. Esse estado tão bispal
A dita vos póde dá-lo;

Mas San Jeronimo he tal,
Que, indaque era cardial,
Nunca se pinta a cavallo.
Mas vós, Padre, sois do Paço,
E san Jeronimo do ermo,
E não dobrais vosso braço
Açoutando o espinhaço,
Nem trazeis o peito enfermo.

FR. N. E vós de que vos queixais?

CER. Eu do Paço me aggravo,
Que o servi como escravo.

FR. N. Siquer vós que assi medrais,
Não devieis d'ir tão bravo.
Porque entrastes nesse jôgo
Mais probe do qu'eu estou,
E a dita vos terçou;
Mas não quero dizer logo
Que a soberba vos cegou.

CER. Corpo de mi co'a contenda,
Nem com quanto vós fallais!
A dous contos de reaes
Não me chegárão de renda.

FR. N. Não sei em que vos fundais:
Dous contos! porque? per onde?

CER. Digo-vos sem mais arengas,
Como quem vos nada esconde,
Que eu me fundo em ser Conde,
Siquer Conde das Berlengas.

FR. N. Tão largamente cortais,
Que entender-vos não posso;
Sei que tendes bem de vosso,
E pois vos não contentais,
Vem-vos do Cerro Ventoso.
Aparicianes vem
Com sua filha Giralda,
Lavrador que falla bem:
Não nos estorve ninguem,
Nem percamos delle nada.

Vem Aparicianes com sua filha, e diz:

APA. Eu sohia a ser que cantava
C'os bois e sem bois ainda,
Tambem quando caminhava,
Sempre á ida e á vinda,
Nunca de cantar cessava.
Jamais canseira sentia
Nem por calma nem por lama,

E ainda cantaria,
Mas pobreza e alegria
Nunca dormem n'hũa cama.
Grande bem, se não m'enlheio,
He lembrar o mal passado
Depois de ser acabado;
Porém eu que estou no meio,
Vivo mais desesperado.
Vou nesta triste romagem
Hum dos mais atribulados;
E pera justa romagem
Minha era a pilotagem,
Per maior dos aggravados.
FR. P. Corpo de mi c'o villão,
Como falla cerceado!
Onde vas?
APA. Por esse chão.
FR. P. Querejs bailar?
APA. Bofá não.
FR. P. Porque?
APA. Vou aggravado.

FR. PAÇO.

Aggravo póde hi haver,
Que aggravo seja em ti?
APA. Perdoae, frei Alfaqui,
Que vós não sabeis comer,
Pois fallais isso assi.
Porque eu tenho dous casaes
Dos frades d'apanha porros,
E c'os fortes temporaes,
São as novidades taes,
Que não chegão pera os foros.
E os padres verdadeiros
Cartuxos de sancta vida,
Apanhão-me os travesseiros
Com mais ira que os rendeiros,
Sem me rezão ser ouvida.
Cuidei qu'elles me esperárão,
Por não ficar em camiza,
E o com que me consolárão,
Foi dizer que não tomárão
Espera por sua divisa.
Não lhes rógo mal, nem nada,
Porque são sanctas pessoas;
Mas praza á paixão sagrada
Que lhes dem tanta seixada,

Que lhes quebrem as coroas.
Quero ora perder rancor,
E não ir com isto ao cabo;
Perdoo-lhes polo amor
De Deos nosso Salvador,
Encommendo-os ó diabo.
Como vos chamais?

FR. P. Frei Paço.

APA. Frei Paço? Sancta Guiomar!
Frei Paço, tendes espaço
Pera poder xaminar
Esta cachopa hum pedaço?
He da serra da Louzán,
Moça de muito boa fama;
Trago-a ca pera ser Dama.
Quero que seja páçan.

FR. PAÇO.

Amigo, a Dama prezada
Ha de ser rica e fermosa,
Muito sentida, assocegada,
Cortez, mansa, graciosa.

APA. Tudo isso Giralda tem.

FR. P. Ponhamos-lhe ora hum trançado,
Vejamos como lhe vem.

APA. Dae, dae ó demo o toucado,
Que não he pera ninguem.

FR. PAÇO.

Tu, villão, queres dizer
Que isto não he pera a sega,
E pera o Paço ha mister.

APA. Isso he rabo de pêga,
E não he pera mulher.
Nisso está ora Apariço.

FR. P. Pois não lh'estava elle mal.

APA. Vio nunca o demo pardal
Ter o rabo de toutiço!

FR. PAÇO.

Não lhe vejo bôs caminhos.

APA. Porque?

FR. P. Nem tem pera isso ar.

APA. Pisou uvas no lagar,
E tem nodoas nos focinhos,
Mas ella se irá lavar.
E er tambem per razão

Qu'ella assi he pertelhoa,
Lhe merquei eu em Lisboa
D'hum que chamão solivão,
Que faz luzir a pessoa.
E merquei-lhe d'hum Judeu
D'huns torrões brancos qu'hi ha,
Não sei que nome he o seu;
Alvaiade creio eu
Que o elle chamão ca.
E merquei-lhe das tendeiras
Robiquelhe Genovez:
D'hum que põe polas trincheiras
Lhe merquei eu dez salseiras,
Que lh'avondarão hum mez.

Fr. Paço.

Ora faça hũa mesura,
Vejamos que ar lhe dá.
Gir. Pera ca, ou pera lá?
Fr. P. Olhae-me aquella doçura
Pera a doçura de ca!
Senhora dama das cabras,
Haveis de fazer assi: —
Attentastes pera mi?
E dae assi as passadas: —
Entendeis este latim?
E olhareis deste geito,
Assi com hum recacho oufano;
Vosso corpo mui direito,
Pouco riso, e mui bem feito,
Torrado d'honesto engano.
De quando em quando o fallar
Cousa he que muito contenta;
Não amar, nem o leixar;
E per vos mostrar isenta,
Guardae-vos de suspirar.

Giralda.

Tudo isso que dizeis
Farei eu senão de flores.
Fr. P. Quereis vós fallar d'amores,
Por ver que respondereis
Aos vossos servidores? —
Senhora, ha ja mil annos
Que vos quizera fallar,
E por vos não anojar,
Padeço ja tantos damnos,
Que os não posso calar.

GIRALDA.

Que ma ora ca viestes;
Como eu folgo co'isso tal!
FR. P. Se vós folgais c'o meu mal,
O meu mal vós o fizestes.
Oh meu bem angelical,
Que em pago do bem que vos quero,
Se não vós, quem me ferio
Com o vosso lindo cutello?
GIR. Disso estais vós amarello
Do sangue que vos sahio.

FR. PAÇO.

Oh senhora que matais
A todos quantos feris,
E a ninguem perdoais!
GIR. Quão docemente mentis
Todos quantos bem fallais!
FR. P. Senhora, quem amansasse
Vossas iras de matar!
GIR. Quantos mortos que eu matasse,
Ajudastes a enterrar?

FR. PAÇO.

Ao menos eu agora
Sem remedio de confôrto,
Ja minha alma he de mi fóra:
Pois *memento mei*, Senhora,
Lembre-vos que ando morto;
Morto me tendes aqui,
E morto desesperado.
GIR. Quantá s'isso fosse assi
Espantar-me-hia eu de mi,
Não pasmar d'homem finado.
Como! fantasma sois vós?
FR. P. Oh como estais graciosa!
GIR. Digo que sam tão medrosa
Dos mortos (livre-nos Deos!)
Que não creio a morte vossa.
Se morto, como fallais?
Se defunto, como ouvis?
Sem alma, como sentis?
Sem sentidos, que pedis?
Finado, vós que buscais?

FR. PAÇO.

Sam morto, e vivo em tormento;
Sam finado, e ando em pena.

GIR. Porém vosso testamento ?
Quando embora se ordena
E se cumpre o testamento ?
APA. Frei Paço, ja bem está ;
Escusada he mais linguagem.
Quero ir minha romagem,
Qu'isto mui bem se fará,
Porque a moça he d'avantagem.

FR. PAÇO.

Hũas freiras que ca vem,
São naturaes de Sicilia ;
Dorosia e Domicilia
São os seus nomes que tem.
E de mal aconselhadas,
E tocadas da ignorancia,
Vão queixosas e aggravadas,
Porque as fazem encerradas,
E viver em observancia.

Vem Domicilia e Dorosia, freiras, e diz

DOMICILIA.

Certamente infindos são,
Cousa pera não se crer,
Os queixosos que ca vão,
S'elles todos tem rezão ;
Mas isto não póde ser.
DOR. Porque ha hi tantos aggravados,
Mais agora que sohia ?
DOM. Porque nos tempos passados
Todos erão compassados,
E ninguem se desmedia.
Mas a presumpção isenta,
Que creceo em demasia,
Criou tanta fantasia,
Que ninguem não se contenta
Da maneira que sohia.
Tudo vai fóra de termos,
Deu o ar na recovagem.
DOR. Sera bem não nos determos ;
Andemos quanto pudermos,
Cumpramos nossa romagem,
Roguemos a Frei Narciso
Que va em nossa companhia ;
Fa-lo-ha com boa vontade.
DOM. Irman, bem sería isso,
E eu tambem o outorgaria ;

Mas abasta-lhe ser frade,
E bem Narciso aosadas.
Dor. Pois com quem iremos nós?
Dom. He melhor que vamos sos,
Que não mal acompanhadas.
Dor. Porque?
Dom. Isso vêde vós.

Dorosia.

Deo gratias, Padre Narciso.
Fr. N. Pera sempre alleluia.
Dor. Pois is nesta romaria,
Assi Deos vos dê o paraiso
Que vamos em companhia.
Fr. N. Iria mui ledo em cabo,
Melhor que pera o mosteiro;
Mas o amor he tão ligeiro,
Que o dae vós ó diabo,
E temo seu captiveiro.

Dorosia.

Iremos, Padre, rezando
Sempre de noite e de dia.
Fr. N. Ja disse que folgaria,
Mas temo d'ir suspirando
Mais vezes do que queria.
Dor. Pois como havemos d'ir sos
Daqui a quarenta jornadas?
Fr. N. De que ides vós aggravadas?
Dor. De que? coitadas de nós
Que rezão temos aosadas.

Fr. Narciso.

Tamanha he a importancia,
Que assi vos desterrais?
Dom. Padre, eramos claustraes,
E fazem-nos d'observancia
E pera sempre jamais.
Fr. N. E disso vos aggravais?
Dor. Disto nos queixamos nós.
Fr. N. Pois que haveis medo d'ir sos,
Pera que vos arredais
Da companhia de Deos?
Cuidais que is bem aviadas?
Pois eu, senhoras, me fundo
Que quanto mais encerradas,
Tanto estais mais abrigadas

Das tempestades do mundo.
Ca sempre os sabios disserão,
Pois do fallar vem os p'rigos,
Conversação affastá-la.

DOM. Dizei, que mal nos fizerão
Os parentes e amigos
Para lhes tolher a falla?
E se formos visitadas
De mãe, ou tias, ou dona,
Porque males ou erradas
Lhes fallaremos tapadas,
Como bestas d'atafona?

FR. N. Estas pastoras ouçamos,
Saberemos seus aggravos.

Vem Juliana e Ilaria, pastoras, e diz

JUL. Ilaria, mui pouco andamos,
Por a segundo levamos
Os corações aggravados.

ILARIA.

O meu Silvestre anda morto,
Porque me querem casar
C'o filho de Pero torto.

JUL. E o meu Braz quer-se enforcar
Porque me casão no Porto.

ILA. Silvestre ha de fazer
Hum desatino de si.

JUL. E Braz ha d'endoudecer,
Pois Deos não ha de querer
Que eu nada faça de mi.

ILARIA.

Juliana, que faremos?

JUL. Bofé, Ilaria, não sei.

ILA. Sabes, mana, que eu farei?

JUL. Dize. rogo-t'o, e veremos.

ILA. Escuta qu'eu t'o direi.
Direi que andando a de parte
C'o meu gado em Alqueidão,
Me pareceu hũa visão,
Que me disse: moça, guar'-te
De chegares a varão.
E assi m'escusarei
Deste negro casamento;
E depois, andando o tempo,
Outra visão acharei,

Que case a contentamento.
JUL. Eu direi que hum escolar
Me tirou o nacimento,
E disse : o teu casamento,
Se no Porto has de casar,
Amara vida te sento :
Ca seras demoninhada
Esses dias que viveres.
ILA. Que com essa emborilhada
Ficarás desabafada,
Casarás com quem quizeres.
A fortuna todavia
Nos tem que farte aggravadas;
Andemos nossas jornadas,
Cheguemos á romaria,
E seremos dascansadas.

JULIANA.

Rogo-vos, Jão da Morteira,
Que nos vas acompanhar.
VIL. Cachopas hei de levar?
Per essa mesma maneira
Me darão muita madeira
Nas costas a meu pezar.
JUL. Porque?
VIL. Porque ha hi
Rascões e outros de Paço,
E as cachopas dão-lhe d'azo,
E entances buscae per hi
E tomae raposa em laço.

JULIANA.

Nós somos d'outro lameiro,
E de casta mais sisuda.
VIL. Tudo isso pouco ajuda,
Que hũa cachopa se muda
Como o tempo em Fevereiro.
Pardez que não ha que fiar;
Que os caranguejos na eira
E as moças na carreira,
Quem as houver de guardar,
Bofás tem assaz canceira.
Crede que fazem por ellas
Todolos escudeirotes,
E ainda os sacerdotes
Poucas vezes fogem dellas.
Deixemos ora estes motes :

Pois que vos querem casar,
Pera onde is aviadas?

JUL. Porque somos aggravadas
Nos imos desaggravar,
Bem tristes e bem cansadas.
Eu não sei porque respeito
Nossas mães e nossos paes
Nos trazem maridos taes,
Tanto contra nosso geito,
Que os diabos não são mais.
As cabeças como outeiro,
Os cabellos carcomidos,
Louros coma sovereiros,
Penteados d'anno em anno,
Maos chiotes de ma panno:
Folgae lá com taes maridos!

ILARIA.

E o meu he por seus peccados
Vesgo o mais que nunca vi,
Tem os olhos enfrestados,
Se lhe fallares ou assi,
Não saberas se olha a ti,
Se olha pera os telhados.

VIL. Vós outras sois hũa relé
Bofá de forte alimento:
Ora olhae vós que cousa he,
Que vós remais como galé,
E andais melhor c'o vento.
Casae earamá com siso,
E dae ó demo a affeição,
Que se sécca logo isso;
E quem casa com aviso
Acha em casa a descrição.

JUL. Como casão?

VIL. Muito asinha.

JUL. De que modo?

VIL. Digo eu:
Juliana, eu sam teu,
Ora dize tu que es minha,
E mais quanto Deos te deu.

JULIANA.

Não he mais? e isso abonda?

VIL. Não he mais, nem mais se deve;
Porém a cantiga he breve,
Mas a grosa muito longa.

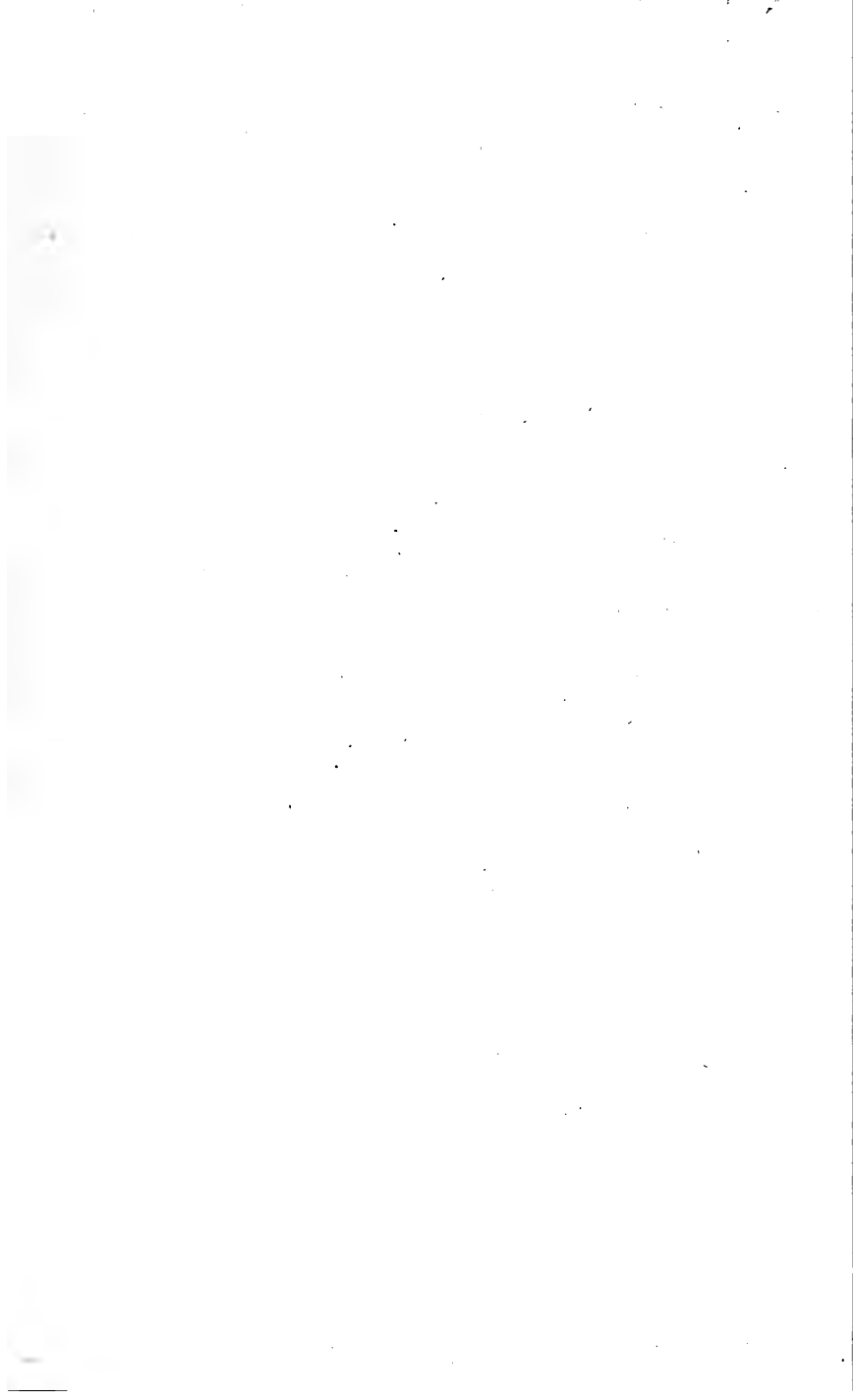
Fr. P. Aggravos que não tem cura
Procurae de os esquecer;
Qu'impossivel he vencer
Batalha contra ventura
Quem ventura não tiver.
Não deve lembrar agora
Aggravos nem fantesias,
Senão muitas alegrias.
A' Rainha, nossa senhora,
Que viva infinitos dias,
Cantemos hũa cantiga,
Ao mesmo Iffante bento,
E ao seu bento nacimento,
Porque a Rainha não diga
Que somos homens de vento.

Ordenárão-se todas as figuras como em dança, e a voʒes bailárão, e cantárão a cantiga seguinte.

« Por Maio era por Maio
« Ocho dias por andar,
« El Ifante Don Felipe
« Nació en Evora ciudad.
« Huha ! huha !
« Viva el Ifante, el Rey y la Reina
« Como las aguas del mar.
« El Ifante Don Felipe
« Nació en Evora ciudad,
« No nació en noche escura,
« Ni tanpoco por lunar.
« Huha ! huha !
« Viva el Ifante, el Rey y la Reina
« Como las ondas del mar.
« No nació en noche escura
« Ni tanpoco por lunar,
« Nació cuando el sol decrina
« Sus rayos sobre la mar.
« Huha ! huha !
« Viva el Ifante, el Rey y la Reina
« Como las aguas del mar.
« Nació cuando el sol decrina
« Sus rayos sobre la mar,
« En un dia de domingo,
« Domingo para notar.
« Huha ! huha !
« Viva el Ifante, el Rey y la Reina
« Como las ondas del mar.

« En un dia de domingo,
« Domingo para notar,
« Cuando las aves cantaban
« Cada una su cantar.
« Huha ! huha !
« Viva el Ifante, el Rey y la Reina
« Como la tierra y la mar.
« Cuando las aves cantaban
« Cada una su cantar,
« Cuando los árboles verdes
« Sus fructos quieren pintar.
« Huha ! huha !
« Viva el Ifante, el Rey y la Reina
« Como las aguas del mar.
« Cuando los árbolos verdes
« Sus fructos quieren pintar
« Alumbró Dios á la Reina
« Con su fructo natural.
« Huha ! huha !
« Viva el Ifante, el Rey y la Reina
« Como las aguas del mar. »

E com esta musica e dança se sahirão, e fenece esta última tragicomedia.

O Velho da Horta.

FIGURAS.

HUM VELHO
HUMA MOÇA.
HUM PARVO — Criado do velho.
MULHER do velho.
BRANCA GIL.
HUMA MOCINHA.
HUM ALCAIDE.
BELEGUINS.

A seguinte farça, he o seu argumento, que hum homem honrado e muito rico, ja velho, tinha hũa horta; e andando hũa manhan por ella espairecendo, sendo o seu hortelão fóra, veio hũa moça de muito bom parecer buscar hortaliça, e o velho em tanta maneira se namorou della, que por via de hũa alcoviteira gastou toda sua fazenda. A alcoviteira foi açoutada, e a moça casou honradamente. Foi representada ao mui serenissimo Rei Dom Manuel o primeiro deste nome, era do Senhor de 1512.

O VELHO DA HORTA.

Entra o velho pela horta, rezando.

VELHO.

Pater noster creador,
Qui es in cœlis poderoso,
Sanctificetur, Senhor,
Nomen tuum vencedor,
Nos ceos e terra piedoso.
Adveniat a tua graça,
Regnum tuum sem mais guerra;
Voluntas tua se faça
Sicut in cœlo et in terra.
Panem nostrum, que comemos,
Quotidianum, teu he;
Escusá-lo não podêmos:
Indaque o não merecemos,
Tu da nobis hodie.
Dimitte nobis, Senhor,
Debita nossos errores,
Sicut et nos, por teu amor,
Demittimus qualquer error
A os nossos devedores.
Et ne nos, Deos, te pedimos,
Inducas per nenhum modo
In tentationem cahimos;
Porque fracos nos sentimos,
Formados de triste lodo.
Sed libera nossa fraqueza,
Nos a malo nesta vida.
Amen por tua graça,
E nos livre tua alteza
Da tristeza sem medida.

Entra a Moça na horta e diz o

VELHO.

Senhora, benza-vos Deos.
MOÇ. Deos vos mantenha, Senhor.
VEL. Onde se criou tal flor?
Eu diria que nos ceos.

Moç. Mas no chão.
Vel. Pois damas se acharão,
Que não são vosso sapato.
Moç. Ai ! como isso he tão vão,
E como as lisonjas são
De barato.

Velho.

Que buscais vós ca, donzella,
Senhora, meu coração ?
Moç. Vinha ao vosso hortelão
Por cheiros pera a panella.
Vel. E a isso
Vindes vós, meu paraizo,
Minha senhora, e al não ?
Moç. Vistes vós ! Segundo isso,
Nenhum velho não tem siso
Natural.

Velho.

Oh meus olhinhos garridos !
Minha rosa ! meu arminho !
Moç. Onde he o vosso ratinho ?
Não tem os cheiros colhidos ?
Vel. Tão depressa
Vindes vós, minha condessa,
Meu amor, meu coração ?
Moç. Jesu ! Jesu ! que cousa he essa ?
E que prática tão avessa
Da rezão !
Fallae, fallae d'outra maneira :
Mandae-me dar a hortaliça.
Vel. Gran fogo d'amor m'atiça,
Oh minha alma verdadeira !
Moç. E essa tosse ?
Amores de sôbre-posse
Serão os da vossa idade :
O tempo vos tirou a posse.
Vel. Mais amo, que se moço fosse
Com ametade.

Moça.

E qual sera a desestrada,
Que attente em vosso amor ?
Vel. Oh minh'alma e minha dor,
Quem vos tivesse furtada !
Moç. Que prazer !
Quem vos isso ouvir dizer
Cuidará que estais vós vivo,
Ou que sois pera viver.

VEL. Vivo não no quero ser,
Mas captivo.

MOÇA.

Vossa alma não he lembrada
Que vos despede esta vida?
VEL. Vós sois minha despedida,
Minha morte antecipada.
MOÇ. Que galante!
Que rosa! que diamante!
Que preciosa perla fina!
VEL. Oh fortuna triumphante!
Quem metteo hum velho amante
Com menina!
O maior risco da vida,
E mais perigoso, he amar;
Que morrer he acabar,
E amor não tem sahida.
E pois penado,
Aindaque seja amado,
Vive qualquer amador;
Que fara o desamado,
E sendo desesperado
De favor?

MOÇA.

Ora dá-lhe lá favores!
Velhice, como te enganas!
VEL. Essas palavras ufanas
Acendem mais os amores.
MOÇ. O' home! estais ás escuras;
Não vos vêdes como estais?
VEL. Vós me cegais com tristuras,
Mas vejo as desaventuras
Que me dais.

MOÇA.

Não vêdes que sois ja morto,
E andais contra natura?
VEL. O' flor da mor fermosura,
Quem vos trouxe a este meu horto?
Ai de mi!
Porque assi como vos vi,
Cegou minha alma e a vida;
E está tão fóra de si,
Qu'em partindo vós daqui,
He partida.

MOÇA.

Ja perto sois de morrer:
Donde nasce esta sandice,

Que, quanto mais na velhice,
Amais os velhos viver?
E mais querida,
Quando estais mais de partida,
He a vida que leixais?

VEL. Tanto sois mais homecida,
Que, quando amo mais a vida,
M'a tirais.
Porque minh'hora d'agora
Val vinte annos dos passados;
Que os moços namorados
A mocidade os escora.
Mas hum velho,
Em idade de conselho,
De menina namorado...
Oh minh'alma e meu espelho!

MOÇ. Oh miolo de coelho
Mal assado.

VELHO.

Quanto for mais avisado
Quem d'amor vive penando,
Tera menos siso amando,
Porque he mais namorado.
Em concrusão,
Que amor não quer rezão,
Nem contracto, nem cautela,
Nem preito, nem condição,
Mas penar de coração
Sem querella.

MOÇA.

Hulos esses namorados?
Desinçada he a terra delles:
Olho mao se metteo nelles:
Namorados de cruzados,
Isso si.

VEL. Senhora, eis-me eu aqui,
Que não sei senão amar.
Oh meu rosto d'alfeni!
Qu'em forte ponto vos vi
Neste pomar!

MOÇA.

Que velho tão sem socêgo!

VEL. Que garridice me viste?

MOÇ. Mas dizei, que me sentiste,
Remelado, necio, cego?

VEL. Mas de todo
Por mui namorado modo

Me tendes minha senhora
Ja cegó de todo em todo.
Moç. Bem está quando tal lodo
Se namora.

VELHO.

Quanto mais estais avessa,
Mais certo vos quero bem.
Moç. O vosso hortelão não vem?
Quero-me ir, que estou de pressa.
VEL. Oh fermosa,
Toda minha horta he vossa.
Moç. Não quero tanta franqueza.
VEL. Não per me serdes piedosa;
Porque quanto mais graciosa,
Soes crueza.
Cortae tudo sem partido;
Senhora, se sois servida,
Seja a horta destruida,
Pois seu dono he destruido.
Moç. Mana minha,
Achastes vós a daninha,
Porque não posso esperar.
Colherei algũa cousinha,
Somente por ir asinha
E não tardar.

VELHO.

Colhei, rosa, dessas rosas,
Minhas flores, colhei flores.
Quizera eu que esses amores
Forão perlas preciosas,
E de rubis
O caminho per onde is,
E a horta d'ouro tal,
Com lavores mui sutis,
Poisque Deos fazer-vos quiz
Angelical.
Ditoso he o jardim
Que está em vosso poder:
Podeis, senhora, fazer
Delle o que fazeis de mim.
Moç. Que folgura!
Que pomar e que verdura!
Que fonte tão esmerada!
VEL. N'agua olhae vossa figura,
Vereis minha sepultura
Ser chegada.

MOÇA. (canta)
« Cual es la niña
« Que coge las flores,
« Sino tiene amores.
« Cogia la niña
« La rosa florida,
« El hortelanico
« Prendas le pedia,
« Sino tiene amores. »

Assi cantando colheo a Moça da horta o que vinha buscar, e acabado, diz:

MOÇA.
Eisaqui o que colhi;
Vêde o que vos hei de dar.
VEL. Que m'haveis vós de pagar,
Pois que me levais a mi?
Oh coitado!
Que amor me tem entregado
E em vosso poder me fino,
Porque sam de vós tratado
Como passaro em mão dado
D'hum menino.

MOÇA.
Senhor, com vossa mercê.
VEL. Por eu não ficar sem a vossa,
Queria de vós hũa rosa.
MOÇ. Hũa rosa? para que?
VEL. Porque são
Colhidas de vossa mão,
Leixar-m'heis algũa vida,
Não isenta de paixão,
Mas sera consolação
Na partida.

MOÇA.
Isso he por me deter:
Ora tomae — acabar.

(Tomou-lhe o Velho a mão.)

Jesu! e quereis brincar?
Que galante e que prazer!
VEL. Ja me leixais?
Lembre-vos que me lembrais
E que não fico comigo.
Oh marteiros infernaes!
Não sei porque me matais,
Nem o que digo.

Vem hum Parvo, criado do Velho, e diz:

PARVO.

Dono, dizia minha dona
Que fazeis vós ca té já noute?
VEL. Vae-te dahi, não t'açoute.
Oh! dou ó demo a chaçona
Sem saber.
PAR. Diz que fosseis vós comer,
E que não moreis aqui.
VEL. Não quero comer nem beber.
PAR. Pois que haveis ca de fazer?
VEL. Vae-te d'hi.

PARVO.

Dono, veio lá meu tio,
Estava minha dona — então ella
Foi-se-lhe o lume pela panella,
Senão acertá-lo acario.
VEL. Oh Senhora,
Como sei que estais agora
Sem saber minha saudade!
Oh senhora matadora,
Meu coração vos adora
De vontade.

PARVO.

Raivou tanto rosmear
Oh pezar ora da vida!
Está a panella cozida,
Minha dona quer jentar:
Não quereis?
VEL. Não hei de comer, que me pês,
Nem quero comer bocado.
PAR. E se vós, dono, morreis?
Então depois não fallareis,
Senão finado.
Então na terra nego jazer,
Então finar dono estendido.
VEL. Oh quem não fôra nascido,
Ou acabasse de viver!
PAR. Assi, pardeos.
Então tanta pulga em vós,
Tanta bichoca nos olhos,
Alli c'os finados sos;
E comer-vos-hão a vós
Os piolhos.
Comer-vos-hão as cigarras,
E os sapos morreré, morreré.

Vel. Deos me faz ja mercê
De me soltar as amarras.
Vae saltando,
Aqui fico esperando:
Traze a viola e veremos.
Par. Ah corpo de San Fernando!
Estão os outros jentando,
E cantaremos?

Velho.

Quem fosse do teu teor,
Por não sentir tanta praga
De fogo que não s'apaga
Nem abranda tanta dor!
Hei de morrer.
Par. Minha dona quer comer;
Vinde eramá, dono, que brada.
Olhae, eu fui-lhe dizer
Dessa rosa e do tanger,
E está raivada.
Vae-te tu, filho Joanne,
E dize que logo vou,
Que não ha tanto que ca 'stou.
Par. Ireis vós pera Sanhoanne
Polo ceo sagrado,
Que meu dono está danado.
Vio elle o demo no ramo.
Se elle fosse namorado,
Logo eu vou buscar outr'amo.

Vem a Mulher do Velho e diz:

Mulher.

Hui! amara do meu fado;
Fernandianes, que he isto?
Vel. Oh pesar do Antichristo
Co'a velha destemp'rada!
Vistes ora?
Mul. Esta dama onde mora?
Hui! amara dos meus dias!
Vinde jentar na ma ora:
Que vos mettedes agora
Em musiquias?

Velho.

Polo corpo de San Roque
Commendo ó demo a gulosa.
Mul. Quem vos poz hi essa rosa?
Ma forca que vos enforque!
Vel. Não curar:

Fareis bem de vos tornar,
Porque estou mui mal sentido;
Não cureis de me fallar,
Que não se póde escusar
Ser perdido.

MULHER.

Agora co'as hervas novas
Vos tornastes vós granhão.
VEL. Não sei que he, nem que não,
Que hei de vir a fazer trovas.
MUL. Que peçonha!
Havei ma ora vergonha
A cabo de sessenta annos,
Que sondes ja carantonha.
VEL. Amores de quem me sonha
Tantos danos.

MULHER.

Ja vós estais em idade
De mudardes os costumes.
VEL. Pois que me pedis ciumes,
Eu vo-lo farei verdade.
MUL. Olhade a peça!
VEL. Nunca o demo em al m'empeça,
Senão morrer de namorado.
MUL. Quer ja cair da trepeça,
E tem rosa na cabeça
E imbicado.

VELHO.

Leixae-me ser namorado,
Porque o sou muito em extremo.
MUL. Mas que vos tome inda o demo,
Se vos ja não tem tomado.
VEL. Dona torta.
Acertar por essa porta,
Velha mal aventurada,
Sair ma ora da horta.
MUL. Hui, amara! aqui sou morta,
Ou espancada.

VELHO.

Estas velhas são peccados,
Sancta Maria Val com a praga!
Quanto as homem mais afaga,
Tanto são mais endiabradas.

(canta)

«Volvido nos han volvido,
«Volvido nos han

« Por una vecina mala
« Meu amor tolheu-me a falla,
« Volvido nos han. »

Vem Branca Gil, alcoviteira, e diz:

BRANCA.

Mantenha Deos vossa mercê.

VEL. Bofé, vós venhais embora.
Ah sancta Maria senhora,
Como logo Deos provê!

BRA. Si aosadas.
Eu venho por mesturadas,
E muito depressa ainda.

VEL. Mesturadas mesandadas,
Que as fara bem guisadas
Vossa vinda.
O caso he: Sôbre meus dias,
Em tempo contra rezão,
Veio Amor sôbre tenção,
E fez de mi outro Mancias,
Tão penado,
Que de muito namorado
Creio que me culpareis
Porque tomei tal cuidado;
E do velho destampado
Zombareis.

BRANCA.

Mas antes, senhor, agora
Na velhice anda o amor;
O de idade d'amador
De ventura se namora;
E na côrte
Nenhum mancebo de sorte
Não ama como sohia.
Tudo vai em zombaria;
Nunca morrem desta morte
Nenhum dia.
E folgo ora de ver
Vossa mercê namorado;
Que o homem bem criado
Até morte o ha de ser
Por direito;
Não per modo contrafeito,
Mas firme, sem ir atraz,
Que a todo o homem perfeito
Mandou Deos no seu preceito:
Amarás.

VELHO.

Isso he o demo que eu brado,
Branca Gil, e não me val,
Que não daria hum real
Por homem desnamorado.
Porém, amiga,
Se nesta minha fadiga
Vós não sois medianeira,
Não sei que maneira siga,
Nem que faça nem que diga,
Nem que queira.

BRANCA.

Ando agora tão ditosa,
Louvores á Virgem Maria,
Que acabo mais do que qu'ria,
Pola minha vida e vossa.
D'antemão
Faço hũa esconjuração
C'hum dente de negra morta
Até que entre pola porta,
Que exhorta
Qualquer duro coração.
Dizede-me, quem he ella?

VEL. Vive junto co'a Sé.
BRA. Ja, ja, ja; bem sei quem he.
He bonita como estrella,
Hũa rosinha d'Abril,
Hũa frescura de Maio,
Tão manhosa, tão subtil!
VEL. Acudi-me, Branca Gil,
Que desmaio.

Esmorece o Velho, e a alcoviteira começa a ladainha seguinte:

BRANCA.

O' precioso Santo Arelhano,
Martyr bem-aventurado,
Tu que foste marteirado
Neste mundo cento e hum anno;
O' San Garcia
Moniz, tu que hoje em dia
Fazes milagres dobrados,
Dá-lhe esfôrço e alegria,
Pois que es da companhia
Dos penados.
O' apostolo San João Fogaça,

Tu que sabes a verdade,
Pola tua piedade
Que tanto mal não se faça.
O' Senhor
Tristão da Cunha Confessor,
O' martyr Simão de Sousa,
Polo vosso santo amor
Livrae o velho peccador
De tal cousa.
O' Santo Martim Affonso
De Mello, tão namorado,
Dá remedio a este coitado,
E eu te direi hum responso
Com devação.
Eu prometto hũa oração,
Cada dia quatro mezes,
Porque lhe deis coração,
Meu Senhor San-Dom João
De Menezes.
O' martyr Santo Amador
Gonçalo da Silva, vós,
Vós que sois hum so dos sos
Porfioso em amador
Apressurado,
Chamae o martirizado
Dom João d'Eça a conselho,
Dous casados n'hum cuidado,
Soccorrei a este coitado
Deste velho.
Archanjo San Commendador
Mor d'Avis, mui inflammado,
Que antes que fosseis nado
Fostes sancto no amor.
E não fique
O precioso Dom Anrique
Outro Mor de Santiago;
Soccorrei-lhe muito a pique;
Antes que o demo repique
Com tal pago.
Glorioso San Dom Martinho,
Apostolo e Evangelista,
Tomae este feito á revista,
Porque leva mao caminho,
E dae-lhe esprito.
O' sancto Barão d'Alvito,
Seraphim do Deos Cupido,
Consolae o velho afflito;

Porque inda que contrito,
Vai perdido.
Todos sanctos marteirados,
Soccorrei ao marteirado,
Que morre de namorado,
Pois morreis de namorados.
Polo livrar
As Virgens quero chamar,
Que lhe queirão soccorrer,
Ajudar e consolar,
Que está ja pera acabar
De morrer.
O' sancta Dona Maria
Anriques, tão preciosa,
Queirais-lhe ser piedosa
Por vossa sancta alegria.
E vossa vista,
Que todo o mundo conquista,
Esforce seu coração,
Porque á sua dor resista,
Por vossa graça e bemquista
Condição.
O' sancta Dona Joana
De Mendonça, tão formosa,
Preciosa e mui lustrosa,
Mui querida e mui oufana,
Dae-lhe vida,
Como outra sancta escolhida,
Que tenho em *voluntas mea,*
Seja de vós soccorrida,
Como de Deos foi ouvida
A Cananea.
O' sancta Dona Joana
Manoel, pois que podeis,
E sabeis e mereceis
Ser angelica e humana,
Soccorrê.
E vós, Senhora, por mercê,
O' sancta Dona Maria
De Calataúd, porque
Vossa perfeição lhe dê
Alegria.
Sancta Dona Catherina
De Figueiredo a Real,
Por vossa graça especial,
Que os mais altos inclina;
E ajudará

Sancta Dona Beatriz de Sa:
Dae-lhe, Senhoras, confôrto,
Porque está seu corpo ja
Quasi morto.
  Sancta Dona Beatriz
Da Silva, que sois aquella
Mais estrella que donzella,
Como todo o mundo diz;
E vós sentida
Sancta Dona Margarida
De Sousa, lhe soccorrê,
Se lhe puderdes dar vida,
Porque está ja de partida,
Sem porque.
  Sancta Dona Violante
De Lima, de grande estima,
Mui subida, muito acima
D'estimar nenhum galante;
Peço-vos eu,
E a Dona Isabel d'Abreu,
Que hajais delle piedade,
C'o siso que Deos vos deu,
Que não moura de sandeu
Em tal idade.
  O' sancta Dona Maria
D'Ataide, fresca rosa,
Nascida, em hora ditosa,
Quando Jupiter se ria;
E se ajudar
Sancta Dona Anna, sem par,
D'Eça, bem-aventurada,
Podei-lo resuscitar,
Que sua vida vejo estar
Desesperada.
  Sanctas virgens conservadas
Em mui sancto e limpo estado,
Soccorrei ao namorado,
Que vós sejais namoradas.
VEL. Oh coitado!
Ai triste desatinado,
Ainda tórno a viver;
Cuidei que ja era livrado.
BRA. Qu'esfôrço de namorado
E que prazer!
  Havede ma ora aquella.
VEL. Que remedio me dais vós?
BRA. Vivireis, prazendo a Deos,

E casar-vos-hej com ella.
VEL. He vento isso.
BRA. Assi veja o paraiso,
Que não he ora tanto extremo.
Não curedes vós de riso,
Que se faz tão improviso
Como o demo:
E tambem d'outra maneira,
Se m'eu quizer trabalhar.
VEL. Ide-lhe, rogo-vo-lo, fallar,
E fazei com que me queira,
Que pereço;
E dizei-lhe que lhe peço
Se lembre que tal fiquei
Estimado em pouco preço:
E se tanto mal mereço
Não no sei.
E se tenho esta vontade,
Que não se deve enojar,
Mas antes muito folgar
Matar os de qualquer idade.
E se reclama
Que sendo tão linda dama
Por ser velho m'aborrece,
Dizei-lhe que mal desama,
Porque minh'alma, que a ama,
Não envelhece.

BRANCA.

Sus, nome de Jesu Christo,
Olhae-me pola cestinha.
VEL. Tornae logo muito asinha,
Que eu pagarei bem isto.

Vai-se a alcoviteira e fica o Velho tangendo, e cantando a cantiga seguinte:

« Pues tengo razon, señora,
« Razon es que me la oiga. »

Vem a alcoviteira e diz o

VELHO.

Venhais embora, minha amiga.
BRA. J'ella fica de bom geito;
Mas pera isto andar direito,
He razão que vo-lo diga.
Eu ja, senhor meu, não posso
Vencer hũa moça tal
Sem gastardes bem do vosso.

VEL. Eu lhe peitarei em grosso.
BRA. Hi está o feito nosso,
E não em al.
Perca-se toda a fazenda
Por salvardes vossa vida.
VEL. Seja ella disso servida,
Qu'escusada he mais contenda.
BRA. Deos vos ajude
E vos dê muita saude,
Que isso haveis de fazer:
Que viola nem alaüde
Nem quantos amores pude
Não quer ver.
Remoçou-m'ella hum brial
De seda e huns toucados.
VEL. Eisaqui trinta cruzados;
Que lh'o fação mui real.

Emquanto a alcoviteira vai, o Velho torna a proseguir seu cantar e tanger, e acabado, torna ella e diz:

BRANCA.

Está tão saudosa de vós,
Que se perde a coitadinha:
Ha mister hũa vasquinha
E tres onças de retroz.
VEL. Tomae.
BRA. A benção de vosso pae.
(Bô namorado he o tal)
Pois que gastais, descançae:
Namorados de ai ai
Não são papa nem são sal.
Hui! tal fôra se me fôra.
Sabeis vós que m'esquecia?
Hũa adela me vendia
Hum firmal d'hũa senhora
C'hum rubi,
Pera o collo, de marfi,
Lavrado de mil lavores,
Por cem cruzados.
VEL. Ei-los hi.
BRA. Isto ma ora, isto si,
São amores.

Vai-se, e o Velho torna a proseguir sua musica, e acabado torna a alcoviteira e diz:

BRANCA.

Dei ma ora hũa topada;
Trago as sapatas rompidas,

Destas vindas, destas idas,
E emfim não ganho nada.
VEL. Eisaqui
Dez cruzados pera ti.
BRA. (Começo com boa estrea.)

Vem hum Alcaide com quatro beleguins, e diz:

ALCAIDE.

Dona levantae-vos d'hi.
BRA. E que me quereis vós assi?
ALC. A' cadeia.

VELHO.

Senhores homens de bem,
Escutem vossas senhorias.
ALC. Deixae essas cortezias.
BRA. Não hei medo de ninguem: —
Vistes ora?
ALC. Levantae-vos d'hi, senhora;
Dae ó demo esse rezar:
Quem vos fez tão rezadora?
BRA. Leixae-m'ora na ma ora
Aqui acabar.

ALCAIDE.

Vinde da parte d'ElRei.
BRA. Muita vida seja a sua.
Não me leveis pola rua;
Leixae-me vós qu'eu m'irei.
VEL. Sus, andar.
BRA. Onde me quereis levar?
Ou quem me manda prender?
Nunca havedes d'acabar
De me prender e soltar?
Não ha poder.

ALCAIDE.

Não se póde hi al fazer.
BRA. Está ja a carocha aviada.
Tres vezes fui ja açoutada,
E emfim hei de viver.

Levão-na presa e fica o Velho dizendo.

VEL. Oh forte hora!
Ah sancta Maria Senhora!
Ja não posso livrar bem;
Cada passo se empeora.
Oh! triste quem se namora
De ningnem!

Vem hũa Mocinha á horta e diz:

MOÇA.

Vêdes aqui o dinheiro:
Manda-me ca minha tia,
Que assi como n'outro dia,
Lhe mandeis a couve e o cheiro. —
Está pasmado!

VEL. Mas estou desatinado.
MOÇ. Estais doente, ou que haveis?
VEL. Ai! não sei, desconsolado,
Que nasci desventurado.
MOÇ. Não choreis;
Mais mal fadada vai aquella.
VEL. Quem?
MOÇ. Branca Gil.
VEL. Como?
MOÇ. Com cent'açoutes no lombo,
E hũa corocha por capella.
E ter mão;
Leva tão bom coração,
Como se fosse em folia.
Oh que grandes que lh'os dão!
VEL. E o triste do pregão
Porque dizia?

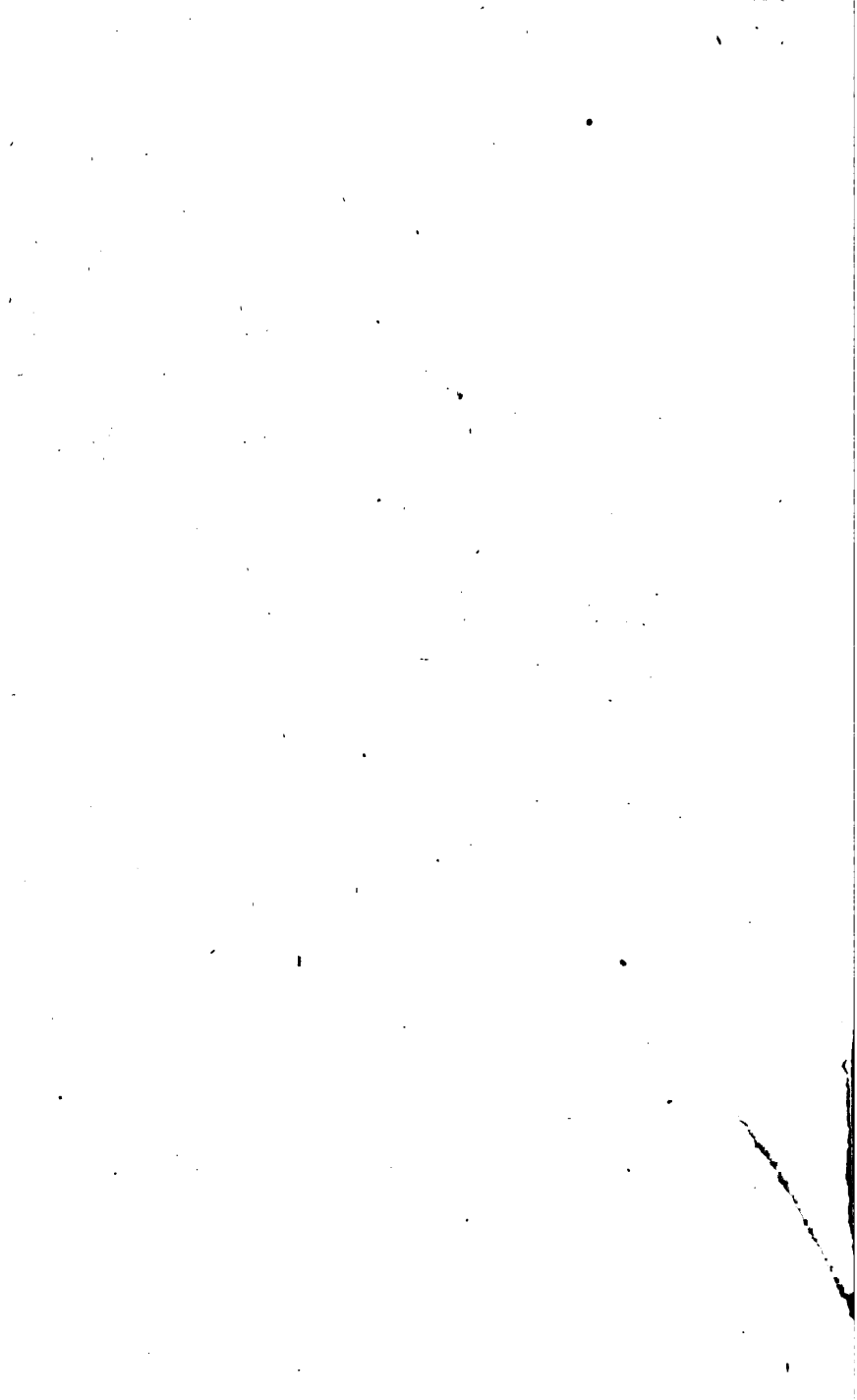
MOÇA.

Por mui grande alcoviteira,
E pera sempre degradada.
Vai tão desavergonhada,
Como ia a feiticeira.
E quando estava
Hũa moça que casava
Na rua pera ir casar,
E a coitada que chegava,
A folia começava
De cantar:
Hũa moça tão fermosa,
Que vivia alli á Sé...
VEL. Oh coitado! a minha he.
MOÇ. Agora ma ora he vossa,
Vossa he a treva.
Mas ella o noivo a leva:
Vai tão leda e tão contente,
Huns cabellos como Eva.
Osadas que não se lhe atreve
Toda a gente.

O noivo, moço tão polido,
Não tirava os olhos della,
E ella delle. Oh que estrella!
He elle hum par bem 'scolhido.
Oh roubado,
Da vaidade enganado,
Da vida e da fazenda!
Oh velho, siso enleado,
Quem te metteo, desastrado,
Em tal contenda?
Se os jovenes amores,
Os mais tem fins desastradas,
Que farão as cans lançadas
No conto dos amadores!
Que sentias,
Triste velho, em fim dos dias,
Se a ti mesmo contempláras,
Souberas que não sabías,
E víras como não vias,
E acertáras.

VELHO.

Quero-m'ir buscar a morte,
Pois que tanto mal' busquei.
Quatro filhas que criei,
Eu as puz em pobre sorte.
Vou morrer,
Ellas hão de padecer,
Porque não lhes deixo nada
De quanta riqueza e haver
Fui sem rezão dispender
Mal gastada.

Farça dos Almocreves.

FIGURAS.

FIDALGO.
PAGEM.
CAPELLÃO.
OURIVES.
PERO VAZ } Almocreves.
VASCO AFFONSO } Almocreves.
OUTRO FIDALGO.

Esta seguinte farça foi feita e representada ao muito poderoso e excellente Rei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Coimbra na era do Senhor de 1526.

FARÇA DOS ALMOCREVES.

O fundamento desta farça he, que hum fidaldo de muito pouca renda usava muito estado, e tinha capellão seu e ourives seu, e outros officiaes, aos quaes nunca pagava: e vendo-se o seu Capellão esfarrapado e sem nada de seu, entra dizendo:

CAPELLÃO.

Pois que não posso rezar,
Por me ver tão esquipado,
Por aqui por este arnado
Quero hum pouco passear
Por espaçar meu cuidado.
E grosarei o romance
De *Yo me estaba en Coimbra,*
Pois Coimbra assim nos cimbra,
Que não ha quem preto alcance.

Grosa.

Yo me estaba en Coimbra,
Cidade bem assentada:
Pelos campos de Mondego
Não vi palha nem cevada.
Quando aquillo vi mesquinho,
Entendi que era cilada
Contra os cavallos da côrte
E minha mula pellada.
Logo tive a mao sinal
Tanta milhan apanhada,
E a peso de dinheiro
O mula desemparada.
Vi vir ao longo do rio
Hũa batalha ordenada,
Não de gente, mas de mus,
Com muita raiva pisada.
A carne está em Bretanha,
E as couves em Biscaia.
Sam capellão d'hum fidalgo
Que não tem renda nem nada;
Quer ter muitos apparatos,

E a casa anda esfaimada;
Toma ratinhos por pagens,
Anda ja a cousa damnada.
Quero-lhe pedir licença,
Pague-me minha soldada

Chega o Capellão a casa do Fidalgo e fallando com elle, diz:

CAPELLÃO.

Senhor, ja sera rezão...
FID. Avante, padre, fallae.
CAP. Digo que em tres annos vai
Que sam vosso capellão.
FID. He grande verdade: avante.
CAP. Eu fôra ja do Iffante,
E pudera ser que d'ElRei.
FID. A' bofé, padre, não sei.
CAP. Si, senhor, qu'eu sou d'estante,
Aindaque ca m'empreguei.
Ora pois veja, senhor,
Que he o que m'ha de dar,
Porque alem do altar
Servia de comprador.
FID. Não vo-lo hei de negar:
Fazei-me hũa petição
De tudo quanto requereis.
CAP. Senhor, não me prolongueis,
Qu'isso não traz concrusão,
Nem vejo que a quereis.
Porque me fiz polo vosso
Clericus et negociatores.
FID. Assi vos dei eu favores,
E disso pouco qu'eu posso
Vos fiz mais que outros senhores:
Ora hum clerigo que mais quer
De renda nem d'outro bem,
Que dar-lhe homem de comer,
Que he cada dia hum vintem,
E mais muito a seu prazer?
Ora a honra que se monta —
He capellão de fuão!
CAP. E do vestir não fazeis conta?
E esse comer com paixão,
E dormir com tanta affronta,
Que a coroa jaz no chão,
Sem cabeçal, e á hũa hora
E missa sempre de caça?

E por vos cair em graça
Servia-vos tambem de fóra,
Té comprar sibas na praça.
E outros cárregosinhos
Deshonestos pera mi.
Isto, senhor, he assi.
E azemel nesses caminhos,
Arre aqui e arre alli,
E ter cárrego dos gatos,
E dos negros da cozinha,
E alimpar-vo-los sapatos,
E outras cousas qu'eu fazia.

FIDALGO.

Assi fiei eu de vós
Toda a minha esmolaria,
E daveis polo amor de Deos,
Sem vos tomar conta hum dia.
CAP. Dos tres annos qu'eu allego,
Da-la-hei logo sem pendenças :
Mandastes dar a hum cego
Hum real por endoenças.
FID. Eu isso não vo-lo nego.

CAPELLÃO.

E logo dahi a hum anno,
Pera ajuda de casar
Hũa orfan, mandastes dar
Meio covado de panno
D'Alcobaça por tosar.
E nos dous annos primeiros
Repartistes tres pescadas
Por todos esses mosteiros,
Na Pederneira compradas
Daquestes mesmos dinheiros.
Ora eu recebi cem reaes
Em tres annos, contae bem,
Tenho aqui meio vintem.
FID. Padre, boa conta dais.
Ponde tudo n'hum item,
E fallae ao meu Doutor,
Que elle me fallará nisso.
CAP. Deixe Vossa Mercê isso
Pera ElRei nosso senhor,
E vós fallae-me de siso.
Que como, senhor, me ficastes
(Isto dentro em Santarem)

De me pagardes mui bem...
FID. Em quantas missas m'achastes?
Das vossas digo eu porém.
CAP. Que culpa vos tem Çamora?
Por vós estão ellas nos ceos.
FID. Mas tomae-as para vós,
E guardae-as muit'embora,
Então pague-vo-las Deos:
Que eu não gasto meus dinheiros
Em missas atabalhoadas.
CAP. E vós fazeis foliadas
E não pagais ó gaitero?
Isso são balcarriadas.
Se vossas mercês não hão
Cordel pera tantos nós,
Vivei vós áquem de vós,
E não compreis gavião,
Pois que não tendes piós.
Trazeis seis moços de pé
E acrecentai-los a capa,
Coma rei, e por mercê,
Não tendo as terras do Papa,
Nem os tratos de Guiné,
Antes vossa renda encurta
Coma panno d'Alcobaça.
FID. Todo o fidalgo de raça,
Emque a renda seja curta,
He por fôrça qu'isso faça.
Padre, mui bem vos entendo:
Foi sempre a vontade minha
Dar-vos a ElRei ou á Rainha.
CAP. Isso me vai parecendo
Bom trigo, se der farinha.
Senhor, se m'isso fizer,
Grande mercê me fará.
FID. Eu vos direi que será:
Dizei agora hum profaceo, a ver
Que voz tendes pera lá.
CAP. Folgarei eu de o dizer;
Mas quem me responderá?
FID. Eu.

CAPELLÃO.

Per omnia secula seculorum.
FID. *Amen.*
CAP. *Dominus vobiscum.*
FID. Avante.
CAP. *Sursum corda,*

Fid. Tendes essa voz tão gorda,
Que pareceis alifante
Depois de farto d'açorda.

CAPELLÃO.

Peor voz tem Simão Vaz,
Thesoureiro e capellão
E peor o Adaião,
Que canta como alcatraz,
E outros que por hi estão.
Quereis que acabe a cantiga,
E vereis onde vou ter.

Fid. Padre, eu hei de ter fadiga,
Mas d'ElRei haveis de ser:
Escusada he mais briga.

CAPELLÃO.

Sabeis em que está a contenda?
Direis: He meu capellão:
E ElRei sabe a vossa renda,
E rir-se-ha se vem á mão,
E remetter-m'ha á Fazenda.

Fid. Se vós foreis entoado.

Cap. Que bem posso eu cantar
Onde dão sempre pescado,
E de dous annos salgado,
O peor que ha no mar?

Vem hum Pagem do Fidalgo, e diz:

PAGEM.

Senhor, o orives s'he alli.

Fid. Entre. Quererá dinheiro.
Venhais embora cavalleiro:
Cobri a cabeça, cobri.
Tendes grande amigo em mi,
E mais vosso pregoeiro.
Gabei-vos hontem a ElRei
Quanto se póde gabar,
E sei que vos ha de occupar,
E eu vos ajudarei
Cada vez que m'hi achar.
Porque ás vezes estas ajudas
São melhores que cristeis,
Porque so a fama que haveis,
E outras cousas meudas
O que valem ja sabeis.

OUR. Senhor, eu o servirei
E não quero outro senhor.
FID. Sabeis que tendes melhor?
(Eu o dixe logo a ElRei,
E faz em vosso louvor:)
Não vos dá mais que vos paguem,
Que vos deixem de pagar.
Nunca vi tal esperar,
Nunca vi tal avantagem
Nem tal modo de agradar.
OUR. Nossa conta he tão pequena,
E ha tanto que he devida,
Que morre de promettida,
E peço-a ja com tanta pena,
Que depenno a minha vida.

FIDALGO.

Ora olhae esse fallar
Como vai bem martelado!
Folgo não vos ter pagado,
Por vos ouvir martelar
Marteladas de avisado.
OUR. Senhor, bejo-vo-las mãos,
Mas o meu queria eu na mão.
FID. Tambem isso he cortezão:
Senhor, bejo-vo-las mãos,
O meu queria eu na mão.
Que bastiães tão louçãos!
Quanto pesava o saleiro?
OUR. Dous marcos bem, ouro e fio.
FID. Essa he a prata: e o feitio?
OUR. Assaz de pouco dinheiro.
FID. Que val com feitio e prata?
OUR. Justos nove mil reaes.
E não posso esperar mais,
Que o vosso esperar me mata.
FID. Rijamente m'apertais.
E fazeis-me mentiroso,
Qu'eu gabei-vos d'outro geito;
E s'eu tornar ao defeito,
Não sera proveito vosso.
OUR. Assi que o meu saleiro peito?
FID. Elle he dos mais maos saleiros,
Que em minha vida comprei.
OUR. Ainda o eu tomarei
A cabo de tres janeiros
Que ha que vo-lo eu fiei.

FIDALGO.

J'agora não he rezão;
Eu não quero que vós percais.
OUR. Pois porque me não pagais?
Que eu mesmo comprei carvão
Com que me encarvoiçais.
FID. Moço, vae-me ver o que faz ElRei,
Se parecem Damas lá:
Este dia não se va
Em pagarás, não pagarei.
E vós tornae outro dia ca.
Se não achardes a mi,
Fallae c'o meu Camareiro,
Porque elle tem o dinheiro,
Que cada anno vem aqui
Da renda do meu celeiro;
E delle recebereis
O mais certo pagamento.
OUR. E pagais-me ahi c'o vento,
Ou com as outras mercês?
FID. Tomae-lhe vós lá o tento.

Indo-se o Capellão, vai dizendo:

CAPELLÃO.

Estes hão d'ir ao paraiso?
Não creio eu logo nelle.
Eu lhes mudarei a pelle:
Daqui avante siso, siso,
Juro a Deus que m'abroquele.

Vem o Pagem com recado e diz:

PAGEM.

Senhor, in-Rei s'he no Paço.
FID. Em que casa?
PAG. Isto abasta.
FID. O recado qu'elle dá!
Ratinho es de ma casta.
PAG. Abonda, bem sei eu o qu'eu faço.
FID. Abonda! olhae o villão.
Damas parecem per hi?
PAG. Si, senhor, damas vi,
Andavão pelo balcão.

FIDALGO.

E quem erão?
PAG. Damas mesmas.

FID. Como as chamão ?
PAG. Não as chamava ninguem.
FID. Ratinhos são abantesmas,
E quem por pagens os tem.
Eu hei de fazer por haver
Hum pagem de boa casta.
PAG. Ainda eu hei de crescer :
Castiço sam eu que basta,
Se me Deos deixa viver.
Pois o mais o deprenderei,
Como outros como eu per hi.
FID. Pois faze-o tu assi,
Porque has de ser d'ElRei,
Moço da Camara ainda.
PAG. Boa foi logo ca a vinda.
Assi que até os pastores
Hão de ser d'elRei samica !
Por isso esta terra he rica
De pão, porque os lavradores
Fazem os filhos paçãos.
Cedo não ha de haver villãos :
Todos d'ElRei, todos d'ElRei.
FID. E tu zombas ?
PAG. Não, mas antes sei
Que tambem alguns christãos
Hão de deixar a costura.

Torna o Capellão.

CAPELLÃO.

Vossa Mercê por ventura
Fallou ja a ElRei em mi ?
FID. Ainda geito não vi.
CAP. Não seja tão longa a cura
Como o tempo que servi.
FID. Anda ElRei tão occupado
Co'este Turco, co'este Papa,
Co'esta França, co'esta trapa,
Que não acho vao azado,
Porque tudo anda solapa.
Eu entro sempre ao vestir ;
Porém pera arrecadar
Ha mister grande vagar.
Podeis-me em tanto servir,
Até qu'eu veja logar.
CAP. Senhor, queria concrusão.
FID. Concrusão quereis ? Bem, bem,
Concrusão ha em alguem.

CAP. Concrusão quer concrusão,
E não ha concrusão em nada.
Senhor, eu tenho gastada
Hũa capa e hum mantão;
Pagae-me a minha soldada.

FID. Se vós podesseis achar
A altura de Leste a Oeste,
Pois não tendes voz que preste,
Perequi era o medrar.

CAP. E vós pagais-me c'o ar?
Mao caminho vejo eu este. (vai-se.)

PAGEM.

Deve-o ElRei de tomar,
Que lucta coma damnado.
Elle he do nosso logar;
De moço guardava gado,
Agora veio a bispar.
Mas não sinto capellão
Que lhe chante hum par de quedas,
E chama-se o Labaredas.

FID. E ca chama-se Cotão,
Mais fidalgo que os Azedas.
Satisfação me pedia,
Que he peor de fazer
Que queimar toda Turquia;
Porque do satisfazer
Nasceo a melancholia.

Vem Pero Vaz, almocreve, que traz hum pouco de fato do Fidalgo, e vem tangendo a chocathada e cantando:

PERO VAZ.

« A serra he alta, fria e nevosa,
« Vi venir serrana gentil, graciosa. »
Arre, mulo namorado,
Que custaste no mercado
Sete mil e novecentos
E hum traque pera o siseiro.
Apre, ruço, acrecentado
A moradia de quinhentos,
Paga per Nuno Ribeiro.
Dix, pera a paga e pera ti.
Arre, arre, arre embora,
Que ja as tardes são d'amigo.
Apre, besta do ruim.
Uxtix! o atafal vai por fóra

E a cilha no embigo.
São diabos pera os ratos
Estes vinhos da Candosa.
« A serra he alta fria e nevosa,
« Vi venir serrana, gentil, graciosa. »
Apre ca ieramá.
Que te vas todo torcendo,
Como jogador de bola.
Uxtix, uxte xulo ca,
Que t'eu dou irás gemendo
E resoprando sob a cola.
Ao corpo de mi Tareja,
Descobris-vos vós na cama.
Parece ? Dix, pera vossa ama :
Não criarás tu hi vareja.
« Vi venir serrana, gentil; graciosa,
« Cheguei-me per'ella com gran cortezia. »
Mando-vos eu suspirar
Pola padeira d'Aveiro,
Que haveis de chegar á venda,
E então alli desalbardar,
E albardar o vendeiro,
Se não tiver que vos venda
Vinho a seis, cabra a tres,
Pão de calo, filhós de manteiga,
Moça formosa, lençoes de veludo,
Casa juncada, noite longa,
Chuva com pedra, telhado novo,
A candea morta, gaita á porta.
Apre, zambro, empeçarás.
Olha tu não te ponha eu
Oculos na rabadilha,
E verás per onde vás,
Demo que t'eu dou por seu,
E andarás lá de cilha
« Cheguei-me a ella de gran cortezia,
« Disse-lhe : Senhora, quereis companhia ? »

Vem Vasco Affonso, outro almocreve, e topão-se ambos no caminho, e diz

PERO VAZ.

Hou, Vasco Affonso, onde vas ?
VAS. Uxtix, por esse chão.
PER. Não traes chocalhos nem nada ?
VAS. Furtárão-m'os lá detraz
Hum fideputa ladrão
Na venda da repeidada.

PER. Hi bebemos nós á vinda.
VAS. Cujo he o fato, Pero Vaz?
PER. D'hum fidalgo. Dou ó diabo
O fato e o seu dono co'elle.
VAS. Valente almofreixe traz.
PER. Toma o mu de cabo a rabo.
VAS. Pardeos, cárrega leva elle.

PÉRO VAZ.

Uxtix, agora não pacerão elles,
E lá por essas charnecas
Vem roendo as urzeiras.
VAS. Leix'os tu, Pero Vaz, qu'elles
Achão aqui as hervas seccas,
E não comem giesteiras.
E quanto te dão por bêsta?
PER. Não sei, assi Deos m'ajude.
VAS. Não fizeste logo o preço?
Mal has tu de livrar desta.
PER. Leixei-o em sua virtude,
No qu'elle vir qu'eu mereço.

VASCO AFFONSO.

Em sua virtude o leixaste?
E tra-la elle comsigo,
Ou ha d'ir buscá-la ainda?
Oh que aramá te fretaste!
Queres apostar comigo
Que tu renegues da vinda?
PER. Elle poz desta maneira
A mão na barba e me jurou
De meus dinheiros pagá-los.
VAS. Essa barba era inteira
A mesma em que te jurou,
Ou bigodezinhos ralos?

PERO VAZ.

Ora Deos sabe o que faz,
E o Juiz da Samora:
De fidalgo he manter fé.
VAS. Bem sabes tu, Pero Vaz,
Que fidalgo ha ja agora,
Que não sabe se o he. —
Como vai a ta mulher
E todo teu gasalhado?
PER. O gasalhado hi ficou.
VAS. E a mulher?

PER. Fugio.
VAS. Não póde ser!
Como estarás magoado,
Ieramá!
PER. Bofá não estou. —
Uxtix, sempre has d'andar
Debaixo dos sovereiros? — (para o mulo.)
E a mi que me dá disso?
VAS. Por fôrça t'ha de pezar
Se rirem de ti os vendeiros.
PER. Não tenho de ver co'isso.
Vae, Vasco Affonso, ao teu mu,
Que se quer deitar no chão.
VAS. Peza-te, mas desingulas.
PER. Não peza; bem sabes tu
Que as mulheres não são
Todo o Verão senão pulgas.
Isto he quanto á saudade
Que eu della posso ter;
E quanto ao rir das gentes,
Ella faz sua vontade;
Foi-se per hi a perder,
E eu não perdi os dentes.
Ainda aqui estou inteiro,
Vasco Affonso, como d'antes,
Filho de Affonso Vaz,
E neto de Jan Diz pedreiro,
E de Branca Annes d'Abrantes.
Não me faz nem me dasfaz.
Do que me fica gran dó,
Que teve razão de s'ir,
E em parte não he culpada;
Porque ella dormia so,
E eu sempre ia dormir
C'os meus mus á Meijoada.
Queria-a eu ir poupando
Pera lá pera a velhice,
Como colcha de Medina;
E ella, mósca Fernando,
Quando vio minha pequice,
Foi descobrir outra mina.
VAS. E agora que farás?
PER. Irei dormir á Cornaga,
E ámanhan á Cucanha;
E tu vae, embora vas,
Qu'eu vou servir esta praga,
E veremos que se ganha.

Vai cantando.

« Disse-lhe, senhora, quereis companhia?
« Disse-me, Escudeiro, segui vossa via. »

PAGEM.

Senhor, o almocreve he aquelle,
Que os chocalhos ouço eu:
Este he o fato, senhor.

FID. Ponde todos côbro nelle.
PER. Uxtix, mulo do judeu! —
O fato hu s'ha de pôr?
PAG. Venhais embora, Pero Vaz.
PER. Mantenha Deos vossa mercê.
PAG. Viestes polas Folgosas?
PER. Ahi estive eu hoje faz
Oito dias pé por pé,
Em casa d'hũas tias vossas.

PAGEM.

Ora meu pae que fazia?
PER. Cavando andava bacelo,
Bem cansado e bem suado.
PAG. E minha mãe?
PER. Levava o gado
Lá pera Val de Cobelo,
Mal roupada qu'ella ia.
Uxtix, que mao lambaz! —
E vossa mercê que faz?
PAG. Estou loução como que.
PER. E á bofé creceis assaz.
Saude que vos Deos dê.

PAGEM.

Eu sam pagem de meu senhor,
Se Deos quizer pagem da lança.
PER. E hum fidalgo tanto alcança?
Isso he d'Imperador.
Ora prenda ElRei de França.
PAG. Ainda eu hei de chegar
A cavalleiro fidalgo.
PER. Pardeos, João Crespo Penalvo,
Que isso sería esperar
De mao rafeiro ser galgo.
Mais fermoso está ao villão
Mao burel, que mao frisado,
E romper matos maninhos;
E ao fidalgo de nação

Ter quatro homens de recado,
E leixar lavrar ratinhos.
Qu'em Frandes e Alemanha,
Em toda França e Veneza,
Que vivem por siso e manha,
Por não viver em tristeza,
Não he como nesta terra;
Porque o filho do lavrador
Casa lá com lavradora,
E nunca sabem mais nada;
E o filho do broslador
Casa com a brosladora:
Isto per lei ordenada.
E os fidalgos de casta
Servem os reis e altos senhores,
De tudo sem presumpção,
Tão chãos, que pouco lhes basta.
E os filhos dos lavradores
Pera todos lavrão pão.

PAGEM.

Quero ir dizer de vós.

PER. Ora ide dizer de mi;
Que se grave he Deos dos ceos,
Mais graves deoses ha aqui.

(ao Fidalgo.)

PAG. Senhor, alli vém o fato,
E está á porta o almocreve:
Vêde quem lhe ha de pagar
Isso tal que se lhe deve.

FIDALGO.

Isto he com que m'eu mato.
Quem te manda procurar?
Attenta tu polo meu,
E arrecada-o muito bem,
E não cures de ninguem.

PAG. Elle he d'apar de Viseu,
E homem que me pertem;
Pois a porta lhe abri eu.

Entra dentro o almocreve e diz:

PERO VAZ.

Senhor, trouxe a frascaria
De vossa mercê aqui.
Hi estão os mus albardados.

FID. Essa he a mais nova arabia
D'almocreve que eu vi :
Dou-te vinte mil cruzados.
PER. Mas pague-me vossa mercê
O meu aluguer, nó mais,
Que me quero logo ir.
FID. O aluguer quanto he ?
PER. Mil e seis centos reaes,
E isto por vos servir.

FIDALGO.

Fallae c'o meu azemel,
Porque he doutor das bêstas
E astrologo dos mus,
Que assente em hum papel
Per avaliações honestas
O que se monta : ora sus.
Porque esta he a ordenança
E estilo de minha casa ;
E se o azemel for fóra,
Como cuido que he em França,
Dareis outra volta á massa,
E ir-vos-heis por agora.
Vossa paga he nas mãos.
PER. Ja a eu quizera nos pés,
O' pesar de minha mãe.
FID. E tens tu pae e irmãos ?
PER. Pagae, senhor, não zombeis,
Que sou d'alem do sertão,
E não posso ca tornar.
FID. Se ca vieres á côrte,
Pousarás aqui c'os meus.
PER. Nunca mais hei de fiar
Em fidalgo desta sorte,
Emque o mande San Matheus.

FIDALGO.

Faze por teres amigos,
E mais tal homem com'eu,
Porque dinheiro he hum vento.
PER. Dou eu ja ó demo os amigos
Que me a mi levão o meu.

Vai-se o almocreve, e vem outro Fidalgo, e diz o

FIDALGO 1.°

Oh que grande saber vir,
E que gran saber-me a vontade !
F. 2.° Pois, senhor, que vos parece ?

Desejo de vos servir,
E não quero que venha á cidade
Hum quem não parece esquece.
F. 1.º Paguei soma de dinheiro
A hum ourives agora,
De prata que me lavrou,
E paguei a hum recoveiro,
Que he a dar dinheiros fóra
A quem não sei como os ganhou.

FIDALGO 2.º
Ganhão-nos tão mal ganhados
Que vos roubão as orelhas.
F. 1.º Pola hostia consagrada,
E polo Deos consagrado,
Que os lobos nas ovelhas
Não dão tão crua pancada.
Polos sanctos avangelhos,
E polo *omnium sanctorum*,
Que até o meu capellão,
Por mézinhas de coelhos
E hũa *secula seculorum*,
Lhe dou por missa hum tostão.
Não ha ja homem em Portugal
Tão sujeito em pagar,
Nem tão forro pera mulheres.
F. 2.º Guardae vós esse bem tal,
Que a mi hão-me de matar
Bem me queres mal me queres.
F. 1.º Por quantas damas Deos tem
Não daria nem migalha,
Olhae que descubro isto.
F. 2.º Sam tão fino em querer bem,
Que de fino tomo a palha,
Pola fé de Jesu Christo.
Quem quereis que veja olhinhos,
Que se não perca por elles,
Lá per huns geitinhos lindos,
Que vos mettem em caminhos,
E não ha caminhos nelles,
Senão espinhos infindos ?
F. 1.º Eu ja não hei de penar
Por amores de ninguem ;
Mas dama de bom morgado,
Aqui vai o remirar,
Aqui vai o querer bem,
E tudo bem empregado.

Que porque dance mui bem,
Nem bailar com muita graça,
Seja discreta, avisada,
Fermosa quanto Deos tem —
Senhor, boa prol lhe faça,
Se seu pae não tiver nada.
Não sejais vós tão Mancias,
Que isso passa ja d'amor,
E cousas desesperadas.

F. 2.º Porém lá por vossas vias
Vou-vos esperar, senhor,
A rendeiro das jugadas.
Porque galante caseiro
He pera pôr em historia.

F. 1.º Mas zombae, senhor, zombae.

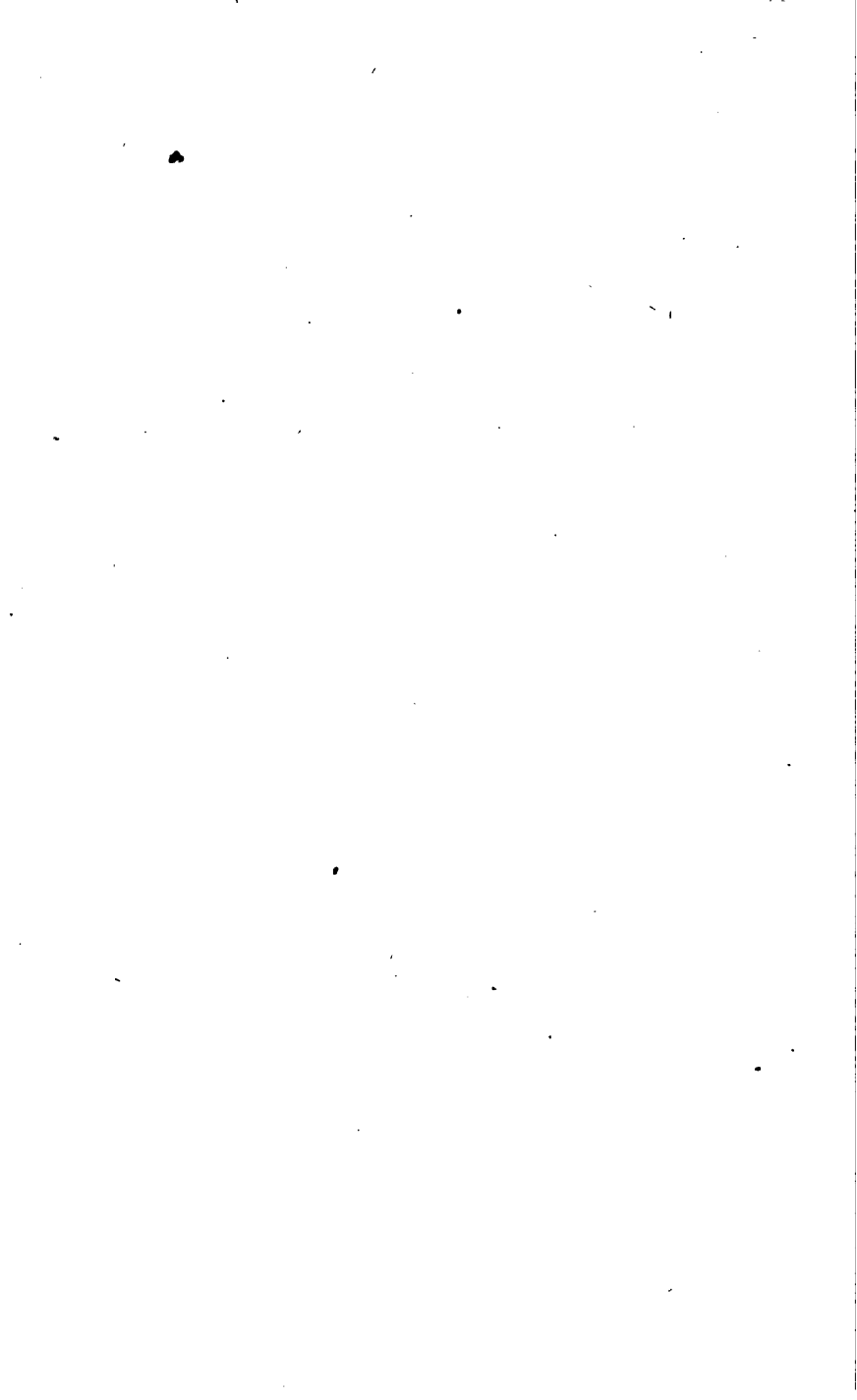
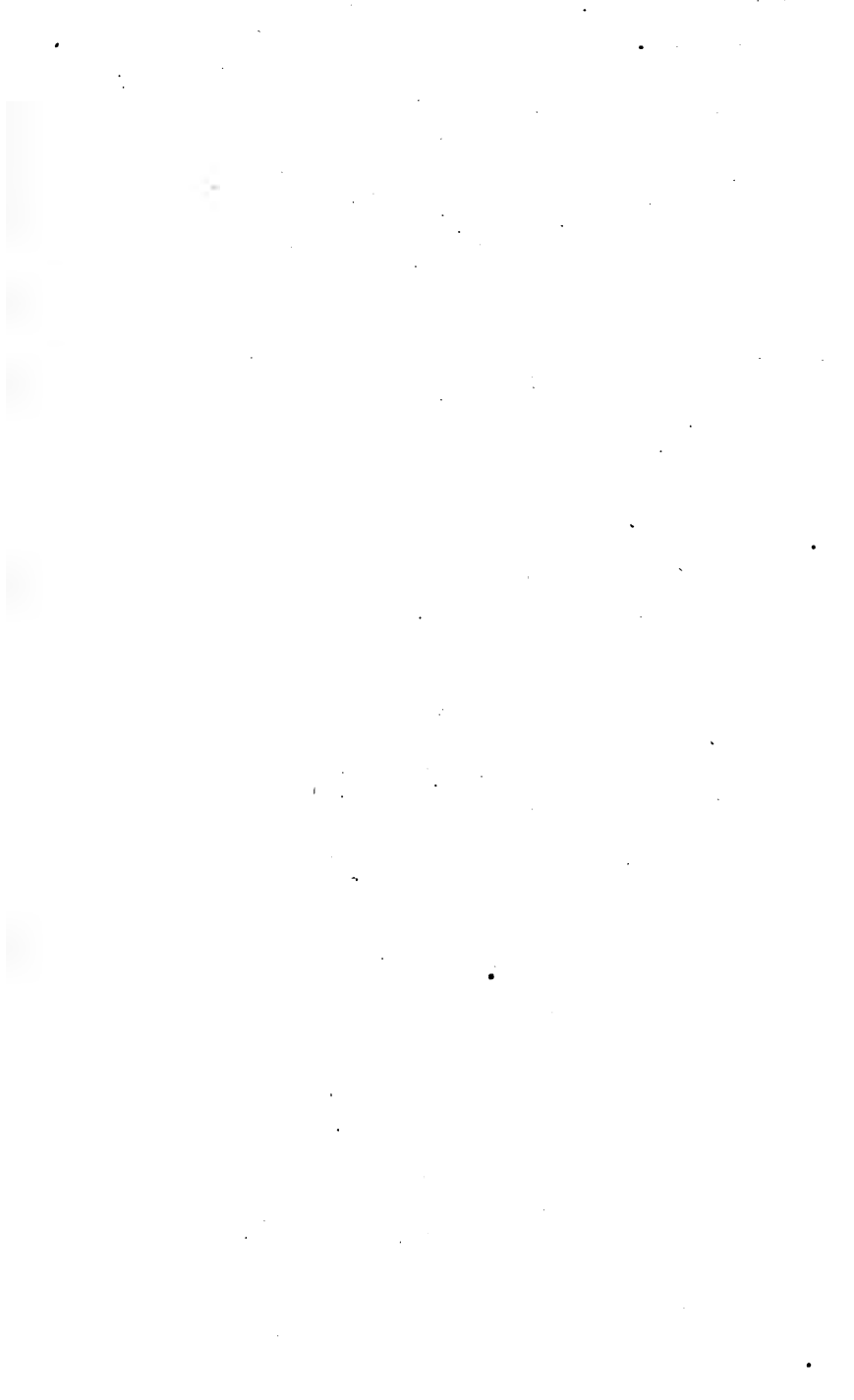
F. 2.º Senhor, o homem inteiro
Não lh'ha de vir á memoria
Co'a dama o de seu pae;
Nem ha mais de desejar
Nem querer outra alegria,
Que so *Los tus cabellos niña.*
Não ha hi mais que esperar
Onde he esta cantiguinha.
E, *Todo o mal he de quem no tem.*
E, *Se o disserem digão — Alma minha,*
Quem vos anojou, meu bem:
Hei os todos de grosar,
Ainda que sejão velhos.

F. 1.º Vós, senhor, vindes tão bravo,
Que eu hei-vos medo ja.
Polos sanctos evangelhos
Que levais tudo ao cabo,
Lá onde cabo não ha.

F. 2.º Zombais e dais a entender
Zombando, que m'entendeis.
Pois de vós mui alto estou,
Porque deveis de saber
Que se d'amor não sabeis,
Não podeis ir onde eu vou.
Quando fordes namorado,
Vireis a ser mais profundo,
Mais discreto e mais subtil,
Porque o mundo namorado
He lá, senhor, outro mundo,
Que está alem do Brasil.
Oh meu mundo verdadeiro!
Oh minha justa batalha!

Mundo do meu doce engano!
F. 1.º Oh palha do meu palheiro,
Que tenho hum mundo de palha,
Palha ainda d'ora a hum anno;
E tenho hum mundo de trigo
Pera vender a essa gente.
Boa cabeça tem Morale.
Não quero d'amor, amigo,
Andar gemente e flente
In hac lacrymarum valle.

FIDALGO 2.º

Vou-me; vós não sois sentido,
Sois mui duro do pescoço;
Não vale isso nem migalha:
Pesa-me de ver perdido
Hum homem fidalgo ensoço,
Pois tem a vida na palha.

O Clerigo da Beira.

FIGURAS.

HUM CLERIGO.
FRANCISCO, seu filho.
GONÇALO. — Villão.
ALMEIDA } Moços do Paço.
DUARTE }
HUM NEGRO.
HUMA VELHA.
CEZILIA PEDREANES.

Segue-se outra farça de folgar, que trata como hum Clerigo da Beira, vespora do Natal, determinou d'ir aos coelhos; e indo pera a caça com hum filho seu rézão as matinas. Trata-se outro si de hum villão, que indo vender á Côrte huma lebre e huns capões, e hum cabaz com fruita, foi roubado, que até o chapeirão lhe furtarão: o qual furto foi descuberto por Cezilia demoninhada, em quem dizião que fallava hum Pedreanes. Foi representada ao muito poderoso e christianissimo Rei D. João, o terceiro do nome em Portugal, em Almeirim, era do Senhor de 1526.

O CLERIGO DA BEIRA.

Entra o Clerigo com seu filho Francisco, e diz o filho :

FRANCISCO.

Vós haveis de celebrar
Missa de festa em pessoa,
E não fazeis a coroa
Antes que vamos caçar ?
Pois, pae, não haveis d'olhar
Que sois clerigo da Beira,
Porque a gente cabreira
Em tudo quer attentar.

CLERIGO.

Ta mãe m'a trosquiará,
Não cures tu de conselhos ;
Cacemos nós dos coelhos,
Que isso á noite se fará.

FRA. Sabeis, pae, qu'esqueceo lá
A furoa ?

CLE. Vae por ella.

FRA. De hũa legua hei d'ir trazê-la ?
Melhor viva eu que lá va.

CLERIGO.

Pesar da ida e da vinda,
Vae, torna pola furoa.

FRA. Va lá quem tiver coroa,
Que eu não na tenho ainda.

CLERIGO.

Creio que a vara ha d'andar,
S'isso vai dessa maneira.

FRA. Eu não sou vossa oliveira
Que a haveis de varejar.

CLE. Renego destas respostas :
Vae muito asinha.

FRA. Eu creio
Que cuidais que sou correio
Que vai e vem polas postas.

CLERIGO.

Cre tu se me a mim não fôra
Que ta mãe logo s'assanha,
Ja t'eu dera hũa tamanha,
Que tu foras logo essora.
Requeiro-te que vas embora,
Ante que se assanhe o abbade.

FRA. Ainda eu não tenho vontade,
Lá he ella algures fóra.

CLE. Vae, Francisco.

FRA. Si, irás.
Ide vós : não tendes pés ?

CLE. Filho de clerigo es,
Nunca bô feito farás.

FRANCISCO.

Peores são os de Frei Mendo,
E os do Beneficiado,
Que vão tomar o bocado
Que seu pae está comendo.

CLE. Vae, que ja está no cortiço,
Senão tomá-la e trazê-la.

FRA. Ja ma ora vou por ella,
Mas hei de furtar chouriço.

Vai o moço pela furoa e fica o Clerigo antre si dizendo :

CLERIGO.

Medraria este rapaz
Na côrte mais que ninguem,
Porque lá não fazem bem
Senão a quem menos faz.
Outras manhas tem assaz,
Cada hũa muito boa :
Nunca diz bem de pessoa,
Nem verdade nunca a traz.
Mexerica que por nada
Revolverá San Francisco ;
Que pera a Côrte he hum visco,
Que caça toda a manada.

Vem o filho com a furoa, e diz :

FRA. Ja minha mãe tem tascada
A regueifa do bautismo :
Andae vós ca, pae, ao bismo,
Que ella não lh'escapa nada.

CLERIGO.

Rezemos matinas logo,
Antes que entremos á caça;
Que como homem s'embaraça
Nella, não he senão fogo.

FRA. Matinas de ca da Beira,
Ou como quereis rezar?

CLE. Si, pera que he mudar
Cada dia hũa maneira?
Porque os capellães d'ElRei,
Que ca na Beira tem renda,
Se rézão lá d'outra lei,
Tem outra lei de fazenda.
Mas Deos dê muita prebenda
A Antone Alvares, que he rezão
Que elle e outros que lá estão,
Nos leixárão esta lenda.

FRANCISCO.

Nome de Deos começar.

CLE. *Pater noster.*

FRA. Que siso!
Na caça pera que he isso,
Senão *Domine labia?* Andar.

CLE. *Domine labia mea*
Tu priol a pé irás.

FRA. Se cansares, assentar-te-has,
Pois que não tens facanea.

CLE. *Venite, exultemus,*
Que cães e furão que temos
Pera tempo de mister!

FRA. *Domine Dominus noster*
Nos dê com que os manter,
E coelhos que levemos.

CLE. *Cœli enarrant gloriam Dei,*
Não cuide Papa nem Rei
Que está no cume da serra.

FRA. *Domini est terra,*
Que he senhor de toda grei.

CLE. Ora *te Deum laudamus,*
Pois que tal manhan levamos
Pera provarmos a perra.

FRA. *Jubilate Deo, omnis terra:*
Diz que rezemos e vamos.

CLE. Assi manda *Deus, Deus meus,*
E nos dá dia par'elles.

FRA. *Lauda Dominum de cœlis,*

Pois os coelhos são seus.
CLE. *Cantate :* diz que cantemos
Cantar novo e não usado.
FRA. Cante o Beneficiado,
Que nós pouco pão colhemos.
CLE. *Laudate Deum, omnes gentes,*
Laudate Nuno Ribeiro,
Que nunca paga dinheiro,
E sempre arreganha os dentes.
FRA. *Levavi oculos meos,*
Vi que os dinheiros alheios
Muitos os repartem crus.
CLE. *Nisi quia Dominus*
Nos dará os melhores meios.
FRA. *Qui confidunt in Domino*
Tem esperança direita.
CLE. *In convertendo* boa peita
Deste tal não hajas dó.
FRA. *Beati omnes* que tem,
Que estes podem dizer bem
Lœtatus sum in iis.
CLE. *Laudate, Hierusalem,*
A todo o homem que tem
Vintens, tostões e ceitis.
FRA. *Sœpe expurgaverunt me :*
Diz a lyra na sua grosa,
Que he cousa perigosa
Andares á caça a pé,
GLE. Se beato immaculato
M'emprestasse o seu mulato,
Mas não sei se quererá.
FRA. *Jam lucis orto* si dará
Em que leves ti e o fato.
CLE. *Dixit Dominus* que tinha
Hũa muito boa asninha,
Non sede a dextris meis.
FRA. *Donec ponam* tem seis
E mais hũa mulatinha ;
Vêde se as havereis.
CLE. *Beatus vir* que tem sendeiro,
Que lhe aparou *Deus deorum.*
FRA. *Habet consilium impiorum*
Não o emprestar sem dinheiro.
CLE. *Deus in nomine tuo* de graça
Salva-me na tua faca.
FRA. Com dous arrateis de vacca
Escusarieis a caça.

CLE. Ir á caça cada dia
Aleluia, aleluia.
FRA. Vamo-nos a bom bispo,
Pedrada no teu toutiço.
CLE. *Oremus.*
FRA. Bem faremos.
CLE. Venhão-me os cães,
As redes e o furão,
Mas o coelheiro não.
Que vives e reinas
Na villa do Pedregão.
FRA. Abem
CLE. *Requescant in pacem.*
FRA. Maos pagadores te paguem.
CLE. *Inducas in tentationem.*
FRA. Responda-te Luiz Homem.
CLE. *Exaudi orationes nostras.*
FRA. Azambujo nessas costas.
CLE. *Pater noster.*
Torna a casa muito prestes
E leva esse breviairo.
FRA. Em dia de algum fadairo
Foi quando vós, pae, nacestes;
Porém se eu lá volver
Benzei-vos se ca vier.
CLE. Virás, Francisco; ora vae,
Que filho es de bom pae,
E ta mãe boa mulher.
Dize-lhe que s'eu tardar,
Que tanja a vespora e repique
Muito bem, porque não fique
A festa sem repicar.
E ha mister que correja
Muito bem essa igreja,
E as galhetas bem sabe ella
Que hão ja mister barrella;
E olhe tudo e proveja.
Anda Tejo á Fragueira.
E dirás a ta mãe mais,
Que me guarde os corporaes,
Que ficão na cantareira.
E o calez achará
No almáreo de ca
Atado c'os seus toucados,
E os amitos pendurados
Onde a minha espada está.
E a vestimenta achará

Dobrada sôbre a albarda.
Que ponha tudo em guarda,
Como ella sabe ja.
E qne alimpe bem a pia,
Não asse sempre castanhas;
E tire as teas d'aranhas
A' mártel Sancta Luzia.
  E solte a cabra tambem,
Que está presa pela estola,
E logo não seja tola,
Que correja tudo bem.
Porque se Deos ca aportar
Marcos Esteves da côrte,
E achar tudo dessa sorte,
Vê-lo-heis vós espirar — ai, ai.
  A' ribeira, que esse he elle,
Polos sanctos evangelhos;
Ja lhe elle pruem os artelhos,
E se lhe escarrapiça a pelle.
Cão. Ham, ham.
CLE. Guard'o cabrão.
Cão. Ham, ham.
CLE. Ora, cadella.
Cad. Hao, hao.
CLE. Ei-lo vai pola portella,
Sem cadella e sem cão!
  Oh renego da vida,
Perdoe-me Deos consagrado.
Algum grande excommungado
Me olhou á minha partida.

Vem hum filho d'hum lavrador, e traz hum cesto cuberto e hũa lebre e dous capões, e chegando ao Clerigo diz:

GONÇALO.
  Ora Deos vos dê prazer.
CLE. Que he isso que levas hi?
GON. Huns marmelos levo aqui,
Samicas pera vender,
E esta lebre pera haver
Dinheiro dos cortezões:
E levo este par de capões,
E limões pera os comer,
  Qu'elles dinheiro terão.
CLE. Pois que vas vender á côrte,
Olha bem pelo virote,
Não te fies de rascão.

GON. E rascões que aves são?
Samicas são alguns bichos.
CLE. Mas são lobos pera michos,
E raposos de nação.

GONÇALO.
Bem hei de saber vender.
CLE. E elles melhor comprar.
Se te puderem furtar
As orelhas, has de ver.
GON. Não me quero mais deter;
Vou-me e Deos va comigo.
CLE. Olha bem por ti, amigo.
GON. Bem sei o que hei de fazer.

Entrão dous moços do Paço muito louçãos, hum chamado Duarte, outro Almeida, o qual começa dizendo ao Duarte:

ALMEIDA.
A tormenta da ma vida
Que eu levo neste Paço,
Sabes que conta lhe faço?
Que vou n'hũa nao perdida,
Rota pelo espinhaço.
DUA. Bom dizer he esse, porém
Dae a Deos tal apontar.
ALM. Isso não será zombar?
Ja me disse não sei quem
Bem do vosso motejar.

DUARTE.
Abasta: folguei de ver
Sair-vos Tullio do seio:
Muitos criará o centeio,
Mas poucos de tal saber.
ALM. Logo vos forão dizer
Qu'era eu ratinho, senhor.
DUA. Não sei, vós tomastes côr,
Eu não sei o que isso quer ser.
E vejo-vos, mano, morto,
E tendes ar de mirrado.
ALM. Vós estais mais aguçado
Que canivete do Porto.
Viva o Conde do Redondo,
Que lhe furtais quanto tendes;
Mas da sua graça mendes
Vos acho eu todo mondo.

DUARTE.

Logo fallais per mondar,
Como homem daquella terra:
Já vós verieis na serra
Algum gadozinho andar,
Não digo eu pera o guardar,
Senão ve-lo-heis pacer,
E pera vosso prazer
Sabereis assobiar.

ALMEIDA.

Per muitas fórmas zombais,
Fôrmas bem as conheceis;
Olhae não vos demudeis
Primeiro que m'entendais.
DUA. Assi como bafejais,
Inda me cheirais a nabos.
ALM. Bem parece que a dous cabos
Cozeis tudo o que fallais.

DUARTE.

Eu vejo vir hum villão,
Hei-o certo de abraçar,
Porque se póde acertar
Que será algum vosso irmão. —
Guarda-porcos, dá ca a mão.
GON. Nunca os guardei per mi,
Mas ja eu a vosso pae vi
Morder hum bom cordavão.

ALMEIDA.

Parece-me que per sua arte
Vos sacode elle a badana.
Dos michos desta somana
Te dou, villão, minha parte. —
Olhae ca, Senhor Duarte.
DUA. Almeida, que me quereis?
Tantas cousas pareceis,
Que não sei de qual me farte.
Porque he certo que eu vos vi
Levar ja a merenda á vinha,
E ca pregais a boquinha
Como Dom Priol daqui.
E propriamente assi
Sabeis tudo, ah narizinhos!
E onde fordes vizinhos
Grande frio fará alli.

GONÇALO.

Bofá vejo eu Portuguezes
Da côrte muito alterados,
Mais propinquos dos arados
Que parentes dos Menezes.

DUA. Oh fideputa avisado!
E o villão he castiço:
O rapaz rapa chouriço,
Rapaz mouro emgrageijado.

GONÇALO.

Vós sombreiro acutilado,
Cuidareis que sois alguem?
Pois vos eu conheço bem,
Fallae vós mais conchavado.

DUA. Rapaz, es tão namorado!
Ora falla sem sabor,
Rapaz, que mudas a côr.

GON. Ora estais bem aviado.

ALMEIDA.

Vendes a lebre, villão?

GON. Si, fidalgo.

ALM. Mostra ca:
Quanto a dás? que custará?

GON. Samicas meio tostão.

ALM. E no cesto, que tens lá?

GON. Trago aqui estes capões,
E bons marmelos valentes,
Se delles fordes contentes;
E er tambem trago limões
Pera aguçardes os dentes.

Enquanto Gonçalo se abaixa a descobrir o cesto pera mostrar tudo o que traz, foge Almeida e leva a lebre, e Gonçalo achando-a menos, diz:

GONÇÁLO.

E a lebre que foi della?

DUA. Que sei eu?

GON. Hu-lo parceiro?

DUA. Não te deu elle o dinheiro?

GON. Pardeos de graça vai ella:
Lá a leva elle o escudeiro.

DUA. Vae, vae correndo asinha,
Que inda agora vai per hi.

GON. Olhae-me vós perequi,
Porque ella não era minha,
E he mal perdê-la assi.

DUARTE.

Oh que gostoso villão,
E que boa festa temos !
Almeida e eu partiremos
Como irmão com irmão.

GON. Hou mulher do amarello,
Viste ca, se vem á mão,
Hum fidalgo terrastão
Com hũa lebre no capello ?
Hou vós do sacco de palha,
Viste-me ca minha lebre ?
Oh ! dou-me a Deos que me leve,
Não hei de achar nem migalha.
Dize, senhor sapateiro,
A minha lebre vai ca ?
Pera que he buscá-la ja !
Dou ó demo o escudeiro.
Leve-a por amor de Deos,
Pola alma de meus finados,
Porque lhe somos obrigados,
Em e todos meus ereos.

Duarte tanto que Gonçalo se partio a buscar a lebre, foi-se e levou o cesto e os capões, e diz Gonçalo quando não acha novas da lebre :

Peor he que me dá ca
Na vontade que os capões
Forão c'os outros rascões
Caminho da ira ma.
Pardeos, tal vos he ella a vós :
Isto he o com que eu renego.
Fizera mais hum Gallego
Na metá de huns matos sos ?
Hũa escandola com'esta
Enche de birra a pessoa ;
Nem tal chufa não he boa
Pera vespera de festa.
Como assi se usa ca ?
Ai eramá que he mal ;
Que quem furta hum furto tal
Outro melhor furtará.
As almas dos cortezões
São coma nao sem govêrno,
Porque cuidão que o inferno
Que se come com limões.
O carmelita nos sermões
Bem lhes mostra o paraiso,

Mas tanto vem elles isso
Como eu vejo os meus capões.

Indo assim Gonçalo tornando pera a sua aldea, torna a achar o Clerigo, o qual lhe diz:

CLERIGO.

Ja tu, Gonçalo, vendeste?
Asinha tu despachaste.
GON. Praza ao martyr Santiaste
Que nunca lh'a lebre preste.
Abaste, eu não fui sesudo.
CLE. Conta, rogo-t'o, Gonçalo.
GON. Mais porei eu em contá-lo,
Que elles em furtar-me tudo.

CLERIGO.

Estava isso mao de ver.
GON. Sois proféteguo, padrinho:
Mas se eu tórno outro caminho,
Não ha ella assi de ser.
Porém quereis-me dizer
Hum responso ou hũa aquesta,
Que m'apare Deos a cesta,
E dar-vos-hei do que tiver?

CLERIGO.

Se queres *miracula* ver,
Torna lá c'hum par de patos.
Que se os capões vão baratos,
Estes assi hão de ser.
Calamitas demones has de trazer;
Porém o dinheiro será de mao mez.
Cedunt mare vincula res
Que *perdunt* quanto vieres vender.
Quero ora ir catar
Cousa que me mate a brasa.
GON. Eu não ouso d'ir a casa;
Meu pae ha me de coçar.
CLE. Spera-me a par do logar,
E eu irei lá comtigo,
E rogar-lh'hei como amigo,
Que não te deixe de dar.
Se topares lá em fundo
Hum negro, põe-te a recado,
Porque he hum perro malvado,
O maior ladrão do mundo.
Não olhes no que fallar,

Qu'he muito falso o cabrão.
Olha per teu chapeirão,
Porque elle ha-te de atentar
Se tens tu ôlho ou não.

Indo Gonçalo seu caminho, apartando-se do Clerigo, topa hum Negro grande ladrão, e entra cantando buscando hum mulato: e diz Gonçalo, depois de cantar o Negro:

GONÇALO.
Dize, negro, es da côrte?
NEG. Qu'esso?
GON. S'es da côrte?
NEG. Ja a mi forro, nam sa cativo.
Boso conhece Maracote?
Corregidor Tibão he.
Elle comprai mi primeiro;
Quando ja paga a rinheiro,
Daita a mi fero na pé.
He masa tredora aquelle,
Aramá que te ero Maracote.
GON. Mais tredor era o rascote
Que m'a mim furtou a lebre.
NEG. Qu'he quesso que te furtai?
GON. Hũa lebre de meu pae,
De meu cunhado huns capões,
E marmelos e limões;
Abonda tudo lá vai.

NEGRO.
Jesu, Jesu, Deoso consabrado!
Aramá tanta ladrão!
Jesu! Jesu! hum caralasão:
Furunando sá sapantado.
Jesu! cralasam.
Pato nosso santo paceto ranho tu e figo valente tu e cinco sego salva tera pão nosso quanto dão dá noves caro he debrite noses ja libro nosso gallo. Amen Jeju, Jeju, Jeju.
Sa pantaro Furunando.
Dize, rogo-te, fallai:
Conhece tu que furtai?
Porque tu nam bruguntando?
GON. Perguntarei por meu pae.
NEG. Cal-te: Deoso cima sai,
Que furtai ere oiai.
Deoso nunca vai dormi,

Sempre abre oio assi
Tamanha tu sapantai.
Guarda mar esso mal,
E senhora Prito santo.
Nunca rirá homem branco
Furunando furta real.
No sabe mi essa carreira:
Para qne? para comê?
Muto comê muto bebê,
Turo turo sa çanseira.
Vira mundo turo canseira:
Senhor grande, canseira;
Home prove, canseira;
Muiere fermoso, canseira;
Muiere feio, canseira;
Negro cativo, canseira;
Senhoro de negro, canseira.
Vai missa, canseira;
Prégação longo, canseira;
Crerigo nam tem muiere, canseira;
Crerigo tem muiere, canseira,
Grande canseira:
Firalgo sôlto, canseira;
Chovere muto, canseira;
Não póde chovere, canseira:
Muito filho, canseira;
Nunca pariro, canseira;
Papa na Roma, canseira;
Essa ratinho, canseira;
Não vamo paraiso, grande canseira:
Vira resa mundo turo turo he
Canseira.
Mi nam falla zombaria.
Pos para que furtai?
Que riabo sempreza!
Abre oio turo ria.
Mi busca mulato bai,
Ficar abora, ratinho.

GON. Eu aguardo meu padrinho,
Que va comigo a meu pae.
Eu vou ao rio perem,
Porque hei sêde e beberei.
E sicais que nadarei
Emquanto o clerigo vem.
Leixarei o chapeirão
Mettido nesta mouteira,
E o cinto e esmoleira,

Porque lá logo o verão,
Não me aqueça outra tal feira.

Espreita o negro como Gonçalo esconde o chapeirão e o al, e tanto que se vai entra dizendo :

NEGRO.

A mi abre oio e ve
Ratinho tira besiro :
Ere dexa aqui condiro :
Não sei onde elle mettê.
Senhora Santo Francico,
Santa Antonia, San Furunando !
Pois mi ha d'andar buscando,
E levare elle na bico
O servo Santa Maria.

Sabe a regina Matho misercoroda nutra d'hum cego savel até que vamos. A oxulo filho d'egoa alto soso peamos ja mentes ja frentes vinagre qu'elle quebrárão em balde ja ergo a quante nossa ha ilhos tue busca cordas oculos nosso convento e geju com muito fruta ventre tu ja tremes ja pias. Seuro santa Maria dinhero me lá darão he ve esa carta da me mucho que furte cantara Furunando.

Acabada assim esta salve regina, acha o Negro o que Gonçalo leixou escondido, e diz :

Ei-lo aqui sa ! Deoso graça.
Graça Deoso esse he capote ;
Nunca dexa aqui palote :
Ratinho, quem te forcasse !
Aramá que te ero villão !
Que palote saba sam,
Barete tambem bo era.
Mi cansai e á deradera
A mior fica sua mão.
Vejamos bolsa que tem :
Hum pente para que bo ?
Tres ceitil sa qui so :
Ratinho nunca bitem.
O riabo ladarão !
Corpo re reos consabrado !
Essa villão murgurado
Sa masa prove que cão.
Quando bolsa mi achase
Fernão d'Alvaro, esse si ;
Nunca pente sa alli.
Ah reos ! quem te furtasse

Bolsa, Nuna Ribeiro!
Home bai busca rinheiro:
A toro ere rise:
Ja rinheiro feito he.
Aramá que tu ero gaiteiro!
Fernão d'Alvaro m'acontenta;
Elle nunca risse nam.
Logo chama ca crivam,
— Crivaninhae esormenta;
Toma rinheiro, vas embora.
Boso, home de bem, que buscae?
— Mi da cureiro agarba sae.
— Boso que buscae corte agora?
— Buscae a Rei jam João,
Paga minha casaramento.
— Dá ca, moso, trae esormento;
Crivaninhae boso, crivão:
Home, tomae hum dos quatro sete:
Vas embora turo turo.
Sua rinheiro sa segura,
Mioro que elle promete.
Marco Estevez moladeiro
Elle rise: Santa Maria!
Rinheiro boso queria?
Bai bai dormir paieiro. —
Boso que pedir, muieiro?
— Tanta filho mi tem qui...
— Quem manda boso pari,
Boso grande parideiro?
— Boso seria muito bô:
Vaca ne Francico paia;
Tenha seis filho e mi so
Nam temo comere ni migaia.
Elle rise:
Que culpo tem a Rei jam João?
Boso parir como porco,
Bai buscai sua pae torto,
Que dai a sua fio pão.
Velha, que boso querê?
— Molla, que a mi pobre sai.
Elle rise:
Porque boso nam guardai
Rinheiro que boso bebê? —
Jesu! Jesu! moladeiro
Sa riabo aquella home;
Quando a mi more da fome
Nunca buscai sua rinheiro.

Porém graça a Reos, a mi
Nunca minga que furtá;
Pouco ca, pouco relá,
Pouco requi, pouco reli,
Grão e grão gallo fartá.
Quem furta, home sesuro:
E louvar a Reos com turo
E senhoro Prito Santo.
A mi bai furta emtanto
Camisa que sá na muro.

Vem Gonçalo tremendo com frio e diz:

GONÇALO.

Mui mao nadar faz verão
Até meado o Janeiro;
Mas agora he o ribeiro
Que corta homem como cão.
Jesu! e o meu chapeirão
E o cinto e a esmoleira?
Pois esta era a mouteira
E este he o mesmo chão.
Agora merecia eu
Hum par de trochadas boas,
Porque fiar nas pessoas
Nunca outro fructo deu.
Bem vi eu que o guineu
Me vio tudo aqui leixar;
Mas o seu negro prégar
Me levou a mi o meu.
Quem se faz mais verdadeiro,
Crede que he o mentiroso;
E nunca vistes medroso
Que não finja de guerreiro,
E o ladrão de piadoso.
Ja todo o mundo he raposo
Ja não ha hi que fiar,
A mi mesmo hão de furtar
Se m'eu daqui não acosso.

Roubado assi Gonçalo vem hũa velha e traz comsigo Cezilia da Beira em que falla Pedreanes.

VELHA.

Amara do meu fadairo!
Hui Fernando neto meu,
Qu'he do que teu pae te deu?
Que lá contou o Vigairo
Quão pouco trazes do teu.

E teu pae he tão cruel,
E tua mão tão sandia,
Que trouxe da estrebaria
Hũa vara d'azemel
Pera te tirar a azia.
  Quando vi tamanha aquella,
Trago esta demoninhada
A Cezilia nomeada
Falla Pedreanes nella,
E descubrirá a cilada. —
Pedreanes!

CEZ. Aqui 'stou.

VEL. E aqui haveis d'estar,
E haveis-vos d'assentar;
E pois sabeis quem roubou
Meu neto, fazei-lh'o achar.

CEZILIA.

Não ha muito de tardar;
Mas logo aqui virão ter
Quem isso lhe foi fazer;
E se quizerem pagar
Eu bem lh'o hei de dizer.

GON. Que he o que me furtárão?
Vejamos se adivinhais.

CEZ. Dous mancebos t'enganárão,
E os limões que te levárão
Vendêrão por seis reaes.
  E hũa moça corcovada
Está agora depennando
O capão de tua cunhada,
E o outro se está assando,
E a lebre pendurada.
Ainda por mais signal
Cubrírão-na c'hum sombreiro
Em casa d'hum alfaiate.

GON. Que besteiro he este tal!
Este he o Déxemo inteiro
Em trajos de carafate.
  Mais hei hoje de saber,
Pois m'eu acho aqui á mão.
Assi Deos te dê prazer
Que tu me queiras dizer
S'hei de casar cedo ou não?

CEZ. Casarás polo natal
Com mulher sem tua perda;
Seu corpo como cristal,

E achar-lhe-has hum signal.
No meio da coxa esquerda.
E tem na teta direita
Hum lũar com tres cabellos;
Pola cinta muito estreita,
De hũa nadega contreita,
E żambra dos cotovelos.
GON. Não hei de casar dess'arte,
Nem Deos não ha de querer.
CEZ. Esta mesma has tu d'haver,
Nem cases em outra parte,
Senão pouco has de viver.

VELHA.

Bento e louvado serás
Deos e a Virgem da Franqueira,
Que me tirou de canseira
De casarás, não casarás,
Sei freira, não sejas freira.
CEZ. Pois que vós isso dizeis,
E não me perguntais nada,
Antes de hum anno e hum mez
Vós haveis de ser casada
C'hum criado do Marquez.

VELHA.

Agora me quero eu rir:
Sabedes vós isso certo?
CEZ. Digo que estais tão perto
Como eu de me partir
Pera o meu negro deserto.
VEL. Pedreanes, não vos vades,
Rogo-vo-lo, que ainda he cedo.
Sebedes vos — eu hei medo
Serem isso vaïdades,
E essoutro estar-se quedo

Vem Duarte e Almeida.

DUARTE.

Mantenha-vos Deos, Brancanes,
Deos vos dê sempre boa hora.
VEL. Não falleis em Deos agora,
Porque está aqui Pedreanes,
Que chegou agora est'hora.
DUA. A elle buscamos, senhora,
Que o havemos bem mester,
E dar-lh' hemos, d'alma em fóra,

Tudo quanto elle quizer,
Que o leve muito embora.

VELHA.

Pedreanes a hum grou
Achará o rasto no ar,
Pois que m'elle foi achar
Que velha assi como estou,
Hei ainda de casar.
Creio-o-lh'o polo que vejo,
Porque eu sou muito sadia,
E tenho a pelle macia
Como costas de cranguejo
Ou lagosta d'Atouguia.
E tenho minhas arnellas:
Ponde m'ora aqui a mão,
Mancebo. E haja eu perdão,
Ainda eu como co'ellas
Hũa posta de cação.
O bafo, a Deos louvores,
He coma algalia d'Arruda.
Ora eu farei outras côres,
Porque hei d'entrar em muda,
Como fazem os açores,
Então venhão meus amores.

DUARTE.

Pedreanes.
CEZ. Aqui estou.
DUA. Estae por amor de mi,
E não vos vades daqui;
Porque minha fé vos dou
Que somos vossos emfim.
CEZ. Se quereis levar na mão
Isso porque me buscastes,
Pagae a este villão
A lebre que lhe tomastes,
E tres vintens por capão,
E hum tostão dos marmelos,
E pagãe-lhe seus limões.
VEL. Parece-me a mi, rascões,
Que vos tornais amarellos.
DUA. Paguemos-lhe tres tostões.
ALM. Duarte, tendes vós hi
Dinheiro na fraldiqueira?
DUA. Eu vendi patos na feira?
ALM. Nem eu tampouco os vendi,
Nem tenho eira nem beira.

CEZILIA.

Gonçalo, sei tu lembrado
Que dixeste que por Deos
Lhe havias por perdoado
Pola alma de teus ereos,
E não te devem cornado.
Vae pedir o chapeirão
Ao negro do Maracote.

GON. Ora fiae de rascão,
Que farpa todo o pelote,
E não se farta de pão.

ALM. Ja nós somos sabedores
Que he muito teu poder,
E queriamos saber
Planetas d'alguns senhores,
E sinos de seu nacer.
E a que são inclinados
Por sua costellação,
E quaes são mais namorados.
E tambem as condições
De que planeta lhes vem,
Declarado por item.

CEZ. Dizei embora, rascões,
Qu'eu sei isso muito bem.
Porque por astrolomia
Conheço os seus nascimentos,
E pola filosomia
Sei todolos pensamentos
Que trazem na fantesia.

DUARTE.

Qual he o mor namorado
De Portugal e Castella?

CEZ. He o Conde de Penella;
Mas anda dissimulado
Por amor da sua estrella.

ALM. O senhor Embaixador
Do Cesar Imperador
Creio que naceo no ceo;
Mas se na terra naceo,
Qual planeta em seu favor
Foi a que lhe aconteceo?

CEZILIA.

Naceo hũa noite clara
Quando a lua apparecia,
E Venus tomava a vara

Com que as graças repartia,
Como em elle se declara.
E estando assi lustrosa,
O fez tão sabio e humano,
De condição tão graciosa,
Que não tem em nada grosa,
Senão so ser Castelhano.

DUARTE.

O Conde de Marialva
Sabes quanto ha de viver?

CEZ. Mao he isso de saber,
Que elle não he flor de malva
Que apodrece sem chover.
Com todas suas feridas,
E muito enferma canseira,
Contratou-se de maneira,
Que Deos lhe deve tres vidas,
E esta he inda a primeira.

ALMEIDA.

Do Védor he necessario
Saber a planeta sua.

CEZ. Sua planeta he a lua,
O sino he Sagitario,
Com hũa frecha d'atabua.
Tem folego como gato,
Digo vida perlongada;
Porém não coma de pato
Senão so hũa talhada,
Inda que custe barato.

DUARTE.

Sabes quantos annos ha
Que Vasco de Foes he nado?

CEZ. Quando foi a do Salado,
Era elle mancebo ja,
Mas não era tão barbado.

ALM. O senhor Conde meu senhor
Do Redondo em que estrella,
Ou que Planeta he aquella
Que o fez tão sabedor,
Pera que adoremos nella?

CEZILIA.

Esse Conde e outros assi
Por agora hão de ficar,

D'outrem podeis perguntar :
Mas eu tornarei aqui,
E vós me ouvireis fallar.
ALM. Affonso d'Albuquerque, irmão,
Que foi ao Imperador,
Que sino tem por senhor,
E porque a sua condição
Não pudera ser melhor ?

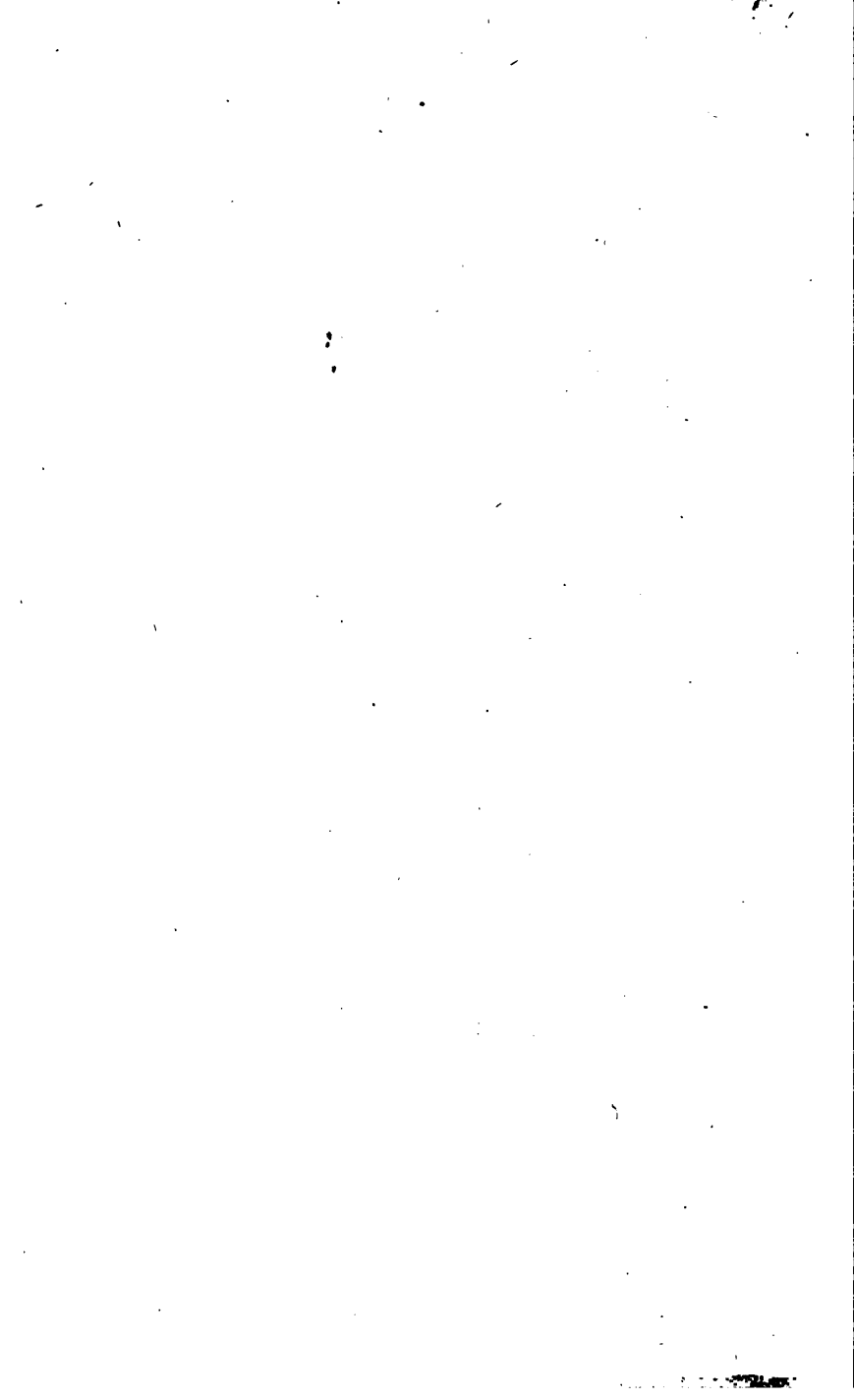
CEZILIA.

Mercurio he a sua estrella,
E sera bem esquençado
Se jogar jogo assentado ;
Porém se jogar a pelle,
Não lhe ficará cruzado.
DUA. Eu tenho Jorge de Mello
Por hum Padre San Gião ;
Traz sempre contas na mão,
Mas não sei lá no capello
Como vai á devação.

ALMEIDA.

Elle reza pola rua,
Que traz contas todo o dia ;
Ou he por galantaria ?
CEZ. Mui boa vontade he a sua,
Mas o cuidado o desvia.
Reza mais que cinco donas,
E Deos se está sem paixão.
DUA. Que lhe pede na oração ?
CEZ. Que lhe dê sete atafonas
A' porta de Sant'Antão.
E que lhe dê tanto gado
Como Isaac trazia,
E hũa capitania,
Com que fosse tão honrado
Como elle merecia.
ALM. Gaspar Gonçalves, Pedreanes,
Em que sino nasceria ?
Faze-me esta obra pia ;
E olha que não m'enganes,
Porque vai sôbre perfia.
Desejo sabê-lo em cabo.
CEZ. Nasceo no Escorpião,
Afagua-vos co'a razão,
Mas despeja-vos c'o rabo
No cabo da concrusão.

Dua. E Brezeanes guardador
Das damas, que es perro viejo?
Cez. Esse Brezeanes, senhor,
O seu sino he de cranguejo,
Porque anda a travez do amor
E atravez do desejo.
E he tomado da lũa,
Muito seco dos esp'ritos,
Porque ha hi sinos malditos
Que não tem graça nenhũa.
E o que quereis saber
Das damas e amadores,
O domingo que vier
Eu direi quanto souber
Dellas e seus servidores.
Ensinar-vos-hei então
Cantigas com que folgueis;
E agora não canteis,
Fique por concrusão
Que este dia cantareis.

Obras Varias.

OBRAS VARIAS.

Paraphrase do Psalmo L.

Miserere mei, Deus, secundum magnam &c.

Que farei angustiado,
Onde caminho perdido,
Onde vou descaminhado
Peccador desatinado,
Homem embalde nascido!
Ceos e terra contra mi,
E toda outra creatura,
Todos me lanção de si,
Porque o meu Deos offendi
Por minha desaventura.
  O mar pera mi sanhoso,
A terra treme comigo;
O sol tão manso e fermoso
Contra mi se volve iroso,
Como meu mortal imigo.
Acho a noite escandalosa,
E maldizem-me as estrellas;
A manhan clara e graciosa
Contra mi se rompe irosa
E me mostra mil querellas.
  O dia se despedaça
Com graves sanhas supernas;
O ar me acusa da praça,
E o fogo m'ameaça
Com vivas chamas eternas.
Horas, pontos e momentos,
Os cursos da natureza
Me desejão dar tormentos;
Os mais ledos elementos
Me presentão mais tristeza.
  No paço celestial
Todos tem guerra comigo;
Onde irei vaso infernal?

Que farei a tanto mal,
Que lhe não acho abrigo ?
Eu se desesperarei,
Onde estou o peccador ?
A quem me soccorrerei ?
A ti, meu Deos e meu Rei,
Meu immenso Redemptor.
  E direi a sua Alteza :
Amercea-te de mi,
Deos, segundo a grandeza
Da misericordia e largueza
Que tu es e ella he ti.
E segundo a multitude
De teus amerceamentos,
Destrue minha maldade
Secuta gran piedade
Em meus desfalecimentos.
  Miserere mei, Senhor
Deus, cui proprium est ;
Miserere, Redemptor,
O' justo amerceador
Desta alma que tu me déste :
Miserere, que tu es,
Todo o al por ti tem ser ;
Miserere, pois que ves
Que sam lançado a través,
E não me posso valer.
  Daqui avante lava a mi
Ab iniquitate mea,
E do mal que consenti
De peccados contra mi,
Lava o que tanto me afea.
Porque certo eu conheço
A minha grave maldade ;
Bem conheço que pereço,
Ave dó, Senhor, te peço
De tão grande enfermidade.
  Meu peccado he contra mim
Sempre que nunca me leixa.
Lava-me, fonte sem fim,
Olha que a ti so me vim,
E minha alma a ti se queixa.
A ti so, Senhor, pequei,
Ante ti fiz a maldade,
Justifica-me, gran Rei,
Que podes mudar a lei
De justiça em piedade.

E serás justificado
Nas palavras que disseste.
Ves-me aqui atribulado,
De todos desemparado,
Cumpre o que me prometteste:
Que nunca te acordarás
Dos males do penitente,
Quando julgado serás
Que te vingas cruelmente.
Que venças digo, Senhor,
Contra taes murmuradores;
Esqueça-te o meu error,
Que me sinto peccador
O maior dos peccadores.
Em maldades concebido.
E em peccados me gerou
Minha mãe enfraquecido,
De torpe terra vestido,
Em miseria me formou.
Não, Senhor, porque isto abaste
Escusar-me de peccado;
Porque a verdade amaste,
As cousas me revelaste
Incertas a meu cuidado.
As occultas conheci
De tua sabedoria,
Manifestaste-as a mi,
E eu ingrato consenti
Sujar-te minha alegria.
Com hyssope espargerás,
E serei limpo mui breve;
Tu, Senhor, me lavarás,
E minha alma leixarás
Muito mais alva que a neve.
Porque a obra que fizeste
De baixa massa terrena,
Que de terra compozeste,
E esta alma que tu me déste
Mandes que saia de pena.
Meus ouvidos folgarão
Com prazer alegre, e assi
Os ossos reviverão,
Que humilhados estão
Tremendo diante ti.
De meus disformes peccados
Averte faciem tuam;
Crimes e mal confessados,

Senhor, não sejão lembrados,
Minhas maldades se estruam.
Coração limpo em mi cria,
Deos, que de nada criaste
A mais alta hierarchia,
E ao corpo onde eu jazia
Minha alma de lá mandaste.
  Ves-me aqui tornado nada,
Renova em mi esprito direito;
Per minha mão foi damnada;
Faze tua obra acabada,
Não olhes que he defeito.
E obrado este lavor,
Meu Deos, que te peço tanto,
Não tires de mi, Senhor,
Tua face e resplandor
E o teu esprito sancto.
  Porque obrando mais, mais mal.
Torna-me aquella alegria
De tua saude eternal,
E de spirito principal
Me confirma cada dia.
Que não tenho fôrças não
Sem ti pera defender-me;
Tu es Deos pera perdão,
Eu homem pera afflição,
E tu pera soccorrer-me.
  Aos mais ensinarei
O caminho da verdade,
E converter-se-hão a ti
Quando se doer de mi
Tua eternal piedade.
Libera me dos sangues, Deos,
Deos de minha saude,
Que são os proximos meus,
E sendo criados teus
Offendi mui a miude.
  E querellão diante ti
Por minha condemnação;
Dá tu sentença por mi:
Pois que ja me arrependi
Passe por satisfação.
E minha lingua louvará
Tua justiça clemente,
Todo o Ceo se alegrará,
Todo o peccador virá
A ti mui devotamente.

Os meus beiços abrirás,
E minha boca apregoará
O teu louvor onde estás:
Outras cousas não quereras,
Nem dadiva te alegrará.
Porque, Senhor, se tu quizesses
Sacrificio, da-lo-hia;
Se presentes recebesses,
Se por peitas te vencesses,
Tudo te offereceria.
Mas não te deleitarás
Nas offertas temporaes,
Tu as tiras, tu as dás,
Senhor, não te alegrarás
Com estes serviços taes.
O sacrificio a Deos aceito
He o spirito atribulado
Polos males que tem feito,
Porque não andou direito,
Porque se ve condemnado.
E vendo-o tu, Senhor, afflicto,
Com gloria o receberás;
Porque o choroso esprito
E o coração contrito
Tu o não desprezarás.
Ave mercê de Sião,
Madre Igreja que fundaste,
Por quem padeceo paixão,
Morte cruel sem rezão
Hum so filho que geraste.
E serão edificados
Os muros de Jerusalem,
Os que forão derribados
Aquelles anjos damnados
Que perdêrão tanto bem.
Os quaes muros refarás
Sem trabalho nem preguiça
Quando formos onde estás,
Entonces receberás
Sacrificio de justiça.
Sendor meu Deos, tu recebe
Em offerta esta oração,
E a minha alma percebe
Que caminhe como deve
Pera minha salvação.

A' morte d'ElRei D. Manuel.

Quem longa vida deseja
Deseja ver-se enganar,
Pois que lhe vejo chamar
Vida, não que vida seja,
Senão a modo de fallar;
E pois no triste acabar
Se começa o desengano,
Não sei quem vai desejar
Que dure vida de engano.
Riqueza ou grande poder,
Ou muito alta senhoria,
Ou bonança ou alegria,
Pois logo deixa de ser, —
Quando era, o que seria?
Oh vida van e vazia,
Occupada em presumpção,
Aprende com discrição,
Porque cada hora do dia
Te dá o mundo lição.
Oh quem vio as alegrias
Daquellas naves tão bellas,
Bellas e pod'rosas velas,
Agora ha tão poucos dias,
Pera ir a Iffanta nellas!
Vai buscar o senhor dellas,
Rei que o mundo mandou,
Verás que tal se tornou;
E verei como te velas
Da vida que o enganou.
Vela-te, vida, na vida,
Não sejas morte na morte:
Guia-te per este norte
De tão supita partida
D'hum Rei tão são e tão forte:
Derão-lhe a terra por côrte,
Dos cortezãos apartado,
E hum lençol por reinado;
Porque o mundo desta sorte
Desengana o enganado.

Romance.

ao mesmo assumpto.

Pranto fazem em Lisboa,
Dia de Santa Luzia,
Por ElRei Dom Manuel,
Que se finou nesse dia.
Chórão Duques, Mestres, Condes,
Cada hum quem mais podia;
Os fidalgos e donzellas
Muito tristes em porfia;
Os Iffantes davão gritos,
A Iffanta se carpia;
Seus cabellos, fios d'ouro,
Arrincava e destruia;
Seus olhos maravilhosos
Fontes d'agua parecia.
Bem merecem ser escriptas
As lástimas que dizia.
« Paço tão desamparado
« Derribado merecia,
« Pois a sua fortaleza
« Se tornou em terra fria.
« O' minha senhora madre
« Rainha Dona Maria,
« Quem a vós levou primeiro
« Mui grande bem vos queria,
« Pois que vos livrou da pena
« Que passamos neste dia. »
E outras magoas que de tristes
Contar não nas ousaria.
O Principe dava suspiros,
Que a alma se lhe sahia;
Suas lagrimas prudentes,
Como a gran senhor cumpria:
De dia sempre velava,
De noite nunca dormia.
A Rainha estrangeira
Ja chorar o não podia:
Com ronca voz dolorosa
Estas palavras dizia:
« Oh Reina desamparada!
« Qué haré sin compañia,
« Pues que en esta triste vida
« Sola una vida tenia!

« Y pues me la llevó la muerte,
« Pera qué quiero la mia ?
« Oh sin ventura casada
« Tres años no mas habia,
« Quien tan presto fue viuda,
« Triste para que nascia ;
« Niña sola en tierra agena,
« Huérfana sin alegría ! »
Se hũa vez acordava
Outras sete esmorecia ;
Assi pedia a Deos morto
Como quem pede alegría,
Dizendo : « Llévenme luego,
« Que esta tierra ya no es mia :
« Por la mar por donde fuere
« Algun peligro venía,
« Que me matase á mi sola
« Salvando la compañía. »
O bom Rei em seu acôrdo
Deste mundo se partia :
Sua morte conhecendo,
Com muita sabedoria,
Per palavras piedosas
Os sacramentos pedia ;
Fallando sempre com todos,
Deu sua alma a quem devia.
Morto levão o gran Rei
Senhores de gran valia,
Dizendo huns aos outros :
Oh que triste romaria !
Que grande amigo perdemos
E que doce companhia !
Ja passada a meia noite,
Tres horas antes do dia
Mettido em hum ataude
O qu'inda ha pouco regía,
O gran senhor do Oriente
Dos seus Paços se partia.
Seiscentas tochas accezas,
Escuras a quem as via ;
Triste pranto até Belem
Nem passo não se esquecia.
Em terra fica enterrado,
Porque assi mandado havia,
Conhecendo que era terra
A mundanal senhoria.
Disse que os vãos thesouros

A' morte não pertencia.
Desque ficou enterrado
Cada hum se despedia,
Dizendo estes versos tristes
A' gloriosa Maria.

Oração dos Grandes de Portugal a N. Senhora, depois de enterrado D. Manuel.

O Duque de Bragança.

Senhora Virgem gloriosa,
Que leixaste sepultado
O verbo deificado
Vestido da carne vossa,
Do mundo desamparado;
Este vosso encommendado
Rei, que tanto vos queria,
Que lhe dês tanta algria,
Como nos leixa cuidado
Neste dia.

O Mestre de Santiago.

Senhora dos tres Reis Magos,
E de todolos Senhores,
Coroa d'Imperadores,
Que tragaste tantos tragos
Tristes polos peccadores;
Polas vossas sanctas dores,
Que este Rei que era nosso
Haja de vós os favores,
Como hum dos servidores
Que foi vosso.

O Marquez de Villa Real.

O' d'*ab initio* Senhora
Perservada e conservada,
Ante que os anjos criada,
Por sua superiora
No seio de Deos guardada;
Pois que fez esta pousada
ElRei em vossa memoria,
Ponde sua alma na gloria
Per vossa mão laureada
De victoria.

O Marquez de Torres.

Senhora, que o Rei dos Ceos
Viste na cruz espirar,
Espirar e lamentar,
Dizendo : « Oh Deos, meu Deos !
Foste-me desamparar ! »
Vós queirais lá emparar
Este Rei que aqui leixamos
Em tão escuro logar,
E a nós alumiar,
Que vos vejamos.

O Conde de Marialva.

Senhora, Senhora nossa,
Senhora nossa avogada,
Sereis deste Rei lembrada,
Por aquella sancta hora
Que fostes encommendada.
Ca vos fica soterrada
Sua Alteza e consumida :
Dae-lhe lá vida mudada,
Porque a vida aqui lograda
Não he vida.

O Bispo d'Evora.

Ca vos fica este Senhor
Pobremente sepultado :
Senhora, seja lembrado
Que em vosso sancto louvor
O achei sempre occupado.
Hi fica desemparado,
C'o pago que o mundo dá,
De terra emparamentado :
Senhora, tende cuidado
Delle lá.

O Conde de Tentugal.

Senhora, nós nos partimos
Desconsolados e tristes,
Como quando vos partistes
Donde vosso filho ouvimos
Que morto enterrar o vistes.
Peço-vos, pois que o paristes
Deos e homem natural,

Que a esta alma Real
Deis o bem que descubristes
Eternal.

O Conde da Feira.

Imperatriz das alturas,
Sôbre os coros enxalçada,
Pera sempre alumiada,
Aqui vos fica ás escuras
O Rei da gran nomeada.
Acabou sua jornada
Senhora, muito improviso:
O' Virgem toda paraiso,
Dae-lhe gloria desejada,
Pois sois isso.

O Conde de Penella.

Senhora, nossa esperança,
Triumpho da nossa vida,
Nave de certa guarida,
Fiel de fina balança,
Nossa carreira sabida:
O' sem mágoa concebida,
Redemptora d'Israel,
Dae a ElRei Dom Manuel
A gloria que nos foi havida
Per Gabriel.

O Conde d'Alcoutim.

Querello-me, Senhora, a vós
De nossa vida enganosa,
Que alem de trabalhosa,
Parte-se breve de nós
Pera terra tenebrosa.
Lá queirais ser piedosa
Ao Rei que ora enterramos,
E a nós, que isso esperamos,
Nos dae esperança vossa
Até que vamos.

O Conde Portalegre.

O' Virgem que a Deos paristes
Junto com Jerusalem,
No sancto logar de Belem;
Consolae os choros tristes.

Que Lisboa agora tem.
Aqui leixamos seu bem,
Tornado nem bem nem mal:
O' Rainha imperial,
Amerceae-vos de quem
Deveis mais que a ninguem
Em Portugal.

ROMANCE.

á acclamação de D. João III.

Desanove de Dezembro,
Perto era do Natal,
Na cidade de Lisboa
Mui nobre e sempre leal,
Foi levantado por Rei
Dos reinos de Portugal
O Principe Dom João,
Principe angelical.
Sahio n'hũa faca branca,
Parecia de cristal,
Guarnecida de maneira
Que não se vio sua igual.
Opa leva roçagante,
Tudo fio d'ouro tal,
Forrada de ricas martas,
Bem parecia real;
Pelote de prata fina,
Prata mui oriental,
Barrado de pedraria
Vinha-lhe mui natural.
De perlas não fazem conta
Porque he baixo metal;
So hum collar que levava
Toda Alexandria val;
Na cabeça leva preto,
Por seu padre natural;
Sabio com lagrimas tristes,
Como filho mui leal.
O seu rosto tão fermoso
Que parece divinal,
Seus olhos resplandecião
Como estrellas igual;
Os cabellos da cabeça

D'ouro erão que não d'al;
Sua boca graciosa
Com ar mui angelical,
Hum semblante soberano,
Hum olhar imperial.
Nao foi tal contentamento
No povo todo em geral
Como ver na Rua nova
Ir o seu Rei natural
Com tanta graça e lindeza,
Que não parece humanal.
Os forasteiros dizião:
Mui ditoso he Portugal.
O Iffante Dom Luis
Leva o estoque Real;
O Iffante Dom Fernando,
Outro seu irmão carnal,
Ao estribo direito
A pe, não lhe estava mal,
Porque em tal solemnidade
Tudo lhe vem natural:
Todolos Grandes a pé,
Quantos ha em Portugal.
O Conde Priol levava
A bandeira principal.
Chegou assi a San Domingos,
Onde estava o Cardial:
Benzeo o muí alto Rei
De benção pontifical,
E deu logo juramento:
Jurou n'hum livro missal
De fazer cumprir as leis
Como lei imperial;
Confirmou os privilegios
Desta cidade Real.
Os povos muito contentes
De Rei tão especial,
De pequeno sempre grande,
Magnifico e liberal,
Que he virtude julgada
Dos Principes principal.
Isto tudo assi acabado,
Disserão: Arraial! Arraial!
Alli tocão as trombetas,
Atabales outro tal:
Todos lhe beijão a mão
Os senhores em geral.

Aqui diz o Autor o que cada hum dos senhores de Portugal dirião ao beijar da mão.

Eu estava ca no chão,
Como outro desmazelado,
Do theatro tão alongado,
Que via beijar-lhe a mão,
Mas não ouvia o fallado.
E occupei o cuidado
No que cada hum diria,
Assi de minha fantesia,
Segundo vi o passado
E a mudança que via.
O novo Rei sabedor
Diria com san vontade :
Nome da Sancta Trindade,
E seja por seu louvor
E por bem da Christandade ;
Não me dá a prosperidade
Vangloria de meu reinado,
Pois Salomão diz verdade,
Que tudo he vaidade,
Bem olhado.
Diria mui humilhado
O senhor Duque de Bragança :
Alto Rei, nossa esperança,
Deos que vos deu o reinado
Vos dará sempre bonança.
Esta supita mudança
Bem parece obra divina ;
E com esta segurança
Fazei que vossa balança
Seja fina.
O Mestre de Santiago,
De quem sempre mercê vejo,
Diria d'amor sobejo :
Eis aqui minha alma trago,
Com que servir-vos desejo :
De todo o meu me despejo.
E fique-me o coração
Onde está tanta affeição ;
Que sempre em vós me revejo,
Com rezão.
O Marquez de Villa Real
Diria lagrimejando :
O' neto d'ElRei Fernando,
Todo de sangue Real,
Pera bem vos seja o mando.

E diria aconselhando :
Governae polo antigo,
Que este pasto está em p'rigo.
As ovelhas suspirando
Sem abrigo.
O Bispo d'Evora creo
Que ouvindo esta rezão,
Diria : Pera redempção
Foi *homo missus a Deo*,
Cujo nome era João.
Bejo-vos, Senhor, a mão,
E ferrae sôbre o velho,
Não cureis daquelle espelho
Que cegou a Reboão,
De meu conselho.
O Conde de Marialva sei
Que diria assocegado :
Reino bem aventurado,
Louva teu Deos por tal Rei,
Que agora estás povoado.
Mandae chamar vosso gado
E perguntae-lhe que ha,
E de pouco pera ca
O porque anda arrepiado
Vos dirá.
Diria o Conde de Penella,
Como todos mui leal :
Beijo vossa mão Real,
E guiae-vos pola estrella
De vosso bom natural.
Sêde isento e liberal,
Provedor de lavradores
E pae dos povos menores ;
C'os grandes muito Real,
E moderados favores.
Diria o Conde Priol,
Depois de lh'a mão beijar :
Deos vos queira prosperar ;
Este he bom *re mi fa sol*,
Porém forte de cantar.
Quero-vos aconselhar
Que façais grande thesouro
Antes de fama que d'ouro ;
E tende o muito cubiçar
Por agouro.
Diria o muito jucundo
Senhor Conde de Tentugal :

Houvera de ser Portugal
Todo universo mundo
Pera Rei tão cordeal.
Conselho vos dou Real:
Que se elle for mester,
Seja de homem, a meu ver,
Sabio, velho e leal,
Que he o que o conselho quer.
 Diria o Conde da Feira:
Senhor, sam certificado
Que so Deos dá o reinado;
E, pois vo-lo deu, elle queira
Que o logreis prosperado.
Porém sereis avisado
Que a todo o julgador
Deis gran tença de temor,
Porque o povo coitado
Não coma pão de dolor.
 Diria o Conde d'Alcoutim
Beijando a mão preciosa:
Deos vos dê vida ditosa
E tire os dias de mi
Pera vossa vida e nossa.
E pera ella ser fermosa
Sêde livre e não mandado:
Açamae qualquer criado
Que não seja, diz a grosa,
Mais que vós, á custa vossa,
Adorado.
 O de Portalegre diria,
Mui catholico privado:
Senhor, sejais bem casado,
E sempre com alegria
Logreis vós vosso reinado.
E porque mui nomeado
Por todo o mundo sejais,
Herejes não consintais,
Porque está Deos assanhado
Nos mostrão os temporaes.

Conde de Villanova.

 Este senhor mui prudente
Diria: Seja louvado
Deos que voz fez laureado,
E seu fiel presidente,
E dino de mor reinado.

Pera bem aconselhado,
Não ouçais mexeriqueiros,
Nem os que forem primeiros
Não vos fação ser irado,
Sem ouvir os derradeiros.
O Conde do Vimioso,
Como quem sabe d'açor,
Diria com grande amor:
Assi como sois fermoso,
Tal será vosso lavor.
Conselho-vos, Rei, meu senhor,
Por vossa honra e proveito
Que deis ao bom servidor
Antes renda que favor
Muito estreito.
Diria o Conde Almirante
A ElRei mui excellente:
Fazei, como gran prudente,
Que vosso reino se mande
Per vossa Alteza somente.
Por quanto o commum da gente
He dizer: *eu tenho lá;*
E onde rezão não ha
A descobre hum bom presente
De mui pouco pera ca.
Diria o Bispo do Funchal:
Senhor, beijo-vo-la mão
Por christianissimo Romão,
Rei terceiro em Portugal
Do sancto nome João.
Pois conselho aqui vos dão,
O conselho que eu daria,
Que perdessem a valia
As adherencias, pois são
As que dão vida ao ladrão
Cada dia.
O Regedor lhe diria,
Tambem o Governador
Neste dia: O Senhor
Do mundo de vós confia
Os gados de que he pastor:
A vós fez seu guardador,
E não, Senhor, pola renda:
Outro vos reja a fazenda,
Porque o vosso lavor
Na justiça so entenda.
Dirião os Vereadores

Da nobre e sempre leal:
Pois que nacestes Real,
Vós seguireis os primores
D'Alexandre e Annibal;
E pera mais divinal
Não estimeis o dinheiro,
E a todo bom cavalleiro
Sêde muito liberal
E esquivo ao lisongeiro.
Diria o Povo em geral:
Bonança nos seja dada,
Que a tormenta passada
Foi tanta e tão desigual,
Que no mundo he soada.
E pois a mão vos he dada,
Fazei-nos sorte ditosa,
E praza á Virgem gloriosa
Que guardeis esta manada
Como vossa.

Pranto de Maria Parda

por que vio as ruas de Lisboa com tão poucos ramos nas tavernas e o vinho tão caro, e ella não podia viver sem elle.

Eu so quero prantear
Este mal que a muitos toca;
Que estou ja como minhoca
Que puzerão a seccar.
Triste desaventurada
Que tão alta está a canada
Pera mî como as estrellas;
Oh coitadas das guelas!
Oh guelas da coitadas!
Triste desdentada escura,
Quem me trouxe a taes mazelas!
Oh gengivas e arnellas,
Deitae babas de seccura;
Carpi-vos, beiços coitados,
Que ja lá vão meus toucados,
E a cinta e a fraldilha;
Hontem bebi a mantilha,
Que me custou dous cruzados.
Oh Rua de San Gião,
Assi 'stás da sorte mesma

Como altares de quaresma
E as malvas no verão.
Quem levou teus trinta ramos
E o meu mana bebamos,
Isto a cada bocadinho ?
O' vinho mano, meu vinho,
Que ma ora te gastamos.
  O' travéssa zanguizarra
De Mata-porcos escura,
Como estás de ma ventura,
Sem ramos de barra a barra.
Porque tens ha tantos dias
As tuas pipas vazias,
Os toneis postos em pé ?
Ou te tornaste Guiné
Ou o barco das enguias.
  Triste quem não cega em ver
Nas carnicerias velhas
Muitas sardinhas nas grelhas ;
Mas o demo ha de beber.
E agora que estão erguidas
As coitadas doloridas
Das pipas limpas da borra,
Achegou-lhe a paz com porra
De crecerem as medidas.
  O' Rua da Ferraria,
Onde as portas erão mayas,
Como estás cheia de guaias,
Com tanta louça vazia !
Ja m'a mim aconteceo
Na manhan que Deos naceo,
A' hora do nacimento,
Beber alli hum de cento,
Que nunca mais pareceo.
  Rua de Cata-que-farás,
Que farei e que farás !
Quando vos vi taes, chorei,
E tornei-me por detras.
Que foi do vosso bom vinho,
E tanto ramo de pinho,
Laranja, papel e cana,
Onde bebemos Joanna
E eu cento e hum cinquinho.
  O' tavernas da Ribeira,
Não vos verá a vós ninguem
Mosquitos, o verão que vem,
Porque sereis areeira.

Triste, que será de mi!
Que ma ora vos eu vi!
Que ma ora me vós vistes!
Que ma ora me paristes,
Mãe da filha do ruim!
  Quem vio nunca toda Alfama
Com quatro ramos cagados,
Os tornos todos quebrados!
O' bicos de minha mama!
Bem alli ó Sancto Esprito
Ia eu sempre dar no fito
N'hum vinho claro rosete.
Oh meu bem doce palhete,
Quem pudera dar hum grito!
  O' triste Rua dos Fornos,
Que foi da vossa verdura!
Agora rua d'amargura
Vos fez a paixão dos tornos.
Quando eu, rua, per vós vou,
Todolos traques que dou
São suspiros de saudade;
Pera vós ventosidade
Naci toda como estou.
  Fui-me ó Poço do chão,
Fui-me á praça dos canos;
Carpi-vos, manas e manos,
Que a dezaseis o dão.
O' velhas amarguradas,
Que antre tres sete canadas
Sohiamos de beber,
Agora, tristes! remoer
Sete raivas apertadas.
  O rua da Mouraria,
Quem vos fez matar a sêde
Pela lei de Mafamede
Com a triste d'agua fria?
O' bebedores irmãos,
Que nos presta ser christãos,
Pois nos Deus tirou o vinho?
O' anno triste cainho,
Porque nos fazes pagãos?
  Os braços trago cansados
De carpir estas queixadas,
As orelhas engelhadas
De me ouvir tantos brados.
Quero-m'ir ás taverneiras,
Taverneiros, medideiras,

Que me dem hũa canada,
Sôbre meu rosto fiada,
A pagar lá polas eiras.

Pede fiado á Biscaïnha.

O' Senhora Biscaïnha,
Fiae-me canada e meia,
Ou me dae hũa candeia,
Que se vai esta alma minha.
Acudi-me dolorida,
Que trago a madre cahida,
E çarra-se-me o gorgomilo:
Emquanto posso engoli-lo,
Soccorei-me minha vida.

Biscaïnha.

Não dou eu vinho fiado,
Ide vós embora, amiga.
Quereis ora que vos diga?
Não tendes isso aviado.
Dizem lá que não he tempo
De pousar o cu ao vento.
Sangrade-vos, Maria Parda;
Agora tem vez a Guarda
E a raia no avento.

A João Cavalleiro, Castilhano.

Devoto João Cavalleiro,
Que pareceis Isaïas,
Dae-me de beber tres dias,
E far-vos-hei meu herdeiro.
Não tenho filhas nem filhos,
Senão canadas e quartilhos;
Tenho enxoval de guarda,
Se herdardes Maria Parda,
Sereis fóra d'empecilhos.

João Cavalleiro.

Amiga, dicen por villa
Un ejemplo de Pelayo,
Que una cosa piensa el bayo
Y otra quien lo ensilla.
Pagad, si quereis beber;

Porque debeis de saber
Que quien su yegua mal pea,
Aunque nunca mas la vea,
Él se la quiso perder.

Vai-se a Branca Leda.

Branca mana, que fazedes?
Meu amor, Deos vos ajude;
Que estou no ataude,
Se me vós não accorredes.
Fiade-me ora tres meias,
Que ando por casas alheias
Com esta sêde tão viva,
Que ja não acho cativa
Gota de sangue nas veias.

Branca Leda.

Olhade, mulher de bem,
Dizem qu'em tempo de figos
Não ha hi nenhuns amigos,
Nem os busque então ninguem.
E diz o exemplo dioso,
Que bem passa de guloso
O que come o que não tem.
Muita agua ha em Boratem
E no poço do tinhoso.

Vai-se a João do Lumiar.

Senhor João do Lumiar,
Lume da minha cegueira,
Esta era a verde pereira
Em que vos eu via estar.
Fiae-me hum gentar de vinho,
E pagar-vos-hei em linho,
Que ja minha lan não presta:
Tenho mandada hũa besta
Por elle a antre Douro e Minho.

João do Lumiar.

Exemplo de mulher honrada,
Que nos ninhos d'ora a hum anno
Não ha passaros oganno.
I-vos, que sois aviada.

Emquanto isto assi dura,
Matae com agua a seccura,
Ou ide a outrem enganar,
Que eu não m'hei de fiar
De mula com matadura.

Indo pera casa de Martim Alho, vai dizendo:

Amara aqui hei d'estalar
Nesta manta emburilhada:
Oh Maria Parda coitada,
Que não tens ja que mijar!
Eu não sei que mal foi este,
Peor sem vezes que a peste,
Que quando era o trão e o tramo,
Andava eu de ramo em ramo
Não quero deste, mas deste.

Diz a Martim Alho.

Martim Alho, amigo meu,
Martim Alho meu amigo,
Tão secco trago o embigo
Como nariz de Judeu.
De sêde não sei que faça;
Ou fiado ou de graça,
Mano, soccorrede-me ora,
Que trago ja os olhos fóra
Como rala da negaça.

Martim Alho.

Diz hum verso acostumado:
Quem quer fogo busque a lenha;
E mais seu dono d'acenha
Appella de dar fiado.
Vós quereis, dona, folgar,
E mandais-me a mim fiar?
Pois diz outro exemplo antigo,
Quem quizer comer comigo
Traga em que se assentar.

Vai-se á Falula.

Amor meu, mana Falula,
Minha gloria e meu deleite,
Emprestae-me do azeite,

Que se me sécca a matula.
Até que haja dinheiro,
Fiae, que pouco requeiro,
Duas canadas bem puras,
Por não ficar ás escuras,
Que se m'arde o candieiro.

Falula.

Diz Nabucodonosor
No sideraque e miseraque,
Aquelle que dá gran traque
Atravesse-o no salvanor.
E diz mais, quem muito pede,
Mana minha, muito fede.
Sete mil custou a pipa;
Se quereis fartar a tripa,
Pagae, que a vinte se mede.

Maria Parda.

Raivou tanto sideraque
E tanta zarzagania,
Vou-me a morrer de sequia
Em cima d'hum almadraque.
E ante de meu finamento,
Ordeno meu testamento
Desta maneira seguinte,
Na triste era de vinte
E dous desde o nacimento.

Testamento.

A minha alma encommendo
A Noé e a outrem não,
E meu corpo enterrarão
Onde estão sempre bebendo.
Leixo por minha herdeira
E tambem testamenteira,
Lianor Mendes d'Arruda,
Que vendeo como sesuda,
Por beber, at'á peneira.
Item mais mando levar
Por tochas cepas de vinha,
E hũa borracha minha
Com que me hajão d'encensar,
Porque teve malvasia.
Encensem-me assi vazia,

Pois tambem eu assi vou;
E a sêde que me matou,
Venha pola cleresia.
  Levar-me-hão em hum andor
De dia, ás horas certas
Que estão as portas abertas
Das tavernas per hu for.
E irei, pois mais não pude,
N'hum quarto por ataude,
Que não tivesse agua pé
O *sovenite* a Noé
Cantem sempre a meude.
  Diante irão mui sem pejo
Trinta e seis odres vazios,
Que despejei nestes frios,
Sem nunca matar desejo.
Não digão missas rezadas,
Todas sejão bem cantadas
Em Framengo e Allemão,
Porque estes me levarão
Ás vinhas mais carregadas.
  Item dirão per dó meu
Quatro ou cinco ou dez trintairos,
Cantados per taes vigairos,
Que não bebão menos qu'eu.
Sejão destes tres d'Almada,
E cinco daqui da Sé,
Que são filhos de Noé,
A que som encommendada.
  Venha todo o sacerdote
A este meu enterramento,
Que tiver tão bom alento
Como eu tive ca de cote.
Os de Abrantes e Punhete,
D'Arruda e d'Alcouchete,
D'Alhos-Vedros e Barreiro,
Me venhão ca sem dinheiro
Atá cento e vinte e sete.
  Item mando vestir logo
O frade allemão vermelho
Daquelle meu manto velho
Que tem buracos de fogo.
Item mais, mais mando dar
A quem se bem embebedar
No dia em que eu morrer,
Quanto movel hi houver
E quanta raiz se achar.

Item mando agasalhar
Das orphans estas nó mais
As que por beber dos paes
Ficão proves por casar.
Ás quaes darão por maridos
Barqueiros bem recozidos
Em vinhos de mui bôs cheiros;
Ou busquem taes escudeiros,
Que bebão coma perdidos.
Item mais me cumprirão
As seguintes romarias,
Com muitas ave-marias,
E não curem de Monção.
Vão por mim á Sancta Orada
D'Atouguia e d'Abrigada,
E a Curageira sancta,
Que me derão na garganta
Saude a peste passada.
Item mais me prometti
Nua á pedra da estrema,
Quando eu tive a postema
No beiço de baixo aqui.
E porque gran gloria senta,
Lancem-me muita agua benta
Nas vinhas de Caparica,
Onde meu desejo fica
E se vai a ferramenta.
Item me levarão mais
Hum gran cirio pascoal
Ao glorioso Seixal,
Senhor dos outros Seixaes :
Sete missas me dirão
E os caliz encherão,
Não me digão missa sêcca;
Porque a dor da enchaqueca
Me fez esta devação.
Item mais mando fazer
Hum espaçoso esprital,
Que quem vier de Madrigal
Tenha onde se acolher.
E do termo d'Alcobaça
Quem vier dem-lhe em que jaça :
E dos termos de Leirea
Dem-lhe pão, vinho e candea,
E cama, tudo de graça.
Os d'Obidos e Santarem,
Se aqui pedirem pousada,

Dem-lhes de tanta pancada
Como de maos vinhos tem.
Homem d'Entre Douro e Minho
Não lhe darão pão nem vinho;
E quem de riba d'Avia for
Fazê-lhe por meu amor
Como se fosse vizinho.
  Assi que por me salvar
Fiz este meu testamento,
Com mais siso e entendimento
Que nunca me sei estar.
Chorae todos meu perigo,
Não levo o vinho que digo,
Qu'eu chamava das estrellas,
Agora m'irei par'ellas
Com grande sêde comigo.

A Affonso Lopes Çapaio.

Affonso Lopes Çapaio, christão novo que vivia em Thomar, fez hum rifão que andava no Cancioneiro Portuguez, ao qual rifão fizerão muitos muitas trovas e boas. Pedio o Conde do Vimioso a Gil Vicente que fizesse tambem, e elle fez esta trova. Diz o rifão:

Matou-me Moura e não mouro
E quem m'a lançada deu
Moura ella e mouro eu.
  A Moura que deu ferida
A quem nunca foi ferido
Nem se vio em arruido,
Deve ser Moura fingida,
Pois matou Christão fingido:
Bem sei que morres ferido
Da ferida que sei eu;
Porém com faca se deu.

Ao mesmo,

estando em Santarem muito doente de camaras.

  Senhor, eu ia-vos ver,
Pera vos ver e ouvir,
E eu ouvi-vos gemer,

Hum gemer e espremer
Como arremedar parir.
Erão camaras sem telhas,
Pera vós agastadiças;
Vós cagado at'ás orelhas,
As vossas calças vermelhas
Tinhei-las por corrediças.
Vosso cu com surdos brados
Apupava a seus vizinhos,
Que estavão dependurados;
Hum delles, por seus peccados,
Cerceárão-lhe os focinhos.
Diz que tinheis tal desmaio
Na tripa do cagalar,
Que vos disse o mez de Maio,
Melhor vos fôra, Çapaio,
Que cagáreis em Thomar.

Outras.

Pois vosso negro bespeiro
Se vasa no mez de Maio,
Affonso Lopes çapaio.
Que quem tem vida guaiada
Coma vós da vossa sorte,
Por vós he cousa provada
Que quem tem vida cagada,
Cagada ha de ser a morte.
Quando vierdes á côrte,
E o cu vos der desmaio,
Dae-o ó demo, çapaio.
Tomareis destes vasculhos,
Que pintão polas paredes,
Huns á vela, outros ja vêdes,
E tapae esses angulhos,
Assi que o pousadeiro,
Que vós poz em tal desmaio,
Se o quereis vedar, çapaio.

Ao Conde do Vimioso,

a quem ElRei remetteo o autor sôbre hum despacho seu. Foi isto em tempo de peste, e o primeiro rebate della deu por sua casa; e andava então na côrte hum Gonçalo d'Ayola, Castelhano, muito fallador, e medrava muito.

Senhor, a longa esperança
Mui curto prazer ordena;
Minha vida está em balança
E a muita confiança
Nunca causou pouca pena.
Isto digo
Polo que passo comigo
Polo tempo que se passa:
Vejo minha morte em casa
E minha casa em perigo.
Certo he, nobre senhor,
Que quiz Deos ou a Fortuna,
Que quem serve com amor,
Quanto maior servidor,
Tanto menos importuna.
Daqui vem
Que quem não pede não tem,
E quem espera padece,
E quem não parece esquece,
Porque não lembra a ninguem.
Muito debaixo da sola
Trouxera quanto desejo,
S'eu aprendêra na escola
Onde Gonçalo d'Ayola
Aprendeo tanto despejo.
Que o sesudo
Deste tempo falla tudo,
Quer va torto quer direito:
E tornando a meu respeito,
Pera mi sempre fui mudo.
Agora trago antre os dedos
Hũa farça mui fermosa;
Chamo-a: *A Caça dos segredos*,
De que ficareis mui ledos
E minha dita ouciosa.
Qúe o medrar,
Se estivera em trabalhar,
Ou valêra o merecer,
Eu tivera que comer,
E que dar e que deixar.

Porém por cima de tudo,
O meu despacho queria,
Porque minha fantesia
Occupa o mais do estudo
Todo em vossa senhoria;
E o cuidado,
Quando anda assi occupado,
Cuida muito e não faz nada;
A vontade acho dobrada,
Mas o espirito cansado.

CARTA

que Gil Vicente mandou de Santarem a ElRei D. João III., estando S. A. em Palmella. sôbre o tremor de terra, que foi a 26 de Janeiro de 1531.

Senhor!

Os frades de ca não me contentárão, nem em pulpito nem em prática, sôbre esta tormenta da terra que ora passou; porque não abastava o espanto da gente, mas ainda elles lhe affirmavão duas cousas, que os mais fazia esmorecer. A primeira, que pelos grandes peccados que em Portugal se fazião, a ira de Deos fizera aquillo, e não que fosse curso natural, nomeando logo os peccados por que fôra; em que pareceo que estava nelles mais soma de ignorancia que de graça do Spirito Sancto. O segundo espantalho, que á gente puzerão, foi, que quando aquelle terramoto partio, ficava ja outro de caminho, senão quanto era maior, e que sería com elles á quinta feira hũa hora depois do meio dia. Creu o povo nisto de feição que logo o sahírão a receber por esses olivaes, e ainda o lá esperão. E juntos estes padres a meu rôgo na crasta de S. Francisco desta villa, sôbre estas duas proposições lhe fiz hũa falla na maneira seguinte. « Reverendos padres, o altissimo e soberano Deos nosso « tem dous mundos: o primeiro foi sempre e pera « sempre; que he a sua resplandecente gloria, repouso « permanecente, quieta paz, socêgo sem contenda, « prazer avondoso, concordia triumphante: mundo primeiro. Este segundo em que vivemos, a sabedoria « immensa o edificou polo contrário, s. todo sem

« repouso, sem firmeza certa, sem prazer seguro,
« sem fausto permanecente, todo breve, todo fraco,
« todo falso, temeroso, avorrecido, cansado, imper-
« feito; pera que por estes contrairos sejão conhecidas
« as perfeições da gloria do segre primeiro. E pera
« que melhor sintão suas pacíficas concordanças, todo-
« los movimentos que neste orbe criou, e os affeitos
« delle são litigiosos; e porque não quiz que nenhũa
« cousa tivesse perfeita durança sôbre a face da terra,
« estabeleceo na ordem do mundo, que hũas cousas
« dessem fim ás outras, e que todo o genero de cousa
« tivesse seu contrairo; como vemos que contra a
« fermosura do Verão, o fogo do Estio; e contra
« a vaidade humana, a esperança da morte; e contra o
« fermoso parecer, as pragas da infermidade; e contra
« a fôrça, a velhice, e contra a privança, inveja, e
« contra a riqueza, fortuna, e contra a firmeza dos
« fortes e altos arvoredos, a tempestade dos ventos; e
« contra os fermosos templos e sumptuosos edificios,
« o tremor da terra, que por muitas vezes em diversas
« partes tem posto por terra muitos edificios e cida-
« des; e por serem acontecimentos que procedem da
« natureza, não forão escriptos, como escrevêrão todos
« aquelles que forão por milagre, como *Templum Pacis*
« de Roma, que cahio todo supitamente, no ponto que
« a Virgem nossa senhora pario; e o sovertimento
« das cinco cidades mui populosas de Sodoma, e dos
« Egipcios no mar ruivo, e a destruição dos que
« adorárão o bezerro, e o sovertimento dos que mur-
« murárão de Moyses e Aram, e a destruição de
« Jerusalem, por serem milagrosos e procederem per
« nova permissão divina, sem a ordem deste segre nisso
« ter parte. E porque nenhũa cousa ha hi debaixo do
« sol sem tornar a ser o que foi, e o que vírão desta
« qualidade de tremor havia de tornar a ser por fôrça,
« ou cedo ou tarde, não o escrevêrão. Concruo que
« não foi este nosso espantoso tremor, *ira Dei;* mas
« ainda quero que me queimem, se não fizer certo
« que tão evidente e manifesta foi a piedade do Senhor
« Deos neste caso, como a furia dos elementos e
« damno dos edificios. »

E respondendo á segunda proposição contra aquelles que dizião que logo viria outro tremor e que o mar se levantaria a 25 de Fevereiro, digo, « que tanto que
« Deos fez o homem, mandou deitar hum pregão no
« paraiso terreal, que nenhum seraphim nem anjo nem
« archanjo, nem homem nem mulher, nem sancto nem

« sancta, nem sanctificado no ventre de sua mãe, não
« fosse tão ousado que se entremettesse nas cousas
« que estão por vir. E depois no tempo de Moyses
« mandou deitar outro pregão, que a nenhum advinha-
« deiro, nem feiticeiro não dessem vida; e depois de
« feito Deos e homem, deitou outro pregão sôbre o
« mesmo caso, dizendo aos discipulos: *não convem a*
« *vós outros saber o que está por vir, porque isso per-*
« *tence á omnipotencia do Padre.* Polo qual mui mara-
« vilhado estou dos lettrados mostrarem-se tão bravos
« contra tão horridos pregões e defezas do Senhor,
« sendo certo que nunca cousas destas disserão, de
« que não ficassem mais mentirosos que prophetas;
« e não menos me maravilho dàquelles que crem que
« nenhum homem póde saber aquillo que não tem ser,
« senão no segredo da eternal sabedoria; que o tremor
« da terra ninguem sabe como he, quanto mais quando
« será e quammanho será. Se dizem que por estrologia,
« que he sciencia, o sabem; não digo eu os d'agora que
« a não sabem soletrar, mas he em si tão profundissima,
« que nem os da Grecia, nem Moyses, nem Joannes de
« Monteregio alcançárão da verdadeira judicatura peso
« de hum oução; e se dizem que por magica, esta carece
« de toda a realidade, e toda a sustancia sua consiste
« em apparencias de cousas presentes, e do porvir não
« sabe nenhũa cousa; se por espirito prophetico, ja
« crucificárão o propheta derradeiro: ja não ha de
« haver mais. Concruo, virtuosos padres, sob vossa
« emenda, que não he de prudencia dizerem-se taes
« cousas pubricamente, nem menos serviço de Deos;
« porque prégar não hade ser praguejar. As villas
« e cidades dos Reinos de Portugal, principalmente
« Lisboa, se hi ha muitos peccados, ha infindas esmolas
« e romarias, muitas missas, e orações, e procissões,
« jejuns, disciplinas, e infindas obras pias, pubricas e
« secretas: e se alguns hi ha que são ainda estrangeiros
« na nossa fé e se consentem, devemos imaginar que se
« faz por ventura com tão sancto zelo, que Deos he
« disso muito servido; e parece mais justa virtude aos
« servos de Deos e seus prégadores animar a estes
« e confessá-los e provocá-los, que escandalizá-los e
« corrê-los, por contentar a desvairada opinião do
« vulgo. » E porque tudo me louvárão e concedêrão
ser muito bem apontado, o mandei a V. A. por escripto,
até lhe Deos dar tanto descanso e contentamento
como em todos seus reinos he desejado, pera que por
minha arte lhe diga o que aqui fallece. E porém saberá

V. A. que este auto foi de tanto seu serviço, que nunca cuidei que se offerecesse caso em que tão bem empregasse o desejo que tenho de o servir, assi visinho da morte como estou: porque, á primeira prégação, os christãos novos desapparecêrão e andavão morrendo de temor da gente, e eu fiz esta diligencia e logo ao sabado seguinte seguírão todolos prégadores esta minha tenção.

Epistola dedicatoria a D. João III.

Os livros das obras que escriptas vi, Serenissimo Senhor, assi em metro, como em prosa, são tão florecidas de scientes materias, de graciosas invenções, de doces eloquencias e elegancias, que temendo a pobreza de meu engenho, porque naceo e vive sem possuir nenhũa destas, determinava leixar minhas miserrimas obras por imprimir, porque os antigos e modernos não leixárão cousa boa por dizer, nem invenção linda por achar, nem graça por descubrir. Assi que, pera passar seguro da pena que minha ignorancia padecer não escusa, me fôra fermosa guarida não dizer senão o que elles disserão, ainda que eu ficasse como eco nos valles, que falla o que dizem, sem saber o que diz. Porém querendo eu no presente preambulo ajudar-me do seu costumado estilo, em querer louvar as excellencias de V. A., como elles fazem aos senhores a quem suas obras endereção, que farei? sendo certo que, aindaque fosse em mi so a sua oratoria tão facunda como em todos elles, e me fosse traspassado o espirito de David, não presumiria escrever de V. A. a minima parte de sua magnífica bondade, de sua nobilissima condição, de sua discreta mansidade, do perfeito zêlo da sua justiça, da sua paz, da sua guerra, da sua graça, gravidade, conselho, sabedoria, liberalidade, prudencia, e finalmente do seu christianissimo firmamento. Outro si querendo navegar pola róta do seu exordio delles, pedindo a V. A. favor e emparo para que minha enferma escritura não seja ferida de linguas damnosas; parece-me injusta oração pedir tão alto esteio pera tão baixo edificio; quanto mais que, ainda que digno fôra de tão nobre emparo, tenho considerado que Christo filho de Deos, sob emparo do poderio eternal do Padre, e todos seus bemaventurados Sanctos, não passárão por esta vida tão livres, que dos malditos detractores

não fossem julgadas suas divinas obras por humanas leviandades, sua sancta doutrina por maxima ignorancia, sua manifesta bondade por falsa malicia, sua sanctissima graça por sorreticio engano, sua excelça abstinencia por vil hypocrisia, sua celeste pobreza por terreno vicio. Pois rustico peregrino de mi, que espero eu? Livro meu, que esperas tu? Porém te rogo que quando o ignorante malicioso te reprender, que lhe digas: se meu mestre aqui estivera, tu caláras. Finalmente que por escusar estas batalhas e por outros respeitos, estava sem proposito de imprimir minhas obras, se V. A. m'o não mandára, não por serem dinas de tão esclarecida lembrança, mas V. A. haveria respeito a serem muitas dellas de devação, e a serviço de Deos endereçadas, e não quiz que se perdessem, como quer que cousa virtuosa, por pequena que seja, não lhe fica por fazer. Por cujo serviço trabalhei a copillação dellas com muita pena de minha velhice e gloria de minha vontade, que foi sempre mais desejosa servir a V. A., que cubiçosa de outro nenhum descanso.

INDEX.

FARÇAS.

OBRAS VARIAS.

MENDES DOS REMEDIOS

Historia da Literatura Portuguesa desde as origens até á actualidade, 2.ª ed. muito augmentada, 1 vol. cart. .... 1$200

Introducção á Historia da Literatura Portuguesa, 2.ª ed., 1 vol. cart. 800

Subsidios para o estudo da Historia da Literatura Portuguesa:

- I. — Fidalgo Aprendiz, de D. Francisco Manoel de Mello 200
- II. — Poesias ineditas de D. Thomás de Noronha, poeta satyrico do seculo XVII. 300
- III. — Lusiadas (2.ª ed. annotada, para as escolas) 400
- IV. — Foguetario (poema heroi-comico), de Pedro de Azevedo Tojal 300
- V. — Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança (opera jocosa), de Antonio José da Silva 300
- VI. — Guerras do Alecrim e Mangerona (opera joco-seria), de Antonio José da Silva . 200
- VII. — Senténças de D. Francisco de Portugal, 1.º Conde de Vimioso, seguidas das suas poesias, publicadas no « Cancioneiro de Garcia de Rezende » 300
- VIII. — Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel, por Samuel Usque (I) 300
- IX. — Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel, por Samuel Usque (II) 200
- X. — Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel, por Samuel Usque (III), no prelo.
- XI. — Obras de Gil Vicente (Tomo primeiro) 500

Philosophia elementar, 1 vol. cart. .... 1$200

Os Judeus em Portugal, 1 vol. broch. .... 1$000

Sousa Martins e a Serra da Estrella. folh. 100

Cartas inéditas de El-Rei D. Pedro V, 1 vol. br. . 600

Uma Biblia hebraica da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, folh. 200

Moedas romanas da Bibliotheca da Universidade de Coimbra (ensaio de catalogo) 200

As Horas de Nossa Senhora da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, 1 folh.